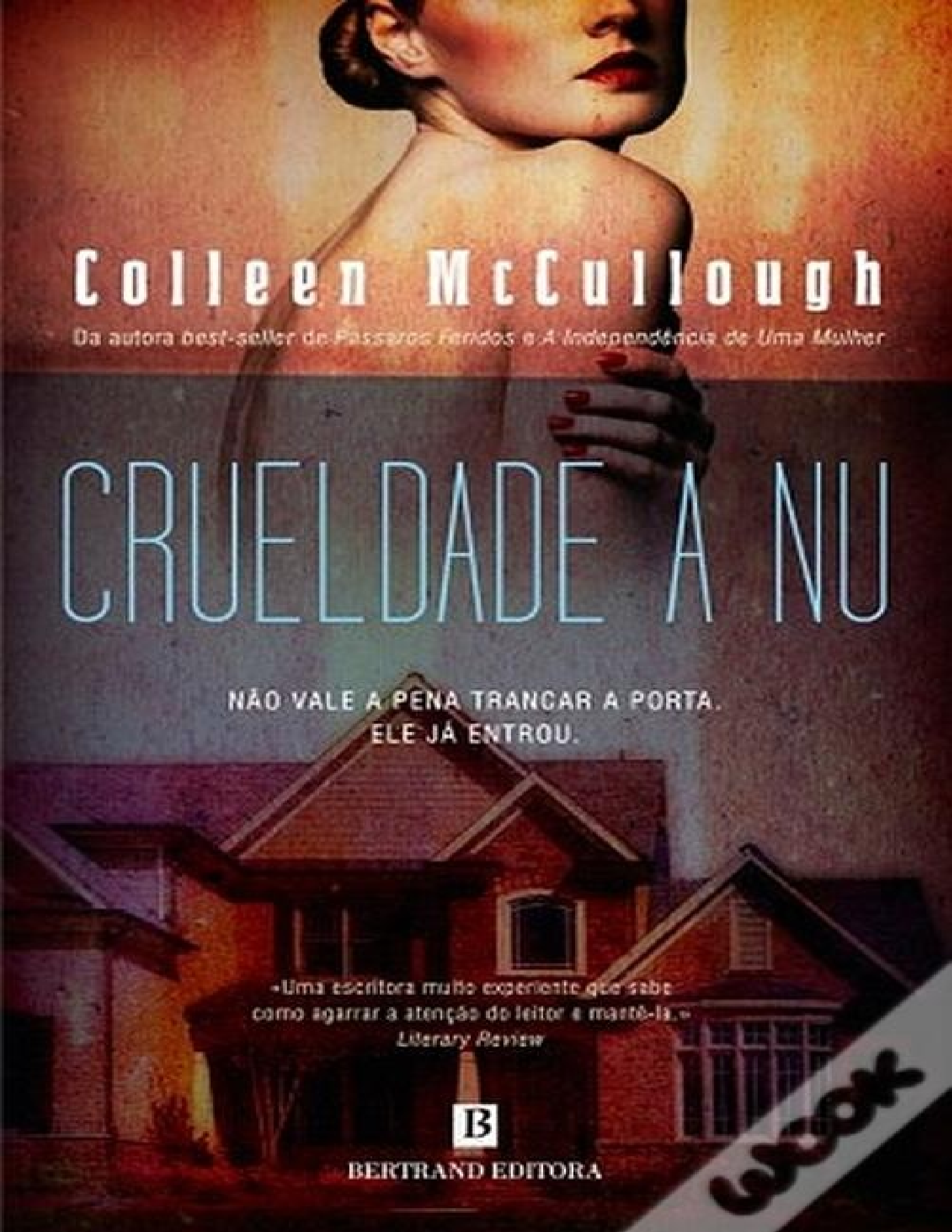




Colleen McCullough

Da autora best-seller de *Passaros Feridos* e *A Independência de Uma Mulher*

CRUELDADE A NU

NÃO VALE A PENA TRANCAR A PORTA.
ELE JÁ ENTROU.

«Uma escritora muito experiente que sabe
como agarrar a atenção do leitor e mantê-la.»

Literary Review



BERTRAND EDITORA

Stork



Título: Crueldade a Nu.

Autor: COLLEEN MCCULLOUGH.

Título original: Naked Cruelty.

Dados da edição: Bertrand Editora, Lisboa, 2012.

Género: romance.

Contracapa: Carmine Delmonico regressa em mais um thriller de leitura compulsiva.

Em 1968, a América é um país em convulsão e o subúrbio de Carew está a ser aterrorizado por uma série de violações. Quando uma das mulheres arranja finalmente coragem para falar e se dirige à polícia, o violador passa a matar as vítimas seguintes. Para Carmine, parece ser um caso sem quaisquer pistas. Além de que o Departamento de Polícia

de Holloman se está a debater com os seus próprios problemas.

Enquanto o assassino traça os seus planos, Carmine e a sua equipa têm de usar todos os recursos ao seu dispor para conseguirem desvendar este caso brutal.

COLLEEN MCCULLOUGH

CRUELDADE A NU

UMA HISTÓRIA DE CARMINe DELMONICO

Tradução de MIGUEL MARTINS RODRIGUES

BERTRAND EDITORA, Lisboa 2012

Título original: Naked Cruelty

Autor: Colleen McCullough (c) 2011, Colleen McCullough

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: Shutterstock Images

Revisão: Catarina Andrade

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

1ª edição: maio de 2012

Depósito legal nº 340 720/12

ISBN: 978-972-25-2436-0

Para Ria Howell, a pessoa mais bondosa que conheço,

absolutamente devotada aos seus amigos, a todos os animais e ao trabalho árduo,
com muito amor e uma enorme gratidão

1968

De terça-feira, 24 de setembro, até segunda-feira, 14 de outubro

Didus ineptus deixou escapar uma ligeira gargalhada enquanto percorria a passos largos o passeio da Persimmon Street, em Carew. Porém, quando alcançou a moradia geminada que tinha por objetivo, o seu divertimento já desaparecera há muito. Pouco antes das cinco da tarde de terça-feira, 24 de setembro do Ano da Graça de 1968, o sol ainda brilhava e as ruas encontravam-se relativamente desertas. Dentro de meia hora, o movimento de estudantes seria intenso à medida que inúmeros jovens se precipitavam das salas de aula e dos laboratórios de Science Hill para as escolas de secretariado do Instituto Superior, e as bermas das ruas ficariam cheias de carochas e campanas à medida que aqueles demasiado afastados para se deslocarem a pé das suas casas se apoderavam de um lugar de estacionamento.

Ninguém reparou nele quando abandonou o passeio e se dirigiu para a parte lateral da casa que selecionara até chegar à porta traseira, aberta como a maior parte delas; entrou furtivamente e escutou atentamente à porta do rés do chão. Uma criança chorava, a voz da mãe não a sossegava... nada de preocupante.

Subiu em silêncio as escadas com revestimento de borracha até ao estreito patamar que Maggie nunca usava. Ela entrava sempre pela frente. Claro que dividia o primeiro piso com outra rapariga, mas Carol estava em Chicago num seminário e, além disso, só regressaria dentro de quatro dias.

Sacou da sua gazua. Habilmente manejada, num minuto permitiu-lhe o acesso ao interior. Agora, já podia tirar a mochila... o que era um alívio, pois estava pesada, carregada com equipamento auxiliar que ele não tencionava vir a precisar. Primeiro, percorreu cada divisão para se assegurar de que nada mudara, dando especial atenção à área perto

12

da porta da frente. Ela entraria, levaria a sua pasta para a secretária não muito distante na mesma sala e depois iria à casa de banho para um chíchi. Todas as suas mulheres retinham a urina, demasiado exigentes para usarem uma casa de banho pública. Portanto, tal como verificara em visitas anteriores, a melhor posição era ali, atrás de uma poltrona de orelhas que Maggie ou Carol deviam ter trazido consigo quando vieram para Holloman; não era o tipo de peça que um senhorio incluísse na mobília de uma casa alugada. Que significado teria para a sua proprietária para que a tivesse arrastado consigo ao longo de mil e quinhentos quilómetros?

Assim, decidido quanto ao lance de abertura daquele jogo delicioso, Didus Ineptus levou a sua mochila para o quarto que ele sabia pertencer a Maggie. Um bocadinho pouco ortodoxo no esquema de cores

- não apreciava mulheres beges - e, no entanto, extremamente arrumado, com a cama de casal tão impecável quanto as botas de um recruta, os artigos de beleza metodicamente dispostos em cima do toucador, a porta do armário e as gavetas da secretária perfeitamente fechadas... oh, sim, era uma rapariga muito arrumada!

Havia uma arca encostada a uma parede, com a sua grande superfície livre de objetos - ideal para os seus propósitos. Trabalhando rapidamente, depôs aí ordenadamente as suas ferramentas antes de cortar um bocado de fita isoladora azul com quinze centímetros de comprimento e, depois, um metro de cordel grosso. Estava tudo pronto; dirigiu-se para a sala de estar e para o seu enorme espelho, diante do qual preparou o seu corpo, e por fim posicionou-se atrás da

poltrona.

Ouviu o barulho da chave dela na fechadura exatamente à hora certa: três minutos antes ou depois das seis da tarde. Percebeu que ela tivera um bom dia, pois não a tinha ouvido nas escadas; num mau dia, teria chegado com um passo pesado, turn, turn, turn... E lá entrou ela, de pasta na mão esquerda, atravessando a sala para a depositar em cima da mesa, preparada para algum trabalho mais tarde. Feito isto, dirigiu-se para a casa de banho.

A fita isoladora estava ligeiramente colada à curva saliente das costas da poltrona e, logo depois, tapava-lhe a boca antes que ela conseguisse pensar em gritar. Num prolongamento do mesmo movimento, ele torceu-lhe os pulsos e prendeu-os atrás das costas com o cordel,

13

apertando-os de uma forma tão atroz que o seu rosto intumescceu com a dor. Estava completamente à sua mercê!

Só então ele a virou para si, só então é que ela viu o homem que conseguira fazer tudo aquilo tão depressa que ela não tivera a mínima hipótese. Alto e com um corpo magnífico, estava nu e não possuía um único pelo, o pénis ereto, túrgido; os olhos dela encheram-se de desespero, mas ela ainda não desistira de lutar. Durante cerca de um minuto, ele dedicou toda a sua atenção a subjugá-la, um curto minuto que a deixou completamente exausta. Forçou-a a entrar na casa de banho, onde lhe puxou as cuecas para baixo e a sentou na sanita. A bexiga dela estava a rebentar; deixou a urina fluir como uma torrente, petrificada perante um novo pavor: ele sabia que ela tinha de ir à casa de banho!

Pegou nela e puxou-a para cima, obrigando-a a andar para o quarto, pontapeando-a nas nádegas com aquilo que parecia ser toda a sua força, depois atirou-a para cima da cama e cortou-lhe a roupa com uma ameaçadora tesoura de costura. Em seguida, pôs uma meia branca de algodão por cima de cada um dos pés dela e prendeu-as com fita isoladora à volta dos tornozelos para que ficassem bem ajustadas. Então, fê-la virar-se de barriga para baixo, sentou-se na beira da cama e cortou-lhe as unhas até ao sabugo com uma tesoura própria para o efeito, indiferente ao sangue que corria quando cortava excessivamente. Pelo canto do olho, ela conseguiu ver as suas mãos a recolherem as unhas cortadas para dentro de um pequeno saco de plástico, e viu também que essas mesmas mãos se

encontravam revestidas por finas luvas cirúrgicas.

Didus ineptus voltou-a mais uma vez. Completamente fora de si devido ao medo, Maggie olhou com horror para um rosto oculto por um capuz de seda preta apertado à volta do pescoço - nem sequer sabia dizer de que cor era o seu cabelo! Encaixando-se entre as suas pernas que se agitavam violentamente, ele apertou e apalpou-lhe os seios, a barriga, as coxas. Ela continuava a debater-se, mas as suas forças começavam a esgotar-se.

De repente, sentiu uma espécie de corda à volta do pescoço; o mundo começou a andar à roda, tornou-se escuro, recuou e regressou para a dor da entrada brutal dele numa vagina horivelmente seca pelo terror. Ele manejava a corda como se se tratasse, de um instrumento

14

musical, cortando-lhe a respiração, aliviando o garrote para que ela tomasse uma convulsiva golfada de ar, ou duas, ou mesmo cinco, até que apertava outra vez e o mundo escurecia. Se ele atingiu o orgasmo ou não, ela não sabia; apenas percebeu, depois do que pareceu uma eternidade, que ele saía de cima dela. Mas não para se ir embora. Ouviu-o a andar pela cozinha, o ruído da porta do frigorífico, passos pesados na sala. Então, voltou trazendo um livro e, sentando-se no seu cadeirão, abriu-o e começou a ler - se é que realmente conseguia ler através daquelas duas estreitas ranhuras. Inchados de chorar, os olhos de Maggie procuraram o despertador: seis e quarenta. Dez minutos para a subjugar, quase trinta para a violação e respetiva asfixia.

Às sete, ele violou-a pela segunda vez. Que dor! Que dor!

Às oito sucedeu-se a terceira violação, às nove a quarta.

Por esta altura, já ela se atolava num estupor, com a corda à volta do pescoço a executar a sua diabólica função mais depressa e melhor... ele ia matá-la! Oh, meu Deus, que seja rápido e quanto antes!

Entre as violações, ele sentava-se na sua cadeira a ler o livro o livro dela, porque tinha as suas iniciais escritas a marcador na lombada -, mais nu do que qualquer homem que ela tivesse visto, já que possuía um corpo completamente liso e desprovido de pelos. Nem uma cicatriz, nem um sinal, nem uma borbulha em sítio algum. “Oh, Carol, porque é que tiveste de ir a esse seminário? Ele sabia,

ele sabia! Não há nada sobre mim que ele não saiba.”

Às dez da noite, ele aproximou-se da cama com uma atitude que a ela lhe pareceu diferente; fechou os olhos e, no meio de vagas de terror, preparou-se para a morte. Ele, porém, virou-a de barriga para baixo e violou-a analmente, uma dor insuportável que parecia nunca parar, já que desta vez ele não lhe pôs a corda à volta do pescoço e a consciência recusou-se a abandoná-la.

Às onze, violou-a analmente pela segunda vez, usando, achou ela, o punho: podia sentir a carne a rasgar-se, uma dor ainda mais terrível. Como poderia ela encarar as pessoas depois daquilo, se ele a deixasse viver?

Por fim, acabou; virou-a para cima.

- Por favor, mate-me já - balbuciou ela indistintamente. - Por favor, mais não, mais não, por favor, por favor!

15

Ele pegou em algo que estava em cima da cama e exibiu-o para que ela pudesse ver. Um bilhete impecavelmente impresso, preenchido de forma meticulosa.

SE DISSERES A ALGUÉM, MATO-TE. Eu SOU O DIDUS INEPTUS

O bilhete desapareceu. Maggie deixou-se ficar deitada e ouviu-o partir às onze e quarenta da noite, enquanto ainda havia pessoas a passarem na Persimmon Street.

Maggie esperou mais cinco minutos, até que se levantou da cama e se forçou a caminhar cambaleante para a porta da frente; aí, voltou-se de costas até conseguir abrir a única fechadura, usando ambas as mãos amarradas para deixar a porta entreaberta. Feito isto, deixou-se cair sobre os joelhos e arrastou-se penosamente até à cozinha, onde sabia que o seu fogão partilhava o tubo de exaustão de gases com o fogão no piso de baixo. Depois de descansar, pôs-se de pé, agarrou no martelo da carne com as mãos amarradas atrás das costas e colocou-se em bicos dos pés para conseguir bater no tubo.

Quando Bob Simpson viu das escadas a porta dela aberta e subiu para averiguar o que se passava, Maggie continuava a bater com o grande maço de madeira, amordaçada, amarrada, nua, aterrorizantemente coberta de equimoses. Enquanto

Bob pegava no telefone e chamava a polícia, o bilhete com a advertência despontou na sua mente, mas Maggie Drummond não queria saber. Queria que Didus Ineptus fosse apanhado, claro, mas desejava muito mais do que isso: queria-o morto que nem um dodó.

O capitão Carmine Delmonico viu-a nas Urgências do Chubb Hospital.

- Foi espancada, parcialmente asfixiada e violada num total de seis vezes, quatro vaginais, duas anais - informou o médico residente. - Não foram usados objetos, exceto, pensamos nós, o punho no último

16

ataque anal, o que a rasgou de tal maneira que teve de ser submetida a uma intervenção cirúrgica. É feio, capitão, mas, considerando tudo isto, ela encontra-se incrivelmente lúcida.

- Posso vê-la? Pelo que diz, parece-me que devo vê-la.

- Tem de a ver! Caso contrário, não nos deixa em paz. De dois em dois minutos, pergunta por um polícia graduado.

O rosto da jovem estava ainda inchado de chorar, e uma linha carmesim ao longo da garganta fez Carmine concluir que o violador utilizara uma corda macia e finíssima para a asfixiar sucessivamente, mas ou ela já tinha ultrapassado aquela provação, uma das mais medonhas, ou então possuía um carácter bem mais duro do que a maioria das mulheres. Os seus olhos, notou ele, eram cinzento-claros, num rosto que, em circunstâncias normais, grande parte dos homens acharia atraente.

- Será escusado perguntar-lhe como se sente, menina Drummond - disse ele, reduzindo a sua altura, corpulência e masculinidade ao sentar-se. - Foi extremamente corajosa.

- Neste momento, não sinto coragem nenhuma - disse ela, pegando no seu copo e sorvendo a água por uma palhinha. - Eu estava... estava aterrorizada. Pensei mesmo que ele ia matar-me.

- O que é assim tão importante para que tenha atormentado os médicos com a insistência de falar com um polícia graduado?

- Precisava de contar à polícia enquanto ainda está tudo claro na minha cabeça, capitão. Aquela corda à volta do pescoço fez-me perder os sentidos tantas vezes que tenho medo de que a asfixia possa ter efeitos latentes... tal como deterioração devida a anóxia cerebral, sabe?

Carmine ergueu o sobrolho.

- Fala como uma médica...

- Não, mas sou fisióloga, embora me tenha especializado nas aves. Em parte, é por isso que queria falar ainda esta noite. É que ele chamou a si próprio *Didus ineptus*, está a ver?

- E o que é isso?

- É o antigo nome que Lineu atribuía ao dodó - disse Maggie Drummond. - Taxonomicamente, o dodó é hoje denominado *Raphus cucullatus*. Tenho a impressão de que o monstro que me violou quer

17

parecer mais instruído do que realmente é. Deve ter tirado esse nome de uma enciclopédia muito antiga... digamos, anterior à Primeira Guerra Mundial.

Menina Drummond, afianço-lhe que o garrote do monstro não

lhe danificou o cérebro - disse Carmine, surpreendido. - Essa é uma dedução de detetive, e uma dedução bem fundamentada. Acha então que se tratou de uma enciclopédia antiga?

- Seja como for, alguma fonte antiga. O dodó já é *Raphus cucullatus* há bastante tempo.

Depois de lançar um olhar penetrante ao rosto dela, o qual, invulgarmente, ia ficando cada vez menos atormentado, Carmine decidiu ficar para mais algumas perguntas. Aquela mulher era extraordinária.

- Seja *Didus Ineptus* ou *Raphus cucullatus*, parece ser um nome estranho para um violador. Logo um dodó?

- Concorde - disse ela impaciente. - Tenho estado aqui a esmiuçar o meu conhecimento básico das aves à procura de uma resposta, mas não encontrei nenhuma. O bicho era de facto aquilo que pensamos de um dodó... estúpido até ao ponto da imbecilidade. Todos os animais confiam no homem quando se cruzam com ele pela primeira vez, mas num instante aprendem a fugir, a esconderem-se, a ripostarem... o que for preciso a fim de preservar a espécie. Mas o dodó não! Para falarmos sem papas na língua, deixou-se literalmente ser comido até à extinção.

- Nas ilhas Maurícias, não foi?

- Exato.

- Portanto, ele autodenomina-se incrivelmente estúpido. Mas porque pensará que é incrivelmente estúpido?

- Não me pergunte a mim, sou apenas uma fisióloga das aves disse ela num tom seco.

- Outra pergunta. Como é que ele estava vestido?

- Tinha um capuz de seda preta a cobrir-lhe a cabeça, e mais nada.

- Quer dizer que estava nu? - perguntou Carmine, incrédulo.

- Mais do que apenas nu. Não tinha absolutamente pelos nenhuns, nem mesmo em redor dos genitais, e a pele não exibia qualquer marca... não tinha sinais, manchas, sardas, cicatrizes...

- Nem sequer um defeito?

18

- Pelo menos, que eu visse. Dava-lhe de alguma forma uma aparência obscena. Violou-me a intervalos de uma hora. Cada violação durou meia hora. Durante as pausas, punha-se a ler um livro.

- Viu qual era o título?

- Não, mas era um dos meus. Tinha as minhas iniciais na lombada e não tinha

sobrecapa. Tiro sempre as sobrecapas.

- Como era a voz dele?

- Nunca falou. Nem sequer aclarou a garganta.

- Então, como é que descobriu o nome dele?

- Estava escrito num bilhete para não contar a ninguém, senão matava-me. Estava assinado Didus Ineptus.

- Esse bilhete ainda se encontra no seu apartamento?

- Duvido. Ele era muito organizado.

- Se não quiser, não responda a esta pergunta: ele atingiu o clímax? Ela retraiu-se.

- Que nojo! Francamente, capitão, não sei. Não fez barulho nenhum. Pelo que pude perceber, os médicos não encontraram sémen.

- As suas faces coraram ligeiramente. - Eu... eu estava aflita para fazer chichi quando cheguei a casa. Assim que ele me amarrou e subjugou, empurrou-me para a casa de banho, puxou as minhas cuecas para baixo e sentou-me na sanita, como se soubesse que eu estava com vontade.

- Mais alguma coisa, menina Drummond?

- Ele já lá estava dentro quando entrei em casa, e atacou-me. Eu debati-me, mas não tive a mínima hipótese. Deixou-me exausta. Depois de me ter posto a corda à volta do pescoço, fiquei sem forças para lutar. Um horror!

- Tudo o que me contou indica que o Dodó, vamos chamar-lhe assim, seguiu os seus passos durante algum tempo antes de atuar. Conhecia os seus hábitos, até ao ponto de saber que precisava de ir à casa de banho.

Carmine levantou-se, sorrindo para ela.

- Menina Drummond, você é aquilo a que um colega meu inglês chama um tijolo. É de louvar! Tente descansar e não se preocupe com a anóxia cerebral. O

seu cérebro está em ótimas condições.

19

Depois de mais uns instantes de conversa com Maggie - que estava determinada a instruí-lo quanto a isto e aquilo, o que evidenciava uma mente metódica e uma excelente memória -, Carmine saiu do hospital com um humor sombrio, grato apenas por uma coisa: que o Dodó tivesse escolhido uma vítima cujo espírito combativo não se limitara somente ao recontro propriamente dito. Maggie Drummond era de tal forma lutadora que estava genuinamente ávida por testemunhar em tribunal contra ele. Mas não era a primeira vítima do Dodó. O comportamento do violador era demasiado elaborado para isso. Quantas teriam já sido, todas elas demasiado aterrorizadas para dizerem alguma coisa? Dodó... que raio de nome para um violador! Porque o escolhera?

- Quantas já terão sido? - perguntou ele na manhã seguinte aos seus dois sargentos-detetives, Delia Carstairs e Nick Jefferson.

- Pelo menos, isto vai de encontro ao verdadeiro objetivo dos Cavalheiros Vigilantes - disse Nick, com uma expressão carrancuda a marcar-lhe o seu bonito rosto. - Alguém tem uma namorada que anda por aí em Carew demasiado assustada para contar o que lhe aconteceu... conclusão: recorre-se aos Cavalheiros Vigilantes.

- Temos de persuadir as outras vítimas a apresentarem-se - disse Delia - e a melhor maneira de o fazer é retirarmos tanto quanto possível os homens da equação policial. Dá-me a Helen Macintosh e eu garanto-te que a preparo suficientemente bem para que não meta o seu pezinho aristocrático na argola. vou esta tarde ao programa de destaque do Luke Corby e ao programa do Mighty Mike amanhã às seis. Quando chegar o meio-dia, garanto-te que já terei reunido praticamente todas as vítimas saídas do anonimato de Carew. Entre esses dois programas, abranjo todos os grupos etários de Holloman.

- Ora, Deals! - exclamou Nick. - Teres a menina Macintosh como tua assistente é a mesma coisa que dares um tiro no pé.

- Cada um faz o que pode - disse Delia com uma expressão enfatuada.

- Para com isso, Nick - recomendou Carmine. - Terás a tua oportunidade com a nossa estagiária durante o almoço de hoje, no

Malvolio... por conta da divisão, portanto aproveita. A Helen tem estado a viver nas Talisman Towers desde que saiu do Departamento de Polícia de Nova Iorque há oito meses; logo, deve saber alguma coisa do que se passa em Carew, incluindo acerca dos Cavalheiros Vigilantes.

- Didus Ineptus! Não é nada lisonjeiro - disse Delia. - Ainda hoje utilizamos vulgarmente a expressão “morto que nem um dodó”... será isso que ele pretende? Uma morte gloriosa, abatido a tiro no meio de uma violação?

- Só o saberemos quando apanharmos o canalha - disse Carmine.

- Desdém descarado - interveio Nick. - Do género “apanha-me se puderes”. É difícil acreditar que tenha feito o mesmo a outras raparigas e não tenha sido denunciado.

- Penso que a Maggie Drummond faz parte de uma escalada, Nick - disse Carmine. - Mais uma razão para termos de descobrir as suas vítimas anteriores. Até percebermos como foi a sua progressão, não saberemos nada sobre ele. Delia, quando tiveres tempo, acho que devias falar com a doutora Liz Meyers, da clínica para vítimas de violação do Chubb. Palpita-me que em breve ela irá ter mais trabalho.

- Um violador nu! - exclamou Delia. - É tão raro! Os violadores invasores têm de ficar com alguma roupa vestida para o caso de serem perturbados. Um homem sem roupa fica tão vulnerável, mas este tipo parece não se sentir minimamente ameaçado. Estava calçado?

- A menina Drummond diz que não. Claro que é possível que tivesse escondido a roupa algures cá fora, mas continuaria muito vulnerável. E se se visse impossibilitado de a alcançar?

- O nível de confiança do tipo é extraordinário - afirmou Delia.

- Toma todas as precauções para não ficar marcado ou arranhado - disse Carmine. - Meias nos pés, as unhas aparadas para depois reunir os fragmentos cortados, segundo contou a menina Drummond. Descreveu a pele dele como imaculada... nem sequer uma sarda. Era alto e extremamente bem constituído. Como o Marlon Brando, diz ela.

- E nem um pelo, mesmo em redor dos genitais? - perguntou Nick.

21

Foi o que ela afirmou.

Então, teve de arrancar todos os pelos de forma definitiva -

disse Delia conclusivamente. - A pele nessa zona é demasiado sensível para usar cremes depilatórios e torna-se bastante complicado tratar da coisa com uma lâmina de barbear.

. Quem é que fornece esse tipo de serviço de depilação em Holloman? - perguntou Carmine. - Teria havido mexericos, e eu nunca ouvi a Netty Marciano mencionar nenhum salão de beleza assim tão ousado.

- Nova Iorque - disse Delia. - O submundo homossexual. Começam a assumir-se, mas não todos. Se o Dodó se submeteu a uma depilação desse género há alguns anos, seriam poucos os pelos que voltariam a crescer. Precisaria apenas de alguns retoques ocasionais, e duvido que alguém nesse meio aceite participar nas investigações policiais.

O rosto de Carmine contorceu-se de repulsa:

- Pjjfl - bufou ele. - Este tipo não é homossexual. E também não é heterossexual. É um caso raro. - Fez um gesto para os dispensar. - Passem a manhã a trabalhar nas vossas táticas, mas não tentes falar com nenhum membro dos Cavalheiros Vigilantes, Nick. Almoço ao meio-dia no Malvolio, está bem?

A sua manhã foi passada com os seus dois tenentes. Abe Goldberg estava em vias de entregar à polícia de Boston o caso do assalto às estações de serviço em Tinnequa, para se dedicar a seguir a uma série de assaltos a bombas de gasolina que tinham originado a morte de dois homens e cujos motivos não se encontravam ainda totalmente esclarecidos. Abe e os seus dois ajudantes, Liam Connor e Tony Cerutti, formavam uma boa equipa, firmemente coesa; Carmine apenas se preocupava com eles como qualquer capitão consciencioso se preocuparia, porque estavam ao seu cuidado e por vezes demonstravam ser demasiado ousados.

O tenente Corey Marshall era muito diferente. Ele e Abe tinham sido sargentos

da antiga equipa de Carmine, ambos promovidos a tenentes há apenas nove meses. Para Abe, era canja; para Corey, parecia

22

ser algo pesado como chumbo. Corey tinha herdado Morty Jones do anterior tenente, o que não lhe trouxe qualquer vantagem logo à partida; Buzz Genovese acabara de se lhe juntar depois de o seu superior ter morrido aos quarenta e um anos, e, embora Buzz fosse um bom homem, ele e Corey não se podiam ver. Não que Corey desse mais valor a Morty; simplesmente, ocupava o seu cargo como se fosse capaz de lidar com os seus casos sozinho, e isso nenhum homem conseguiria fazer, fosse qual fosse o posto hierárquico que ocupasse.

- Ouvi dizer que o Morty Jones anda deprimido e a meter-se nos copos - disse Carmine no gabinete de Corey.

- Era bom que me dissesse quem é o teu bufo na divisão - respondeu Corey; o seu rosto sombrio era impenetrável -, porque adoraria dizer a esse tipo que está enganado. Ambos sabemos que a Ava Jones é uma galdéria que dorme com todos os polícias de Holloman, mas ela já faz isso há quinze anos. Não é nenhuma novidade para o Morty.

- Alguma coisa está a acontecer naquela casa, Corey - disse Carmine.

- Merda! - comentou Corey bruscamente. - Já falei com o Larry Pisano antes de se reformar e ele contou-me que o Morty passa por ciclos com a Ava. Está a passar por um neste momento, é só isso. O fim deste ciclo chegará a seu tempo. Além disso, se o Morty escolhe meter-se nos copos nos seus tempos livres, é lá com ele. Não bebe quando está de serviço.

- Tens a certeza? - pressionou Carmine.

- O que queres que te diga, por amor de Deus? Tenho a certeza!

- Corey, todas as quintas-feiras, eu, tu e o Abe reunimo-nos de manhã para discutir os nossos casos. Essas reuniões servem tanto para analisarmos os casos que temos entre mãos, como para levantar problemas com que nos deparamos. Todas as quintas-feiras, tu estás presente. E para quê, Corey? com que efeitos? Se eu consigo ver que o Morty está a afundar-se, então também tu devias ver isso. Senão, não estás a fazer o teu trabalho.

Furioso, Corey baixou os seus olhos negros para a secretária e não voltou a erguê-los. E também não proferiu uma palavra.

23

Carmine fez um esforço para continuar.

Tenho tentado ter uma conversa séria contigo desde que regressaste de férias no fim de julho, Cor, mas estás sempre a evitar-me. Porquê?

Corey bufou.

- Porque não dizes o que tens a dizer de uma vez, Carmine?

- Dizer o quê? - perguntou Carmine inexpressivamente.

- Diz-me na cara que não chego aos calcanhares do Abe Goldberg!

- O quê?

- Ouviste bem! Aposto que não persegues o Abe como me persegues a mim... os meus relatórios são demasiado sumários, os meus homens andam nos copos, os meus registos de horas chegam atrasados... sei muito bem aquilo que pensas acerca do Abe e acerca de mim.

- Corey arqueou os ombros, e a sua cabeça recolheu-se entre eles.

- vou esquecer que disseste isso, Corey. - A voz de Carmine soava calma, desapaixorada. - Contudo, sugiro que te lembres do que te disse. Mantém o Morty Jones debaixo de olho... é um homem doente. E trata de pôr em ordem a tua parte da divisão. O teu trabalho de secretária é patético e a Tesouraria anda a perguntar pelo teu registo de horas. Queres que vá falar com o comissário?

- Porque não? - perguntou Corey, num tom mordaz. - É teu primo... ou primo em segundo grau... qual é o termo correto?

Carmine levantou-se e saiu do gabinete, ainda em choque perante a acusação de ter favorecido Abe em detrimento de Corey... não era verdade! Cada homem tinha as suas virtudes e as suas fraquezas. O problema era que Abe não se atrasava de forma estrondosa no seu trabalho enquanto tenente, ao contrário de

Corey. “Nunca favoreci nenhum deles!”

Claro que aquilo era Maureen a falar. A mulher de Corey era a causa primordial de todos os problemas do marido; se estivesse suficientemente bêbado, tê-lo-ia admitido abertamente. Para além de ser uma mulher amarga, invejosa e ambiciosa, era também uma chata implacável. com que então, era esse o rumo que a sua velhacaria tomava agora? Tinha sido fácil lidar com a questão quando eles faziam parte da sua equipa, mas agora, estando Corey até certo ponto livre de Carmine,

24

a antipatia natural de Maureen pelo patrão do seu marido podia prosperar. E quanto a isso ele não podia fazer nada.

De regresso ao seu próprio gabinete, confrontou-se com uma mulher diferente, um dilema feminino diferente.

O comissário John Silvestri sempre sonhara com um programa de detetives estagiários como uma forma de injetar sangue novo na Divisão de Detetives. Havia critérios rigorosos para determinar a admissão de um homem uniformizado (ou mulher) nos Detetives: devia ter trinta anos, no mínimo, e ter concluído os seus exames para sargento com distinção. A justificação de Silvestri era que estavam a deixar escapar algumas das vantagens que só a juventude podia trazer; e a sua solução foi insistir com Hartford na criação de um programa de estagiários, admitindo nos Detetives, na qualidade de estagiário, um elemento com formação universitária e que tivesse pelo menos dois anos de experiência como agente uniformizado, sujeito a um programa formal de instrução em paralelo com a aquisição de experiência no terreno. Ora, como ele já apoquentava Hartford acerca do assunto há vinte anos, nunca ninguém imaginou que tais diligências dessem fruto. Mas às vezes aconteciam coisas estranhas...

Ninguém na pequena e modesta cidade de Holloman conseguia evitar o seu cidadão mais influente, Mawson Macintosh, presidente dessa instituição de ensino superior mundialmente aplaudida, a Chubb University. M. M., tal como era conhecido por toda a gente, tinha um filho promissor, Mansfield, que nunca dava um passo em falso. Atualmente, Mansfield trabalhava numa sociedade de advogados em Washington, D.C., célebre por desmascarar políticos. Para M. M.,

um dia, também Mansfield seria presidente... mas dos EUA.

Infelizmente, a filha de M. M., Helen, era muito diferente. Herdara da sua família uma inteligência superior e uma beleza impressionante, mas era teimosa, desatenta, bizarra e completamente incontrolável. Depois de se ter doutorado summa cum laude em Harvard, entrou para o Departamento de Polícia de Nova Iorque, passou rapidamente pela academia sempre nos primeiros lugares da sua classe e, num instante, foi recambiada para a patrulha de trânsito de Queens. Durante dois

25

anos, manteve-se firme; depois demitiu-se, alegando discriminação sexual. Tinha sido um erro trabalhar fora do Connecticut; para lá da fronteira, a influência do pai desvanecia-se. Os nova-iorquinos nem sequer eram verdadeiros ianques.

Helen solicitou a admissão na Divisão de Detetives do Departamento de Polícia de Holloman, o que foi recusado, delicada mas firmemente. Portanto, Helen apelou ao pai, e toda a gente foi chamada a intervir, incluindo o governador.

Por fim, após uma entrevista com M. M., na qual John Silvestri lhe fez um retrato da sua filha, inexperiente e demasiado jovem, morta numa rua de algum gueto de Holloman, os dois homens elaboraram um plano que viria a transformar em realidade o velho sonho de vinte anos do comissário: Helen Macintosh seria admitida nos Detetives de Holloman como a sua primeira estagiária. A participação de M. M. passaria por conseguir o dinheiro de Hartford e garantir que o programa de estágios prosseguiria depois da formação de Helen. Silvestri garantiu que Carmine Delmonico e o seu grupo proporcionariam a Helen um treino soberbo e uma formação de base para qualquer situação num período de três a doze meses, o tempo que fosse preciso.

A menina não ficara satisfeita; porém, quando o pai lhe explicou que a única forma de vir a ser detetive era ser um detetive estagiário, ela deixou-se de pretensões e concordou.

Agora, depois de três meses nos Detetives, durante os quais foi obrigada a passar algum tempo na Divisão Uniformizada, tal como na Patologia, na Medicina Legal e no Departamento Jurídico, Helen Macintosh começava a ambientar-se. Embora com custos. Nick Jefferson, o único negro na polícia de Holloman, detestava-a quase tanto quanto o tenente Corey Marshall e os seus dois homens.

Delia Carstairs, que além de ser inglesa era sobrinha do comissário, mostrava-se suficientemente condescendente para se comportar como sua mentora, algo que ofendia Helen amargamente como sendo excessivo para os seus requisitos. Quanto ao capitão Carmine Delmonico, Helen não sabia o que pensar dele. Só tinha uma horrível premonição de que era um gêmeo do seu pai.

26

Quando entrou precisamente ao meio-dia no restaurante Malvolio, ao lado do edifício dos Serviços Municipais, na Cedar Street, Carmine ficou satisfeito por ver um dos objetos dos seus esforços matinais sentado num reservado na parte de trás do restaurante. Tudo o que ele agora podia esperar era que ela não tivesse passado a manhã a discutir com o juiz Douglas Wilbur Thwaites, o terror dos tribunais de Holloman.

Gostaria de simpatizar com ela, mas até ao momento Helen Macintosh não se apresentara como uma pessoa simpática. Oh, aquela primeira manhã! Tinha aparecido no trabalho com ares de Brigitte Bardot ou outra “gatinha sensual” qualquer, como eram chamadas. Vinha vestida de forma tão pouco adequada, que ele teve de explicitar o género de roupa que uma detetive devia usar, desde sapatos que não lhe caíssem dos pés se precisasse de perseguir um fugitivo, até saias que não deixassem os homens loucos ao tentarem ver o seu “pequeno-almoço”, como ele lhe chamou. Ela obedeceu às ordens e desde então vestia-se apropriadamente, mas a coisa não augurara nada de bom. Por outro lado, não entendia a necessidade de passar um certo período com os agentes uniformizados para perceber como funcionava o Departamento de Polícia de Holloman a todos os níveis, e insistia a todo o momento para participar numa investigação, algo que Carmine tinha proibido até que se encontrasse mais bem preparada. O pior de tudo era que ela virava os homens do avesso. Ao fim de três meses de estágio, ele já andava desesperado.

Helen escrevia energeticamente no seu bloco de notas... “cadernos”, como lhe chamou, negando que isso sugeria que se tratasse de um diário.

- Como correu a sua manhã? - perguntou Carmine, esgueirando-se para o lado oposto do reservado e acenando a Merele, que lhe encheu a caneca de café com um sorriso.

- Árduo, mas agradável. O juiz é francamente interessante. Conheço-o desde

sempre, mas exercer direito com ele abre-nos os olhos.

- É um pesadelo para os transgressores. Lembre-se disso.

O seu riso fez-se ouvir; era um bom riso, nem forçado nem dissonante.

27

Gaguejei um bocado até me acostumar a lidar com ele, mas depois saí-me melhor. Quem me dera que os professores de direito da academia da polícia fossem como ele.

Oh, ele já esqueceu mais acerca da lei do que toda a lei que eles

alguma vez virão a saber.

Delia chegou.

Carmine deu uma palmadinha no assento ao seu lado. “Imagino sempre”, pensou ele, “que a roupa de hoje será a pior, mas depois vejo a do dia seguinte.”

Naquele dia, era um vestido com um padrão axadrezado cor de laranja, verde, rosa e amarelo-ácido, sobre o qual usava um colete vermelho-vivo. Como de costume, a saia acabava bem acima dos joelhos, revelando duas pernas dignas de um piano de cauda. O cabelo, graças a todos os santinhos, tinha passado de madeixas roxas e verdes para louro-oxigenado, abaixo do qual os seus cintilantes olhos castanhos arranjavam maneira de espreitar por entre o que pareciam fios pretos emaranhados. O grande debate dentro do Departamento de Polícia de Holloman era onde ia ela buscar a sua roupa, mas até Netty Marciano, cujas fontes de mexericos eram abundantes, não conseguiu descobrir. Carmine supunha que fosse no bairro dos trapos de Nova Iorque.

Já há três semanas que ele esperava ouvir de Helen alguma censura à aparência de Delia, mas ela não disse nada, limitou-se a ficar de boca aberta aquando do primeiro encontro. Talvez até alguém tão elitista como uma Macintosh conseguisse perceber que Delia dispensava críticas acerca da sua maneira de vestir e da sua aparência. Delia era uma excêntrica genuína e, aparentemente, Helen reconhecera o facto. Mas não havia dúvidas de que, quando Delia abria a boca e fazia soar aquela voz melíflua carregada de vogais arredondadas e consoantes por pronunciar, até parecia elegante.

Nick apareceu alguns instantes depois e foi convidado a sentar-se ao lado de Delia. Agora, ocupavam os três um lado do espaçoso reservado, com Helen, sozinha, diante deles.

Os seus lábios sensuais, de um cor de rosa frio, abriram-se e os seus vivos olhos azuis brilharam.

- Porque estou sentada à parte? - perguntou.

- Vives nas Talisman Towers em Carew, não é? - perguntou Nick.

28

- Sim, sou proprietária da penthouse.

- Já desconfiava! - Nick parecia zangado. - Completamente privativo, hem? com elevador próprio e tudo.

- Nem tanto. Utilizo os mesmos dois elevadores que toda a gente usa. Em cada um deles há uma ranhura onde se enfia uma chave.

- Manténs algum contacto com os teus vizinhos? - perguntou Delia. - Qualquer tipo de contacto.

- Conheço alguns deles, mas o único com quem me dou em termos amigáveis é o Mark Sugarman. Mora três andares abaixo, no oitavo. A namorada dele, a Leonie Coustain, vive no décimo. É francesa:

- Helen fez uma careta. - Costumava ser uma rapariga cheia de vida e que saía bastante, mas há mais ou menos três meses teve um colapso nervoso. Agora, nem sequer o Mark consegue vê-la. É como um caracol dentro da casca. O pior é que não quer nenhuma ajuda, segundo diz o Mark. Está muito apaixonado por ela, e eu cheguei a pensar que eram feitos um para o outro. Agora... não sei mesmo. A Leonie com certeza que já não gosta dele, mas ele jura que não sabe porquê.

- Corou subitamente. - Desculpem. Não foi um bom relatório... não fui coerente.

- Às vezes, é preferível a incoerência - comentou Carmine. Não me parece que a Leonie tenha deixado de gostar do Mark. Ela foi violada.

A cor fugiu das faces de Helen.

- Violada?

- Sim, sem dúvida - disse Carmine, ainda não preparado para mencionar o Dodó.

- O que sabe acerca dos Cavalheiros Vigilantes de Carew?

- Os Cavalheiros Vigilantes? - perguntou ela, parecendo desorientada. - Vigiam - disse, e deu uma gargalhada. - De um lado para o outro à volta de Carew. São um grupo de tipos notável.

- Conheces alguns pessoalmente? - perguntou Nick.

- Sim, alguns. Não todos... o Mark diz que são mais de cento e quarenta. Mark é o chefe.

- Ótimo, já é um nome - disse Carmine. - Preocupa-me ter um grande grupo de homens a patrulhar as ruas... cheira a justiça popular. Mas até agora têm-se mantido dentro da lei, mesmo quando

29

prenderam um par de voyeurs e um ladrão de roupa interior feminina. Ora, uma jovem chamada Maggie Drummond foi perversamente atacada e violada a noite passada, no interior do seu apartamento em Carew. Participou-nos a ocorrência. Logo, temos provas suficientes para agir, até mesmo para cair em cima dos Cavalheiros Vigilantes com toda a força.

Helen recostou-se, o seu rosto era um misto de horror e impaciência.

- Mas eu conheço a Maggie Drummond! - exclamou. - Vai a todas as festas do Mark... tão esperta! Bem, tinha de ser esperta para arranjar trabalho de pós-graduação em fisiologia das aves na Chubb. Está a fazer um doutoramento sobre migrações sob a tutela do professor Hart, que é uma autoridade mundial. - A sua expressão suavizou-se. - Coitada da Maggie! Será que isto vai acabar com ela, capitão?

- Vai deixá-la com cicatrizes, isso é certo, mas ela é excecionalmente resistente. Insistiu em falar comigo a noite passada, enquanto o pesadelo ainda estava fresco na sua memória. Ele asfixiou-a parcialmente múltiplas vezes, e ela estava

preocupada que o trauma pudesse levá-la a esquecer pormenores. Deu-nos até o nome dele... Didus Ineptus. É o termo antigo para dodó, que agora é conhecido por Raphus cucullatus.

- Posso fazer mais alguma coisa além de vos dar o nome do Mark Sugarman? - perguntou Helen.

- Sim, podes - disse Delia -, desde que fiques debaixo da minha autoridade e faças exatamente aquilo que te dizem. Certo?

- Sim, claro - respondeu Helen, e o seu rosto iluminou-se.

- Ótimo. Desconfio que vamos conhecer bastantes vítimas do Dodó, e torna-se vital que haja mulheres incluídas na parte visível da investigação. Desde os ataques a que foram sujeitas, estas jovens não conseguem interagir com homens, por mais compreensivos que estes sejam. Eu e tu, Helen, teremos de estabelecer uma ligação com todas as vítimas até que se convençam a procurar ajuda junto da doutora Liz Meyers, na clínica para vítimas de violação. Isso significa que esta tarde vamos passar tanto tempo quanto pudermos a ensinar-te como deves comportar-te... é tanto uma questão de técnica como de compreensão feminina. A partir de amanhã, espero começar a receber chamadas,

30

depois do programa do Mighty Mike, mas é possível que tenhamos algumas respostas logo a seguir ao Luke Corby. És a minha sombra, Helen... onde quer que eu vá, tu vens atrás. Entendido?

- Sim! - respondeu Helen fervorosamente.

O seu primeiro caso, finalmente, e ela ia fazer tudo para que Delia brilhasse. Porque, se Delia brilhasse, também ela brilharia.

Carmine deslocou-se a Carew e subiu ao oitavo andar das Talisman Towers, o único conjunto vistoso de apartamentos construídos em altura, numa zona famosa sobretudo pelo seu sossego, encanto e hordas de raparigas estudantes que frequentavam todos os níveis da educação superior. Helen tinha explicado que Mark trabalhava em casa, pelo que Carmine contava que ele lá estivesse.

- Tal como a Helen, sou proprietário do apartamento - disse Mark Sugarman,

mostrando o caminho até uma grande divisão, destinada originalmente a ser a sala de estar mas que fora transformada num estúdio. Indicou duas cadeiras sólidas junto a uma mesa e dirigiu-se à área da cozinha, primeiro para trazer canecas e uma cafeteira de café e, depois, açúcar e natas.

Em tudo o que dizia respeito ao seu aspeto visual, Mark era um homem corpulento mas mediano, desde o seu metro e oitenta de altura até ao rosto e tom de pele. Aquilo que o salvava do anonimato eram os olhos: de longas pestanas, rasgados e de um verde intenso. Usava roupa prática, umas calças de ganga desbotadas e uma t-shirt de mangas curtas, cujos bolsos estavam cheios de objetos que incluíam lápis, cigarros, uma pequena régua de metal e uma série de altos e protuberâncias.

Se é verdade o que se diz de os artistas típicos viverem numa desordem extrema, ele não era típico, já que a sala se encontrava imaculada; estava pintada de branco e a iluminação natural consistia numa parede inteira envidraçada com vista sobre as copas das árvores, para os lados do estreito de Long Island, sonhadoramente azul naquele agradável começo de verão de São Martinho. Em vez de usar um cavalete, trabalhava num estirador, em frente ao qual se encontrava um banco alto. Dos dois lados do estirador, uma bancada alta continha

31

tintas, canetas, lápis, um afiador elétrico, vários transferidores e régua em T, uma pilha de trapos perfeitamente dobrados e um jarro de água. Ao passarem pelo estirador, Carmine achou graça ao ver um desenho a tinta da China de uma família de guaxinins que pareciam meio desmiolados. Estava muito bem feito, com o elemento humano apenas subtilmente sugerido, embora de forma eficaz.

- Sou ilustrador de livros - explicou Sugarman enquanto servia o café. - Este aqui é dirigido a um mercado alargado, dos adolescentes aos nonagenários, e portanto o editor pretende desenhos clássicos... nada de sombreados ou outros subterfúgios. Logo, contrata-se o Mark Sugarman. Existem poucas escolas de arte que ensinem o desenho clássico a tinta, por isso sou muito procurado. Aprendi em Londres e em Antuérpia.

- Há quanto tempo existe a vigilância de bairro? - perguntou Carmine, adicionando natas e açúcar ao seu café, que não era fresco. Devo dizer-lhe que a

Maggie Drummond foi violada a noite passada e não ficou suficientemente aterrorizada para deixar de participar à polícia. A violação foi atroz, particularmente brutal e vexante, mas é em nome dela que venho pedir-lhe que diga tudo o que sabe. A Maggie está completamente decidida: quer que este monstro seja apanhado.

Aqueles invulgares olhos verde-esmeralda dilataram-se e brilharam com lágrimas; o café de Sugarman entornou-se.

- Oh, meu Deus!

- Está na altura de desbobinar tudo acerca dos Cavalheiros Vigilantes, caro senhor.

- Acredite que para mim é um alívio, capitão. - Soltou um suspiro, pegou automaticamente num pacote de guardanapos de papel e limpou o café que tinha entornado. - A primeira de que tivemos conhecimento foi a Leonie... a minha querida e doce Leonie! Encontrei-a quando subi para ver se ela gostaria de dar um passeio para arejar. Ela estava... oh, que espetáculo terrível! Não tinha sido cortada nem nada do género, mas estava cheia de nódoas negras e suja. Ele tinha-a violado três vezes, uma delas de forma realmente depravada. Eu queria chamar a polícia, mas ela não me deixou, jurou que negaria tudo. Murmurava acerca da sua família em França, a desonra que seria.

- Rangeu os dentes. - Nada do que eu disse conseguiu convencê-la a mudar de ideias.

32

- Acreditou que a Leonie fosse a primeira vítima?

- Sim, mas o Mason Novak, que é o meu melhor amigo, contou que a namorada, a Shirley Constable, se tinha comportado tal e qual como a Leonie, e ele começava a desconfiar se já não teria acontecido o mesmo com ela... pensava que a Shirley tinha ficado com um esgotamento nervoso por causa do trabalho, embora ela adorasse o que fazia. Depois da Leonie, ficou convencido de que tinha sido violada, mas ele nem sequer consegue estar no mesmo quarto com ela, por isso... quem sabe?

Carmine pousou a sua caneca de café.

- Senhor Sugarman, mesmo que as mulheres se recusassem a colaborar, devia ter comunicado as suas suspeitas à polícia, não organizar uma vigilância de bairro.

- Agora percebo isso, capitão, mas na altura nem eu nem o Mason entendemos assim. Pus um anúncio no Holloman Post a informar que ia formar um clube de vigilantes; os residentes de Carew tinham apenas de se candidatar. E apareceram às catadupas! Os Cavalheiros Vigilantes foram um êxito imediato.

- Sem quaisquer outros estímulos para além da violação da Leome Coustain, o que suponho que não mencionou aos restantes membros? Isso soa estranho, caro senhor.

Sugarman deu uma gargalhada, um som forçado.

- Vaidade, capitão. Descobrimos uma maneira de estarmos em forma... caminhando. A maioria das pessoas que fazem caminhada desiste por causa da solidão, mas nós caminhamos em trios, sempre os mesmos três homens... variamos os percursos. Juntamo-nos em trios com o mesmo tipo de afinidades, se é que me entende. E cada trio caminha dia sim, dia não, nunca todos os dias. É o suficiente para manter a cintura elegante e o coração em boa forma.

- E nenhum dos Cavalheiros Vigilantes encontrou alguma vez um homem que pudesse ser um violador? - inquiriu Carmine.

- De maneira nenhuma. O mais próximo que conseguimos foram aqueles dois voyeurs.

- Nesse caso, a vossa ação foi de facto útil. Voyeurs que nunca são apanhados tendem a tornar-se violadores mais tarde. - Carmine pigarreou. - Preciso de uma lista dos vossos membros, senhor Sugarman.

33

Ele ergueu-se da cadeira de imediato.

com certeza, vou buscá-la. Possuo pormenores abundantes sobre cada um dos Cavalheiros Vigilantes, é uma das condições mais inflexíveis no clube.

Carmine examinou com um certo respeito a lista perfeitamente escrita à máquina. Nomes, idades, moradas, números de telefone, ocupações, dias

escalados para a vigilância: além de uma lista, era uma tabela horária meticulosa e inteligente. Havia professores, um ou outro médico, químicos, homens de negócios, técnicos, biólogos... no total, 146 nomes, com idades compreendidas entre os vinte e um e os sessenta e oito anos.

- O senhor deve ser um recrutador muito persuasivo. Sugarman riu-se, negando.

- Não, eu sou o homem da logística, não o demagogo. Terá de falar com o Mason Novak. Ele é que é a alma dos Cavalheiros Vigilantes, aquele que nos mantém inspirados... e aquele que se sobrepôs a mim como autoridade suprema.

Carmine encontrou-o na lista.

- Mason Novak, trinta e cinco anos, químico analista na Chubb. Na Ala Burke de Biologia ou na Ala Susskind de Ciência?

- Na Susskind. Ele diz que é químico inorgânico.

- Têm algum ponto de encontro?

- O Mason requisitou um pequeno anfiteatro de conferências na Ala Susskind.

- Hum... hoje é quarta-feira, portanto... sexta-feira, às seis horas?

- Para quê? - perguntou Mark Sugarman.

- Ora, ora, senhor Sugarman! Para uma reunião entre os Cavalheiros Vigilantes e os detetives de Holloman. Sexta-feira, vinte e sete de setembro. Convoque a reunião e sublinhe que todos os Cavalheiros Vigilantes devem marcar presença, certo?

- com certeza.

- Não será difícil reunir as suas tropas. Ouça o programa da manhã do Mighty Mike. Aposto que os vossos membros vão estar todos ansiosos por saber o que se passou.

34

“É engraçado como um problema nunca vem só”, pensou Carmine enquanto o

seu estimado Ford Fairlane se dirigia para casa nessa noite. “Tenho de transformar a Helen Macintosh numa detetive de primeira quando nem sequer estou certo de que ela obedeça a ordens; tenho o Corey Marshall a falhar como tenente... quem poderia alguma vez prever tal coisa? Hoje, fiquei a saber que o nosso tranquilo subúrbio, Carew, acolhe um violador particularmente perigoso. E a minha fantástica mulher de um metro e noventa de altura foi derrotada por uma criança de vinte e dois meses. Desdémona! Por duas vezes, estive cara a cara com um assassino e consegui ultrapassar a situação, enquanto um miúdo rufia aos gritos e armado em fanfarrão a levou à derrota total. A minha Desdémona, sempre à beira das lágrimas. É algo que não suporto pensar, mas tenho de o fazer. E não apenas pensar: tenho de tratar do assunto, e depressa. Caso contrário, posso perder a minha mulher para sempre.”

Estacionou o Fairlane no único espaço livre da garagem de quatro lugares e desceu o caminho em declive até à porta da frente da sua casa, consciente de que as suas duas visitas depois do trabalho o tinham atrasado mais do que Desdémona desejaria. A casa, um enorme edifício ao estilo colonial da Nova Inglaterra com uma torre quadrangular de três pisos e um miradouro no topo, ficava no meio do terreno de um hectare que confinava com o porto de Holloman; viviam ali há já mais de dois anos e adoravam todas as facetas da casa, desde os dias idílicos de verão até à tempestade mais desenfreada que deixava tudo coberto de gelo num inverno mais rigoroso. Mas a alma daquela casa residia na sua dona, Desdémona, e ela começava a não ter forças.

Nada do que ele pudesse dizer a persuadira a não enveredar por uma segunda gravidez logo a seguir à primeira; Julian tinha apenas dezasseis meses quando Alex nasceu. Os rapazes eram autênticas fusões dos seus ascendentes nobremente proporcionados: de Carmine, tinham herdado o volume muscular e um porte real; de Desdémona, receberam um esqueleto digno de um jogador de basquetebol; e dos dois obtiveram um alto grau de inteligência que não augurava nada de bom para a tranquilidade parental. Se já era tão difícil tomar conta de Julian, o que aconteceria quando Alex chegasse àquela idade terrível em que as crianças começam a falar e a andar?

35

A mulher que tinha dirigido eficazmente instalações dedicadas à investigação retirara-se para um mundo doméstico, para se tornar numa cozinheira soberba e numa dona de casa incansável. Porém, desde o nascimento de Alex cinco meses

antes, Desdémona tinha vindo a definhar, nada ajudada por Julian, um mestre a criar obstáculos, sempre a arengar e a queixar-se.

“Bem”, pensou ele ao abrir a porta, “aqui vai disto! vou fazer o meu melhor para tirar a Desdémona do abismo.”

- Sabe bem ver-te, mas sabe ainda melhor sentir-te - disse-lhe ele junto ao pescoço, esmagando-a num abraço um tanto nervoso. Depois beijou-a, mantendo a ternura nos lábios.

Percebendo que aquilo não era nenhum convite à paixão, Desdémona instalou o marido numa cadeira e ofereceu-lhe a sua bebida antes do jantar.

- O Julian está deitado? - perguntou ele.

- Está, desta vez pregaste-lhe uma partida. Esperava que chegasses a horas, mas, como não apareceste, adormeceu. - Suspirou. Hoje fez uma birra horrível, bem no meio do almoço da festa da Maria. Eu disse à Maria que não queria ir! - Uma lágrima ardente caiu sobre a mão de Carmine.

- A minha mãe por vezes não é lá muito esperta, Desdémona. Portanto, quer dizer que o nosso filho estragou a festa?

- Tê-lo-ia feito se a Maria não lhe tivesse dado uma palmada... e com força! Já sabes o que penso de bater nas crianças, Carmine... tem de existir uma maneira mais eficaz de lidar com crianças pequenas.

“Deixa assentar, Carmine, deixa assentar!”

- Se existe, meu amor, parece que não conseguiste descobri-la com o Julian - disse ele; sensatamente, pensou. - As birras são uma forma de histeria e não faz mal nenhum à criança ser chamada à razão com brusquidão.

Nos velhos tempos, Desdémona teria ficado irritada com ele, mas não agora. Em vez disso, pareceu encolher-se.

- De qualquer maneira, a birra deixou-o cansado. Por isso é que está na cama a dormir.

- Ótimo. Calha bem um pouco de paz e sossego.

- Estavas a falar a sério quando no outro dia o ameaçaste que ias arranjar uma ama? Não temos dinheiro para uma ama, Carmine, e uma estranha dentro de casa só fará com que ele fique pior.

- Antes de mais, mulher, quem gere as nossas finanças sou eu. Não deves ficar com essa dor de cabeça além de dois bebés. Temos dinheiro que chegue, mas eu não ameacei o Julian. Estava a avisá-lo. E isso vai acontecer, meu amor, embora não pelas razões que julgas. Não por causa do Julian... por causa de ti. Estás permanentemente em baixo, Desdémona. Quando pensas que ninguém está a ver, choras que te fartas, e parece que não arranjas uma saída para o que quer que te atormenta. Esta tarde encontrei-me com o doutor Santini, porque, sempre que insisto que deves ir vê-lo, entras e saís do consultório em passo de corrida, com a desculpa de que é o Julian ou o Alex que estão doentes. Francamente, Desdémona! O doutor Santini não é parvo nenhum. Sabe tão bem quanto eu que quem está doente és tu. Ele diz que sofres de uma depressão pós-parto, querida.

Ela atirou-se para a sua cadeira com rebeldia; quando Carmine falava naquele tom, até Deus tinha de calar e ouvir. Além disso, admitiu ela enquanto a sua raiva se consumia, passava-se de facto alguma coisa de errado dentro de si. O problema é que ela sabia que era incurável, enquanto aqueles homens - que sabiam os homens do assunto? pensavam que se tratava de algo físico.

- Pelos vistos, andam a descobrir muitas coisas sobre mulheres que entram em depressão após o parto. Não é nada freudiano, é uma coisa física, hormonal, que exige tempo e carinho para ser tratada. Tens de ir ao médico amanhã de manhã e, se me ignorares, mulher, faço com que sejas levada ao consultório sob escolta policial. A minha mãe vem cá para tomar conta dos miúdos...

- Ela vai bater no Julian! - exclamou Desdémona.

- Acontece que ele precisa de umas palmadas. Lá porque o teu pai te maltratou quando eras criança, Desdémona, não significa que uma palmada seja uma crueldade criminosa. Por vezes, trata-se de puro bom senso. Mas agora não vamos falar do Julian, estamos a falar de ti.

As lágrimas corriam-lhe silenciosamente pelas faces, mas pelo menos Desdémona estava a olhar para ele.

- O médico não quer enfrascar-te em medicamentos. Trata-se de um caso extremo, e hás de ficar melhor de forma natural se aliviarmos a pressão. De um modo geral, isso passa pelo Julian. E a solução para o Julian não é uma palmada, concordo contigo nessa parte, porque, assim que uma palmada perde o seu valor emocional, ele passará a ignorá-la. Que tal me estou a sair até agora?

- Na perfeição - respondeu ela rudemente. - Oh, Carmine, pensava que vinhas para casa angustiado por causa do teu trabalho, mas afinal sou eu! Eu! Estou tão arrependida! Oh, que posso fazer? Sou um fardo!

- Desdémona, não chores! Estou a dar-te soluções para o teu sofrimento, não motivos. Nunca poderias ser um fardo. Esta é uma rua de dois sentidos que qualquer um de nós pode tomar. O médico sugeriu que eu empregasse uma jovem para te ajudar. Chama-se Prunella Balducci e é uma dos Balducci de East Holloman, logo, uma espécie de prima minha. Costumava trabalhar por bom dinheiro no Upper East Side de Nova Iorque, mas há coisa de duas semanas cansou-se e regressou a casa. Tem uma conta-poupança avultada e não está interessada em arranjar um emprego milionário. Quer apenas estar perto da mãe e do pai por uns tempos. Assim que vislumbrar uma hipótese, partirá para Los Angeles para tratar uma caterva de emocionalmente disfuncionais diferentes dos de Nova Iorque. E com isto quero dizer que a Prunella pega ao serviço numa família emocionalmente disfuncional e consegue organizar os seus elementos de maneira a acolherem amas e empregadas vulgares. - Inspirou profundamente. - Passei hoje pela casa do Jack Balducci quando vinha do trabalho e falei com a Prunella, que concordou em vir cá para casa até ao Natal. Segundo diz, por essa altura já os teus problemas serão apenas uma recordação. Podemos pagar aquilo que ela pede em Holloman, Desdémona, portanto o dinheiro não é problema.

- Eu não... não posso...

- Claro que podes, mulher! Sei bem que limpas a casa antes de a Caroline chegar, o que é de loucos, mas não podes fazer isso com alguém que vai cá ficar e comer connosco e que fará realmente parte da família, mesmo que seja temporariamente.

Desdémona sobressaltou-se.

- Ficar cá? Onde? Em que quarto? Oh, Carmine, não consigo!

- Também telefonei para a minha filha, na Paracelsus, aquela fedelha ingrata. Nem uma palavra durante três semanas, mas, depois de falar com ela, percebi porquê e por isso perdoei-lhe. Concordou em contribuir com a sua parte para a tua recuperação e deixa de vir cá dormir até ao Natal. A Prunella passará a viver no torreão da Sophia. A Caroline pode limpá-lo amanhã, contratei-a para o dia inteiro. A Prunella chega na próxima semana.

com isto, Desdémona começou a afundar-se na sua cadeira, ofegante.

- Estou a ver que pensaste em tudo - disse ela sem graça.

- Sim, mulher, pensei. A principal função da Prunella será transformar o Julian em alguém que eu anseie ver quando chego a casa, em vez de alguém que posso estrangular pela maneira como te trata. Neste momento, anda inebriado de poder, mandão, manipulador e ofensivo, e se continuar por essa via a única carreira adequada que terá será como advogado de defesa. E digo-te muito francamente, Desdémona

- afirmou Carmine, apenas meio a brincar -, que não aceito ter um filho que iliba assassinos que matam à machadada e pederastas. Ficaria mais feliz com um filho que vivesse da assistência social. Debaixo da fanfarronice do Julian, há traços de um bom carácter, e este é o momento mais apropriado para nos assegurarmos de que ganha o bom carácter. Estás a ouvir?

- Estou, estou - respondeu ela, tentando sorrir. - Não foi Shakespeare que disse: “Vamos matar os advogados todos”? Tens razão, não podemos criar um advogado de defesa. Aliás, até um procurador público seria inaceitável.

- Então, está combinado?

- Acho que sim. Sim, a Prunella que venha, mas para o bem do Julian, não para o meu. - De repente, mostrou-se horrorizada. E se eu não simpatizar com ela?

- Simpatizas, pois. Vais adorá-la.

- Será que vai bater no Julian?

- Parece-me que ela dispõe de munições mais eficazes do que essa no seu

arsenal, minha querida. Tenta afastar-te o mais possível da tua própria infância e olha para o Julian tal como ele é, não como tu

39

eras. Ele é apenas metade de ti. A outra metade é a sua faceta italo-americana de resistente.

Ela pôs-se de pé, num movimento lento.

- Jantar - disse.

Fosse qual fosse o seu estado de espírito, e independentemente até da refeição, como naquela noite, um prato simples de bife, batatas fritas e salada, Desdémona era uma excelente cozinheira. Espalhava um sã! especial pela carne antes de a grelhar, e as suas batatas fritas não eram deste mundo... estaladiças por fora, macias por dentro.

- E agora - disse ela, depois de ambos terminarem - conta-me como correram hoje as coisas, Carmine. Ouvi de manhã a Delia a falar no programa do Luke Corby.

- Ainda é muito cedo para saber alguma coisa do Dodó... decidimos chamá-lo assim, embora ele prefira o termo em latim, *Didus ineptus*. Tens alguma ideia da razão para que ele pense assim?

- Sim. Gosta de dar nas vistas.

- Então, não foi longe. O termo vem da classificação de Lineu, entretanto já ultrapassada.

- Não me parece que isso o incomode. Na sua mente, essas palavras específicas devem estar associadas a alguma ideia. Mas não é o Dodó que te deixa preocupado - comentou ela, bebendo lentamente o seu chá. Convencera Carmine a beber chá em vez de café depois do jantar, e ele andava a dormir melhor. - Diz-me, querido.

- O Morty Jones anda a beber e o Corey recusa-se a ver isso.

- Oh! Andar nos copos é uma infração que dá direito a despedimento, não é?

- Em serviço, é. Demissão imediata, o processo todo... está escrito nos nossos contratos. O John Silvestri é intransigente em relação ao álcool, e o Departamento de Polícia de Holloman é famoso... os bêbados escusam de se candidatar.

- Mas o Morty! É um homem fraco, eu sei, mas... - O rosto vulgar de Desdémona tornou-se ainda mais vulgar, exceto pelos seus pálidos olhos azuis, que Carmine achava serem da mesma cor que um bloco de gelo a flutuar, etéreo e algo misterioso, olhos que pouco a pouco se humedeceram. - Suponho que seja por causa da mulher?

40

- E quando não é por causa dela? Apanhei-o quando chegava ao trabalho na segunda-feira e tivemos uma conversa. Parece que a relação deles chegou a um ponto decisivo na passada noite de sábado, quando o Morty deu com a Ava a escapar-se sorrateiramente para o quarto de hóspedes às três da manhã. Quando lhe disse que estava farto, ela disse-lhe que os filhos não eram dele, e ele atirou-a ao chão com um murro. Ficou sangue por todo o lado devido a um nariz partido. Ava fez as malas e deixou-o entregue à terna compaixão da mãe...

- Carmine lançou as mãos para cima e agarrou infrutiferamente o ar.

- Pelos vistos, passou todo o domingo no Shamrock Bar, portanto já podes imaginar o estado em que se encontrava na segunda-feira de manhã... e o pivete que deitava!

- Oh, Carmine, isso é horrível! Segundo diz a Netty Marciano, o rapaz... Bobby, não é?, foi concebido pelo Danny Morski, e a Gidget é do nada famoso polícia de Holloman, o Harpo Marx. Quanto a mim, as parecenças dizem tudo, mas o Morty nunca soube, pois não?

- Acho que não quis saber. Está em negação, e é por isso que anda nos copos. O Corey faz de avestruz, de cabeça enfiada na areia. A mãe do Morty aceitou tomar conta dos miúdos por enquanto, mas disse-lhe para arranjar uma empregada.

- Oh, céus! - O sotaque britânico de Desdémona era quase tão afetado quanto o de Delia, mas tornava-se mais perceptível nas exclamações. E pelo menos, pensou Carmine ao observá-la, os problemas de Morty Jones estavam a dar-lhe algo para ocupar a mente para além de Julian. - O que é que podemos fazer, Carmine?

- Continuar a falar com o Morty e esperar que a Ava regressasse a casa. Nenhum outro polícia conseguiria suportá-la sem ser na cama.

- O Corey anda a chatear-te por outras coisas, não anda?

- Que rapariga tão esperta! O Corey tem ciúmes do Abe. Insinuou que eu exerço a minha influência a favor do Abe. Foi difícil de engolir.

“Porque é que não o deixam em paz?”, perguntou-se Desdémona, enquanto todos os vestígios de depressão se viam reduzidos a cinzas na fornalha da sua raiva contra Corey, Ava, Morty... qualquer pessoa que não visse o seu marido como o homem distinto e bom que ele

41

era. “Tenho de me pôr boa, tenho mesmo! A última coisa que o Carmine precisa é de uma mulher emocionalmente disfuncional.” Mas aquilo que o seu coração lhe dizia estava para além do seu poder e capacidade neste momento; Desdémona deixou-se ficar sentada, aninhou-se na sua cadeira, sem forças para oferecer ao marido qualquer espécie de conforto. Tudo o que o seu ligeiro impulso de cólera conseguiu foi estimular as lágrimas sempre iminentes. Quando tentou pestanejar para as afastar, elas transbordaram, e foi novamente Carmine que se viu obrigado a reunir a energia suficiente para a confortar.

Ao meio-dia do dia seguinte, quinta-feira, 26 de setembro, Delia Carstairs, encarregada de reunir informações acerca das possíveis violações do Dodó, tinha juntado um total de seis jovens, muito provavelmente vítimas anteriores a Maggie Drummond. Elaborado como se se tratasse de um diálogo entre Delia e o seu anfitrião, o programa radiofónico revelara-se surpreendentemente eficaz; Delia suspeitava de que aquelas seis mulheres tinham ansiado por algum local de cariz feminino ao qual se dirigirem, mas, como acontecia com frequência, a nenhuma delas ocorrera que uma escola de medicina de tão grande prestígio como a Chubb tivesse uma clínica para casos de violação, em vez de uma mera sala de urgências. Delia usou o seu sotaque com a intenção de se apresentar como uma mulher de carácter superior que, tal como assegurou aos que a escutavam, iria efetivamente encontrar-se e falar com as vítimas em privado e sem qualquer presença masculina.

Helen, encantada, mostrava-se inflexivelmente cautelosa.

- Alguma vez foste violada? - perguntou-lhe Delia.
- Não, nem por sombras.
- Então, rigorosamente falando, és tão ignorante como qualquer homem. A única coisa de que dispões ao enfrentares estas mulheres é a tua condição feminina, que, peço, seja usada como uma forma de encorajamento. Nunca te mostres indiferente.
- Estás a insinuar que os homens consideram a violação como algo forjado?
- Apenas uma minoria. Alguns homens foram falsamente acusados de violação... esses nunca mais transformas. Alguns foram educados a ver todas as mulheres como mentirosas e infiéis. Existe sempre

42

um elemento de ignorância. Sansão e Dalila é um bom exemplo... as mulheres são vistas como usurpadoras do poder dos homens, da sua autoridade.

- Porque me dizes coisas que já sei? Delia soltou um suspiro paciente.
- Estou a dizer-te isto porque são raros os homens que conseguem criar empatia com uma vítima de violação, embora o capitão Delmonico seja um desses raros homens. O caso do Dodó será resolvido, e não apenas porque o violador está a agravar os seus ataques.
- Então porquê? - perguntou Helen, com um brilho nos olhos.
- Não vás por aí, Helen! - cortou Delia. - Não te ponhas toda romântica a imaginar o capitão com uma namorada que foi violada, ou qualquer outra coisa remotamente pessoal. Essa pessoa não existe. Aquilo que estou a tentar enfiar nessa cabecinha ignorante, senhora estagiária, é que tens uma sorte tremenda por estares aqui a trabalhar.
- Sim, Delia - disse Helen, submissa. - O que faço?
- Se a vítima optar por vir cá, sentas-te na sala de entrevistas comigo e com ela. Se a vítima preferir falar em sua casa, acompanhas-me lá. Não és mais do que uma testemunha. Não proferes nem uma palavra, a não ser que te faça sinal para

que possas falar. Também não podes fazer perguntas por curiosidade, mesmo que acredites que essa pergunta irá resolver o caso. Pões a tua questão por escrito, entregas-me o papel, e eu decidirei. A nossa grande vantagem é sermos mulheres, portanto não deites tudo a perder. Entendido?

- Devo tomar notas?

- Discretamente, sim. Infelizmente, nenhuma delas consentirá em que se use um gravador.

Havia sete vítimas de violação: Shirley Constable, a 3 de março; Mercedes Mendes, a 13 de maio; Leonie Coustain, a 25 de junho; Esther Dubrowski, a 16 de julho; Marilyn Smith, a 6 de agosto; Natalie Goldfarb, a 30 de agosto, e Maggie Drummond, a 24 de setembro.

Assim que Helen se ofereceu para trazer todas as jovens ao edifício dos Serviços Municipais na sua viatura privada, levando-as de volta

43

a casa da mesma maneira, Delia conseguiu convencer todas as seis vítimas anteriores a Maggie a apresentarem-se. Quando Shirley Constable apareceu, Delia notou que a sua assistente estagiária lidara com estas vítimas tão perturbadas com uma animada despreocupação que andara à volta da utilização do seu lamborghini verde; não tinha mencionado a entrevista que se seguiria.

Depois de ter sido uma referência em Carew, Shirley estava de tal modo fechada em si própria que Delia demorou quase uma hora a fazer com que ela falasse; porém, quando o fez, deitou tudo cá para fora. Mantivera-se virgem por razões religiosas e considerava-se desonrada para toda a vida; mas para a ajudar nessa vertente lá estaria a doutora Liz Meyers e a clínica para casos de violação. Delia já antes contactara com a doutora Meyers, uma psiquiatra brilhante cujo único interesse eram as vítimas de violação.

Aquilo que mais cruelmente consumia o espírito de Shirley era a sua convicção de que o Dodó voltaria para a matar, e uma boa parte dela sentia que merecia morrer. “Oh, as mulheres têm de deixar de pensar desta forma”, disse Delia com os seus botões. “A importância que a sociedade confere à virgindade é uma maneira de assegurar que um homem é pai dos seus filhos... veja-se o pobre Morty Jones.”

Depois de tranquilizar Shirley, dizendo-lhe que o Dodó estava demasiado ocupado a prosseguir na sua senda para se dar ao trabalho de voltar e matar as vítimas anteriores, Delia mandou-a consultar a doutora Meyers na companhia de Helen.

- Definitivamente, o método dele está a agravar-se - comentou ela mais tarde com Carmine e Nick -, mas parece que acabou por estabelecer um ciclo de três semanas. Passaram-se dez semanas entre a Shirley e a Mercedes, depois seis semanas entre a Mercedes e a Leome. Desde a Leonie, três semanas, com uma ligeira preferência por terças e quartas-feiras.

Carmine mostrava-se carrancudo.

- Portanto, Deels, ele não é um tipo da Lua ou um tipo do Sol, e isso quer dizer que é uma grande dor de cabeça. Pode mudar a duração dos intervalos sem pensar que está a ofender o Sol ou a Lua... detesto aqueles que não seguem um padrão planetário.

44

- Talvez ele siga o ciclo de Marte ou de Vénus. Só o saberemos quando consultarmos as efemérides astronómicas. vou tratar disso disse Delia. - No entanto, se ele se mantiver nas três semanas, deverá atacar por volta de dezasseis de outubro. Uma quarta-feira. Devíamos contar com isso, Carmine... Seja o Sol, a Lua ou nenhum deles.

- Ele tem alguma preferência no tipo físico das suas vítimas?

- Não. Nem no aspeto racial ou no religioso. Todas as cores de cabelo, olhos, pele caucasiana. Ascendência da Europa Oriental, judaica, protestante anglo-saxónica, latino-americana. Talvez as coisas se tornem mais claras quando olharmos para os acontecimentos mais desapaixadamente e concluirmos todas as entrevistas. Tirando a Shirley, tudo o que fizemos hoje foi conhecê-las.

Helen entrou e sentou-se.

- Qual é a sua opinião, Helen? - perguntou Carmine.

- Bem, não dedicámos muito tempo às nossas visitas ao domicílio... será melhor quando eu trazer cada uma delas para uma entrevista formal. Aquilo que posso

dizer é que a figura do Dodó não varia

muito de vítima para vítima... não é, Delia? É

- Quase um metro e oitenta e extremamente bem constituído. A estrela de cinema que escolheram foi o Marlon Brando. Nu e completamente desprovido de pelos. Sem cicatrizes, manchas, sinais ou borbulhas. Um capuz preto de seda na cabeça. Nunca falou. A ameaça e o seu nome estavam impressos num pedaço de cartolina branca com um marcador preto.

- Obrigado - disse Carmine, interrompendo suavemente. Delia?

- A Shirley foi violada duas vezes, ambas vaginais. A Mercedes também, mas a segunda foi anal. E por aí adiante, Carmine, de cada vez um pouco pior. A minha impressão é que, com a Maggie Drummond e a novidade do garrote, ou corda ou seja o que for, o Dodó está praticamente prestes a matar. O que significa que é imperativo que o apanhemos.

- Completamente de acordo - comentou Carmine.

- Tens algumas ideias acerca do Dodó, Carmine? - perguntou Nick.

45

- Para começar, é um caso praticamente único. Depois de seis violações ao longo de praticamente sete meses, o tipo conseguiu permanecer invisível. Se não fossem os Cavalheiros Vigilantes, o ataque à Maggie teria parecido o primeiro. Nenhuma das suas anteriores vítimas se teria apresentado voluntariamente. O Dodó é um caçador que deve conhecer muitas coisas acerca das mulheres que pretende apanhar. Imagino que esteja a seguir uma lista, e essa lista pode conter cem nomes - disse Carmine num tom sinistro.

- Irá acabar por matar? - perguntou Helen, que não assistira à primeira parte da conferência.

- Todos os violadores em série deste género acabam por matar, Helen. A asfixia é um indicador desse percurso. É por isso que quero que vocês, à medida que sondarem mais profundamente as vítimas anteriores, estejam bem atentas a qualquer coisa que sugira asfixia. De certa forma, menina estagiária, isso nunca dá à vítima qualquer ideia acerca do que estamos a fazer. Não queremos

ninguém a incentivar ideias, certo?

Os seus olhos azuis faiscavam, mas Helen Macintosh aprendera mais qualquer coisa do que meras rotinas policiais, pois nem um músculo se moveu no seu rosto enquanto pensava: como é que eles se atreviam a tratá-la como uma adolescente?! “Senhora estagiária!” “Menina estagiária!” Estavam a espicaçá-la, mas não conseguiriam fazê-la morder o isco.

- Certo - disse em voz alta.

- A nudez indica que o ego do Dodó é tão grande que ele acredita que consegue resolver qualquer imprevisto, como a chegada a casa de uma companheira de quarto. A técnica de violação indica que ele não é fã de instrumentos de corte ou do fogo, cortando, mutilando e até queimando com um cigarro. Dá murros, cotoveladas e beliscões, mas sobretudo dá pontapés. Os ataques são eróticos, na medida em que são direcionados aos seios, nádegas, barriga, púbis. Estranhamente, as suas ações não levam a nada. Segundo disse a Maggie, embora tenha mantido o pénis ereto por longos períodos, o tipo não consegue atingir o orgasmo. Deve ser um homem de princípios.

- Estás a descrever uma pessoa fria, calma e ponderada, quase sobrenatural.

46

- Sobrenatural, não, mas certamente altamente instintiva. Alguma das vítimas disse ter visto uma arma, Delia? - perguntou Carmine.

- Até agora, não.

- Deve ter levado uma, deixando-a à mão - comentou Carmine.

“Faz as tuas perguntas, Helen”, dizia a detetive estagiária a si própria. “Se eles conseguem fazer com que pareças ignorante, é porque és ignorante. Mas estás aqui para aprender, e às vezes eles não conseguem vislumbrar as perguntas mais básicas... não havia nada a fazer com estes polícias.”

- Porque é que tantos assassinos de cariz sexual recorrem ao estrangulamento? - perguntou, de olhos bem abertos e curiosos. Quero dizer, a asfixia é apenas uma forma de o fazer.

Carmine pareceu satisfeito.

- Em comparação com a morte por mutilação, por exemplo?

- Sim.

- Sinceramente, não me parece que alguém saiba, mas a impressão generalizada é de que o estrangulamento, com as mãos, um garrote, um lenço, oferece ao assassino a visão do ato de morrer da forma mais lenta possível. Pode demorar minutos, depende, especialmente se ele apurou a técnica, de maneira a conseguir arrastar a sua vítima até ao limiar da morte uma dúzia de vezes antes do coup de grafe. Também significa que não há sangue, e uma boa parte dos assassinos sexuais não aprecia o sangue enquanto componente de um homicídio. É uma coisa suja e imprevisível, a menos que se esteja muito bem preparado para limpar a porcaria toda. Se se tratar de um tipo de sangue raro e se o assassino não tiver qualquer justificação para ter estado no local, uma gota perdida pode levar a uma condenação. - Grandes e quadradas, as bonitas mãos de Carmine gesticularam. - Uma coisa posso dizer-lhe, Helen. O Dodó não está numa de sangue. Aquilo que o excita é o sofrimento da mulher.

Embora estivessem numa sala sem janelas, foi como se o Sol se tivesse posto; Helen tremeu. Sofrimento. Uma palavra terrível. Ocorreu-lhe que, nos seus vinte e quatro anos de vida, o mais perto que estivera de testemunhar qualquer sofrimento fora através da televisão ou das revistas.

- Como consegue o Dodó fazer uma investigação meticulosa de um grupo tão variado como o das nossas vítimas? - perguntou. -

47

A Shirley é arquivista, a Mercedes é designer de moda, a Leonie é matemática, a Esther é consultora empresarial, a Marilyn é uma arqueóloga dedicada à pesquisa sobre dinossauros, a Natalie compra roupa de senhora para uma cadeia de lojas e a Maggie é uma fisióloga das aves. Onde está o fio condutor, excetuando o facto de todas viverem em Carew?

- Duvido que haja algum fio condutor - disse Nick. “Este caso é daqueles que deviam ser conduzidos por mulheres”, pensou. - Penso que podemos concluir que o Dodó vive em Carew e que debaixo daquele capuz preto se encontra um rosto conhecido na localidade. Alguém não só conhecido, mas em quem as

peessoas confiam, que talvez até admirem. Pode ser um dos membros dos Cavalheiros Vigilantes. Pode ser o tipo que parece uma estrela de cinema com quem andas, Helen.

Helen deu uma sonora gargalhada.

- O Kurt? Nem por sombras, Watson! Ele é candidato ao Prémio Nobel da Física.

- Pois sim, mas não percebes o que quero dizer? Seja o Dodó quem for, é alguém que leva uma vida dupla. Quase aposto que é um dos convivas nas festas do Mark Sugarman... e essas festas são um elemento que todas as vítimas têm em comum.

- Nick! - exclamou asperamente Delia. - Roubaste-me o brilharete!

- A sério? Bolas, Delia desculpa lá.

- Não interessa - interveio Carmine. - Ambos repararam nas festas, é o que conta. Parece que disseste mais alguma coisa do que apenas um olá e um adeus às outras cinco vítimas, Delia.

O rosto dela tornou-se demasiado rosado para não contrastar com o seu peitilho cor de laranja.

- Hum... bem, sim. Estavam mortinhas por falar, sobretudo porque a divulgação pública da violação da Maggie lhes deu a sensação de que já não se encontravam em grande perigo. São mulheres muito inteligentes.

- Nenhum de vocês acha credível a ideia de que esse rosto sob o capuz possa estar desfigurado? - perguntou Carmine.

Foi Helen quem respondeu.

48

- Não, capitão. Ele não tem lábio leporino, palato fendido ou manchas de nascença na cara. O Nick não esteve lá muito bem com a sua piada acerca do meu namorado, mas sei porque o escolheu. O Kurt von Fahlendorf é um tipo lindíssimo que calhou ser um génio da física. Andam sempre os três juntos, o

Kurt, o Mason Novak e o Mark Sugarman. São amigos de um indivíduo mais velho, o Dave Feinman, e de dois outros mais novos, o Bill Mitski e o Greg Pendleton. Mas posso garantir-lhe, capitão, que nenhum deles alberga um Mr. Hyde por baixo de um Dr. Jekyll.

- Vamos tentar confiar na sua opinião... depois de os investigar

- disse Carmine solenemente. - Quantos membros dos Cavalheiros Vigilantes conhece mais, Helen?

- São todos Cavalheiros Vigilantes? - perguntou ela ingenuamente. - Conheço-os das festas do Mark.

- Sim, são todos membros. Ao todo, cento e quarenta e seis.

- Ena! Têm algum uniforme?

- À primeira vista, não. - Carmine ergueu o olhar para Helen.

- O senhor Von Fahlendorf é seu vizinho?

- Professor Von Fahlendorf. Não, ele não vive nas Talisman Towers. Vive perto, em Curzon Close... a casa mais bonita de Carew.

- E é muito bonito - comentou Nick com uma careta.

- E é muito inteligente - ripostou ela. - É professor na área mais difícil da física, as partículas.

- Viva!

- Nick, comporta-te - disse Carmine num certo tom de censura, o que fez com que Delia olhasse admirada para ele. - Helen, o seu professor é da Alemanha Federal?

- É, com título de residência permanente. Trabalha no setor das partículas subatómicas no laboratório subterrâneo da Chubb. É muito bem visto pelo reitor Gulrajani e por outros ilustres, embora se sinta um pouco suplantado desde que a Jane Trefusis se juntou à equipa do laboratório. O problema é que ele não gosta muito da América, mas é onde está o trabalho, e de facto a única coisa que

interessa ao Kurt são as partículas subatômicas.

- O que tem ele contra a América? - perguntou Nick com agressividade. - É engraçado como nenhuma dessas pessoas tem

49

alguma coisa de bom a dizer acerca de nós, mas não se importam nada de ficar com o nosso dinheiro e os nossos empregos.

- Concordo contigo, Nick. Em grande parte, é inveja - disse Carmine num timbre calmo. - Vêm as suas próprias culturas soterradas por filmes, televisão e ficção americanos. Deve ser difícil de suportar, mas são também eles que estão na primeira linha da promoção global da cultura americana... em particular, a juventude e os mandachuvas locais.

- Alemanha Oriental ou Ocidental? - pressionou Nick.

- Bem, dificilmente seria da Alemanha de Leste. Ah, queres dizer originalmente? Sim, os Von Fahlendorf eram da nobreza rural prussiana, de algures próximo da fronteira com a Polónia. O pai dele fugiu da Alemanha de Leste em 1945. Atualmente, são bastante ricos.

- Incluindo o professor Von Fahlendorf? - perguntou Carmine.

- Dinheiro não lhe falta, capitão. Conduz um Porsche preto e é dono de uma propriedade encantadora. Como pessoa? Rígido como uma tábua e tão emocionante como o Parsifal. Mas eu gosto do Kurt. Tem umas maneiras encantadoras; se alguma vez me deixa à espera num encontro, posso com toda a certeza apostar a minha vida em como se deveu a qualquer coisa como um muão livre. O Kurt é um cavalheiro e, no caso de ultimamente não ter reparado, capitão, essa é uma espécie em vias de extinção.

- Cá para mim, parece-se cada vez mais com o Dodó - disse Nick.

- Já chega, Nick! - interveio rispidamente Carmine. - Helen, o que sabe acerca do Mark Sugarman?

- Outro que pertence à dita espécie em vias de extinção - respondeu Helen, um pouco mordaz. - Tal como eu, é dono do apartamento onde vive. É uma pessoa

extremamente organizada... de facto, é o homem mais obsessivo que conheço quando se trata de estabelecer rotinas ou organizar a sua vida em geral. Em comparação, o Kurt é um amador. Costumava dar as festas mais incríveis até que a Leonie Coustain ficou doente... violada, como sabemos agora. - Foi tomada por um arrepio. - Só de pensar que o Dodó entrou nas Talisman Towers! Mas, muito sinceramente, capitão, o Mark também não é o Dodó. Ele frequenta a piscina no verão, e o peito dele é peludo. O Kurt também tem pelos.

50

- Nunca ouviste falar de postigos para o peito? - perguntou Delia.

Helen ficou de boca aberta.

- Estás a brincar - murmurou ela.

- De maneira nenhuma. Sendo considerados um indicador de masculinidade, os homens que se acham imperfeitos usam-nos.

- Obrigado, Delia - disse Carmine, piscando os olhos. - Enquanto investigas isso, vê se consegues deslindar como é que um homem completamente nu não deixa para trás quaisquer vestígios corporais no apartamento da Maggie Drummond. Ela disse-nos que o tipo usava luvas cirúrgicas, mas não tem explicação para a sua falta de defeitos.

- Ele cobriu-se com base de maquilhagem - disse Delia.

- Base de maquilhagem? - admirou-se Nick.

- Repara - continuou Delia, entusiasmada -, penso que podemos concluir que o Dodó tem uma pele linda... quase perfeita. Mas nenhum ser humano possui uma pele imaculada. Se for alourado ou ruivo, há de ter sardas; se for mais moreno, há de ter sinais. E lembra-te de que não são poucos os homens com borbulhas no rabo. Sejam quais forem os defeitos físicos do Dodó, ele cobre-os com base. O Dodó é vaidoso.

- Linda menina! - exclamou Carmine. - Três estrelas no teu quadro de honra, Delia. Podemos então acrescentar base ao seu repertório, juntamente com a questão do corpo depilado.

- A base não sai facilmente? - perguntou Nick.

- Nem por isso, pelo menos se for de boa qualidade. Também pode acontecer que os defeitos se encontrem em zonas do corpo que não entrem em contacto direto com a vítima. Além disso, ele pode sempre limpar qualquer transferência de base com um solvente orgânico, seja álcool, xileno ou clorofórmio.

- Temos que chegue para criar um protocolo de interrogatório às vítimas - afirmou Carmine com ar satisfeito. - Meninas, assegurem-se de que fazem perguntas sobre eventuais cheiros, partes do corpo da vítima que tenham sido limpas, pois a partir daí podem ficar com uma ideia da extensão de corpo que o Dodó cobre com base.

51

O último dia de Danny Marciano enquanto capitão da Divisão Uniformizada tinha passado sem sobressaltos; aquele dia, quinta-feira,

26 de setembro, era o primeiro dia de Fernando Vasquez no desempenho das mesmas funções. Porém, enquanto subia as escadas, o pensamento de Carmine estava muito longe de Fernando Vasquez ou da Divisão Uniformizada.

Que podia ele fazer com Corey Marshall? Corey não tinha comparecido à reunião daquela manhã. Mas o pior é que Abe, agora que se desembaraçara do assalto à estação de serviço e podia cumprir um horário mais regular, começava a desconfiar de qualquer coisa. Como muitos dos casos de Abe, os assaltos às bombas de gasolina revelavam-se lentos a produzir indicadores claros dos locais a ter em conta por um astuto tenente ao distribuir as suas forças, e Abe era suficientemente inteligente para deixar que as coisas corressem. Assim, enquanto Liam e Tony andavam pelas ruas em busca de informações, Abe dava trabalho ao cérebro... que possuía ainda suficientes parcelas desocupadas para que ele notasse que alguma coisa se passava entre Carmine e Corey.

- Ontem entrei com ele no elevador - disse Abe quando terminaram de tratar dos assuntos do dia -, e ele fez de conta que nem me conhecia. Por mim, não me preocupava, exceto que ele ultimamente tem dito algumas coisas bem duras acerca de ti, Carmine.

- Neste momento, o Corey acha que o mundo está todo contra ele - disse Carmine, sabendo que não podia ludibriar Abe com banalidades; Abe era uma

pessoa quase sobrenaturalmente sensível ao ambiente que o rodeava, de tal maneira que, por exemplo, parecia possuir uma segunda visão relativamente a compartimentos secretos. Assim, desde que não andasse paranóico por tudo e por nada, Abe conseguia ver tudo apesar das evasivas. - Para começar, ele herdou o Morty, enquanto tu ficaste com o Liam e o Tony, depois o Wes Cooper foi morto... é muito azar para qualquer pessoa. E a maior parte dos casos do Corey não tem tido os melhores resultados. Abe, tu conheces o Corey... leva as coisas demasiado a peito e nem sempre encontra a melhor maneira de as resolver.

- Não precisas de dizer mais nada - disse Abe, sorrindo de esguelha, e saiu para o seu próprio gabinete.

52

“Que posso eu fazer com o Corey?”, interrogava-se ainda Carmine ao chegar ao cimo das escadas.

Corey tinha entrado para a polícia de Holloman logo após terminar o ensino secundário e já era agente há dezassete anos, cinco dos quais passados na Divisão de Detetives, ou seja, já conhecia as regras. Porém, as funções de tenente pareciam ultrapassá-lo. A maior parte do considerável trabalho burocrático era dedicado a entrevistas, simultaneamente o maior pesadelo e a grande salvação de um polícia; era dessa forma que se obtinham muitas pistas. Mas, antes de mais, era preciso pô-las por escrito. No caso, por exemplo, de um caso que não chegasse a uma conclusão, tal como aquele triplo homicídio na estação de comboios em 1930, o testemunho escrito era a única coisa que se interpunha entre uma fria hibernação e um caso que subitamente se torna escaldante. Em relação a esse remoto triplo homicídio, uma série de relatórios pateticamente insuficientes travara Carmine até ele ter descoberto uma pista por outros meios. As notas de Morty Jones eram rudimentares e as de Corey não se revelavam muito melhores. Até porque Corey não tinha a desculpa de Morty, ou seja, ter trabalhado para Larry Pisano durante nove anos; o seu chefe sempre fora Carmine, um partidário do rigor. Agora que pensava nisso, grande parte da papelada tinha sido Abe a fazê-la, embora uma vez tenha visto Corey a escrever umas poucas palavras. E neste momento Carmine não podia deixar de pensar se essa teria sido a única ocasião. Abe nunca diria nada; não era homem que se entregasse a ninharias desse tipo.

As notas de Corey sobre o tão badalado carregamento de heroína de Ziggy Taylor eram inaceitáveis... três linhas! Teria sido uma dica genuína de um informador ou teria Corey fabricado algo mais impressionante do que uma série de roubos por esticção e assaltos? As drogas acabaram por ser consideradas como fazendo parte do território de Corey, apenas porque ele se apropriou do assunto com uma elaborada rede de informadores. Essa era também, Carmine bem o sabia, a área que punha mais dificuldades à polícia - informal e sob o controlo do tenente. “Ando a ser enganado”, pensou Carmine, “simplesmente porque o Corey sabe que não dá conta do recado. Ele sabe que as funções de tenente estão acima da sua capacidade, mas não desiste.”

53

O que fazer?

Encontrava-se diante do gabinete de Silvestri; endireitando os ombros, Carmine entrou.

Fernando Vasquez candidatara-se à Divisão Uniformizada cheio de expetativas; ninguém sabia como lidar com um chefe porto-riquenho depois de o astuto comissário ter finalmente dado a notícia. Os agentes uniformizados, espantados, não sabiam contra quem zangarem-se ou a quem poderiam apresentar as suas razões de queixa quando chegasse o momento certo, o que seguramente aconteceria. O juiz Thwaites arcou com as culpas por esta bizarra nomeação e o comissário John Silvestri não disse uma palavra para desfazer o equívoco. Os sargentos, como Joey Tasco e Mike Cerutti, em busca de munições, registaram mentalmente cada uma das qualificações do capitão Vasquez, os conflituosos começaram a juntar as suas tropas, e toda a Divisão Uniformizada se encontrava preparada para a guerra.

Numa entrevista vários meses antes, Carmine ficara ligeiramente surpreendido com Vasquez, mas no bom sentido. Sabia que Silvestri estava absolutamente determinado a atrair sangue fresco de um género diferente, já que nada escapava àqueles olhos de águia na sua torre, que não era de marfim, no topo do edifício dos Serviços Municipais. E foi assim que escolheu Fernando Vasquez.

Agora, ao avistar novamente Vasquez, Carmine apenas viu reforçada a sua convicção de que aquele homem não perderia sequer uma batalha, quanto mais a guerra. Nunca tinha visto alguém tão parecido com o típico e eficiente major do

exército: de estatura baixa, aprumado que nem um fuso, sólido, irradiando mais determinação do que confiança. Segundo os padrões de Silvestri, o seu rosto escuro era agradável à vista, com um nariz direito, fino como uma lâmina, uma boca extremamente firme e olhos negros que trespassavam qualquer pessoa, expondo-a como aquilo que verdadeiramente era. Não se tratava do tipo de homem a quem se mentisse nem era uma pessoa complacente. Quem provocasse a sua faceta menos sensata, desejaria nunca o ter feito. Carmine gostava do novo capitão e esperava que ele mostrasse suficiente flexibilidade para separar as ovelhas dos lobos sem muito esforço. Era preciso não esquecer que Vasquez investia

54

quase tudo nesta nomeação, já que se tratava virtualmente do seu primeiro posto de comando autocrático; se não fosse bem-sucedido, a sua carreira definharia inevitavelmente.

Grandes mudanças se avizinhavam, e imediatas, anunciou o capitão Vasquez. Para começar, a confortável sala de sargentos deixaria de existir. No futuro, pausas mais curtas do que os intervalos para refeições só seriam aceites nas áreas onde cada agente estivesse de serviço, e as refeições deveriam ser tomadas na cantina do pessoal ou fora do edifício. Deixaria de haver posições vitalícias não oficiais. Doravante, estabelecer-se-ia uma rotação inflexível de todas as tarefas; mesmo os polícias mais graduados teriam de trabalhar no balcão de atendimento, nos registos, nos calabouços, nas celas, nas rondas, na patrulha de trânsito, enfim, a miríade de funções que os agentes uniformizados desempenhavam. Joey Tasco já estava afastado do seu tão amado balcão e Mark Cerutti já não fazia rondas, e a revolução ainda era apenas uma pequena nuvem de tempestade no horizonte; ambos os homens tinham sido relegados para tarefas de igual responsabilidade que tiveram de aprender arduamente para não perderem a face. Algumas das mudanças visavam de forma perspicaz os agentes mais jovens, subitamente encarregados de trabalhos que já tinham perdido a esperança de alguma vez conseguir. De certa forma, era uma ação equilibrada: por cada chefe antigo despromovido havia um jovem chefe que era promovido. Isto porque o capitão, assim que foi nomeado, requisitara cópias dos ficheiros do pessoal, e assim, quando tomou posse, tinha bem presentes na sua mente cada um dos seus mais de duzentos homens. Sim, disse ele jovialmente, seriam cometidos erros.

- Mas não em relação aos velhos matreiros, porque esses precisam de um

abanão. Os erros surgirão com os homens mais novos em progressão de carreira. Só através do desempenho do cargo poderei saber se a minha aposta foi certa.

Depois de ouvir Fernando durante uma hora, Carmine sentiu-se mais animado. Que importância tinham os seus problemas comparados com os daquele homem com um grupo tão grande de homens sob o seu comando?

- O que é que te consome, Carmine? - perguntou de repente Silvestri.

55

Carmine pestanejou.

Não sabia que era assim tão óbvio, John.

- Já te conheço há muito tempo. Desembucha.

O Corey Marshall não está a cumprir os objetivos.

O que é uma pena, mas não me surpreende.

Escolhi a abordagem errada ao colocá-lo a ele e ao Abe tão rapidamente nos seus novos postos - disse Carmine, sombrio. - Estava mesmo convencido de que, depois de um período de tutela em relação às questões básicas, seria melhor deixá-los encontrar o seu próprio caminho. Funcionou com o Abe, mas não com o Corey.

- Em que áreas? - interessou-se Fernando.

- Organização, incluindo a papelada necessária. Tirando o Buzz Genovese, os relatórios da equipa do Corey são lamentáveis. Por exemplo, o mês passado houve um homicídio de uma prostituta relacionado com droga, ocorrido nas traseiras da Câmara Municipal... antes de o Buzz estar connosco. Foi o próprio Corey a tratar do assunto, mas, se daqui a trinta anos eu fosse um polícia a querer achar o fio à meada, não conseguiria fazê-lo. Não tirou fotografias suficientes e a descrição da cena do crime metia dó. Insisti com ele acerca disso, mas nunca se deu ao trabalho de melhorar o relatório. Há muitos casos do Corey tratados desta maneira.

- Ele dá alguma justificação? - perguntou Silvestri.

- Claro. Diz que não é suficientemente importante para merecer o tempo gasto a redigir um relatório, coisa que faria caso se tratasse de um caso interessante.

Fernando suspirou.

- Ah! É um homem de exclusivos.

- Como assim?

- O seu tenente não gosta de casos triviais, quer glamour.

- Exatamente - disse Carmine, confirmando com a cabeça, Além disso, também não aprecia qualquer tipo de rotina, o que tem como resultado registos de horas feitos às três pancadas e um relacionamento pouco cordial com os membros da sua equipa.

- Não, acredite se quiser, mas ele dá-se bem com a rotina. Há quanto tempo trabalha para si?

- Cinco anos.

56

- Logo, dá-se bem com a rotina, senão você não o teria aturado durante cinco minutos, quanto mais cinco anos. Ele quer casos exclusivos, não ninharias, e quase aposto que pensa que os casos do Carmine são muito melhores do que os dele. Mas está apenas a arranjar achas para a sua própria fogueira... quem é que anda a azucrinar-lhe os ouvidos?

- A mulher - responderam Carmine e Silvestri em uníssono.

- Isso torna a coisa complicada.

- Bem-vindo ao Departamento de Polícia de Holloman - disse Silvestri com um sorriso largo. - É o problema das cidades pequenas. Ninguém consegue guardar um segredo. Dentro de seis meses, Fernando, verá que a Netty Marciano também já o pôs na ordem.

Quando ele parou de rir, Carmine perguntou:

- É verdade que vai reorganizar a hierarquia da Divisão Uniformizada?

- A seu tempo, sim - respondeu prontamente Fernando. - Há demasiados sargentos entre os agentes, o que gera confusão... quem é o mais graduado, e por aí fora. Não há pressa, senhor comissário. Há de acontecer quando eu estiver pronto. - Esticou-se com uma certa volúpia. - E os Detetives também estão sobrecarregados com chefias. O único defeito da polícia de Holloman é ter falta de subalternos. Basicamente, os vossos tenentes fazem o mesmo trabalho que os membros da equipa, Carmine. A sua divisão parece ter sido estruturada por alguém que considerava o trabalho burocrático como um terrível lamaçal.

- Foi o Johnny Catano - disse Silvestri. - Exerceu as funções de comandante durante anos, mas nunca chegou a capitão. Era da opinião de que cada equipa de três homens devia ser liderada por um tenente, sendo ele o mais graduado. O Carmine foi o primeiro a ser nomeado como capitão em 1966, mais como um agradecimento do que como resultado de qualquer mudança estrutural.

- Tanto eu como o senhor comissário estamos bem conscientes de que existem postos de chefia a mais, mas não é fácil resolver a situação - disse Carmine. - Mas conte mais sobre as suas mudanças, Fernando.

57

Quero três tenentes, que serão promovidos entre os sargentos.

preciso de um executivo, Carmine, para não ser obrigado a desperdiçar o meu tempo com... papelada. Fui aqui colocado para preparar este departamento de polícia para os tempos tumultuosos que se avizinham. Dois homicídios em três meses é uma coisa aterradora... não podemos deixar que isso aconteça outra vez.

Ah! Daí a rotação de homens como o Joey Tasco e o Mike

Cerutti. Seguindo a velha tradição, eles já teriam sido passados à classe dos oficiais, mas há anos que o Joey não sai do balcão de atendimento e há anos também que o Mike não faz outra coisa senão rondas. Esplêndida ideia. Quando tiver de nomear os seus novos tenentes, já saberá quais os homens mais indicados.

- É o que eu penso.

- Tem razão quanto aos tempos tumultuosos - continuou Carmine. - Tive de encarregar o Corey e a sua equipa de um caso que gostaria de ser eu próprio a tratar... será que isso é motivo de censura para mim ou para o Corey? Não para mim, acho. O diretor da Taft High descobriu um esconderijo de armas de fogo no ginásio. Já os prendemos, mas os miúdos recusam-se a falar e não sabemos porque foi escolhido aquele sítio para esconder armas. Ambas as escolas secundárias, tanto a Taft como a Travis, têm seguidores do Mohammed el Nesr e da sua Brigada Negra entre os seus estudantes, mas o Mohammed nega perentoriamente que a Brigada Negra esteja de alguma forma envolvida.

- O tenente Marshall deve dar conta do recado - disse Fernando. - É um caso potencialmente mediático e é indiscutivelmente importante. O que estava no esconderijo?

- O relatório chegará à sua secretária, mas é assustador. Vinte pistolas semiautomáticas de calibre quarenta e cinco e dez de calibre vinte e dois, bem como carregadores de reserva. Podia ter morrido muita gente.

Silvestri fez o sinal da cruz.

- Felizmente para nós, os diretores das nossas escolas secundárias estão atentos. Se não é a Brigada Negra que está por trás disso, então quem é? Não é o género de armas a que estudantes do ensino secundário tenham acesso, e não fazem parte de nenhuma coleção de qualquer encarregado de educação. Trata-se de um arsenal e não de

58

um amontoado de armas variadas. Apenas calibres quarenta e cinco e vinte e dois, todas do mesmo lote e modelo.

- O seu potencial como armas automáticas é que me preocupa

- disse Carmine.

- Puxe-lhes as orelhas, Carmine, incluindo ao Corey.

- De facto, é um caso apropriado para ele, se seguir os procedimentos devidos. O que mais me preocupa é aquilo que ele não anda

a escrever...

Carmine dedicou parte daquela sexta-feira a conduzir por Carew e a ver as casas que pertenciam às vítimas de violação e aos Cavalheiros Vigilantes. Porque teria Nick uma antipatia tão forte por Helen? Não deixava escapar uma oportunidade para a espicaçar.

Helen fora certa ao afirmar que a casa de Kurt von Fahlendorf era a mais bonita do bairro. Tratava-se de uma construção de madeira anterior à Guerra da Independência, com um alpendre de colunas, enquadrada em meio hectare de jardins muito bem tratados; uma espreitadela às traseiras revelou uma passagem ventosa que ligava o edifício principal àquilo que, noutros tempos, seria o anexo da cozinha. Agora, provavelmente, era a casa de hóspedes; com a família a residir na Alemanha Federal, tornava-se fulcral dispor de espaço para os acomodar. “Definitivamente, o tipo tem dinheiro”, concluiu Carmine, “com a casa que tem e o que deve pagar ao jardineiro...”

Um homem chamado Dave Feinman vivia numa pequena moradia em Curzon Close, apenas duas portas abaixo da residência de Kurt von Fahlendorf. Era viúvo e estava registado como técnico de estatísticas aposentado a trabalhar por conta própria, aceitando ainda ocasionais propostas de trabalho. Mason Novak, o químico inorgânico que Mark Sugarman considerava a alma dos Cavalheiros Vigilantes, residia igualmente numa pequena moradia de bom gosto em Curzon Close, logo a seguir à esquina com a Spruce Street.

Todos os membros dos Cavalheiros Vigilantes pareciam estar bem na vida e praticamente nem um era casado ou vivia com uma mulher. Provavelmente, porque as esposas não gostariam que os seus maridos andassem a patrulhar as ruas em proveito de outras mulheres quando tinham em casa uma esposa à espera. No seu íntimo, Carmine achava

59

que o motivo para haver em Carew 146 homens descomprometidos se prendia com a existência na cidade de hordas de mulheres jovens. Carew era um terreno fértil para um género de homem em particular: um cavalheiro. Ora, além disso, que mais eram os Cavalheiros Vigilantes?

Arnold Hedberg, um professor de história no Instituto Superior de East Holloman, à beira dos quarenta anos, vivia no primeiro andar de um prédio de

três pisos na Oak Lane, do qual era proprietário, sem hipotecas. Mike Donahue, um canalizador dono de um negócio próspero, com trinta e um anos, era ainda bastante novo para viver num bloco de apartamentos do qual também era proprietário, embora esse, sim, tivesse uma hipoteca. Havia bastantes mulheres entre os seus inquilinos, mas nenhuma tinha sido alvo do Dodó. Gregory Pendleton, com quarenta e cinco anos, era assistente do procurador público; ocupava o sexto e último piso de um prédio na State Street, igualmente sua propriedade. Bill Mitski era outro que residia numa moradia própria; tinha uma empresa de contabilidade que se especializara na área das tributações fiscais. E outros, e outros... Havia poucos Cavalheiros Vigilantes que fossem celibatários genuínos. Muitos deles pareciam homens que tinham sofrido profundamente com o processo judicial de divórcio, e gato escaldado de água fria tem medo. Sugarman, Mitski, Novak e Von Fahlendorf descreveram-se a si próprios como “solteiros”... o que não significava que não andassem com mais esposas a reboque do que o Barba Azul. Desde que o divórcio vá para a frente, um homem é legalmente solteiro.

Após ponderar, Carmine decidiu que toda a sua equipa, incluindo Helen, deveria acompanhá-lo à reunião dos Cavalheiros Vigilantes, que seria realizada às seis horas desse dia no sétimo andar da Ala Susskind de Ciência, no campus da Chubb’s Science Hill. Este era o projeto em que Henry Blackburn mais tinha investido, a menina dos seus olhos, e era um bom projeto. Nomeado presidente da Chubb logo a seguir à Segunda Guerra Mundial, Blackburn apoderara-se de doze hectares dos terrenos da Chubb na Cedar Street, a leste do rio Green, encarregando a Escola de Arquitetura da universidade de transformar a área num campus da ciência. Tanto a Ala Burke de Biologia como

60

a Ala Susskind de Ciência só tinham sido construídas em 1960, mas havia uma série de edifícios mais pequenos espalhados em seu redor, bem como a pirâmide truncada e coberta de erva que era o laboratório de física, onde todo o trabalho se desenrolava no subsolo num ambiente refrigerado e filtrado. No que tocava ao Comité para o Desarmamento Nuclear, o facto de o local estar coberto de erva era uma perpétua frustração; como não tinham onde pintar a sigla do seu movimento, contentavam-se em desfilar munidos de cartazes onde se lia

“ABAIXO A BOMBA”.

Tendo tomado conhecimento das notícias largamente difundidas acerca da violação de Maggie Drummond, todos os membros dos Cavalheiros Vigilantes compareceram na reunião, que Carmine achou ideal para um observador que se instalasse na tribuna, já que todos os rostos eram bem visíveis ao longo das filas em curva de cadeiras do anfiteatro.

Delia e Helen sentaram-se na tribuna, com Mark Sugarman de um lado e Carmine e Nick do outro. Todos os presentes fixavam-nos duramente, principalmente a Helen, que pelos vistos era conhecida de muitos deles. “Provavelmente”, pensou Delia, “duas mulheres e um negro não têm muito aspeto de polícias.”

Mark Sugarman deu início à reunião.

- Estou certo de que todos sabem que a Maggie Drummond foi violada, mas o que não sabem é que mais seis raparigas apresentaram igualmente queixa... não vou mencionar nomes, mas alguns de vós podem facilmente imaginar quem são. Encontramo-nos aqui hoje para conhecermos as autoridades encarregadas do caso, para responder às suas perguntas e para fazer perguntas.

Enquanto apresentava Carmine e a sua equipa, os olhos de Carmine não pararam de percorrer a assembleia. Facilmente se percebia quem era Mason Novak e qual deles era Kurt von Fahlendorf; encontravam-se na fila da frente, na companhia de um tipo muito idoso, o género de indivíduo a que Carmine chamava janota... um pouco como William Powell, a estrela de cinema dos anos trinta, até ao pormenor do bigodinho.

Kurt von Fahlendorf era uma estampa aos olhos de qualquer pessoa. com um metro e oitenta e um ótimo físico, tinha aquela boa

61

aparência nórdica que um fanático por mitos teutónicos poderia associar a Siegfried. O seu cabelo curto era tão louro que brilhava como se tratasse de geada... obviamente, não era adepto dos cabelos compridos à Beatles tão na moda! Os olhos eram do mesmo tom azul gelado dos de Desdémona e tinha feições extremamente bem definidas, incluindo as pronunciadas maçãs do rosto, pelo que não era difícil imaginá-lo com um boné de general da Wehrmacht na

cabeça. Era estranho, mas Carmine não o associava à Gestapo. Talvez por ter ouvido Helen falar dos nobres prussianos? Para ele, Kurt von Fahlendorf era um homem frio, mas de forma científica; os olhos revelavam uma inteligência extrema mas distante, ao contrário dos de Mason Novak, sentado ao seu lado. Este era um homem apaixonado, aproximadamente com o mesmo físico e altura de Von Fahlendorf, embora com um tom de pele mais acobreado e um rosto que, provavelmente, a maioria das mulheres teria preferido ao semblante do prussiano; apesar de certas irregularidades faciais, Mason era intensamente atraente. A alma dos Cavalheiros Vigilantes? Sim, parecia sê-lo, de facto. A forma como ele e Kurt estavam sentados mostrava bem a forte amizade que os ligava com base numa confiança mútua, o que revelava muito acerca de ambos. Era pouco provável que algum deles fosse o Dodó.

Então, Mark pediu a cada membro que se erguesse e dissesse o nome; depois de andar às voltas por Carew e de consultar cadastros, isto era um bónus com que Carmine não tinha contado. Imaginara que seria obrigado a pedir as identificações, o que teria levado a reunião para um terreno diferente, bem mais adverso. Sugarman era um bom tipo.

Feinman era um homem vigoroso de sessenta e oito anos, em forma e atraente: provavelmente, não tinha quaisquer dificuldades em cativar o sexo oposto. Arnold Hedberg parecia consciencioso, Mike Donahue comportava-se como se fosse fazer escalada por prazer, Gregory Pendleton revelava-se sombriamente bem-parecido e Bill Mitski era um homem “dourado” - cabelo, olhos, pele.

Todos tinham em comum uma notável boa forma física e nenhum

era de estatura baixa, talvez porque homens mais baixos não conseguiam manter o ritmo das passadas de homens com pernas mais longas: a altura de um homem estava nas pernas, não no tronco.

62

- As nossas patrulhas caracterizam-se por uma grande camaradagem, porque as fazemos sempre com os mesmos companheiros disse Dave, o janota.

- Fazem escalas para todos os membros? - perguntou Delia. “,

- Exato, noite sim, noite não, custe o que custar - respondeu Sugarman. - Agrupamo-nos em vinte e quatro trios, com dois homens de reserva. Tal como

disse o Dave, cada trio é composto sempre pelos mesmos homens. Cada um foi escolhendo as suas companhias ao longo das primeiras seis semanas, e desde aí nada mudou. Portanto, não há noite em que o bairro não esteja saturado de vigilantes. Por isso é que não entendemos como é que ele nos escapou.

- Porque vocês patrulham à hora errada, senhor Sugarman disse Nick. - Ele começa bem mais cedo. Quando os senhores saem para a rua, já ele penetrou no seu local de eleição.

- Pois sim, mas depois tem de sair!

- Se ele fosse um violador vulgar, o senhor teria razão: o tipo sairia do local durante as vossas patrulhas. Infelizmente, ele faz a coisa durar a noite toda - disse Nick. - Em vez de atacar e desaparecer rapidamente, ele deixa-se estar... e viola múltiplas vezes... durante cerca de quatro horas. Logo, já está onde quer quando os senhores saem e só se põe ao fresco muito depois de terem ido para as vossas casas.

- Somos uns inúteis! - exclamou Mason Novak, com a voz a quebrar-se.

- Não, inúteis não são - disse Carmine num tom forte e confiante. - Pensem naquilo que já fizeram! Enquanto patrulham as ruas, as mulheres de Carew sentem-se mais seguras quando saem de casa. Procederam à detenção de três potenciais violadores. Enquanto apreciarem o exercício, continuem. As vossas atividades podem não afetar o Dodó, mas apesar de tudo tornam Carew uma cidade mais segura.

Isto fê-los sentirem-se um pouco melhor; começaram a endireitar-se nas cadeiras, a murmurar entre eles.

- Portanto, saturam o bairro entre as seis e as sete e meia da tarde - disse Delia -, que é um período particularmente importante agora que os dias vão ficando mais curtos. Alguma vez as mulheres se aproximaram dos senhores para que as acompanhassem?

- Nos últimos dias, sim - disse Gregory Pendleton.

63

É algo que tenderá a aumentar - comentou Carmine. -

Acreditem no que vos digo: as mulheres de Carew estão gratas pela existência dos Cavalheiros Vigilantes.

Há alguma coisa que possamos fazer para melhorar a nossa técnica? - perguntou Mark Sugarman.

Podiam dividir o horário em dois turnos, sendo o segundo das sete e meia às nove, mas isso não iria afetar o Dodó.

É isso que a polícia lhe chama? - perguntou Bill Mitski.

- É o que ele chama a si próprio. Didus ineptus. A antiga designação latina para o dodó. Nós ficamo-nos pelo termo atual, dodó.

Mason Novak fez uma careta de desgosto.

- Os meios de comunicação vão adorar isso.

- É verdade, mas pode trazer-nos algumas vantagens, senhor Novak. Uma vez que o nome fica no ouvido, iremos ter publicidade quando de facto precisamos dela. Talvez seja essa a razão para o Dodó ter escolhido semelhante nome.

- Mas também ele vai ter publicidade - disse Arnold Hedberg.

- Se quer dizer com isso que o Dodó anda à caça de publicidade, está errado - disse Carmine, debatendo-se para se lembrar do nome do homem. - Dedicou-se ao seu ofício em segredo absoluto durante praticamente sete meses, o que torna claro que não pretende publicidade. A Maggie Drummond foi um erro, professor Hedberg, mas ele não tinha maneira de saber que ela era corajosa. Não conseguiu mantê-la calada através de ameaças. Agora a polícia está a par das suas atividades e as suas vítimas anteriores ganharam a coragem necessária para falarem. A vida está a tornar-se complicada para o Dodó.

- Devemos dissolver o clube? - perguntou Mason Novak, que ficara desanimado.

Carmine pareceu surpreendido.

- Mas porque havia a polícia de querer dissolver um clube de cavalheiros

vigilantes? Não acabei de mencionar o bom trabalho que têm feito? Não quero ouvir mais conversas sobre dissoluções, por favor. “Este tipo é mercuriano”, ia pensando Carmine enquanto pronunciava aquelas palavras de lisonja. “É bastante inconstante, mas felizmente o Sugarman sabe disso e consegue controlá-lo.”

Voltou a falar alto, mas agora num tom diferente, austero, ameaçador, expressivo.

64

- Meus senhores, preciso que todos se lembrem de uma coisa: o Dodó não é um voyeur, um ladrão de roupa interior ou um mero molestador. É como se fosse o leão dos predadores sexuais - astuto, atento a tudo, inovador e, além disso, silencioso. Esconde muito mais do que aquilo que está à vista. É o tipo de homem que os colegas, amigos e conhecidos dificilmente associariam a violação, tortura e assassinio. Não digo que devam começar a olhar para cada pessoa de forma diferente, afirmo apenas que mais tarde ou mais cedo este pássaro extinto será abatido por qualquer pequeno erro. Se detetarem alguma contradição em alguém que conheçam, qualquer coisa que simplesmente não faça sentido, falem connosco.

- Quando é que podemos ver a Maggie? - perguntou Arnold Hedberg.

- Vai demorar um certo tempo. Vamos pô-la sob proteção domiciliária. Não pensamos que corra um perigo real - disse Delia, que naquela noite se assemelhava a um poste de barbearia, com listas diagonais vermelhas e brancas - , mas mais vale não correr riscos.

- A Escola Clínica da Chubb tem uma das melhores psiquiatras na área da violação em todo o mundo, a doutora Liz Meyers - disse Carmine enquanto a assembleia dispersava -, que será a orientadora de uma clínica especial para as vítimas do Dodó.

Kurt esperou que Helen descesse da tribuna.

- Não contava ver-te - disse ele, colocando-se ao seu lado à medida que a multidão se encaminhava para a saída.

- Uma vez que faço parte da equipa de detetives do capitão, porque não estaria

aqui? - perguntou ela, desanimada.

Era o momento errado para Kurt reclamar o seu direito de posse... ainda por cima em frente de todos aqueles homens! De qualquer maneira, era um gato, isso nem se discutia; impecavelmente bem-educado, a sua gentileza era algo que ele não precisava de provar depois de oito meses de namoro; por outro lado, o seu génio aliava-se a uma qualidade rara: Kurt conseguia pôr-se ao nível de um leigo sem o mínimo esforço. Para Helen, o que mais lhe custava admitir era que amava

65

Kurt pelo respeito que ele sentia por ela. Até agora, ainda não o convidara para a sua cama, o que ele apreciava genuinamente. Porquê? Porque Kurt andava à procura de uma esposa e não de uma amante; bastava que os seus encontros acabassem com alguns beijos e deliciosas carícias sem que avançassem para outro nível, e isso parecia agradar a ambos. Ele achava que ela era casta. Ela achava que a busca dele por uma esposa casta era extremamente conveniente. Dar com os pés em namorados carinhosos não era de todo o passatempo preferido de Helen.

- Não devias envolver-te nesta investigação - disse ele num tom de censura. - Este Dodó pode ver-te.

- Oh, Kurt, com franqueza! Vivo num apartamento cheio de segurança, não no último andar de um prédio qualquer - disse ela, exasperada. - Sou polícia! Mais ainda, sou uma polícia profissional que terminou em primeiro lugar a academia do Departamento de Polícia de Nova Iorque. O Dodó não é assim tão estúpido. Como todos os predadores, anda no encalço de presas que consegue controlar. E eu asseguro-te, em nome do teu rígido deus luterano, que ele não conseguiria controlar-me.

- Não invoques o nome de Deus em vão! - disse ele, horrorizado.

- Ora, deixa-te de disparates! - disse ela, rindo do seu ar solene. Mesmo atrás deles, iam Carmine e Nick acompanhados de Mason

Novak, e atrás destes caminhavam Bill Mitski, Mark Sugarman e Greg Pendleton.

- O senhor era amigo da Shirley Constable, não era? - perguntou Nick a Mason Novak.

- Sim.

- Fale com a Delia Carstairs daqui a uns cinco dias, que ela então já poderá aconselhá-lo.

- Tenho a impressão de que a Shirley se retraiu de tal forma que já não pode ser salva - disse Mason com pesar.

- Muito pessimista, senhor Novak. Olhe que temos visto a doutora Liz Meyers em ação, e digo-lhe que ela é mesmo muito boa.

66

Tal como muitos presentes, Didus ineptus ouviu esta conversa e, embora em silêncio, rangeu os dentes. Se não pudesse usufruir de todas as vantagens que esta associação de homens proporcionava, não havia qualquer vantagem em pertencer aos Cavalheiros Vigilantes. Não fora dos primeiros a ingressar nas suas fileiras, mas também não tinha sido dos últimos; no meio é que estava a virtude, porque no meio tudo se confunde, tudo se amontoa.

“Devia ter matado a Maggie Drummond”, estava ele a pensar. “Qual é a diferença entre ser detetado graças a uma mulher demasiado estúpida para ficar bem caladinha ou pela descoberta do seu cadáver? Seria preferível o cadáver, mas agora é tarde de mais. Por tê-la deixado viver é que a polícia agora sabe de mim e dos meus métodos. Proteção domiciliária, hem? Está em segurança. Avança, Didus Ineptus!” Maggie Drummond reconheceu o nome e também a taxonomia. Será que a polícia o achava assim tão ignorante que não soubesse do *Raphus cucullatus*? O capitão italo-americano era instruído e inteligente, mas seria suficientemente arguto? Porque era preciso ser muito arguto para desenredar todos os fios que envolviam e sustentavam o Dodó.

No fundo, ele soubera que Maggie Drummond só traria problemas, mas tivera de possuí-la. Que pescoço glorioso! Longo e delgado, arqueado como o pescoço de um cisne. O único na sua lista que ele conseguiu estrangular primeiro... todos os outros se desvaneceram. Sim, sim, ela só trazia problemas! Porém, ao deixá-la viva, podia sempre voltar para uma segunda visita, fazer tudo uma vez mais. E, então, apertar-lhe a garganta até à morte.

Sempre que se tinham encontrado, antipatizara profundamente com ela, sentimento que as conversas travadas entre ambos revelara ser recíproco. E ele então lutara contra o seu pássaro extinto, uma luta feroz. Mas foi este último que ganhou e agora a polícia sabia tudo acerca dele. Não, não tudo. Mas mesmo assim demasiado.

Acenando e dando recados, entrou no seu carro e conduziu pela Cedar Street até Carew.

Foi um Kurt von Fahlendorf desapontado e de mau humor que virou no pequeno caminho sem saída de Curzon Glose, guardando

67

o seu Porsche preto na garagem. Depois de se certificar de que a porta elétrica se fechara por completo, em vez de se dirigir para casa, encaminhou-se para uma zona da berma do passeio onde um intervalo entre as árvores permitia ver o céu noturno. Que beleza! Contudo, teve de reconhecer que era uma beleza inferior à dos céus do hemisfério sul, despidos de iluminação humana e exibindo toda a panóplia etérea da Via Láctea. Quando se licenciara em ciências, debatera-se com uma decisão: deveria seguir astrofísica ou física das partículas?

Apetecera-lhe naquela noite levar Helen ao Motown Café para um copo e um pé de dança, mas ela não quisera; aquele seu deplorável trabalho de detetive começava a tomar-lhe conta dos tempos livres. Porém, se se pusesse a contemplar o céu estrelado durante alguns minutos em paz e sossego, acabaria por perdoá-la. Perdoava-lhe sempre.

- A contemplar as estrelas, Kurt? - perguntou uma voz. Oh, não! Os Warburton.

- Depois de passar todo o dia e toda a tarde num subterrâneo ou debaixo de teto, as estrelas que vão surgindo no céu de inverno sabem-me melhor do que uma taça de Moët - respondeu ele, sem dar mostras do seu aborrecimento. Se os Warburton se pusessem a tirar nabos da púcara, nunca mais se iriam embora.

- Esta noite não se patrulha?

- A esta hora? Não, houve uma reunião. Porque não te juntas a nós, Robbie?

Ouviu-se uma gargalhada meio relinchada, curiosamente amplificada; Gordie

também estava ali... claro, quando é que não estava?

- Querido! - exclamou Gordie, colocando-se sob a luz do candeeiro. - Tanta seriedade teutónica! Eu e o Robbie fazemos tanta falta aos Cavalheiros Vigilantes como a Dame Margot Fonteyn.

Kurt não conseguiu evitar o movimento do seu lábio, que se ergueu com desdém.

- Tens razão - disse ele, revelando apenas um ligeiro resquício de pronúncia. - Amanhã mesmo falo com a Margot Fonteyn.

- Onde está a Helen? - perguntou Robbie com malícia.

- Na esquadra. Esta noite está de serviço.

68

- Oh, meu Deus! - disse Gordie. - Uma carinha de capa de revista, sangue azul, e a cabecinha metida nos esgotos de Holloman.

Quando os punhos de Kurt se cerravam, tornava-se evidente que as suas mãos eram grandes; ele cerrou os punhos.

- Retira o que disseste, verme, ou ainda te enfio a cabeça do Robbie pelo cu acima!

Os gémeos recuaram cobardemente, apenas meio amedrontados porque era essa a sua maneira de ser: puxavam pelo rabo do gato e depois punham-se a milhas das suas garras.

- Parvo! - exclamou Robbie. - Se o teu inglês fosse um pouco mais coloquial, perceberias que o que ele disse foi uma piada inteligente.

- O tanas é que foi - disse Kurt, mostrando que conseguia ser bastante coloquial. Virou-lhes as costas e foi-se embora.

Os gémeos observaram-no enquanto se afastava, olhando com satisfação um para o outro.

- É tão suscetível - comentou Robbie, envolvendo Gordie pela cintura e tomando

o caminho da casa de ambos.

- Nunca gostei muito de prussianos - disse Gordie.

- E quantos conheceste, doçura?

- Só o Kurt.

- Dizem que é riquíssimo. Oh, e aquela cara! É de morrer. Porque não nos deu a mãe natureza a cara do Kurt?

- As nossas caras estão muito bem, vão com o nosso estilo respondeu Gordie. - Nós temos plasticidade! O Kurt tem o rosto de uma estátua de mármore.

- Lá isso é verdade. Dizem que o papá dele é dono de uma fábrica enorme.

- Qual foi o passarinho que te disse isso? - perguntou Gordie.

- Foi a Babs, a empregada do restaurante do Joey.

- Há alguma coisa que a Babs não saiba?

- A identidade do sujeito que a WRHM e o Holloman News chamam Dodó.

- Uma ave muito desagradável. - Gordie estremeceu. Transpuseram juntos a porta envernizada a vermelho da sua casa

e desembaraçaram-se dos casacos: um cinzento-escuro, o de Robbie, outro num tom cru, o de Gordie.

69

Escuro... claro... escuro... claro... escuro... claro... - cantarolou

Gordie, saltando com ligeireza de um ladrilho preto para outro branco do chão axadrezado, mais parecendo a caricatura de uma criança grande.

Fica com os brancos - disse Robbie, pulando para cima de um ladrilho preto.

Claro! - disse Gordie, posicionando-se num ladrilho branco.

- Escuro!

- Claro!

- Escuro!

- Claro!

E com isto terminaram a sua dança, pois tinham chegado junto à porta da sala de estar, deparando-se com o tapete com motivos geométricos disparatados a preto e branco. Rindo, caíram pesadamente nas respectivas poltronas, Gordie numa branca e Robbie numa preta, ambos sem fôlego e contentes.

- Achas que já é altura de dizermos à tia Amanda onde estamos?

- perguntou Gordie.

- Tem paciência, gemeozinho, tem paciência.

- O nosso cheque será enviado para San Diego, e sabes bem que estamos a alugar a casa a estranhos. E se nos roubam a prenda?

Porém, os pensamentos de Robbie estavam ainda focados no vizinho.

“Era uma vez um professor chamado Kurt

Que usava uma camisa cor de plutónio;

Uma nuvem em forma de cogumelo

Convencia Kurt de que era belo

Mas a vestimenta revelou-se longe do estado inerte.”

- Muito bem, Robbie! Adoro os teus versos.

- com efeito, as vítimas do Dodó têm uma coisa em comum disse Delia na segunda-feira seguinte, último dia do mês.

- Desenvolve - disse Carmine.

70

- Nenhuma das sete vítimas tem um emprego que eu classificaria de subalterno, embora haja vários milhares de mulheres de Carew com empregos subalternos. A Shirley é arquivista... o que é extremamente raro nessa área. A Mercedes é desigmr de moda, mas não daquelas que ainda se esforçam por ganhar um lugar no meio; é a responsável pelas criações dessa famosa boutique, a Cobweb. A Leonie é uma matemática brilhante e trabalha na Chubb, rodeada por homens que a consideram um pouco extravagante. A Esther experimentou uma breve trajetória pelo Instituto Superior de East Holloman como professora dos aspetos mais esotéricos do comércio... aparentemente, a sua competência enquanto docente era extraordinária. A Marilyn, para mim, é aquela que teve menos sorte, pois na altura deveria estar nas escavações em Alberta... teve de regressar inesperadamente. Não, o Dodó não lhe mandou quaisquer mensagens enganadoras, a razão do regresso era genuína. A Natalie é a responsável pelas compras de vestuário feminino para os armazéns da Huxley. Uma vez que tem um instinto infalível quanto ao que as mulheres irão querer vestir no futuro próximo, a Huxley está a notar bastante a sua falta. E a Maggie, como sabemos, é uma fisióloga de aves na Chubb, uma façanha considerável - concluiu Delia.

- É uma lista impressionante, mesmo estando nós em 1968 disse Helen, tomando a deixa de Delia. - Revela-nos que o Dodó está bem ciente das profissões das suas vítimas. É um snobe intelectual, o que nos leva a supor que empregadas de escritório, trabalhadoras do setor da hotelaria e mulheres de limpezas estejam a salvo. E também estudantes universitárias. Até agora, todas as suas vítimas têm idade suficiente para já terem no currículo, pelo menos, um doutoramento.

- Como é que ele descobre as profissões delas? - perguntou Carmine, franzindo o sobrolho. - Está ali uma lista dos Cavalheiros Vigilantes e das suas ocupações, mas o máximo que o Sugarman faz com mulheres é pô-las na sua lista para a próxima festa. Helen, ficas encarregada de verificar quantas delas figuram nas listas das festas do Sugarman. Não podemos ficar à espera que o Mason Novak nos dê essa informação, é demasiado desorganizado.

- Tem de ser organizado no emprego - disse Delia.

71

Tens razão, é obrigado a isso. Mas os Cavalheiros Vigilantes, lá

porque vêem uma rapariga a deambular pelas ruas de Carew, não fazem ideia se ela é doutorada ou empregada de escritório. O Dodó deve averiguar isso de forma mais radical, através de múltiplos assaltos a residências. O espaço onde uma mulher habita diz-lhe tudo. Mas isso aumenta o perigo de ser descoberto.

As empregadas de escritório não andam com pastas pesadas -

disse Nick.

- Não, acho que o Dodó tem acesso a algum tipo de registos. Aquilo que me intriga são as vítimas sem graus académicos - disse Delia. - Duas, uma designer de moda e uma responsável pelas compras de vestuário. Ambas na área da moda feminina, mas sem estarem de facto relacionadas. Como é que se averigam esses casos?

- Aproximas-te delas numa loja e perguntas diretamente, com um sorriso encantador... - disse Nick, meio a brincar.

- Ele é um snobe sob todos os aspetos - interveio Helen, cansada de Nick. - Não utiliza qualquer objeto estranho durante as suas violações, excetuando talvez os punhos, mas estes fazem parte do seu corpo. Despertou-nos a atenção, a mim e à Delia, o facto de os confrontos mais duros entre o Dodó e as suas vítimas ocorrerem antes de ele as calçar com meias e de lhes cortar as unhas. Pensamos que é uma maneira de ele se precaver para o resto da noite, caso ele próprio se sinta um pouco sem forças. Essas enormes e longas ereções devem ter um custo elevado. Quero dizer, o sexo dá prazer, mas também é algo que tem de ser trabalhado, especialmente no caso dos homens.

- Já se sabe mais alguma coisa acerca dos livros? Parece-me estranho que as vítimas não se lembrem de um só título - disse Carmine.

“Que forma tão conveniente de mudar de assunto”, pensou Helen. “Viu que a minha franqueza pôs o Nick pouco à vontade, e lá vai o chefe em socorro do camarada.”

Foi Delia quem respondeu:

- A biblioteca mais pequena tinha trezentos livros e todas elas incluem pelo

menos uma centena de romances. A maioria dos romances eram edições antigas, lidas há muitos anos. Qualquer das vítimas poderia ter identificado um compêndio surripiado à sua biblioteca, mas

72

um romance antigo? Sabiam que tinha desaparecido um porque notaram um intervalo na estante onde antes não havia nenhum.

- Isso quer dizer que não era nenhum romance muito querido, como Mulherzinhas... a sua falta teria sido notada - disse Helen.

Carmine captou o brilho no olhar de Nick e adiantou-se:

- Calculo que tenhamos pouco mais de duas semanas até que o Dodó viole mais uma vez. Isto, claro, se mantiver o seu ciclo de três semanas.

Helen deu um salto, subitamente muito excitada.

- Capitão, e se eu fizer de isco? Talvez ele ataque. Carmine foi enfático ao abanar a cabeça.

- Não está a ser lógica, Helen. Este tipo não escolhe ao acaso, está a seguir uma lista já compilada por ele. Não é impossível que esteja nessa lista, mas nada o indica. Haveria de perceber que é polícia, e parece-me que essa não é uma profissão que ele considere merecedora da sua atenção. - Sorriu. - Desculpe, mas é um facto.

Ela acalmou-se.

- Sim, capitão, tem razão.

- Se o Dodó também for um cavalheiro vigilante - disse Delia, de forma prática - , então não poderá ser escalado para uma patrulha na noite escolhida para o ataque. Por isso, peguei em todas as escalas de serviço do Sugarman e analisei-as. - Esboçou um esgar, revelando batom nos dentes. - Nenhuma correlação, Carmine... nicles. Podia ter demorado menos meia hora a esquadrihar todas elas se o Mason Novak não fosse o autor de uma boa metade delas... muito desleixado! Mas não há ali nada, embora me pareça que nada é alguma coisa.

Carmine sorriu com ironia, de sobrancelhas bem erguidas.

- Então, quem é que tem um nada que possa ser alguma coisa, Delia?

- Sessenta e um nomes que nunca aparecem em noites do Dodó. No entanto, alguns são mais alguma coisa do que outros - disse Delia com um sorriso. - Refiro-me ao Mark Sugarman e aos seus dois companheiros... hum... Arnold Hedberg e Gregory Pendleton, e ao Kurt von Fahlendorf e o seu duo... o janota Dave Feinman e o Bill Mitski. A lista está na tua secretária. Queres que tente apurar álibis?

73

Por enquanto, não. Quando muito, são provas testemunhais

negativas, e os únicos sujeitos capazes de fornecer álibis são aqueles que mantêm um diário. Trabalha com as vítimas, elas confiam em ti.

- E eu? - perguntou Helen.

O seu horário estabelece que fique com o tenente Goldberg

e os assaltos à mão armada - respondeu Carmine num tom duro. É um caso que já se estendeu a todo o estado e encontra-se a ser seguido em Hartford, com o tenente Goldberg no comando; será com certeza uma experiência muito valiosa.

- E o senhor? - perguntou Helen, para logo a seguir morder o lábio: o tom fora demasiado insolente. Oh, malditos polícias mais os seus protocolos de estilo militar! Porque não podia uma pessoa perguntar?

Não ocorreu qualquer mudança na expressão de Carmine, embora Nick se mostrasse aborrecido.

- Eu tenho de me preocupar com os Três Grandes - disse ele num tom equilibrado. - O Sugarman, o Novak e o Von Fahlendorf.

- Oh, o Kurt é porreiro - disse Helen jovialmente.

- Ninguém é porreiro, menina Macintosh, até que eu o diga.

- Ui! - exclamou Nick, rindo. “É bem feito, sua cabra intrometida”, ppenhou.

74

A loja Glass Teddy Bear ficava bem visível depois de o Centro Comercial Busquash ter fechado as suas portas ornamentadas e antes de o temporizador apagar as luzes no interior do estabelecimento. Nenhum cliente perturbava o brilho de filas de delicados copos de vinho ou água, o lampejo de jarras em cristal lapidado, a cintilação de pratos transparentes, chávenas, pires, enfeites e pesa-papéis. Era como uma caverna cheia de pequenos focos e pontos de luz destacando-se de misteriosas sombras, efeito que era realçado porque tudo em segundo plano se encontrava pintado de preto ou coberto com panos pretos.

Tudo o resto empalidecia em contraste com o ursinho de vidro propriamente dito. Estava na montra, sentado numa caixa de veludo negro, completamente isolado, a brilhar como uma criatura marinha fosforescente. O seu corpo, pernas, braços e cabeça eram rechonchudos e sem cor, feitos de vidro tão imaculado que não se vislumbrava nem uma bolha de ar. As pernas estavam esticadas para a frente, com as almofadas das patas de um azul frio mas ao mesmo tempo acetinado, cada uma delas rodeada de pontos de costura num vidro raiado de tons mais escuros de azul. Um dos braços encontrava-se ligeiramente defronte do corpo; o outro estava estendido num apelo mudo. Cada um tinha a almofada da pata no mesmo azul frio e acetinado. As pequenas orelhas redondas eram orladas com vidro semelhante ao das almofadas das patas; o focinho consistia numa boca aberta num sorriso de contentamento, de um diâmetro exagerado, e nuns olhos que cintilavam, de um azul mais escuro. Embora a maior

75

arte do vidro não tivesse cor só por si, esta genuína obra de arte captava o azul das almofadas das patas, das orelhas e olhos, e tremeluzia

como se uma pálida chama azul invisível o tornasse incandescente.

O mais impressionante de tudo era o seu tamanho gigantesco: mais ou menos da envergadura de uma criança robusta de três ou quatro anos.

Embora até certo ponto a loja fosse iluminada pelas luzes do centro, as luzes interiores já tinham sido apagadas há cinco horas quando a floresta inalterável de pontinhos e focos de luz estremeceu, alguns deles apagaram-se, outros tornaram-

se mais ténues, outros permaneceram na mesma. A porta do corredor de serviço que dava acesso às traseiras da loja tinha sido aberta, e aberta ficou enquanto uma forma escura a atravessava uma e outra vez, carregando sacos de plástico para o lixo. Feito isto, a porta fechou-se e surgiu uma luz alimentada a bateria. Colocada por cima de um arquivador, os seus raios iluminavam a cortina de contas de vidro, semelhante a uma queda-d'água congelada, que impedia a entrada na loja propriamente dita. A forma escura recolheu aqueles fios fabulosos e atou-os junto à ombreira da porta. Um dos sacos do lixo desapareceu no interior da loja, ecoando então o barulho de latas que se entrechocavam, garrafas que tiniam, caixas e cartões que batiam com um ruído seco no chão, o chape-chape de matéria orgânica que caía em cascata. O saco ficou vazio e a forma voltou para ir buscar outro, despejando-o num local diferente. Um total de dez sacos... mais do que suficiente.

O cheiro a decomposição começava a notar-se enquanto a forma se encaminhava agora para a montra, onde o ursinho de vidro se encontrava na sua caixa de veludo negro e as luzes noturnas do exterior o faziam brilhar com uma ténue chama. Uuuchh! Uma nuvem de pó e detritos voou do saco mais pequeno que a forma escura segurava e sacudia; a luminescência do ursinho de vidro eclipsou-se debaixo de um manto de resíduos pegajosos e sujos provenientes de um saco de aspirador.

O mesmo aconteceu noutras áreas da loja, até que a forma escura soltou a cortina de contas, que voltou ao lugar com uma série de sons harmoniosos que nunca poderiam ser produzidos por contas de plástico. Surgiu então uma navalha para cortar os fios que sustentavam as

76

contas de vidro; deteve-se a pairar, indecisa, depois a forma escura fechou com um estalido a navalha, e a cortina de contas ficou incólume.

O Vândalo regressou ao interior da loja, recolheu a sua lanterna do topo do arquivador e saiu. Um bom exercício... Aquele idiota do Charlie, que os proprietários do centro comercial tinham contratado como único segurança noturno, estava no intervalo do café, regular como o relógio que o Vândalo consultou. Como é que estes loucos tinham dinheiro e poder para erigir algo tão encantador como aquele centro comercial e depois não percebiam a vantagem de uma boa segurança noturna? Estavam a pedi-las. E, pensando bem, ele podia até

fazer uma segunda visita naquela noite.

Da zona da Glass Teddy Bear, encaminhou-se para o Third Holloman Bank, cuja dependência, no interior de um centro comercial de luxo, se revelava pouco aparatosa no que tocava a precauções, tal como cofres com abertura retardada... não havia necessidade disso num local onde os clientes pretendiam principalmente dinheiro vivo ou a validação de cheques. Desarmou o alarme no átrio de atendimento, entrou e foi direito à caixa-forte onde Percy Lambert guardava o dinheiro, pronto para a manhã seguinte. Quem poderia imaginar que aquelas chaves viriam a revelar-se tão úteis? As pessoas eram tão descuidadas! A quinta chave rodou na fechadura e a porta abriu-se; o Vândalo entrou calmamente e serviu-se dos cinquenta mil dólares pousados na mesa, preparados para serem distribuídos na manhã seguinte pelos caixas.

Pelas quatro da madrugada, estava tudo terminado; o Vândalo pôs-se a andar no preciso instante em que Charlie dava início às suas rondas. “Ele nem sequer vai reparar”, pensou, fazendo uma aposta consigo próprio. “O alarme só será acionado quando a senhora Amanda Warburton e o senhor Percy Lambert chegarem às oito horas.”

Amanda Warburton adivinhou o estrago antes de realmente lhe pôr os olhos em cima; ficou de tal forma aturdida que largou as trelas que segurava na mão esquerda e precipitou-se para o interior da loja como se alguém tivesse impedido o ar de lhe entrar nos pulmões. Ofegante, quase a sufocar, apercebeu-se da enormidade do crime e viu-se

77

capaz de gritar. Em vez disso, ligou do telefone nas traseiras da loja o gerente do centro comercial, Hank Murray. Uma vez que ela chegara quinze minutos antes de Percy Lambert naquele primeiro dia de outubro, Hank chegou em passo de corrida com a sua garrafa de brande para as emergências e alguns copos de papel, indiferente ao pesadelo que a sua manhã iria ser, completamente dedicada a Amanda.

- Oh, senhora Warburton, isto é terrível! - exclamou ele, depois de olhar horrorizado para o interior da loja. - Tome, dê um golinho, irá sentir-se melhor. É apenas brande... o que há de melhor para estados de choque.

Hank era um homem com pouco mais de quarenta anos, de bom aspeto, e

Amanda simpatizara com ele nas raras ocasiões em que se tinham encontrado, pelo que deu um gole obediente e, com efeito, sentiu uma certa energia a espalhar-se pelo seu corpo.

- O que é que ele fez ao ursinho de vidro? - perguntou Amanda, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. - Por favor, diga-me tudo!

Assegurando-se de que ela não iria desmaiar, Hank deu uma volta pela loja, agora mais surpreendido do que horrorizado... mas que raio se passava com aquele tipo?

- Está tudo imundo, senhora Warburton - disse ele ao regressar -, mas parece que não houve mais estragos... nem um caco. O ursinho de vidro está intacto debaixo da porcaria que o cobre.

- Então, porquê?... O que é que...?

- Não sei, mas sei que isto é vandalismo - disse Hank Murray num tom brando. - Uma vez que os artigos são de vidro, não haverá prejuízo desde que sejam devidamente limpos. Conheço uma empresa que garante limpar-lhe o estabelecimento como se nada tivesse acontecido, a sério. Tudo o que temos de fazer agora é apanhar o Vândalo, que não teria podido fazer isto se tivéssemos um serviço noturno de vigilância mais eficaz. - Endireitou os ombros. - Mas isso é problema meu, não seu. Tenho o seu consentimento para pôr as coisas a andar, senhora Warburton?

- Sim, claro, senhor Murray.

- Trate-me por Hank. Tem seguro para este tipo de acidentes?

78

- Tenho.

- Então, não haverá mesmo qualquer problema. Tem consigo algum cartão de visita do seu agente da seguradora? Terei de me encontrar com ele, e ele terá de ver isto. - Hank deu uma risada triste. Desculpe se lhe pareço insensível, mas tenho de pôr as coisas em andamento para seu bem, especialmente se os rumores no centro comercial tiverem fundamento.

- E que dizem os rumores?

- Que a senhora está sozinha no mundo.

- Tirando dois sobrinhos que deixam muito a desejar, os rumores têm fundamento - disse Amanda.

- Os seus sobrinhos encontram-se por perto? Quer que lhes telefone?

- Não, estão em San Diego. Mas gostaria que telefonasse à Mareia Boyce... é minha amiga e vizinha.

Os olhos cor de avelã de Hank revelavam preocupação; o seu rosto atraente mostrava-se muito sério.

- Lamento, mas vou ter de chamar a polícia. É tudo demasiado premeditado para se tratar de mero vandalismo, e, se os culpados são meros vândalos, não percebo porque é que não partiram nada.

- Francamente, nem eu. Sim, tenho de participar à polícia.

O telefone da loja tocou; Hank atendeu, tornando-se mais tenso a cada segundo que passava. Quando pousou o auscultador, olhou espantado para Amanda, novamente horrorizado.

- Nem imagina o que aconteceu... o Third Holloman Bank foi assaltado. Parece que o Vândalo foi mais do que apenas vândalo. Fica bem até eu ligar e pedir à senhora... Boyce para vir cá?

- Sim, Hank, o pior já passou. Pode ir. Eu própria telefono à Mareia. Estou bem, a sério.

Só depois de Hank se ter ido embora é que Winston deu sinal da sua presença com um longo miado muito desagradado. Amanda sobressaltou-se.

- Winston! Frankie! Onde estão vocês?

Um rugido que parecia proveniente da garganta de um grande felino levou Amanda a dirigir o olhar para um arquivador metido a um canto; não se encontrava chegado à parede porque esta fazia um ângulo,

e dois pares de olhos olharam acusadoramente para ela. Mas os animais não obedeceram quando ela os chamou, pois estavam obviamente tão perturbados quanto a dona, e foi Amanda quem teve de se aproximar, tirando-lhes então os arneses; todos os dias quando abria a loja, eles acompanhavam-na presos a uma trela.

Winston, que para quem o visse tinha patas tão grandes como as de um leão, saltou prontamente com os seus dez quilos para cima do arquivador e agachou-se, na sua magnificente cor de marmelada e com um olhos verdes pouco comuns. O cão, que a maior parte das pessoas julgava ser um pit bull evitando-o a grande distância, era preto e branco, e o seu focinho branco mal-encarado tinha como adorno um círculo preto que rodeava o olho direito. Para dizer a verdade, Yrankie era uma alma dócil completamente dominada pelo gato, ao qual se devotava apaixonadamente. Ambos os animais eram machos e ambos tinham sido castrados.

Ao fim de um amuo de dez minutos, o gato consentiu que o cão se chegasse a Amanda, que o agarrou pelo dorso musculado como se se tratasse de uma corda de segurança. O que acontecera? Quem a odiava assim tanto para fazer aquilo? O cheiro dava-lhe voltas ao estômago, mas ela não podia deixar o local antes que a polícia chegasse, e mesmo nessa altura iria precisar que Mareia a levasse a casa, já que não acreditava que conseguisse conduzir.

Primeiro chegaram dois polícias de patrulha: o sargento Ike Masotti e o seu colega de longa data, Muley Evans. Embora Amanda não tivesse maneira de o saber, calhara-lhe a melhor equipa de patrulha na polícia de Holloman.

- É esquisito - disse Ike para Murray depois de darem uma volta pelo estabelecimento -, muito esquisito, Muley. Não são miúdos.

- Não - disse Muley, que conhecia bem a sua função: concordar com Ike.

- A senhora tem inimigos? - perguntou Ike a Amanda.

- Que eu saiba, não, senhor agente.

- Pode ser por causa do vidro. Há tipos suficientemente tarados para verem uma loja cheia de objetos de vidro e lembrarem-se do aparador da mãezinha, cheio de

cristais e porcelanas, e talvez odeiem

80

a mãe, mas o medo que lhe têm é tão grande que não se atrevem a partir nada... limitam-se a sujar - disse Ike.

- Pois - disse Muley.

- Mas como é que isso se encaixa no assalto ao banco? - perguntou Ike a Muley.

- Cinquenta mil palhaços! Limitou-se a pegar neles e a ir-se embora. Deixou a porta fechada. Reativou o alarme. Queres saber o que é que eu penso, Muley?

- Quero.

- Foram dois crimes distintos. O tipo que fez isto e o tipo que assaltou o banco não são a mesma pessoa.

- Hum - fez Muley, evitando comprometer-se.

- Gosto dos seus animais, senhora Warburton - disse Ike, aproximando-se sem medo de Frankie. - Que belo cão! - Puxou-lhe as orelhas e o animal gemeu, extasiado. Ike examinou a coleira e a chapa.

- com que então, chamas-te Frankie'? E quem é o senhor irritado ali em cima?

- É o Winston - disse Amanda, que simpatizou bastante com Ike Masotti.

Naquele momento, o sargento Morty Jones atravessou a porta das traseiras, e tresandava de tal maneira a álcool que os dois agentes trocaram entre si um olhar significativo.

- Miúdos da Taft High - comentou ele depois de inspecionar o local.

- Estás errado, Morty - disse Ike. - Um grupo de miúdos não se dava a todo este trabalho. Nunca aconteceu. Ter-se-iam divertido a partir vidro, não a cobrir tudo de porcaria. Mais alguma loja foi vandalizada?

- Segundo o senhor Murray, não - disse Amanda.

- Portanto, é algum tipo de vingança pessoal, não achas, Muley?

- Acho.

- O tanas é que é, Ike - disse o detetive, voltando-se para a porta das traseiras e para a liberdade; o cheiro não ajudava nada ao seu próprio enjoo.

- vou escrever o relatório segundo a minha perspetiva, Morty.

- Até podes escrevê-lo segundo a perspetiva do diabo, Ike. O meu vai dizer: miúdos da Taft High.

81

com esta observação e com um aceno seco a Amanda, que testemunhara toda a conversa, Morty Jones foi-se embora.

- Para onde vai o detetive, também nós temos de ir, senhora Warburton. Lamento

- disse Ike, genuinamente pesaroso. - Fica bem aqui sozinha?

- Sim, estou bem.

- Ora aqui está uma senhora simpática - disse Ike, já no corredor do centro comercial. - Porque é que tinha de nos calhar o Morty Jones? Aquele pivete a álcool era de agora, Muley, não eram os restos da noite passada. Se o comissário sabe, o Morty é posto de lado, e a Ava não vai gostar nada disso. Ouvi dizer que anda a fazer olhos de carneiro mal morto ao Joey Donaldson, o miúdo das Transmissões.

- Também ouvi dizer isso - secundou Muley, mas então concedeu um comentário da sua própria lavra: - Nós não somos bufos, Ike, mas um dia destes alguém há de contar ao comissário que o Morty anda a beber em serviço.

- O pior é que eu me lembro do Morty antes de ele ter ido lá para cima, para os Detetives e o Larry Pisano. Era um bom polícia disse Ike. - O problema é a Ava. Foi uma grande estupidez dizer ao Morty que não era pai dos miúdos! Caramba, ele adora-os! O que está em questão não é a paternidade. São os miúdos do Morty. Maldita seja aquela mulher!

- E que vá para o inferno - disse Muley.

E foi assim que Carmine não recebeu um relatório completo sobre o caso de

vandalismo na Glass Teddy Bear ou sobre o roubo de cinquenta mil dólares no Third Holloman Bank. Apesar das exigências do caso do Dodó, ambos os assuntos teriam despertado a sua atenção.

Helen Macintosh seguiu a todo o vapor para Hartford nessa mesma terça-feira, 1 de outubro, chegando a tempo de se juntar a Abe, Liam e Tony à hora do pequeno-almoço, no motel onde estavam instalados; Abe anunciara que aquele não era um caso que permitisse ir de casa para o trabalho de carro, o que não agradou à proprietária de um Lamborghini. “Se calhar”, pensava ela enquanto acelerava pela 1-91,

82

“não devia ter telefonado antes ao tenente Abe Goldberg a pedir algumas dicas e uma descrição em pormenor daquilo que me espera, mas quantas mulheres estarão presentes? Segundo o Goldberg, só eu. Ele foi seco e esquivo... logo descobriria quando chegasse a Hartford, para quê fazê-lo perder tempo? Tratou-me abaixo de cão, o lingrinhas... como é que ele conseguiu ingressar na polícia com aquela altura? Pois bem, tenente Abraham Goldberg, está prestes a descobrir que ninguém da parte menos favorecida da cidade... nem que fosse da mais favorecida!, trata uma Macintosh abaixo de cão. Hei de infernizar-lhe a vida de tal maneira que acabará por me mandar de volta para Holloman, onde posso fazer aquilo para que estou mais habilitada... apanhar o Dodó.”

Mareia Boyce conduziu Amanda Warburton a casa, com Frankie e Winston refastelados com as suas trelas no banco de trás do Cadillac de Mareia. Felizmente, Mareia conhecia bem os animais de estimação de Amanda e sabia que pelo menos não haveria “acidentes” pelo caminho.

Amanda e Mareia adoravam os seus apartamentos, no oitavo andar, logo abaixo da penthouse, e ocupavam inteiramente todo o piso. Tinham ambas adquirido o direito de projeto, o que lhes permitiu desenharem a seu gosto as cozinhas e casas de banho, uma exclusiva para cada quarto e ainda uma de serviço no vestíbulo. Que luxo! Que melhoramentos!

Como se tudo isso não bastasse, assim que o altaneiro bloco de vidro ficou pronto e os seus ocupantes se mudaram, logo os residentes de Busquash, escandalizados com a forma como aquela construção alterava a antiga patina do seu mundo, despediram os funcionários municipais e instituíram uma

determinação legal camarária que proibia a construção de qualquer edifício com mais de dois pisos ou de aspeto moderno. Uma vez que aqueles eram apartamentos de sonho, o seu valor disparou de imediato. O que tinha custado cem mil valia agora um milhão... e não parava de aumentar.

Mareia preparou um bule de chá inglês e, deliberadamente, deitou-lhe algum conhaque.

83

- Quem poderia fazer uma coisa tão horrível? - perguntou Amanda, levando com cuidado a chávena à boca: estava quente.

- Não miúdos do secundário, com certeza - disse Mareia enfaticamente. - Bebe o chá, querida. Aquele detetive deve ser parvo.

- Achas mesmo que não foram miúdos?

- Foi tudo demasiado intencional, uma coisa planeada, se é que me percebes. O Hank Murray contou-me que mais nenhuma loja foi afetada, e isso deixou-o desconcertado. Toda a gente, até o parvo do detetive, pensa que o assaltante do banco é outra pessoa. - Mareia bebericou o seu chá aromático com prazer. - Tens de admitir, querida. Tanto eu como o Hank achamos que isto foi um ataque pessoal dirigido à Glass Teddy Bear e a ti.

Os seus olhos brilhantes pousaram afetuosamente sobre a amiga... Amanda era uma querida! E também era bonita, com os seus cabelos louros com madeixas mais escuras e os seus grandes olhos azuis. Porque é que nunca casara? Tinha uma boa figura e as suas pernas toleravam melhor do que a maioria das mulheres da sua idade a bainha acima do joelho tão na moda. Mareia, por seu lado, não tinha filhos e era divorciada, o que a colocava numa situação confortável, mas era obrigada a admitir que, em comparação com Amanda, as suas hipóteses de arranjar um marido para lhe fazer companhia na velhice eram muito escassas. Mareia não possuía qualquer beleza especial, era de pele morena e tinha claramente excesso de peso.

- Grande parte do meu prazer desapareceu - disse Amanda, desolada.

- O quê?

- A Glass Teddy Bear é a concretização de todos os meus sonhos, mas depois disto sinto-me... oh, não sei... quase como se tivesse sido violada. Enterrei todo o dinheiro de que dispunha no negócio do Centro Comercial de Busquash... no espaço e nas encomendas. Apesar de tudo, a minha loja na Baixa até nem correu mal, embora lá não pudesse expor os melhores artigos - disse Amanda. Adquiri o direito de projeto do Busquash e fiz bem... saí-me às mil maravilhas! E agora isto! Porquê a minha loja? Porquê eu? Algumas das lojas de antiguidades do centro comercial praticam preços bem mais altos do que os meus.

Mareia ouvia, intrigada. Embora fossem boas amigas e vizinhas desde que tinham passado a residir em Busquash havia mais de dois

84

anos, aquela era a primeira confidência de carácter pessoal de Amanda. “com que então, teve uma loja na Baixa? Onde? Tive o meu próprio negócio na Baixa durante dez anos, mas não me lembro de nenhuma loja de cristais... Sim! Nas arcadas que se atravessavam até ao Macy’s. Cristais e vidros de Waterford, da época dos Stuart, da Boémia, da Suécia, garrafas de cristal, copos e jarras, e bons preços para artigos de alta qualidade.”

- Tens família, Amanda? - perguntou ela, entusiasmada.

Por instantes, o rosto de Amanda tornou-se inexpressivo; depois ela sorriu e respondeu, com a língua solta pelo brande:

- Tenho. O Robert e o Gordon, os filhos do meu falecido irmão. Vivem em San Diego. - Franziu o sobrolho. - Deixam muito a desejar... São tão megalómanos que me fazem lembrar certos doentes sobre os quais li uma vez num livro de psiquiatria. - Tremeu visivelmente. - E os... os maneirismos! Não gosto deles.

- Oh, pobre Amanda! - exclamou Mareia, comovida. - Deves sentir-te sozinha. - Pareceu ganhar energia e fez um sorriso luminoso.

- Anima-te, minha querida. Na sexta-feira, tu, o Frankie e o Winston irão regressar à Glass Teddy Bear e ver que a loja está exatamente como antes... uma caverna cristalina exultante de beleza.

Ao ouvirem os seus nomes, o cão e o gato despertaram do seu dormitar vigilante, mas, quando a conversa prosseguiu sem os mencionar, voltaram para a sua

soneca. Tinha sido um dia muito agitado o único remédio para isso era dormir.

Amanda Warburton esforçou-se por sorrir.

- Espero que tenhas razão - disse ela, pouco confiante. - Aquele cheiro! Toda aquela porcaria!

Era altura de introduzir um novo tema de conversa.

- O Hank Murray está apanhadinho por ti - disse Mareia. Porém, aquilo não teve o efeito desejado. Em vez de se mostrar

acanhada ou lisonjeada, Amanda ficou carrancuda.

- Espero bem que não - disse ela depois de uma pausa. - Ele mal me conhece. Estás a confundir amabilidade com interesse, Mareia... pelo menos, é o que espero. Não ando à procura de um namorado e muito menos de um marido.

- Pois devias andar! - disse Mareia, espantada. - Não estava a falar de amor nem de casamento, Amanda. Só quis dizer que o Hank

85

é um tipo impecável e que gostaria de te conhecer melhor. Não seria mais divertido jantar com um homem bem-parecido no Sea Foam do que jantar comigo no Lobster Pot?

- Não, não seria! - cortou Amanda.

- Mas...

- Esquece, Mareia! Por favor, esquece! E Mareia esqueceu.

com uma expressão empedernida, Carmine olhou para a incorrigível Helen Macintosh enquanto esta se sentava no lado oposto da mesa de cozinha, que ele preferia a uma secretária, com as suas gavetas, espaço para os joelhos, almofadas e belos remates em madeira. Pelo menos, a fórmica não se estragava.

A posição dela era ligeiramente insolente, inclinada de lado na velha cadeira de cozinha, as pernas cruzadas com ar de indiferença, um dos pés a abanar para

baixo e para cima no seu sapato raso Ferragamo, as duas pernas completamente expostas, já que usava a minissaia mais curta que Carmine alguma vez vira. O cabelo farto pendia solto pelas costas, a cara tinha maquilhagem que chegava para ofuscar Delia, e o seu decote era... baixo. Tudo somado, os seus anos de treino na polícia disseram-lhe que ela devia estar a exhibir cerca de três mil dólares em roupa, pois nada daquilo tinha sido comprado num pronto-a-vestir.

- O que a levou a decidir juntar-se ao tenente Goldberg em Hartford vestida exatamente da maneira que eu disse ser pouco apropriada? - perguntou ele, num tom relativamente áspero.

- com cerca de setenta polícias nas minhas imediações, capitão, calculei que não iria precisar de sapatos práticos para perseguir nenhum fugitivo e não me preocupei com aquilo que as pessoas possam pensar das minhas minissaias - respondeu ela com ligeireza, de pé ainda a abanar.

- Você não iria ser apenas a assistente do tenente Goldberg, menina Macintosh. Foi a Hartford para representar o Departamento de Polícia de Holloman, em serviço na qualidade de detetive estagiária,

86

a primeira de um programa novinho em folha e que cada departamento de polícia deste estado está a seguir atentamente. Como deve calcular, não a mandei a Hartford para servir de modelo à Mary Quant. Em vez de manter uma postura profissional e não dar nas vistas, ataviou-se como se a sua função na polícia de Holloman fosse provocar os homens, se não mesmo incentivá-los. - A voz de Carmine mantinha-se inalterável. - Quem queria você impressionar? Ou antes, a quem queria dar uma impressão errada?

As faces dela estavam vermelhas, a boca, tensa.

- Eles olhavam para mim como para um manequim numa montra. Como sabia que iam fazer isso vestisse o que vestisse, decidi dar-lhes um abanão.

- E quando é que vai perceber que ser polícia não tem nada que ver com a sua realização pessoal, menina Macintosh? Parou um bocadinho para pensar naquilo que os colegas e superiores do tenente Goldberg iriam achar quando o vissem acompanhado de uma gatinha sensual como sua assistente pessoal? Normalmente, menina Macintosh, há apenas uma razão para um homem de

quarenta anos arranjar uma gatinha sensual como assistente. Se já estivesse há mais tempo nos Detetives, eu até teria deixado o tenente Goldberg despi-la com os olhos defronte de setenta homens, mas vocês ainda não se conhecem pessoalmente. Ora, depois disto, isso nunca acontecerá. Ouvi dizer que ele simplesmente olhou-a de alto a baixo e lhe disse que regressasse a Holloman. E, depois de você ter saído, apresentou desculpas em seu nome. - Os seus olhos cor de âmbar faiscavam. - Que tola é, menina Macintosh! Forneci-lhe uma oportunidade ideal para conhecer o melhor detetive da divisão, e você estragou tudo por ambição pessoal. Não admira que o Departamento de Polícia de Nova Iorque não tenha conseguido fazer nada consigo. Quanto tempo levaram eles a perceber que, mentalmente, a menina se encontra ao nível de qualquer criança mimada de dez anos? É pueril e burra!

com as mãos a tremer, Helen sentara-se direita na cadeira e o seu belo rosto estava hirto... mas era impossível dizer se de raiva ou vergonha.

- Deverei concluir que não compreendeu os motivos válidos e necessários para usar vestuário sensato quando está de serviço? Ou

87

tem alguma distorcida ideia feminista de que eu a rebaixei para alimentar o meu ego masculino?

Não, capitão, percebi à primeira - disse ela, de olhos cintilantes marejados de lágrimas. - É para minha própria segurança e proteção, eu entendo.

Vai pedir desculpa ao tenente Goldberg. Por escrito e pessoalmente.

- Estarei lá devidamente vestida dentro de uma hora.

- Não, não estará. O tenente Goldberg não confia em si. Conseguiu o que queria, menina Macintosh: vai ficar em Holloman. Mas não com o Dodó. Quem vai para Hartford é o Nick Jefferson.

Empalidecendo, ela ofegou.

- Capitão, por favor!

- Não. O assunto está encerrado e não se fala mais nisso.

- Como queira. - Helen endireitou os ombros.

- No entanto, quero fazer-lhe uma pergunta que não fiz quando a entrevistei. O que é que a fez escolher uma carreira na polícia?

Ela já se pusera de pé.

- Sei que evitei esse assunto na entrevista, capitão. As forças armadas atraem-me, mas só a ideia de tentar entrar em West Point ou em Annapolis... brrl- Arrepiou-se. - São instituições para homens, de facto, e eu não sou uma feminista suficientemente empenhada para galgar essas duas fortalezas. Além disso, tenho a estranha sensação de que a vida de um polícia é bem mais interessante. Acho que gosto de solucionar problemas.

- Compreendo.

Ele deixou-se ficar, um homem possante cujo volume muscular fazia esquecer que tinha um metro e oitenta de altura. O rosto que se voltou para encarar a sua caprichosa estagiária era ao mesmo tempo largo e anguloso, de nariz autoritário e uma boca naturalmente sensual mas disciplinada para se mostrar firme. Os seus olhos, tão dourados quanto castanhos, rasgados e bem afastados um do outro, revelavam uma natureza intrépida.

“O que é que me deu para agir daquela maneira?”, perguntou-se Helen ao sair do gabinete do capitão Delmonico. “Pela mesma razão”, concluiu à medida que subia as escadas, “por que uma criança brinca com o fogo.”

88

- É isso mesmo - disse Delia, num conjunto assustador de amarelo-ácido e amarelo-mostarda com laços azul-claros. - Mas no futuro, minha querida, lembra-te de que, quando brincamos com o fogo, queimamo-nos.

- Não posso ajudar-te no caso do Dodó? - pediu Helen.

- Não, minha querida, eu não quero queimar-me... Vais ficar por muito tempo com o Paul Bachman na Medicina Legal. - Delia suspirou melancolicamente. - Eu consegui chegar a detetive pela porta do cavalo... alguém com jeito para diagramas, listas, uma tonelada de papelada burocrática... e o facto de ser sobrinha do comissário, de quem era secretária, não foi de pouca monta. Antes

disso, estive dez anos no Departamento de Polícia de Nova Iorque, na secção de fraudes de documentação e tudo o mais que envolvesse papel. Mas olha só para ti! O programa em que eles te meteram é realmente bom. Enquanto nós tivemos de aprender no duro, digamos assim, a ti ensinam-te tudo convenientemente. Portanto, não desiludas o meu tio John! Se o fizeres, sou eu que te queimo.

- A empresa de limpezas fez um trabalho extraordinário - disse Hank Murray ao sair do elevador de serviço, na companhia de Amanda Warburton, na sexta-feira, 4 de outubro. - Vai poder abrir no fim de semana. - Exibiu as suas próprias chaves e abriu a porta das traseiras da loja, uma entre muitas num largo corredor. Quando entraram, ele aspirou o ar e sorriu. - Cheire, senhora Warburton. Um aroma doce mas também ligeiramente herbal... espero que não se importe que eu tenha escolhido a fragrância. Ninguém diria que já houve aqui lixo em decomposição, pois não?

- Não - disse Amanda, cedendo com alívio.

- Venha, dê uma olhadela à loja - encorajou Hank enquanto a conduzia até à tremeluzente cortina de contas. Depois deteve-se, tão bruscamente que Amanda chocou com ele. - Meu Deus!

Ela não conseguiu resistir. Empurrou o gerente do centro comercial para o lado e precipitou-se para o interior da loja.

89

Quase todos os artigos tinham sido dispostos de maneira a formar um monte gigantesco no sítio onde costumava estar o único balcão; este fora empurrado, com caixa registadora e tudo, contra a única parede vazia, onde Amanda pendurara a sua série de molduras em vidro de Lalique e de Murano. Também elas faziam agora parte da enorme pilha, revelando um canto ali, uma aresta acolá. Porém, na mesma parede mas mais acima, a “jarda” de cerveja continuava no seu lugar, e por baixo dela a “meia jarda”, inteiramente ornamental, em cristal grosso e pesado, estava intacta.

com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, Amanda apressou-se na direção da montra para ver como estava o ursinho de vidro. Sim, sim, estava lá, no mesmo sítio e imaculado, sentado na sua caixa de veludo negro e aparentemente ignorado pelo Vândalo.

Que espírito bondoso a tinha levado a deixar os seus animais em casa naquela manhã? Procurando um lenço no interior da manga, Amanda Warburton percebeu bem no seu íntimo que já esperava por mais problemas; o pó e a porcaria do assalto anterior parecera-lhe... sim, definitivamente... inacabado. Aquela era a sequência lógica depois do primeiro ataque.

Depois de ter notificado a polícia, verificando se mais alguma loja tinha sido assaltada e tomando conhecimento de que nada acontecera aos três bancos que o Centro Comercial de Busquash albergava, Hank encontrava-se agora ajoelhado ao lado da pilha de vidro e, embora não tocasse em nada, os seus olhos não paravam de observar.

- Estranho! - exclamou ele. - Senhora Warburton... Amanda!... é estranho. Tanto quanto vejo, não está nada partido, nem rachado, nem lascado. Pode verificar. Se eu chamar novamente a empresa de limpezas para apanharem tudo com luvas, não será grande o prejuízo, se tiver algum. Não, não, por favor, não chore.

Abraçou-a, tentando transmitir consolo e simpatia. “Ela nunca fez mal a ninguém, não merecia esta maldade, esta... esta crueldade.”

Quando Ike Masotti e Muley Evans chegaram, Amanda encontrava-se no interior da loja, com Hank Murray a tentar convencê-la a beber um pouco do seu brande para as emergências.

- vou ter de notificar a Divisão de Detetives - informou Ike ao vislumbrar o monte de vidro. - Posso usar o seu telefone, senhora

90

Warburton? As frequências de rádio estão cheias de ouvidos à coca do que não deviam ouvir.

- Faça favor.

- Não há dúvida de que se passa aqui qualquer coisa estranha disse Ike ao telefone. - Será melhor vires cá dar uma olhadela, Morty. Definitivamente, não são miúdos do secundário.

Esperaram mais de uma hora.

Ele não conseguia resistir; tivera de dar um pulo ao Shamrock Bar para uma bebida rápida, antes de se pôr a caminho do Centro Comercial de Busquash e daquele estuporado pretensioso do Ike Masotti.

A sua situação não estava muito melhor, por mais que Delia lhe dissesse o contrário. Arranjara-lhe uma empregada doméstica excelente, mas ele não queria uma empregada, nem tão-pouco os filhos a queriam... os seus filhos. Todos eles queriam Ada de volta. Como era possível que Bobby e Gidget, que eram tudo para ele, não fossem seus filhos? Era típico da Ada trazer esse assunto à baila. Mas porque lhe tinha ele batido? Depois de tantos anos a saber que ela o traía... qual era a diferença em relação àquela noite de sábado? Tirando o facto de ele se ter passado com aquele insulto acerca das crianças.

Agora, as crianças estavam sempre a chorar, ele estava sempre a chorar assim que conseguia refugiar-se nas celas... Chorou também sobre o seu Jameson e teve de lavar a cara na casa de banho do Shamrock, antes de se encher de coragem para fazer o que quer que fosse que Ike Masotti queria que ele fizesse no Centro Comercial de Busquash. Sentia a cabeça a andar à roda, tinha de parar e estacionar durante alguns minutos para readquirir algum equilíbrio mental... “Oh, Ava, Ava! O Bobby e a Gidget são meus!”

Quando se arrastou pelo interior da Glass Teddy Bear, os dois agentes de patrulha trocaram olhares... o cheiro a álcool era avassalador, pior do que na quinta-feira anterior.

Morty fez uma inspeção apressada à montanha de vidro e regressou ao interior da loja.

- Miúdos do secundário - disse ele, encolhendo os ombros. E depois, dirigindo-se aos polícias: - Vocês andam a fazer-me perder tempo.

91

Menos tempo para andar nos copos, é isso que queres dizer,

yyjortyp - perguntou Muley, quando Ike nunca se atreveria. Ninguém fazia observações injustas a Ike.

Foram miúdos do secundário - persistiu Morty.

Não foram miúdos do secundário! - gritou Ike, exasperado.

Isto é sério, sargento Jones. Há aqui algo de errado. Não acredito

que um bando de miúdos conseguisse empilhar todo este vidro sem partir nada, e não há nada partido... nem sequer rachado. Isto tresanda a vingança.

- Ao que tresanda não me interessa, Ike. Não houve realmente qualquer prejuízo, não há aqui nada que chegue para incriminar alguém. - Morty lambeu subitamente os lábios secos. - Tenho de ir.

com os olhos a piscar, Amanda deixou-se ficar sentada a ouvir como que envolta numa neblina narcótica; estava consciente de que a mão de Hank no seu ombro a agarrava mais firmemente e percebeu que a indiferença do detetive o irritara. Quando o sargento Morty Jones se foi embora, ela levou a sua mão à dele, afagando-a. Contrariados, Ike e Muley seguiram Morty, lançando a Amanda um olhar mudo de desculpas.

- Importa-se de telefonar por mim para a empresa de limpezas, Hank? - perguntou ela. - Tenho de ficar para os orientar... eles nunca se lembrarão dos sítios onde tudo pertence, já rasguei o esquema. - Deu um ligeiro grito de angústia. - E pensar que fui obrigada a traçar um esquema antes e que agora terei de o fazer mais uma vez!

- Primeiro, o agente da seguradora - disse Hank resolutamente.

- Aquele detetive preguiçoso não sei das quantas não tirou nenhuma fotografias e alguém devia fazer isso. Se alguma coisa estiver partida, precisará de provas. - Pressionou suavemente os dedos de Amanda. - A partir de agora, o centro comercial ficará sob a proteção de uma empresa profissional de segurança, algo que tenho vindo a pedir desde que o centro abriu, mas fizeram orelhas moucas. Que não, que os proprietários não queriam gastar o dinheiro necessário. Pois agora não têm alternativa. Um assalto a um banco e uma vingança pessoal contra o proprietário de uma loja de mercadoria frágil. Então e se o Vândalo tivesse decidido atingir a Quattrocento, no primeiro piso? Os vidros ainda podem ser limpos, mas imagine remover porcaria de uma credença do século catorze...

- Quem faria isto? - perguntou Amanda pela décima vez, incapaz de esquecer o

ultraje de que fora vítima.

- Não faço ideia. - Hank fez uma pausa e depois, muito delicadamente, disse: - Vai ser um longo dia para si, Amanda, e não devia ficar sozinha esta noite. Posso levá-la a jantar?

- Obrigada, terei muito prazer - respondeu Amanda, parecendo surpreendida.

O jantar com Hank Murray no Lobster Pot correu tão bem, que na noite que se seguiu, sábado, ele levou-a ao Sea Foam.

Embora admitisse que Hank era um acompanhante ideal para uma solteirona de quarenta anos, ela não ia deixá-lo enfiar-se na sua cama. Alguns homens ocasionais tinham usufruído desse privilégio, mas apenas um fora de facto importante, e esse já morrera há muito. O seu desgosto era permanente, sim, mas isso era problema dela. Do ponto de vista financeiro, estava numa situação confortável; não precisava de senhas de refeição. Contudo, não percebendo porquê, Amanda tinha a sensação de que Hank não estava assim tão bem na vida como qualquer gerente de um famoso centro comercial devia estar. Pagou a despesa do Sea Foam sem pestanejar, mas no Lobster Pot, quando puxou da carteira, Amanda calculou que ele se sentira aliviado por ela ter mencionado que preferia um jantar clássico a artifícios de luxo para gastrónomos.

Adquirira Frankie e Winston, agora ambos com três anos, com um intento deliberado; com dois animais encantadores na montra, a sua loja era visitada por toda a gente que frequentava o Centro Comercial de Busquash. Mais ninguém estava autorizado a ter animais de estimação nas lojas; Amanda, essa, podia fazê-lo, devido a um genial pico de vendas que proporcionou aos proprietários do centro, uma cambada de unhas de fome, em paralelo com o facto de serem animais impecavelmente bem treinados. Em casa, o cão e o gato eram uma excelente companhia; porém, agora que Hank aparecera, Amanda percebia que nenhum animal podia substituir a tempo inteiro um homem. Não fora isso que Mareia tinha dito? Sim, embora os seus esforços não tivessem compensado. Por outro lado, a situação com Hank podia ter alcançado outro resultado se ele fosse outro género de homem - um que

a incitasse a uma relação íntima, por exemplo. Mas ele não o fizera, não era essa a sua natureza. Hank parecia querer continuar numa órbita exterior, nunca

suficientemente próximo para se queimar.

Amanda trabalhou até tarde na noite de domingo, embora não tivesse dito nada a Hank. Não tinham feito planos para aquela noite porque ele se encontrava envolvido na montagem de uma nova loja, apenas três portas a seguir à Glass Teddy Bear. Fora um ponto de venda de aspiradores, sombrio e nada bem-sucedido... não era o tipo de coisa que os frequentadores do Centro Comercial de Busquash andassem à procura. Agora passaria a estar cheio de artefactos das tribos índias nativas: mantas, cerâmica, pinturas, joalharia de prata e turquesa. Hank tinha grandes expectativas para a loja, e Amanda percebia porquê. Comprar produtos índios para cá das Montanhas Rochosas não era fácil.

Às onze horas, fechou a loja. No caminho para o elevador de serviço, espreitou pela porta das traseiras da loja índia com o intuito de surpreender Hank, mas o espaço era uma confusão de trabalhadores, materiais, ferramentas e barulho.

Foi só quando chegou junto do seu impecável pequeno Mercedes preto que Amanda se apercebeu de que deixara as chaves do carro na beira da secretária, no interior da loja... oh, maldição! Como é que fizera aquilo? Uma pergunta retórica, já que a razão fora uma caixinha embrulhada em papel castanho, mais ou menos do tamanho de uma caixa de Renedictine, que ela tivera de enfiar na mala, percebendo então que a tinha posto precisamente em cima das chaves do carro. Tirara a caixa para fora, apanhara as chaves, enfiara novamente a caixa na mala... e esquecera-se de voltar a pegar nas chaves. Maldição, maldição, maldição!

A empresa de segurança entraria em funções na noite seguinte, mas chegava tanta luz e ruído da loja de artigos índios que o percurso até à sua própria loja estava praticamente desprovido de qualquer perigo. Pouco restava que metesse medo. Grades de madeira, ferramentas, cabos e móveis para equiparem a loja espalhados pelo corredor.

94

Deu um piparote no interruptor isolado que iluminava apenas a área junto à porta de serviço da loja; ali estavam as chaves do carro, precisamente onde as deixara.

Da loja, chegou-lhe o som inconfundível de vidro a partir. Indignada, Amanda nem sequer parou para pensar. Largando o seu grande saco de cabedal azul-escuro no chão, precipitou-se para a cortina de contas de vidro enquanto gritava

estridentemente por socorro para que alguém ouvisse na loja de artigos índios. Junto ao topo mais distante do balcão, estava uma figura vestida de preto e com uma máscara de esqui, rodeada pelos cacos do que tinha sido - ela bem o sabia

- uma taça de vidro de Orrefors, uma peça única desenhada por Bjorn Wiinblad. O intruso segurava por cima da cabeça uma jarra única da autoria de Kosta Boda com a forma surrealista de um gato.

Aquilo que a desorientou foi o balcão. Ao mesmo tempo que corria para um dos lados na tentativa de o rodear, ele atirou a jarra não para o chão mas contra ela, transformando o seu grito num uivo de dor quando o pesado objeto a atingiu na anca. Caiu, e a figura negra precipitou-se então para a grande porta de correr da frente da loja. Começavam a acorrer homens em catadupa à porta de serviço, mas o Vândalo escapou a grande velocidade pelo próprio centro comercial, perdendo-se nas sombras.

Hank! Onde estava Hank?

- Estou aqui, Amanda - chegou-lhe a voz dele. - Que está aqui a fazer?

- Estive a fazer serão - arquejou ela, e gemeu. - Oh, ele magoou-me! Onde estava, Hank?

- A fazer um novo esquema para o meu escritório.

Por esta altura, as luzes já tinham sido ligadas e Amanda apercebeu-se de que os seus cristais corriam mais perigo por parte dos seus pretensos salvadores do que às mãos do Vândalo.

- Por favor - gritou ela, debatendo-se até que Hank a ergueu.

- O senhor Murray tratará de tudo agora. Obrigada, obrigada por terem vindo.

“Pareço uma feliz dona de casa a despedir-se dos convidados depois de um jantar”, pensou, e chorou de desgosto. Alguém colocou a sua cadeira de rodinhas a jeito e ela deixou-se afundar nela, sentada de lado, enquanto os trabalhadores iam saindo aos poucos.

Luiz, está aí o esquema - disse Hank, indicando um rolo no

chão. E voltando-se para Amanda: - Fica bem enquanto eu uso o seu telefone para chamar a polícia?

Também vou, reboque-me - disse ela.

Por alguma razão, isso divertiu-o; riu-se.

- Oh, Amanda! O que é que ele fez?

- Partiu a minha taça Bjorn Wiinblad... uma peça única - disse ela, segurando-se ao cinto dele enquanto Hank a rebocava, não atrás de si mas ao seu lado. - Atirou-me com o gato Kosta Boda, portanto imagino que esteja partido. Oh, Hank, isto é horrível!

- Podia ter-te matado - disse Hank num tom sinistro, tentando confortá-la o melhor que podia. - Primeiro a ambulância, depois a polícia.

- Assegura-te de que a ambulância usa o corredor de serviço! exclamou ela, alarmada. - Não quero uma maca dentro da minha loja. - Depois de uma pequena pausa, acrescentou: - E não quero o sargento Jones.

Hank levantou o auscultador e disse:

- Nem eu.

A chamada foi transferida para a residência de Carmine. Enquanto capitão, Carmine estava permanentemente de serviço, mas além disso ele e os seus dois tenentes faziam turnos para tratar de assuntos que surgissem fora de horas, e naquela noite calhara a vez de Carmine, um azar a dobrar, pois iria atender também as chamadas de Abe até que ele regressasse de Hartford.

- Capitão Delmonico.

- Ah, graças a Deus, alguém responsável. Capitão, recuso-me determinantemente a que a senhora Warburton tenha de tratar de mais alguma coisa com esse bêbado imbecil do sargento Jones! - disse uma voz irada. - Entendo que tenha de vir um detetive ao Centro Comercial de Busquash... mas não o mande a ele. Os assaltos anteriores foram atos de vandalismo, e este também, mas agora a

senhora Warburton ficou ferida. Quero que apanhem o sacana, e a única coisa que o sargento Jones consegue apanhar é uma constipação.

96

Por fim, Carmine conseguiu intervir:

- Como se chama o senhor?

- Henry... Hank... Murray, gerente do Centro Comercial de Busquash e amigo pessoal da senhora Warburton. É a loja dela, a Glass Teddy Bear, que tem sido vandalizada. E da primeira vez que o Vândalo atacou também foram roubados cinquenta mil dólares ao Third Holloman Bank. Supostamente, o sargento Jones também estará a tratar disso, mas até agora não fez nada.

Carmine decidiu comparecer em pessoa; se o roubo de cinquenta mil dólares estava a ser negligenciado, a sua divisão estaria em apuros... porque não falara Corey no assunto? “Não vi uma única palavra escrita! O que é que se passará com o Morty Jones? “Bêbado imbecil” soa como se estivesse com os copos em serviço. Para ser justo, devia mandar lá o Corey, mas tenho a impressão de que as coisas já foram demasiado longe. Além disso, não posso ter a certeza de que o Corey me faria um relato fidedigno da situação do Morty. A única pessoa que me diz alguma coisa é a Delia.”

- Tens mesmo de sair? - perguntou Desdémona no vestíbulo.

- Se o Julian acorda e percebe que não estás em casa, levanta-se.

- À meia-noite menos um quarto? Não acorda, minha encantadora senhora.

- Pode acordar.

- Não penses o pior. - Beijou-a. - Se ele acordar mesmo, diz-lhe que volto dentro de cinco minutos com uma chibata.

- Carmine!

- Isso não vai acontecer, Desdémona. Vais tu também para a cama.

“Não posso esperar que a Prunella Balducci chegue”, pensou Carmine enquanto

fazia marcha atrás pela Fairlane até East Circle. “Porque é que não percebi que a minha mulher era completamente inexperiente quando o Julian nasceu? Tinha um saco cheio de teorias, mas não passavam disso... teorias. O Julian precisa de mais exercício, mas a mãe está ocupada com um segundo bebé. Agora vê-se sobrecarregada com uma criança com falta de exercício e obstinada, que a empurra de um lado para o outro porque ela se sente permanentemente cansada. Um chato! Só soube que um bebé pode ser um chato quando tive o meu próprio filho. Julian, tal e qual um advogado de defesa.”

97

Quando chegou ao Centro Comercial de Busquash, Carmine já se preparara para ouvir o pior acerca de Morty Jones e apenas pôde sentir-se grato por o senhor Henry... Hank Murray não ter entrado em contacto com Silvestri. Não que estivesse disposto a poupar Morty a um castigo oficial, mas não estava ainda convencido de que a coisa não tivesse remédio. “Bêbado imbecil”... era uma interpretação interessante do carácter de Morty. Se andava a beber em serviço, era algo mais recente do que quando Carmine o vira, dez dias antes. Nessa altura, tudo andara à volta da afirmação de Ada de que os miúdos não eram filhos dele. Morty adorava aqueles miúdos, muito mais do que Ada, uma egoísta e ninfomaníaca. Porque é que ela ia para a cama com polícias e só com polícias? No entanto, se o estado de embriaguez do desgraçado era óbvio para os civis, teria também de ser óbvio para Corey. Corey, porém, não mexia um dedo.

Amanda Warburton estava abalada e dorida, mas sentia-se perfeitamente capaz de falar sem a ajuda de ninguém.

- Perdi a cabeça quando ouvi vidros a partirem-se - disse. Ele tinha partido a minha taça Bjorn Wiinblad em pedaços e segurava o meu gato Kosta Boda acima da cabeça, prestes a fazer o mesmo. Então viu-me e atirou-o contra mim.

Carmine bateu com o pé no chão: estava coberto com uma alcatifa comercial de qualidade, preta e de pelo alto.

- Admira-me que o objeto se tenha partido - disse ele.

- Por baixo é cimento. Uma queda de pouca altura não teria consequências, mas a velocidade adquirida pode ser suficiente se o objeto for lançado acima da cabeça para o chão, tal como ele fez com o gato.

- Conhece bem os seus vidros, senhora Warburton.

- Sim, são a minha vida. Mas ele também os conhece, não lhe parece? Nada de quedas de pouca altura.

Hank Murray intrometeu-se.

- Aquele idiota do sargento Jones insistiu continuamente que os culpados eram miúdos da Taft High - disse ele, zangado. - Ninguém concordou com ele, nem mesmo os dois agentes de patrulha... esses, sim, foram impecáveis. E revelaram-se também melhores detetives. Quando não quis mudar de opinião depois do segundo assalto,

98

tanto eu como a senhora Warburton perdemos toda a confiança nele. Tresandava a álcool! Portanto, desta vez, não ia deixar que o senhor Jones se aproximasse sequer do local.

- Eu próprio irei encarregar-me do caso, senhor Murray - disse Carmine num tom calmo. - Havia alguma razão para o sargento Jones ter insistido que tinham sido miúdos da Taft?

- Aparentemente, têm ocorrido atos de vandalismo na zona. Mas, tirando o facto de nos situarmos na zona oriental, não estamos nem perto das vizinhanças da Taft High.

- E aqui no centro? Excetuando o vandalismo na Glass Teddy Bear e o roubo no Third Holloman Bank, têm sido alvo de alguma onda criminosa, como lhe chamam os jornais? Carteiristas, assaltos por esticção, desacatos de gangues?

- Se tivéssemos, o senhor já saberia, capitão. "Ou deveria saber, pensou sombriamente Carmine.

- Não, acho que tenho de explicar-me melhor. Eu referia-me a atividades que não tenham sido relatadas à polícia. Por exemplo, presumo que têm uma empresa de segurança encarregada da vigilância?

- Não - respondeu Hank, carrancudo. - Finalmente, depois de quase três anos e meia centena de pedidos aos proprietários, a Shortland Security vai começar a

fazer o trabalho de vigilância amanhã, segunda-feira, sete de outubro. Foram precisos três atos de vandalismo e um assalto a um banco para que isso acontecesse, mas aconteceu por fim.

- Compreendo. Qual o motivo para a sua surpresa quando o Vândalo quebrou a sua taça?

- Porque nas suas duas visitas anteriores - disse Hank antes que Amanda pudesse responder - o Vândalo nem sequer rachou qualquer artigo. Essa era a parte mais estranha.

Entraram dois socorristas pela porta das traseiras da loja e qualquer esperança de continuar a conversa com Amanda viu-se gorada.

- Enviarei cá dois técnicos forenses logo de manhã - disse Carmine enquanto ela era levada na cadeira -, mas, se por acaso lhe derem alta do hospital ainda hoje, não venha para aqui. Ninguém deve tocar em nada, entendido? Senhor Murray, falarei consigo amanhã pelas dez da manhã sobre o assalto ao banco.

99

Carmine achou que Hank o ouvira, mas isso era discutível, já que ele se encontrava ocupado em assegurar a Amanda que iria ao seu apartamento para alimentar os animais, apoderando-se ainda das chaves dela. Completamente embeijado.

Antes de ele sair, pouco depois da uma da manhã, Carmine pegou no telefone da loja e marcou o número que tinha na sua agenda. Foi uma voz ensonada que atendeu.

- Menina Macintosh? Esteja amanhã de manhã antes das oito horas no laboratório do Paul Bachman. Às oito em ponto, acompanhá-lo-á ao Centro Comercial de Busquash, a uma loja chamada Glass Teddy Bear, que foi assaltada por vândalos, ou por um vândalo só. O Paul encarregar-se-á das provas físicas, enquanto você ficará incumbida do trabalho de detetive. Pretendo interrogatórios exaustivos nas lojas vizinhas e, se puder, tente também estimar o número de vândalos envolvidos. Tome especial atenção a uma loja três portas a seguir que tem estado a ser montada para vender artefactos das tribos índias, pois pode haver aí testemunhas. Examine bem a mercadoria da Glass Teddy Bear... por exemplo, os artigos à venda são de luxo? Depois, escreva um relatório.

Ela não conseguiu deixar de perguntar:

- Este caso está ligado ao Dodó?

- De maneira nenhuma.

“Ora toma! Pode ter arranjado as coisas de maneira a voltar para Holloman, menina Macintosh, mas nem pense que vai trabalhar no Dodó. Aliás, nunca poderia contar consigo mesmo que fosse uma estagiária modelo, quanto mais sendo uma chata. O caso do Dodó não foge.”

A primeira tarefa de Carmine na manhã de segunda-feira consistia na consulta dos registos de propriedade nos Serviços Municipais, o que implicava uma cansada escadas acima, escadas abaixo, bem como atravessar várias secções, que o fizeram sentir como se estivesse a passar de um país para outro em vez de uma função municipal para outra.

100

Sem provas, não podia consultar a conta bancária de Kurt von Fahlendorf, mas havia uma maneira de averiguar se os boatos em Carew estavam certos quanto à fortuna do alemão. Quanto valia a sua propriedade? Será que era inteiramente dono dela? Embora esperasse encontrar a escritura da casa de Curzon Glose, nº 6, oculta em declarações de empresas anónimas, foi dar com ela registada sem subterfúgios: K. von Fahlendorf era claramente o proprietário do nº 6 de Curzon Glose. com apenas meio hectare, era no entanto uma propriedade de relevo em Carew, principalmente devido à sua antiguidade. Isso fazia com que a sua manutenção fosse dispendiosa, já que cada ripa podre do revestimento exterior tinha de ser substituída por uma ripa de madeira semelhante e cada telha tinha de ser partida à mão. Curzon Close era um pequeno beco sem saída, englobando apenas seis casas, duas das quais pertenciam a membros dos Cavalheiros Vigilantes: Mason Novak era dono do nº 4, enquanto Dave Feinman, o janota, vivia na primeira casa ao virar da esquina para a Spruce Street. Coincidência?

- O senhor Ebenezer Curzon foi proprietário e lavrou vinte hectares de terras em Carew - disse a funcionária responsável pelas transmissões de propriedades a Carmine, encantada por ter uma audiência atenta. - Foi tudo vendido gradualmente, claro, tudo menos a quinta propriamente dita, que deixou de fazer parte dos bens de Curzon em 1930, quando a Depressão estava no seu auge. Desde então, teve vários proprietários, e lamento vê-la agora nas mãos de um

estrangeiro. - Os seus dedos em forma de espátula caíram sobre as plantas térreas do nº 5 de Curzon Close. -Já este lote, fico contente por dizê-lo, foi recentemente adquirido por verdadeiros ianques, pelo menos é o que parece: Robert e Gordon Warburton.

Já pronto para se desculpar com uma emergência, pois a funcionária continuaria a falar o resto do dia, Carmine estacou.

- Warburton? Robert e Gordon?

- Sim. Compraram o número cinco de Curzon Close há oito meses.

- Vivem lá ou foi apenas um investimento?

- Isso não sei, capitão. - Debruçou-se sobre o balcão com ar conspirador. - Contudo, posso informá-lo de que houve uma horrível confusão quando eles começaram a pintar a casa.

101

com um novo interesse, também ele se debruçou; as suas testas quase se tocavam, semelhantes a cariátides sem um lintel.

- Confusão, Aggie? Despeja tudo cá para fora ou ainda te mando de volta para as Rockettes.

Ela deu uma risadinha.

- Acreditas, Carmine, que os tipos começaram por pintar as ripas exteriores de preto e branco e às listas? - Um risinho. - Tive de pegar no carro e ir lá ver. Como uma zebra, Carmine. Naturalmente, a Câmara não autorizou... fomos inundados com protestos. Não querem lá ver, mesmo junto a Busquash, onde nem sequer se pode pendurar uma lâmpada de Natal fora de casa. Uma vez que Carew faz parte de Holloman, as regulamentações não podem chegar a tanto, mas podem ser interpretadas no sentido de proibir casas com listas pretas e brancas. Os Warburton ficaram danados e tentaram avançar com um processo judicial, mas nem sequer o Isaac Lowenstein conseguiu ultrapassar a regulamentação municipal. Imaginas o juiz Thwaites a ouvir semelhante coisa? Na Califórnia, disseram os Warburton, parece que vale tudo. Nesse caso, foi a opinião generalizada, que regressassem à Califórnia.

- Tu não me digas! - exclamou Carmine debilmente. - Imagino que a sóbria e ancestral Nova Inglaterra seja um choque depois da Califórnia, hem, Aggie? Que andava eu a fazer na altura, que não soube nada disso?

- Os tumultos raciais depois de Martin Luther King Júnior?

- Ah, pois foi. - Lançou à funcionária notarial o seu sorriso mais cativante e desapareceu tão depressa como uma bola de sabão.

Tinha tempo à justa para lá ir no seu caminho para o Centro Comercial de Busquash. Estava com sorte.

Quando o Fairlane estacionou à porta do nº 5 de Curzon Close, Carmine tentou visualizar aquela encantadora casa de ripas brancas pintada com listas pretas e brancas. Por que raio queria alguém fazer isso? A casa ocupava cerca de duzentos metros quadrados de terreno, e havia claros indícios de que pelo menos um dos seus inquilinos lançara mãos ao árduo trabalho necessário para manter os canteiros de estilo inglês; tinham sido cobertos com uma camada de matéria vegetal

102

para o inverno, e lá para maio estariam perfeitos. Não, um verdadeiro jardim não se coadunava com uma casa às listas pretas e brancas. O único toque de cor que a casa agora ostentava era a porta da frente envernizada a vermelho. Não se tratava de tinta, mas de verniz. Carmine acabou por concluir que Robert e Gordon Warburton tinham andado a gozar com algumas irritantes prerrogativas do estilo da Nova Inglaterra. Eram brincalhões, não filisteus.

Desceu da viatura e começou a subir o acesso lajeado em direção à porta vermelha; antes de chegar a meio do caminho, a porta vermelha abriu-se e dela saíram dois homens que a fecharam firmemente atrás de si. com cerca de cinco passos a separarem-nos, Carmine deteve-se e também eles se detiveram, cada lado a observar o outro.

O que Carmine viu foram dois homens absolutamente idênticos com cerca de trinta anos. Tinham o cabelo castanho raiado de madeixas mais claras, típico das crianças que já foram muito louras, cuidadosamente cortado, farto e ondulado. O rosto que partilhavam era de feições regulares e uma expressão interrogativa, para a qual contribuíam em grande parte os seus olhos esverdeados como uvas.

Lado a lado no caminho de acesso, Carmine não conseguia estabelecer que um fosse uma fração mais alto do que o outro, um pouco mais pesado ou mais encorpado; os seus traços físicos eram exatamente semelhantes: ombros estreitos, cinturas finas, ancas delgadas, embora os pés se mantivessem abertos, como numa posição de ballei. Usavam camisolas de malha idênticas, calças práticas e ténis, mas um gémeo estava vestido de preto e o outro de branco. Se não usassem cores diferentes, teria sido impossível distingui-los, o que era muito estranho em homens maduros: esse tipo de identificação diminuía com o passar dos anos.

Carmine puxou do seu distintivo dourado e apresentou-se.

- Eu sou Robert Warburton - disse o gémeo vestido de preto.

- Poderá distinguir-nos sempre pelas cores que usamos. Robbie, escuro; Gordie, claro. Pensámos que seria melhor usarmos hoje preto e branco para o caso de o senhor estar aqui por causa da nossa casa outrora preta e branca.

- Portanto, já sabem que sou polícia?

- Já nos falaram de si, capitão.

103

Havia neles uma ligeira sugestão de feminilidade; Carmine deu consigo a pensar que, se não soubessem que ele era polícia, essa ligeira sugestão podia ter sido um gritinho descarado.

- Os senhores são parentes da senhora Amanda Warburton? -

perguntou ele sem cerimónias.

Deram ambos um salto teatral, perfeitamente sincronizado.

Sim, somos - disse Robert, o escuro, aparentemente com as

funções de porta-voz.

- Ela nunca vos mencionou ontem à noite, embora eu achasse que se encontrava numa situação em que iria necessitar da presença de parentes.

- Esteve com ela ontem à noite? Mas obviamente não foi um encontro romântico. De facto, é natural que ela não tivesse falado de nós. - Deu uma risadinha. - Ela não sabe que estamos a viver em Carew.

- Por alguma razão em especial?

Robert e Gordie encolheram os ombros em uníssono.

- Nem por isso. As famílias são assim mesmo, capitão. A Amanda é da geração do nosso pai, é a nossa única tia, embora não haja uma grande diferença de anos. É lamentável, penso eu. Somos os três os últimos Warburton. Uma das razões que nos fez decidir ter uma casa perto da Amanda.

- E depois não lhe dizer.

Os dois pares de olhos cor de uva-espim sem pele arregalaram-se, mas nenhum dos gémeos respondeu.

- Pois eu gostaria que informassem a senhora Warburton - disse Carmine. - A vossa tia está a ser vítima de um estranho tipo de perseguição, meus senhores. A sua loja de cristais foi vandalizada três vezes numa semana, e além disso ela ficou ferida durante o terceiro assalto, ontem à noite. Está a ser difícil encontrar um motivo, daí esta visita.

Gordie soltou um gritinho agudo.

- Uau!

- Quer dizer que somos suspeitos? - perguntou Robbie, cortante.

- Sim. Estiveram em Holloman durante toda a semana?

104

- Bem, sim - admitiu Robert, o escuro.

- Os senhores ganham bem na vossa profissão? Ambos os rostos se iluminaram de forma idêntica.

- Se ganhamos bem? Os Irmãos Marx são um êxito? A Olivia de Havilland e a

Joan Fontaine são irmãs? Nós somos estrelas de cinema!

- proclamou Gordie.

- Fico satisfeito por ver que também consegue falar, caro senhor. Podemos entrar?

- O lar de um californiano é o seu castelo - disse Robert. Não, capitão, ficamos cá fora.

- O que há lá dentro? Cadáveres? Dodós empalhados? Eles entenderam a alusão aos dodós, mas ignoraram-na.

- Seja o que for, é assunto que só a nós diz respeito até o senhor apresentar um mandado de busca - disse Robert, avançando o queixo. Gordie fez o mesmo. - Tenho notado que os naturais da Nova Inglaterra não são gente em quem se possa confiar; porque é que pensou que os californianos o seriam?

- Eu estou apenas preocupado com a senhora Warburton proferiu Carmine, divertindo-se imenso com este interlúdio. - Espero que tencionem contar à vossa tia que estão cá, talvez ainda hoje ou amanhã.

- Não está interessado nas nossas carreiras como estrelas de cinema? - perguntou Gordie, parecendo ofendido.

- Não vou ao cinema - disse Carmine solenemente. - Existem três companhias de teatro de repertório, e a American Shakespeare logo ao fim da rua, em Stratford.

- Pff!- desdenhou Gordie. - O teatro é falso.

- O cinema é falso - disse Carmine.

- Gémeos! Gémeos idênticos! - gritou o pálido Gordie.

- Desculpe?

- É isso mesmo, capitão - interveio Robert, o escuro. - Somos gémeos idênticos que sabem representar. Praticamos esgrima. Somos cavaleiros experimentados. Sabemos cantar e dançar. Depois de termos feito A Valsa dos Vampiros Gémeos na primavera passada, as ofertas não param de chegar. A idade certa, o sexo

certo, a aparência certa... nunca seremos nenhum Cary Grant, mas descobrimos uma maneira de vivermos bastante bem.

105

E isso é apenas a ponta do nosso icebergue! - anunciou a voz estridente de Gordie.

Cala-te, Gordie! - cortou Robert.

Porque é que vivem no Connecticut se são estrelas de cinema?

O Paul Newman e o Kirk Douglas vivem no Connecticut - comentou Gordie.

Temos mais duas casas, capitão - disse Robert; era evidente

que estava habituado a apanhar os cacos depois dos comentários irrefletidos de Gordie. - Uma é em San Diego, que arrendamos, e uma em Hollywood Hills, onde residimos quando estamos na Costa Oeste. Trabalho na Califórnia, descanso no Connecticut.

- Algum dos senhores mantém um diário? - perguntou Carmine.

- É uma obra a duas mãos - disseram os dois em coro.

- Porque será que isso não me espanta nada? Compareçam ambos mais a obra a duas mãos no edifício dos Serviços Municipais, no Departamento de Polícia, amanhã de manhã às nove horas. E assegurem-se de que o vosso diário recua até ao princípio de março.

- Porquê? O que é que fizemos? - perguntou Robbie.

- Estão apenas a ajudar na investigação, caro senhor. Há um violador à solta em Carew.

Cumprimentou-os com um aceno da cabeça e retrocedeu pelo caminho de acesso; nas suas costas, os Warburton arregalavam os olhos, horrorizados.

Hank Murray aguardava no seu escritório, mas não naquele onde conservava projetos, registros, arquivadores gigantescos e a sua secretária.

- Um homem da sua envergadura dificilmente conseguiria mexer-se lá dentro - disse ele, sentando Carmine numa cadeira verde de couro. - Este aqui é para os meus clientes e para os membros da direção. Um cappuccino? Ou um café cheio com natas? A Ursula está à espera do pedido.

- Cappuccino - disse Carmine.

- Um folhado?

106

- Não era mal pensado, senhor Murray.

Passados cinco minutos, a secretária de Hank apareceu com uma bandeja cheia, incluindo os seus favoritos, folhados de maçã.

- Diga-me o que sabe sobre o assalto ao banco - pediu Carmine.

- Definitivamente, capitão, foi alguém do próprio banco. Quem roubou o dinheiro tinha um conjunto de chaves. Entrou pela porta traseira do corredor de serviço e tinha chaves para abrir a caixa-forte.

- E o senhor? Tem chaves que abram a caixa-forte, senhor Murray?

Hank arfou.

- Claro que não! Disponho de chaves para a porta de serviço, ccomo é lógico, mas para mais nenhuma dependência de qualquer agência bancária do Centro Comercial de Busquash.

- O sargento Jones perguntou-lhe isso?

- Hum... não. Não o acompanhei quando ele foi ao banco. l “Espero bem que ele tenha ido ao banco”, pensou Carmine enquanto descobria as escadas de emergência e descia para o piso inferior. Evitar os elevadores era uma das maneiras de lidar com os cozinhados de Desdémona.

Declinando a companhia de Hank, deu a volta até à parte da frente do centro comercial e entrou no banco pela porta principal.

Era uma agência bastante agradável, com o chão e as paredes em mármore raiado de cor de rosa, branco, verde e cinzento. Os caixas estavam atrás de um belo balcão do mesmo mármore e, provavelmente, cada um estaria equipado com um botão de alarme junto ao joelho direito, de forma a não ser acionado acidentalmente mas que fosse de fácil alcance. Havia cinco caixas, mas apenas duas estavam a funcionar; encontravam-se várias pessoas lá dentro - clientes?, investidores? -, mas não havia nenhuma fila formada.

O seu distintivo dourado permitiu-lhe transpor uma grade elétrica para lá do balcão, e Carmine foi conduzido até uma grande secretária no canto esquerdo mais afastado, onde o gerente, o senhor Percy Lambert, estava sentado com um ar sombrio.

107

Capitão, estou encantado que tenha vindo - disse Lambert,

um homem alto e magro, com cabelo ralo e feições de alguém que sofre de problemas de digestão crónicos.

Carmine sentou-se na cadeira para os clientes com um ar competente.

- Presumo que o dinheiro que foi roubado constituísse a vossa reserva de caixa para o dia seguinte? - perguntou ele. - Responda como se eu não soubesse nada; geralmente, é essa a minha técnica. Por vezes, a repetição estimula a memória - esclareceu, num tom suave.

- Sim, era a reserva de caixa para o dia seguinte. Em circunstâncias normais, é o suficiente para o expediente; quando temos uma procura invulgar de dinheiro, então ligo para a sede na Cromwell Street e peço mais - disse o senhor Lambert.

- Isso acontece com frequência?

- Não, porque, de uma forma geral, vou acumulando para períodos habituais de grande procura, como fins de semana alargados. Aos fins de semana normais, precisamos de uma provisão adicional, já que todas as outras nossas agências estão fechadas. O Centro Comercial de Busquash é especial. O Fourth National

também tem aqui uma agência e alternamos o horário de fim de semana. Nos fins de semana alargados, abrem as duas agências.

- Compreendo. Esse dinheiro tinha alguma particularidade? Estava sequencialmente numerado? Era novo ou usado?

- Notas usadas, não sequenciais. - O rosto sombrio ficou ainda mais sombrio. - Ideal para um assalto. Não estava marcado de maneira nenhuma.

- Mostre-me onde e como aconteceu.

O canto à direita no interior da grande superfície tinha sido isolado da área comum por um gradeamento extremamente atraente, adornado com frisos e talha dourada simples. O compartimento tinha três metros por três, com o fundo todo ocupado por uma série de cofres, munidos de manipullos e contadores numerados. Via-se uma consola de encontro à primeira fila de grades, e a porta abria-se para o lado esquerdo, o único possível.

108

- Mudámos imediatamente de fechadura - disse Lambert enquanto dava várias voltas à chave -, mas irá ser transformada numa fechadura de segredo, cuja combinação será mudada diariamente.

- com certeza que têm seguro...

- Oh, sim.

Entraram na caixa-forte, um aperto para Carmine, que prometeu a si próprio verificar o seu peso no ginásio da polícia nesse mesmo dia.

- Não temos cofres individuais de valores nem dispomos de instalações para quantias de dinheiro realmente elevadas - disse Lambert. - Acho que sempre esperei que, se houvesse algum roubo, seria um assalto à mão armada.

- E nunca houve nenhum?

- Não, nunca, nem sequer daqueles que acabam em nada.

- O sargento-detetive Jones voltou cá para falar consigo?

- Não - respondeu Lambert, parecendo muito pouco preocupado com isso. - Eu disse-lhe na altura que o mais certo era nunca vir a resolver o caso. Estou farto de puxar pela cabeça, capitão, mas não me lembro de nenhuma ocasião em que as chaves não estivessem em meu poder, quanto mais desaparecidas.

- Traz as chaves sempre consigo?

- Não, não posso. São muito pesadas... as chaves das caixas e várias dos cofres lá atrás estão na mesma argola.

- Então, estão na sua secretária? E isso é do conhecimento geral?

- Não é bem assim. Estão naquele cofre no canto que eu ocupo... debaixo do feto artificial. E eu sou a única pessoa que conhece a combinação.

- Bem, senhor Lambert, tem um bom esquema de segurança. De qualquer maneira, fique de olho se alguém revelar conhecimentos acerca de fechaduras de bancos, principalmente acerca da combinação do seu cofre. - Manteve um tom seco. - Ficou satisfeito com a conduta do sargento Jones?

- Tem alguma razão para pensar que eu poderia não estar satisfeito, capitão?

- Não, é apenas uma pergunta de rotina. Mas agradecia que me desse uma resposta franca - disse Carmine.

- Bem, foi suficientemente amável e sabia como geralmente os assaltos a bancos vão por água abaixo. A minha única queixa tem que

109

ver com o cheiro a álcool que deitava. Mas ele desculpou-se, disse que a mulher tinha acabado de o deixar e que desde aí andava numa montanha-russa.

- Obrigado pela sua compreensão, senhor Lambert. Eu mantenho-me em contacto consigo - disse Carmine, despedindo-se.

Portanto, Hank Murray estava excluído, e quem é que restava? Ninguém. Por alguns momentos, ao ouvi-lo falar sobre parcimoniosos donos de centros comerciais e a sua relutância em contratar segurança adequada, Hank parecera um favorito; se o caso se limitasse a Amanda Warburton, Hank era uma boa

aposta, já que os atos de vandalismo o tinham feito aproximar-se mais de uma senhora muito atraente que ele claramente desejava. Para ele, teria sido como matar dois coelhos de uma cajadada: ficar a conhecer melhor Amanda e contratar a Shortland Security. Porém, Carmine achava que os dois crimes tinham sido cometidos pelo mesmo homem. De facto, o Vândalo, quem quer que fosse, provavelmente não planeava mais nada senão aquele primeiro assalto, aquela invasão francamente bizarra da loja de vidros... lixo, ainda por cima! Os dois que se seguiram foram menos imaginativos, embora na segunda invasão o intruso tivesse precisado de muitas horas para empilhar todos os objetos de vidro. Talvez os gémeos Warburton? Não. Eram demasiado afetados, e decerto a ideia de vandalismo deixá-los-ia horrorizados. Quem, quem, quem?

Olhando para o relógio, pensou que a equipa de técnicos forenses talvez ainda estivesse na Glass Teddy Bear e, uma vez que se encontrava nas imediações, podia aproveitar para se pôr a par das suas descobertas, se é que tinham descoberto alguma coisa.

- A empresa de limpezas liquidou qualquer hipótese de reunir provas - disse Paul, arrumando o seu equipamento no interior da loja. - No meio do cheiro a ambientador, tresanda a fluidos de produtos comerciais e a carpete foi lavada e esfregada até quase desaparecer. O Vândalo deve ter deixado o local completamente arruinado e, por isso, deve ter dado muito trabalho pô-lo como estava. Perguntei ao senhor Murray se tinha sido a Whistle-Clean, e ele confirmou.

110

Uma vez que esta empresa era contratada para limpar as maiores porcarias que os seres humanos podiam fazer, Carmine simplesmente fez uma careta.

- Deixa lá, Paul. A pobre senhora estava a precisar de algum alento. Como é que se saiu a menina Macintosh, a gatinha sensual?

O rosto jovem e redondo de Paul iluminou-se, divertido.

- Quem me dera ter-lhe posto os olhos em cima! Apareceu num fato de gabardina que não teria ficado deslocado numa freira. Saiu-se muito bem, Carmine. Fez os inquéritos com o seu bloco de notas e caneta, cativou os homens e fez com que as mulheres simpatizassem com ela. Parece que a ensaboadela que lhe deste resultou.

E então Helen entrou, com o bloco de notas, fechado, na sua mão direita; quando viu Carmine, engoliu em seco, quase fez a continência, limitando-se a ficar em sentido.

- À vontade - disse Carmine, solenemente. - O que descobriu, menina Macintosh?

- Nada que seja digno de mil palavras, capitão, mas há uma coisa muito interessante que gostaria de lhe mostrar - disse ela, e dirigiu-se para a loja.

Acenando a Paul em despedida, Carmine seguiu-a. Encaminharam-se para a montra, onde se encontrava o ursinho de vidro em toda a sua glória; Helen apontou para o seu focinho.

- Já viu alguma vez olhos como estes? - perguntou. - Olhos como estrelas. É um azul-forte magnificante, como as águas mais profundas do Pacífico.

Ele inspecionou com ar concentrado as órbitas azuis do ursinho de vidro.

- Hum... muito bonitos - disse ele de modo pouco convincente.

- É só isso?

- Sim, capitão, é só isto. - O rosto dela tornou-se sério, temeroso. - Capitão, este animal de vidro é uma das maravilhas do mundo. Se olhar com atenção para a pequena cauda redonda, e geralmente os ursinhos de peluche não têm caudas, poderá ver a assinatura do artista: Lorenzo delia Fiori. Era considerado um mestre, o melhor que há na memória. Instalado em Veneza, mas em Burano e não em Murano. Há dez anos, foi assassinado... trinta e quatro anos! Sabe-se lá que tesouros o mundo perdeu com a sua morte prematura.

111

Carmine olhava para ela, estupefacto.

- Como é que sabe isso, menina Macintosh?

As suas pestanas baixaram, enquanto ela assumia aquele ar reservado que Carmine julgou ser parte do seu repertório habitual em conversas com homens.

História de arte e como apreciar arte, na Escola Feminina da

senhora Procter, capitão. Podem não ter ensinado muita ciência, mas encheram-nos de arte, literatura e música. A teoria educacional da senhora Procter é que uma rapariga que tenha estudado com ela irá casar-se tão bem que um dia se tornará patrona das artes, literatura e/ou música. Afinal de contas, o dia de uma aluna não pode ser apenas devotado à etiqueta e à leitura do Bine Book.

Os lábios de Carmine contraíram-se, mas ele manteve a calma.

- Está a dizer que esta coisa vale uma fortuna?

- Várias fortunas, aliás. Repare mais uma vez nos olhos. Cada um do tamanho de um berlinde grande e de um azul-violáceo profundo, ligeiramente opaco. Não se pode considerar o vidro enevado, pois isso implicaria uma rede de fios, mas este é uniforme. É mesmo uma opalescência espectral, não é?

- É - disse ele, fascinado. Onde quereria ela chegar?

- Mas o que realmente faz com que estes olhos sejam tão hipnotizantes são as estrelas de seis pontas no seu interior. Ou seja, a estrela não se encontra à superfície, mas, se se pudesse voltar o olho ao contrário, teríamos a mesma impressão. De certo modo, a estrela flutua no espaço. Fabuloso! - exclamou ela.

- Deve ter sido muito difícil enfiá-las lá dentro.

- Aí é que está... não se fez nada disso! - disse Helen, entusiasmada. - Não foram mãos humanas que fizeram esses olhos, capitão. São safiras estreladas.

- Meu Deus! - Involuntariamente, Carmine deu um passo atrás.

- Em termos prosaicos, como dólares, estamos a olhar para uma coisa de que valor?

- Primeiro, capitão, tem de compreender que este par combinado de gemas é único - disse aquela rapariga notável. - As safiras estreladas têm uma cor escura azul-esverdeada, o que a desvaloriza bastante. A cor perfeita para uma safira é o azul-violáceo, mas não

existem safiras estreladas dessa cor. Simplesmente, não existem. Exceto os olhos deste ursinho. Têm um valor inestimável, mas, se tivesse de dar um preço a uma maravilha do mundo, ainda por cima com duas enormes safiras estreladas idênticas em azul-violáceo, iria para os dois milhões. Dois milhões bem aviados. Se as exibisse publicamente durante dois anos, duplicaria o seu investimento. É uma autêntica peça de museu, mas a única maneira de o senhor, ou seja quem for, tentar saber quanto valem é levá-las a hasta pública. Ele sorriu.

- A senhora Procter também ensina gemologia?

- com franqueza, capitão! É a mesma coisa que perguntar se os russos foram primeiro para o espaço! A gemologia vem logo em primeiro lugar no programa de estudos da senhora Procter... não há nenhuma debutante que não traga na sua bolsa uma lupa de joalheiro para examinar qualquer oferta de diamantes.

- Evidentemente - disse Carmine, mantendo os lábios numa linha direita. - Portanto, uma peça de museu encontra-se desprotegida numa montra com um vândalo à solta. Só que o Vândalo tem um plano cuidadosamente preparado. E, se não fosse o programa de estudos da senhora Procter, nunca saberíamos que o ursinho é muito mais do que apenas um objeto bonito e moderadamente caro. O Vândalo deve ter tido um ataque quando o Hank Murray conseguiu contratar a Shortland Security. Como são os melhores, levar daqui o ursinho é agora praticamente impossível.

- Pensa que os atos de vandalismo têm que ver com o ursinho?

- Começa a parecer que sim.

- Segundo o senhor Murray, a senhora Warburton estará de regresso à loja amanhã. Os ferimentos foram ligeiros.

- O que é que se partiu?

- Apenas uma peça única, uma taça Orrefors concebida por um sujeito chamado Bjorn Wiinblad. Os registos estabelecem o seu preço a retalho em mil dólares.

- A outra peça não se partiu?

- Não, capitão, sobreviveu. É engraçada, se bem que meio louca. A arte em vidro é altamente individualizada... não há mais nenhuma substância que possa ser

trabalhada de tantas maneiras diferentes disse Helen.

113

Este caso está a tornar-se peculiar - comentou Carmine. -

Quero que na medida do possível trave amizade com a senhora Warburton e ao mesmo tempo trabalhe noutros aspetos do caso. Quero um relatório completo sobre o Robert e o Gordon Warburton, ex-San Diego. Isso significa recuar até ao tempo em que eles ainda não eram nascidos. E investigue igualmente a vida da Amanda Warburton. Como é que ela ficou na posse do ursinho de vidro?

Helen olhou para o rosto inflexível do capitão Delmonico e tomou uma decisão inteligente: deixar de esperar pelo caso do Dodó.

- Sim, capitão - disse, solícita. - vou fazer isso.

No caminho para o parque de estacionamento dos Serviços Municipais, Carmine teve um golpe de sorte; Mortyjones estava também a chegar e, como o posto de capitão dava direito a um lugar de estacionamento melhor, Carmine conseguiu apanhar Morty quando este passava pelo Fairlane que toda a gente sabia ser a viatura despersonalizada de Carmine Delmonico - um capricho que o comissário perdoava. Morty cometeu o erro de presumir que o condutor do Fairlane ainda se encontrava no edifício; quando Carmine abriu a porta e se debruçou, Morty sobressaltou-se.

- Entra - disse Carmine, lacónico.

Não havia fuga possível; Morty entrou e sentou-se no lugar do passageiro.

- Podes fumar, Morty - disse Carmine enquanto se virava de lado para examinar o sargento, perscrutando-o atentamente. Sim, não havia dúvida de que andava a beber. Não tanto por causa do cheiro que exalava, antes pelas mãos trémulas e olhos remelosos.

Vinte anos antes, Morty Jones tinha sido um polícia bastante promissor; Danny Marciano, que então ainda não era um dinossauro, dedicou-se a Morty com tanto empenho como mais tarde ele próprio faria com Nick Jefferson, pressionou-o para que frequentasse um curso noturno no Instituto Superior de West Holloman e pô-lo a fazer patrulha com Virgil Simms, outro tipo extraordinário.

As raparigas andavam todas atrás dele. Prometia ter uma grande carreira nas forças policiais e, além disso, era agradável à vista: alto,

114

com gestos graciosos e uma certa beleza sombria e meditativa, sinal de que os seus antepassados eram galeses, como afirmava ele na brincadeira. Passou no exame para sargento com distinção e, munido do seu curso e da sua nova mulher, candidatou-se à Divisão de Detetives. Atitude que contrariou o capitão Danny Marciano, tanto quanto a esposa que Morty escolhera, mas nada conseguiu demovê-lo: Ava afirmou que ser detetive era melhor. Ele estava louco por ela e faria tudo para agradar à mulher que todos os seus amigos sabiam ser uma vadia... mas como dizer isso a Morty? Era impossível.

Quando chegou a detetive já era pai de um filho, Bobby, acontecimento que o predispunha a gostar de toda a gente, incluindo Larry Pisano, o tenente da equipa onde ele foi colocado. Não era o chefe indicado para Morty Jones. Já com uma certa idade e cheio de azedume, principalmente depois de ter sido preterido a favor de Carmine Delmonico na chefia da divisão, Pisano vivia apenas com dois objetivos: a sua reforma que se aproximava e criar a Carmine tantos problemas quantos pudesse. Entre outras tramóias, dispôs-se a arruinar a vida cor de rosa de Morty Jones, informando-o das atividades extraconjugais de Ava. Morty não acreditou nele, mas a semente da dúvida fora lançada: o polícia brincalhão e entusiasta perdeu gradualmente o bom humor e, o pior de tudo segundo o ponto de vista de Carmine, o interesse no trabalho, que continuou a desempenhar, embora de forma desmazelada.

- Conheço os teus problemas, Morty - disse Carmine num tom caloroso -, mas tens de parar de beber.

- Só bebo fora de serviço, Carmine.

- O tanas é que bebes. Neste momento, andas de tal forma metido nos copos que já andam a pensar atribuir-te um banco próprio no Shamrock Bar. O Shamrock Bar, por amor de Deus! Um bar de polícias! És como um homem num carro no cimo da pior descida da montanha-russa... mas quando chegares cá abaixo não paras, irás acabar todo torcido no meio de um monte de destroços... os destroços que são a tua vida, Morty! Já sei acerca da bronca com a Ava, e é mau, mas pensa nos teus filhos. Tens um dever para com eles. O que vai acontecer quando

o comissário descobrir, hem? Põe-te na rua pela orelha, sem pensão nem referências que te ajudem a encontrar outro emprego. Estás sob contrato, ou esqueceste-te disso?

115

- Não ando a beber em serviço - insistiu Morty.

- Falaste com o Corey?

- Não, ele tem os seus próprios problemas.

- Então fala comigo! Quero ver-te novamente como eras, enquanto pessoa e polícia! Tenta encarar a tua profissão como o único sítio onde podes esquecer os teus problemas pessoais, enterra-te em trabalho. É uma boa técnica, Morty, e está ao teu alcance. Mas, enquanto o álcool te circular pelo cérebro, não conseguirás pensar como deve ser. Por isso, essa é a prioridade número um: deixa de beber de uma vez, por favor! Podia dirigir-me agora ao John Silvestri e em menos de uma hora estavas na rua. Escolhi não o fazer porque não acredito que estejas tão em baixo que não consigas dar a volta por cima. A Delia encontrou uma empregada doméstica extraordinária que pode proporcionar-te uma vida caseira decente enquanto travas esta batalha, portanto vai à luta. Vai à luta!

Porém, a resposta de Morty foi uma súbita torrente de lágrimas desesperadas; Carmine observou e ouviu, no meio do seu próprio desespero.

E lá veio a história mais uma vez... a acusação de que os miúdos não eram seus, o facto de ter batido nela e como era horrível viver sem Ava. Os miúdos choravam, ele chorava...

- Se não falares comigo, Morty, terás de falar com o doutor Corning - acabou por dizer Carmine. - Precisas de ajuda.

- O psiquiatra do departamento? Não vou! - disse Morty.

- Vais, porque entretanto irei falar com o Corey para que se trate disso - afirmou Carmine. - O doutor Corning é um tipo porreiro.

Em resposta, Morty abriu a porta e pôs-se a andar.

O que deixou Carmine sem outra alternativa senão falar com Corey.

Este estava no seu gabinete, aparentemente no meio de uma discussão qualquer com Buzz Genovese.

- Mais tarde - disse Corey, ao olhar para a expressão de Carmine. Buzz dirigiu um sorriso a Carmine e desapareceu. Carmine sentou-

-se... não era o momento ideal para ficar sobranceiro a um homem sentado.

116

- O que queres? - perguntou Corey, truculento.

- Desencanta um impresso 1313 - disse Carmine.

- O quê?

- Ouviste bem, Corey.

- Mas porquê?

- Devias perguntar “Quem?”, mas sabes bem de quem se trata. O Morty Jones. Está na altura de o mandarmos para o doutor Corning.

Sempre fora motivo de piada no seio da equipa o facto de o judeu Abe Goldberg se parecer com um anglo-saxão, enquanto o anglo-saxão Corey Marshall se parecia com um judeu. Quanto mais velhos ficavam, mais certa se tornava essa observação. Corey tinha perdido peso - Maureen andava com a mania das dietas - e o seu rosto estreito e de feições semíticas encovara-se um pouco mais; o nariz proeminente em forma de cimitarra e a permanente sombra de barba preta nos maxilares lembrava a maquilhagem a carvão do teatro. Os seus olhos pretos chisparam de raiva.

- Isso é uma treta, Carmine! Não se passa nada de errado com o Morty.

- Oh, então, Cor, onde é que tens os olhos? Para onde foi o teu olfato? O Morty Jones anda a beber em serviço e meteu-se numa grande alhada - disse Carmine, mantendo o tom neutro. - Se eu vejo o que se passa, também tu deves ver... ele é membro da tua equipa.

- Pois é, e também é problema meu! - cortou Corey. - Não preciso que venha o capitão meter a sua colherada. Assim que a Ava voltar para casa, o Morty voltará ao normal... sem recorrer a um psiquiatra.

- Tenho a impressão de que a Ava não volta para casa. Está a preparar-se para meter os papéis para o divórcio e nós temos de atuar antes que isso aconteça. Arranja o impresso, Corey. É uma ordem.

- Só se eu concordar contigo, e não concordo. Na minha opinião, se mandarmos o Morty para o psiquiatra, será o seu fim.

As mãos de Carmine agitaram-se no ar.

117

Oh, meu Deus, mas porque é que vocês desconfiam tanto dos

psiquiatras? O doutor Corning safou pelo menos meia dúzia de polícias de perderem o emprego... e pior, de perderem a vida. A percentagem de crimes está a aumentar a nível nacional, o que faz com que os suicídios de polícias pareçam menos numerosos, mas essa é uma falsa estatística, e tu sabes disso. A minha opinião é de que o Morty anda com uma grande depressão. Pode necessitar de medicação... desde que não seja uísque Jameson.

- Encarregar-me-ei eu próprio do problema da bebida, Carmine

- disse Corey perentoriamente -, mas não assino esse teu impresso.

Carmine levantou-se e saiu. Para falar a verdade, a referência ao suicídio era dar à situação de Morty uma importância exagerada, mas era imperativo que ele parasse de beber e Carmine não pensava que Corey fosse capaz desse tipo de terapia. “Porque é que eles odeiam tanto os psiquiatras?”

Naquela tarde, Delia chegou em passo rápido.

- Acabei as entrevistas - disse -, faltam os gémeos, amanhã de manhã. Posso ser eu a questioná-los?

- Podes estar presente, mas esse prazer vai ser meu - disse Carmine.

- E eu vou agora ver que podres consigo da vida deles na Califórnia - proclamou Helen num tom frívolo; depois acenou a Delia e saiu, tentando dar a impressão de estar intrigada com a sua tarefa.

- Alguma coisa interessante? - perguntou Carmine a Delia.

- Apenas aquilo que a senhora Mareia Boyce faz para ganhar a vida - respondeu Delia, empoleirando-se na cadeira que Helen deixara livre.

- Desenvolve.

- A senhora Boyce é diretora de uma agência de secretariado, na Cromwell Street. As suas empregadas são especializadas numa variedade obscura de assistência executiva, como datilografar especificações para foguetões, modelos de dissertações de prémios Nobel em

118

Física e Química Orgânica, dissertações médicas, hipóteses matemáticas... é só dizer, Carmine, e a Mareia Boyce arranja-te uma secretária que o saiba fazer. Custa um balúrdio contratar uma empregada da Boyce, mas aqueles que o fazem podem estar certos de que não haverá erros nas transcrições ou na decifração de garatujas. A maior parte dos contratos vem da Chubb ou da Uconn, mas há imensas universidades de outros estados que também requerem os seus serviços. As instituições educacionais raramente albergam uma empregada da Boyce por mais de seis meses... assim que a subvenção estatal se esgota, a senhora Boyce acolhe novamente a sua empregada. No entanto, alguns professores vencedores de um Prémio Nobel dependem das secretárias da Boyce durante anos. A senhora Boyce não se importa que as coisas corram de uma maneira ou de outra, já que fica com uma generosa fatia dos lucros.

Delia fez uma pausa para dar um gole no seu café da polícia, fazendo uma careta.

- Claro que, se o Richard Nixon for eleito presidente em novembro, não haverá tanto dinheiro disponível para a investigação científica, nem de perto nem de longe. Os presidentes republicanos são claramente anti-investigação, a não ser que se relacione com armamento. A investigação científica pura irá sofrer uma das suas pequenas mortes, porque os dodós de Washington não percebem que uma investigação científica aplicada se baseia nos sólidos alicerces da

investigação pura, portanto... atualmente, segundo a senhora Boyce, está toda a gente a gastar até ao último cêntimo o dinheiro que o pródigo Lyndon Johnson destinou à investigação científica, como se fossem condenados diante da última refeição.

- O assunto é fascinante, Deels, mas não é relevante.

- Ups, desculpa! - Os seus olhos pestanejaram no meio da camada de rímel que lhes cobria os cantos. - A senhora Boyce está genuinamente preocupada com a Amanda Warburton, mas não pode dizer-nos nada de concreto. Mesmo quando os residentes de Busquash fizeram um pé de vento tremendo por causa do edifício alto e demitiram os autarcas, diz a senhora Boyce que não houve qualquer espécie de ênfase na figura da senhora Warburton enquanto inquilina. A palavra

119

de que ela mais gosta é “maléfico”... diz que a Amanda Warburton anda a ser assediada, outra palavra sua preferida, por uma presença maléfica, alguém decidido a atormentá-la de uma forma sádica. A Mareia não acredita que o Vândalo esteja interessado nos vidros. Acha que a sua obsessão se prende com a própria senhora Warburton.

- O que é que ela pensa do Hank Murray?

- Não, pelo menos segundo a senhora Boyce, o Hank não é o Vândalo. - Delia desistiu do café com um suspiro. - O problema, Carmine, é que parece não haver qualquer móbil, se pusermos de parte os psicopatas.

- Pois aí é que tu e a senhora Boyce se enganam, menina Carstairs. Carmine informou-a acerca do ursinho de vidro e dos seus olhos.

- Oh! - exclamou Delia. - E a Helen descobriu isso tudo?

- Graças à Escola Feminina da senhora Procter... ou pelo menos é o que ela quer que pensemos. A menina Macintosh tem algo de vigarista, mas confesso que gosto mais dela por causa disso. O valor do ursinho pode ser seguramente estimado em mais de dois milhões.

- E a senhora Warburton sabe?

- Não me parece. Transferi a Helen para este caso, e veremos o que ela consegue saber. Obviamente, a nossa estagiária parece sair-se muito melhor em casos de natureza mais requintada.

- É evidente - disse Delia. - Tenho saudades do Nick!

- Também eu, embora gostasse que ele fizesse um esforço para simpatizar com a Helen. De qualquer maneira, o Abe diz que ele está muito bem em Hartford, e ele para nós é o representante de uma minoria.

- Como pode um rapazinho saído dos prostíbulos da Argyle Avenue simpatizar com a filha do M. M.? - perguntou Delia. - Ainda por cima, com a personalidade que ela tem? com o tempo, há de perder alguma da sua altivez, aquele elitismo inconsciente, mas deve ser muito difícil suportar isso, particularmente para o Nick. Ele foi obrigado a trabalhar no duro para conseguir aquilo que agora vê ser dado a ela de mão beijada, imerecidamente.

- Eu sei, Delia, eu sei.

120

Os irmãos Warburton anunciaram a sua chegada antes de efetivamente aparecerem; o empregado do parque de estacionamento do edifício dos Serviços Municipais ligou a dizer que aquele par de assombrações se recusava a deixar o seu carro estacionado na rua; enquanto o seu Bentley não se encontrasse em segurança no parque, não saíam do carro. O empregado foi instruído para os deixar estacionar e, pouco tempo depois, os gémeos Warburton, insuportavelmente enfatuados, fizeram a sua aparição no gabinete de Carmine.

Vinham vestidos com requinte, preparados para um dia fresco de outono. Ambos usavam aquilo que provavelmente eram cópias feitas em Hong Kong de fatos da Savile Row: o de Robert era um fato azul-escuro de três peças num padrão riscado, com uma camisa Turnbull & Asser às listas e uma gravata Stanford; o de Gordon era de seda cinzento-pérola, com uma camisa de seda branca e um colete de seda bordado à mão. Flutuavam numa nuvem de perfume de preço exorbitante e tinham escanhado as faces de tal maneira que a pele reluzia como cetim. Carmine suspeitou que até as sobranceiras de ambos tivessem sido aparadas e escovadas. Um par de pimpões.

- De que cor é o vosso Bentley?- perguntou ele, curioso.

- Cor de peltre - disse Robert -, com interiores em cabedal branco.

Depois de apresentar Delia, Carmine acompanhou os gémeos até à sala de interrogatórios de maiores dimensões, sentou-se com os seus papéis precisamente defronte deles e pôs uns óculos de leitura de meias lentes que lhe davam um ar professoral. O diário era em formato A4, um dia por página, e tinha como capa uma peluda pele falsa de zebra; o ano, 1968, estava gravado com números dourados com dois dedos de altura.

“Já estou farto de todo este disparate do preto e branco”, pensou Carmine, consciente de um desejo ardente de desatar à estalada. “Deem-me um tiro nesta espécie de arruaceiros! Ponham-me um buraco naquelas cornaduras!”

- Devo informar-vos - começou ele - que tenho um grande amigo de longa data em Los Angeles... o Myron Mendel Mandelbaum.

O efeito do projétil foi extraordinário. Ambos os irmãos assumiram a mesma expressão, uma mistura de temor respeitoso, espanto,

121

prazer e... cálculo? Os olhos atentos esverdeados como uvas tinham de alguma maneira adquirido o brilho das estrelas que Carmine acabara de ver nos olhos de um ursinho de vidro. “Agora já sei”, pensou ele, “o que quer dizer verdadeiramente a expressão “estrelas nos olhos”.”

O senhor Mandelbaum garante-me que os senhores são de facto... hum... “bens valiosos” em Hollywood. Pelos vistos, sai mais barato pagar salários elevados a atores de carne e osso do que ficar sujeito aos custos de duplicar com efeitos especiais o mesmo ator ao longo de muitas cenas. Além disso, dois atores de carne e osso proporcionam uma flexibilidade adicional, como diz o senhor Mandelbaum. Falei igualmente com o vosso agente, o qual me assegurou que os senhores já chegaram a um ponto em que podem escolher os papéis que representam no cinema, e em anúncios televisivos também.

Eles demonstraram como eram soberbos atores ao arranjarem uma maneira de parecerem simultaneamente orgulhosos mas humildes, merecedores e não merecedores.

- Como é sublime ver o nosso valor reconhecido por luminárias como o grande e

poderoso Myron Mendel Mandelbaum - disse Robert, com as lágrimas a fazê-lo pestanejar. - Tal como um Zeus, reside no cimo da Mulholland Drive, inacessível, rodeado de mil titãs seus lacaios e com o seu mundo a espalhar-se diante de si numa miríade de milhões de luzes!

- Mais provavelmente, oculto pelo smog - disse Carmine. Bem, vamos ao assunto. Três de março deste ano... onde estavam os senhores?

Gordon foi passando as páginas, Robert foi lendo as datas.

- Em Holloman - disse Robert.

- Os dois?

Eles fizeram uma expressão de terror idêntica.

- Nós nunca nos separamos!

- Treze de maio?

- Holloman. Entre essas duas datas, estivemos em Los Angeles a filmar o nosso maior triunfo cinematográfico, A Valsa dos Vampiros Gémeos.

- Embora seja um filme de série B. Vinte e cinco de junho?

- Holloman.

122

- Doze de julho?

- A regressar de avião de Los Angeles.

- Três de agosto?

- Férias no Parque Nacional de Yosemite. ;

- Podem provar isso? Recibos, por exemplo?

- Claro.

- Trinta e um de agosto?
 - Alasca, nas filmagens de um anúncio de aftershave para a televisão.
 - Porquê no Alasca?
 - Fres... qui... nho - disse Robert de forma arrastada.
 - Vinte e quatro de setembro?
 - Holloman.
 - Estiveram fora de Holloman durante o mês de setembro?
 - Depois de termos regressado do Alasca, no Dia do Trabalho, não. Decidimos ficar no Connecticut para as cores de outono.
 - No Connecticut, é preciso esperar por outubro para as cores de outono.
 - Já percebemos isso entretanto, obrigado.
 - Porquê Yosemite? Os senhores não me parecem ser grandes amantes de atividades ao ar livre.
 - Não se deve julgar um livro pela sua capa - disse Gordie numa voz aflautada.
- Robert olhou intensamente para ele, irritado.
- Gostam de livros? - perguntou Delia.
 - Mais ou menos - disse Robert.
 - Romances?
 - Se houver alguma adaptação ao cinema no horizonte... - respondeu Robert.
 - Se se vissem diante de uma parede coberta de estantes com mil livros de todos os géneros - persistiu Delia -, o que é que procurariam, caros senhores?
 - Mil livros. Isso é uma biblioteca. Haveria algum tipo de indicação. Eu iria direitinho a Cinema.

- O tal violador de Carew é um grande apreciador de livros disse Carmine.

123

A inevitável reação dois em um: horror misturado com terror.

Capitão, é impossível que nos considere violadores! - exclamou Robert, arquejando em perfeita sintonia com o seu irmão gêmeo.

- Sinceramente, meus senhores, não, não considero. O que eu

gostava de saber é se todas essas coisas simultâneas são sempre verdadeiras. Podem ser o mais homozigóticos que quiserem, mas não partilham o mesmo corpo. - A voz de Carmine tornou-se ameaçadora. Deve haver uma série de pequenas diferenças entre ambos, mas ao eliminá-las transformaram-nas numa forma de arte. Os senhores são atores de profissão e atores por natureza. Admito que haja algum tipo de ligação invisível, já para não falar da vulgar capacidade de lerem os pensamentos um do outro, mas não são a mesma pessoa. Portanto, que tal porem de lado por um momento essa charada dos idênticos e deixarem-me ver a quinta-essência do Robert versus a quinta essência do Gordon? Posso desde já dizer-vos o seguinte: o Robert é aquele que pensa antes de falar e o Gordon é aquele que fala antes de pensar.

Ambos esboçaram um sorriso dengoso... idêntico.

- Capitão Delmonico! Será essa uma observação lógica? - perguntou Robert. - Se calhar, esse falar-pensar constitui uma função do nosso vestuário, sabe? Se calhar, aquele que usa roupa clara, seja o Robbie ou o Gordie, é o gêmeo que fala antes de pensar, sabe? As cores têm vibrações fortíssimas; o senhor deve saber isso! Sabe Deus o que a cidade de Holloman fez quando nos proibiu de equilibrar o exterior da nossa casa entre as forças da Escuridão e da Luz!

- Oh, ponham-se na alheta! Saiam daqui! - disse Carmine, farto até à medula. - Os senhores podem não ser o Dodó, mas são indiscutivelmente uns totós.

Amanda regressou à Glass Teddy Bear a coxear por causa de uma anca magoada, mas basicamente ilesa. Insistira ser ela própria a conduzir e a levar Frankie e Winston; Hank estava à espera junto ao lugar de estacionamento identificado com o nome dela para a ajudar a sair do carro. Fez um enorme alarido por causa dos animais e levou-a escadas acima.

- Felizmente, tenho outro original Bjorn Wiinblad em stock... uma jarra e não uma taça - disse ela, apontando para um monte de

124

grandes caixas de cartão encostadas à parede de trás do seu gabinete.

- Se puder tirá-la por mim e desencaixotá-la, ficaria muito agradecida.

Assim, quando Hank se foi embora, Amanda já se tinha instalado, o novo original estava no seu sítio, ela corrigira a posição do Kosta Boda até ficar satisfeita e tanto o cão como o gato se encontravam aninhados na montra. Colocando a divisória que impedia que qualquer cliente se aproximasse deles para lhes fazer uma festa, Hank desapareceu pela porta da frente com um aceno. Iria levar comida chinesa para jantarem os dois no apartamento de Amanda, e ela não contava vê-lo até que fosse altura de sair. Porque não podia aprender a amá-lo? Mareia tinha razão. Ele era ideal para uma mulher solitária. Porém, parecia não haver maneira de gostar dele sem ser como um amigo, e desejou conseguir de alguma forma demonstrar-lhe pelo menos isso.

A manhã decorreu razoavelmente calma; vendeu vários conjuntos de copos de vinho a clientes com ideias muito distintas: um andava à procura de um cristal soprado incrivelmente fino e de uma pureza absoluta, outro queria copos de biquinhos de Waterford e um terceiro procurava copos de Murano com um fio de ouro. Era espantoso como havia gostos para tudo.

Quando o seu estômago rosnou, Amanda apercebeu-se de que não trouxera almoço com ela... bem, ainda não conseguira arranjar forças para ir às compras. Não tinha importância, já que não faria mal à sua figura ficar sem almoço.

Precisamente nesse momento, a porta emitiu o seu som de cristal; ela ergueu o olhar a tempo de ver entrar de rompante uma mulher alta e muito bonita, envergando um fato completo em gabardina vermelho-púrpura, com as duas mãos cheias de sacos.

- Há aí espaço no balcão? - perguntou ela, esgueirando-se habilmente entre pedestais e mesas.

- Há - respondeu Amanda, surpreendida.

- Ótimo - disse a mulher, cuja espantosa massa de cabelo cor de alperce de tão pesada parecia capaz de lhe partir o pescoço esguio. Pousou os sacos de papel e um termos. - Suponho que haja sítios no centro comercial onde pudéssemos ir almoçar, mas como não sabia trouxe tudo do Malvolio, incluindo o café. Tem alguns pratos ou tenho de surripiar aqui uns de cristal e lavá-los para os podermos usar?

125

Por esta altura, Amanda não sabia se devia rir ou afastar-se horrorizada, mas os seus animais de estimação decidiram por ela, ao saltarem por cima da divisória sem qualquer esforço e reunindo-se à volta da visitante pedindo atenção.

Sou a Helen Macintosh dos Detetives de Holloman e estou

aqui para espremê-la. Espero que goste de sanduíches de carne assada, quentinhas.

- Gosto, pois, e estou com fome. Esqueci-me de trazer almoço.

Amanda levantou-se. - vou buscar pratos, canecas e aquilo que recomendar como talher.

O almoço foi delicioso; Helen Macintosh era tão boa companhia que Amanda odiou pensar que, assim que tivesse respondido a algumas perguntas, aquele sol feminino desapareceria para ir brilhar noutros locais.

Contudo, tratou-se de um interrogatório sem pressas, que durou várias horas, interrompido por uma dúzia de clientes, intervalos que Helen aproveitava para fingir ser empregada da loja.

- Tenho um recado do capitão Delmonico - disse Helen depois de as coisas do almoço terem sido arrumadas, já com a loja deserta.

- Ele é muito diferente do sargento Jones - disse Amanda.

- É como comparar um Veuve Clicquot a bagaço. Seja como for, ele disseme para a informar de que os seus sobrinhos, o Robert e o Gordon, estão a viver em Carew há mais de oito meses.

Amanda ficou chocada.

- Não acredito.

- A sério.

- Porque não me disseram nada? Porque não me visitaram?

- O capitão acha que é a sua maneira de ser: são uns traquinas. Sempre que ignoramos a sua proximidade, eles divertem-se à nossa custa. Não é mais pernicioso do que isso, diz o capitão. Eles não são o Vândalo... esse é outro tipo de traquinice.

- Tem o número de telefone deles?

- Claro. Dou-lho antes de me ir embora. - Pasmada, Helen olhou à sua volta. - Esta loja é mesmo encantadora, adoro-a. Resolveu todos os meus problemas para as compras de Natal. Ali aquela gloriosa urna maciça, com as penas de pavão realmente incorporadas

126

no vidro... é tão difícil conseguir que o vidro tome aqueles tons iridescentes e metálicos. O meu pai vai adorá-la, tem um pedestal vazio no escritório.

Amanda corou.

- Bem... é muito cara, Helen... é uma peça única do António Glauber - disse ela, quase num murmúrio; ali estava uma promissora amizade a enveredar por um mau caminho antes mesmo de ter início.

- E para si o que é muito caro? - perguntou Helen.

- Quinze mil dólares.

- Oh, só isso? Pensei que ia dizer cem mil. Ponha-lhe uma etiqueta vermelha.

Os olhos de Amanda ficaram tão arregalados quanto os do ursinho de vidro.

- Eu... mas você... sinceramente, Helen, tem dinheiro para a comprar?

- O rendimento do meu fundo de investimento é de um milhão

de dólares por ano - disse ela, como se falasse de trocos. - Não faço muitas compras extravagantes, mas é tão difícil encontrar coisas para oferecer a pais que também podem comprar aquilo que mais lhe agrada sem olhar ao preço. E aquela urna é realmente uma peça linda... o meu pai vai adorá-la.

- Claro que está para venda, mas nunca pensei que alguém a comprasse - disse Amanda numa voz rouca. - Uma pessoa acaba por ficar muito ligada às peças originais. De qualquer forma, o negócio tem corrido tão bem desde que estou no Centro Comercial de Busquash que terei de fazer uma viagem no próximo verão para adquirir mais peças.

- Compreendo porque é que está um letreiro ao lado do ursinho de vidro a dizer que o artigo não é para venda. É uma peça de museu.

- Sim. Nunca o venderei.

- Também ninguém poderia comprá-lo. Qual é o valor do seguro?

- Duzentos e cinquenta mil dólares. Os olhos vivos de Helen chisparam.

- Mas... isso é uma loucura! com certeza que sabe quanto é que realmente vale...

127

- Vale aquilo que eu quiser, Helen. Se tivesse feito um seguro

mais elevado, o ursinho teria de ir para dentro de um cofre e nunca mais seria visto. Não foi para isso que o Lorenzo o fez. Fê-lo para mim, a minha peça única, que nunca será posta à venda.

Havia firmeza na sua voz. Helen não insistiu, optando por sentar-se no chão e brincar com o cão e o gato. O seu trabalho já começara, mas estava longe de uma conclusão. Era ali que estava a sua melhor fonte acerca dos gémeos. Almoço duas vezes por semana. Devia ser suficiente. E que diferença sentia ao perceber que gostava realmente da pessoa sujeita a observação no seu microscópio de detetive.

- Já viste isto? - perguntou Amanda a Hank durante o jantar de comida chinesa no seu apartamento. - Oito meses e nem uma palavra! Telefonei ao Robert e dei-lhe cá uma ensaboadela! Oh, eles nunca hão de mudar! Narcisistas, egocêntricos... e, o que é trágico, Hank, é que são inteligentíssimos. Mesmo muito inteligentes. O Robert joga com as palavras como um gato com uma bola de cordel, e o Gordon é um artista brilhante. Aliás, têm os dois queda para as artes, deviam fazer alguma coisa com o seu talento, mas será que fazem? Nunca! Tudo o que fazem é rondar os estúdios de cinema, arranjando um trabalho aqui e ali, projetos disparatados... Oh, estou furibunda! - A voz de Amanda transformou-se, tornou-se um resmungo surdo. - Eles assassinaram os pais.

Hank deixou cair a massa que tinha nos pauzinhos; pousou-os e olhou para ela, espantado.

- Como?

- Ouviste bem! Empurraram o pai pelas escadas abaixo quando tinham oito anos e puseram arsénico na comida da mãe assim que deixaram de precisar dela.

- Uau! - Hank serviu-se de mais massa; estava com fome. Calculo que tenham escapado a qualquer pena, não?

- Sim. - Amanda suspirou. - Que faço eu com os meus bens? O riso dele soou simplório.

- Amanda, tenho a cabeça a andar à roda. Estás a falar do teu testamento?

128

- Sim. A minha única família é um par de gémeos loucos. Mas, se os deserdar, sobra quem? A Protetora dos Animais? A Sociedade Humanista? Uma quinta para burros deprimidos?

- Ou um pobre gerente de centro comercial - disse ele com um sorriso.

Ela arfou e bateu as palmas.

- Sim, é isso! Tinha a estranha impressão de que... Hank, és mesmo pobre? Confia em mim! Gostaria que me respondesses honestamente.

Ele ficou assustado; convulsivamente, engoliu em seco.

- Se é que tem algum valor, até a minha vida eu te confiava, Amanda. A minha ex-mulher está internada em regime permanente, e eu, para mantê-la lá, ando constantemente falido. Os custos são astronómicos. É engraçado que o seguro de saúde paga tudo menos o que se relaciona com a mente das pessoas; é como se uma coisa que não se vê não pudesse ficar doente.

- Oh, Hank! Isso é horrível! O que aconteceu?

- O divórcio já estava consumado... um grande azedume da parte dela. Os seus estados de espírito... bem, assustavam-me. Então, um dia voltou com um pretexto qualquer... uma fotografia que tinha esquecido, acho que era isso.

- Não te lembras?

Hank pareceu ficar ainda mais assustado.

- Segundo os psiquiatras, os seres humanos têm tendência a esquecer precisamente aquilo que deviam recordar. Seja como for, tratou-se apenas de um pretexto. Veio direita a mim com uma faca e eu defendi-me. Ficámos ambos feridos, e não havia nada em comum entre as duas versões dos acontecimentos. O facto de os polícias se inclinarem para acreditarem mais em mim do que nela não agradou nada aos seus amigos... ela tinha amigos muito importantes. Por fim, o processo acabou por nunca ir a julgamento, porque a saúde mental dela se deteriorou terrivelmente. Porém, fui avisado: se não lhe pagasse o internamento numa clínica privada, poderia haver um julgamento... o meu. Percebi que era a maneira mais fácil de resolver a coisa. Tenho quase a certeza de que seria absolvido, mas não tenho a certeza absoluta. Em casos de homicídio, não existe prescrição do crime, e ela neste

129

momento parece tudo menos perigosa. Um júri que agora olhasse para ela apenas veria um pedaço ressequido de escassa carne humana. Portanto, continuo a pagar.

Hank, Hank! - Amanda balançava-se para a frente e para trás.

Eu sabia que havia aí algum problema grave, sabia! Por favor,

Hank, vai a julgamento. Serás com certeza absolvido. Além disso, não houve homicídio, apenas tentativa de homicídio. Ele endireitou os ombros.

- Não suporto ter de voltar a abrir essa ferida, Amanda, não consigo!

“É um homem encantador”, pensava ela enquanto o observava, “mas é tímido, e é possível que essa sua faceta se torne bem visível num julgamento. Se é que há matéria para julgamento... mas nem isso ele quer saber. Mantendo-o pobre, os amigos dela andam mais ou menos a vingar-se...”

- Quem me dera que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer - disse ela, suspirando.

- Não há. Um dia, a Lisa há de morrer e todos os meus problemas acabarão. Ela sofre de insuficiência renal.

- Porque não aceitas um empréstimo? - perguntou ela. - Posso ajudar-te a pagar o internamento.

A mão dele avançou e apertou a dela, enquanto os seus meigos olhos castanhos brilhavam com lágrimas.

- Oh, Amanda, obrigado, mas não. Não sou grande coisa como homem, mas não deixo que faças isso.

- Eu tenho um bom rendimento e mais de dois milhões em bens

- disse ela calorosamente. - Não estou apaixonada por ti, mas és um grande amigo meu. Se preferires, não penses mais nisso por enquanto, mas deixa-me perguntar-te outra vez daqui a uns seis meses. Além disso, se os rins dela falharem mesmo, as despesas com os tratamentos serão enormes. Por favor, não hesites em pedir, está bem?

Ocorrera uma ligeira alteração: Hank Murray estava mais animado, mais forte. Apertou a mão dela.

- Está bem - disse, com os lábios a abrirem-se num sorriso. Depois, levou a mão dela aos lábios e beijou-a.

131

1968

De terça-feira, 15 de outubro, até segunda-feira, 4 de novembro

132

133

Prunella Balducci tinha quase trinta anos, era magra, vestia-se bem e era muito bonita. Uma vez que chegou às duas da tarde, Carmine não se encontrava em casa para mitigar o receio de Desdémona: como podia alguém assim ganhar a vida, e com êxito, a lidar com famílias emocionalmente disfuncionais?

Praticamente incapaz de dizer o que quer que fosse, Desdémona levou Prunella a ver os seus aposentos, a grande torre quadrada com o respetivo miradouro.

- Oh, isto é maravilhoso! - exclamou Prunella. - Tem a certeza de que a sua filha não se importa de não poder vir a casa até ao Natal?

- Ela é caloiria na Paracelsus e não quer que os colegas saibam que é daqui - explicou Desdémona.

- E claro que deve andar bastante ocupada a adaptar-se ao novo ambiente universitário depois da escola secundária. Rapariga esperta. Quem é a companheira de quarto dela?

- Uma rapariga negra de Chicago, que conseguiu uma bolsa, pobre que nem um rato de sacristia. O que acaba por ser mais uma inibição para a Sophia, pois o padraço a favoreceu com uma grande soma de dinheiro. A nossa menina é supersensível quanto ao facto de ser vista como uma privilegiada, mas também não está autorizada a dar dinheiro. É o primeiro ano em que a Paracelsus aceita raparigas, e são cinquenta ao todo... com certeza que sabe que a Chubb começou finalmente a admitir raparigas?

- Oh, sim, claro. Continue, senhora Delmonico.

134

- Por favor, trate-me por Desdémona. Este ano, todos os caloiros da Paracelsus são raparigas. Acho que a Sophia está contente por partilhar o quarto com a Martina. Gostam da mesma música... os Beatles, os Rolling Stones, o Elvis e muitos, muitos mais que eu não conheço ou de que não me lembro. A música parece ser um laço muito forte. Ambas querem ser cirurgiãs; ora, como sabe, esse é um sonho quase impossível para qualquer mulher. Suspeito que vamos ter a companhia da Martina no Natal... o custo das viagens de avião é um problema.

Desdémona pousou a mala que carregava a um canto e sorriu para a sua nova associada.

- Um café antes de eu acordar os meus monstros? Pela primeira vez na vida, o Julian quis fazer uma sesta, mas aviso-a, Assim que acorda, a paz desaparece.

Desdémona cedo percebeu que, com Prunella, Julian encontrara alguém que lhe fazia frente. Esperto como era, sabia bem o efeito dos seus olhos e do seu sorriso, e, assim que acordou, deu largas aos seus olhares e charme.

- Oh, que bom! - exclamou ele. - Assim, não tenho de ir remar.

- Remar?

- Sim - disse Desdémona, que se esquecera por completo disso e que agora caía em si, com um sobressalto e um olhar exasperado. Tenho de lhe explicar, Prunella, que o Julian esperava escapar à sessão de remo se fosse dormir, mas isso apenas significaria termos o Julian acordado hoje à noite. - Fulminou com o olhar o filho mais velho, que parecia tão inocente quanto qualquer querubim pintado por Rafael. - O ano passado - continuou Desdémona -, aconteceram coisas que me fizeram perceber que tinha perdido a minha boa forma física. No entanto, grávida e com outro bebé, revelou-se impossível retomar o exercício físico, até que o Carmine apareceu em casa com um caiaque de dois lugares. Eu costumava fazer grandes caminhadas, mas andar com o Julian atrás de mim era demasiado... sou muito alta para bebés, dão-me cabo das costas. O Carmine achou que o remo se adequaria melhor, e tinha razão. Instalo-me no lugar de trás e os miúdos

135

vão no lugar da frente, seguros com arneses especiais. De qualquer forma, o Julian nada como um peixe e eu obrigo-o a usar uma pagaia, é bom para

desenvolver braços e ombros. O Alex vai numa espécie de berço. O problema é que não tenho tido energia nem entusiasmo para o fazer regularmente. E disse ao Julian esta manhã que, se ele não se portasse bem, iríamos dar umas remadelas.

Isso quer dizer que não te portaste bem, Julian? - perguntou

Prunella num tom aborrecido.

- Nunca me porto bem - disse ele com um ar solene.

- Então, vá remar, Desdémona. Sei que não lhe apetece, mas está a precisar de ar fresco e de exercício - disse Prunella.

- Isso, mamã, vai remar - disse Julian, numa voz doce como mel. - Posso ficar aqui com a Prunella e fazer as coisas de que gosto.

- Não, tu vais remar com a mamã. Quem fica em casa é o Alex. Os grandes pés de Julian plantaram-se firmemente no chão, de

pernas abertas.

- Não quero ir, portanto não vou!

- Não, isso não chega - disse Prunella. Agarrou Julian pela mão e olhou para Desdémona, que estava à beira das lágrimas. - Indica o caminho para o caiaque, mamã. Ninguém se vai livrar disto.

Firmar os calcanhares no chão não resultava, tal como não resultaram os berros e gritos sem fim; aliviada do fardo da autoridade, mas imensamente reconfortada por essa mesma autoridade não ter passado para Julian, Desdémona conduziu-os pelo caminho até ao telheiro do barco e destapou o caiaque. Ao vê-lo, Julian decidiu passar à agressão física e começou às caneladas a Prunella: num abrir e fechar de olhos, Julian caía de rabo no chão e Prunella ria-se na cara dele!

- Vá, levanta-te, Julian - disse ela animadamente. - Pareces um tolinho.

- Mamã, ela pregou-me uma rasteira!

- Estavas a pedi-las - disse Desdémona, e engoliu em seco.

De alguma maneira, tornava-se mais fácil quando se sentia apoiada por outro adulto, e para mais esse adulto era uma reconhecida especialista na forma de lidar com crianças obstinadas. Prunella tinha conseguido ferir a dignidade de Julian, uma ideia de si próprio excessivamente empolada, e essa parte dele continuou a sofrer muito depois de o rabo deixar de lhe doer.

136

Num tempo recorde, Desdémona lançava à água a sua embarcação, com um Julian muito cooperante a fazer a sua parte em vez de choramingar; não deixaria que uma estranha se risse dele outra vez.

Estranha que, depois de supervisionar o seu banho e de o vestir com o pijama, já lhe tinha feito saber que não estava com disposição para aturar as suas artimanhas. A mãe estava doente, avisou-o, e ele não estava a ajudar nada; portanto, até ao Natal teria de se remediar com ela, Prunella. O problema era que Julian até gostava bastante dela; tinha uns olhos tão bonitos, daqueles que o faziam desejar ganhar as boas graças de Prunella. Os olhos da mãe estavam sempre tristes e indiferentes... porque é que ele não tinha percebido que ela estava doente? Apesar da sua pouca idade, lembrava-se bem de uma mãe alegre, interessada.

- É muito cedo para ir para a cama - disse ele depois de um jantar às seis horas.

- Porquê?

- Porque não tenho sono.

- Ótimo! Assim, podes exercitar a tua imaginação depois de ires para a cama. Eu lá estarei para te ouvir.

- Ouvires o quê?

- A tua imaginação, tolo! Toda a gente tem uma, portanto a tua primeira tarefa assim que caíres na cama é procurar a tua. Quando a encontrares, eu ajudo-te a exercitá-la.

- Oh, mais exercício, não!

- Exercício para a cabeça, Julian, não para o corpo.

Os olhos dele deveriam ter sido tão escuros como o resto; Julian Delmonico saía ao pai no tamanho e no tom de pele, e ostentava uma trunfa de caracóis pretos, bem como sobrelanceiras pretas extremamente finas e pestanas pretas desmesuradamente compridas. Sendo uma criança extremamente bonita, descobrira que os seus encantos lhe poderiam granjear benefícios e guloseimas... sem falar que serviam de desculpa quando se portava mal. Mas aqueles olhos imprimiam um toque final na sua atraente aparência: da cor do chá com um pouco de leite, exibiam um fino contorno preto que os tornava penetrantes, quase constrangedores. “Bem”, pensou Prunella Balducci, “eu e a mãe dele vamos ter de inculcar um pouco de humildade e sensibilidade

137

neste material tão pouco promissor; caso contrário, vai todo cheio de importância para a Escola Masculina de St. Bernard e será a sua desgraça. Já teve a sua primeira lição: a mãe está doente e ele não percebeu. Agora vamos ver o que faz a imaginação.”

com o que é que se parece a imaginação? - perguntou ele, curioso.

- com aquilo que tu quiseses. Hás de perceber quando a descobrires. Até que isso aconteça, é horrível ficar estendido na cama, não é? É como um deserto, seco e coberto de areia. Assim que descobrires a tua imaginação, já não te importarás de ir para a cama, mesmo que não te sintas cansado.

- Mas eu quero saber com o que é que ela se parece.

- A imaginação faz com que o deserto desapareça, transformando-se em toda a espécie de lugares. Talvez se dissipe e surja um submarino das profundezas... isso é a imaginação. Durante o dia - continuou Prunella, entusiasmando-se -, iremos os dois ver livros cheios de imagens que a tua imaginação poderá gostar de guardar lá dentro. Ver livros é como atirar lenha para uma fogueira quando tudo à nossa volta é só neve... o fogo arde ainda mais brilhante. Vais adorar os livros, Julian.

“Não acredito”, pensou Desdémona, que ouvia a conversa. “Ela ainda nem desfez as malas e já o conquistou...”

..”

Quando chegou a casa nessa tarde, às seis e meia, Carmine recebeu um beijo carinhoso, intensamente agradecido; o seu filho mais velho não parava de importunar Prunella porque queria ir para a cama. Ainda não tinha chegado a altura de ir?

Como resposta, Prunella levou-o junto do pai e da mãe para um beijo de boas-noites, depois pegou-lhe na mão e saiu com ele.

- Fase dois... um passeio à volta de East Circle para que os bichinhos do sono comecem a morder... e não, Julian, quanto mais refilares, maior será o passeio.

- Ena! - exclamou Carmine, enquanto seguia a sua mulher até à cozinha. - De facto, o doutor Santini disse-me que ela era implacável. O Julian já comeu?

138

- Já. A Prunella insiste que as crianças devem jantar às seis horas. Portanto, o Alex tem a sua mamada e o Julian come carne, ou peixe, e três vegetais. Pelo menos, na alimentação não errei. A Prunella não podia estar mais de acordo. Nunca cozinhar de mais os vegetais nem dar-lhe carne em sangue... ela diz que o sangue priva as crianças da melhor fonte de proteínas.

- Então e nós?

- Nós jantamos às sete e meia. Por essa altura, o Julian já deverá estar ferrado no sono. Só quando vir é que acredito. Ela fez-me levá-lo a remar no caiaque, mas ele não está cansado.

- Há de ficar. O que é o jantar?

- Almôndegas suecas e um risotto de cogumelos. E salada.

- A Prunella não vai querer sair de cá nunca. Já te disse hoje que te amo?

O lindo sorriso de Desdémona iluminou-lhe aqueles seus olhos frios.

- Todos os dias, assim que te cheira ao jantar. Também te amo. E obrigada, obrigada pela Prunella.

Estava a fazer a sua “solução de pickles”, como ela lhe chamava; ele pressionou

os lábios contra a sua face corada e escapuliu-se para uma visita ao quarto das crianças.

O filho mais novo dormia pacificamente no berço; quando Carmine se inclinou para o beijar, aspirando o cheiro inimitável de bebês bem cuidados, dois bracinhos rechonchudos ergueram-se para lhe tocar na cara e os olhos abriram-se, demasiado toldados pelo sono para que ele despertasse completamente. O pai sorriu-lhes, e eles fecharam-se; os braços caíram. Ambos os filhos tinham olhos estranhos e os de Alexander James Delmonico eram ainda mais peculiares do que os de Julian: de um cinzento-prateado, com um círculo preto a rodear a íris que os tornava penetrantes, perturbadores. Os olhos de Alex faziam Carmine lembrar-se de Kemal Ataturk; exatamente os mesmos, em feições ainda mais escuras. Não que fosse uma semelhança desagradável, pois Ataturk era considerado o fundador da moderna Turquia, tendo derrotado em Gallipoli um exército britânico de quase meio milhão de homens durante a Primeira Guerra Mundial. Alex não teria

139

obviamente a sua vida atormentada, mas era interessante. Na verdade, a culpa era de Desdémona. De alguma maneira, a sua beleza extrema teria de ser patente nos seus filhos.

E Carmine voltou para a pequena sala de estar adjacente à cozinha onde os dois se sentavam para tomar uma bebida antes de jantar e para conversarem. “Sou abençoado”, pensou ele, aceitando o copo que Desdémona lhe estendia.

Não podia esperar mais. Didus ineptus entrou no apartamento do segundo andar de Melantha Green com o seu jogo de gazuas, olhando depois em redor com familiaridade: já ali estivera. Melantha era mais uma rapariga asseada e arrumada... como ele odiava o desleixo!... Vivia sozinha e considerava que o seu cinturão negro de judo lhe dava toda a proteção de que necessitava. Assim, enquanto as outras raparigas se equipavam com mais fechaduras, Melantha decidira que um ferrolho serviria muito bem. E, com efeito, seria o suficiente, desde que o predador fosse um amador em fechaduras. Este predador, porém, era um especialista.

A metodologia que agora seguia era diferente. Continuava a ter um pedaço de fita isoladora para a amordaçar, mas em vez de cordas havia algemas e correntes.

Muito apropriado, na verdade. Era a sua primeira mulher negra e a sua primeira experiência com correntes... correntes que, provavelmente, não se assemelhavam àquelas que tinham oprimido os seus antepassados escravos. Mas não fora por isso que ele se vira impelido a mudar para as correntes.

Quando percebeu que não havia no quarto qualquer superfície que pudesse utilizar, o Dodó descobriu na sala de estar uma mesa de jogo articulada, que carregou para o quarto para poder então dispor as suas ferramentas, perfeitamente alinhadas. O revólver de calibre 22 com silenciador foi enfiado debaixo de uma almofada, enquanto a fita isoladora, as algemas e as correntes o acompanharam de regresso à sala. Aí, deu início à sua cuidadosa transformação de um tipo completamente normal em *Didus ineptus*: dobrou a sua roupa e depositou-a em cima dos ténis, retirou algumas coisas do seu corpo e depois, admirando-se no espelho de corpo inteiro da porta do quarto, retocou a maquilhagem com base, numa cor que condizia na perfeição com o seu tom de

140

pele. Calçou as luvas cirúrgicas, após o que limpou as suas impressões digitais de tudo em que entretanto tocara.

Finalmente, por volta das seis menos um quarto, estava pronto, de capuz de seda preta enfiado na cabeça, em posição atrás da porta da frente. Sabia que esta era especialista em autodefesa, pelo que era importante não lhe dar qualquer hipótese de usar o seu peso corporal contra si próprio. Ela chegou faltavam cinco minutos para as seis. Em poucos segundos, a fita isoladora tapava-lhe a boca e as algemas fechavam-se sobre os seus pulsos; depois, ele atingiu-a no queixo com o punho cerrado. Os joelhos dela cederam. Empurrou-a, semiconsciente, para a casa de banho, puxou-lhe as cuecas para baixo e sentou-a na sanita, e parte dele ficou espantado ao ver que as cuecas eram em renda vermelha, muito sensual. Ela emitiu um queixume.

- Mija, Melantha - disse ele. - Não sais daqui enquanto não o fizeres.

Inclinando-se para a frente, ela urinou. Os noticiários não diziam que ele nunca falava? Porque estava o Dodó a falar com ela?

A ideia das correntes ocorrera-lhe quando viu pela primeira vez a cama dela, uma daquelas antigas em latão com robustas colunas e barras. Enquanto ela ainda estava meio zozna, ele prendeu as algemas ao topo da cama.

- Hora da manicura - disse.

Os pés foram calçados com meias, as unhas foram cortadas até ao sabugo e reunidas. Em seguida, ele saiu do quarto e foi dar uma olhada às estantes dela: centenas de livros! Melantha era finalista do curso de Medicina na Chubb. Ali! Aquele era ótimo, perfeito para a sua coleção! Levou-o para o quarto, puxou de uma cadeira e sentou-se.

Melantha gemeu; num instante, o Dodó estava junto dela.

-Já acordámos, foi? - perguntou ele, esbofeteando-a.

Os seus olhos escuros rolaram e depois desanuviaram; ela arfou.

- Sim, sou o Didus ineptus - disse ele - e estou aqui para te fazer uma data de coisas.

Ela não podia gritar ou responder-lhe. A fita isoladora estava bem colocada. Porém, Melantha não precisava de lhe fazer a sua pergunta mais importante, pois ele já respondera assim que falou. Didus ineptus tencionava matá-la.

141

Violou-a durante horas a fio, em coitos vaginais e anais, com o pénis e com o punho, manipulando continuamente o cordão à volta do nescoço dela, retirando-se para a sua cadeira para ler, regressando para mais uma investida. Beliscava, esbofeteava, esmurrava.

Não sou um perverso - disse-lhe ele. - Os meus únicos

instrumentos fazem parte do meu corpo.

À medida que os estrangulamentos prosseguiam, a mente de Melantha começou a transviar-se; ele estava tão concentrado naquilo que fazia que a mudança que tivera início no seu olhar quase lhe escapou. Estava semideitada de barriga para baixo, mas a próxima seria a última. Uma vez que as correntes o permitiam, ele virou-a para si e tirou o capuz da cabeça. As ranhuras para os olhos tornavam-se demasiado frustrantes para reter aquele olhar num momento daqueles. Quando ela morresse, deveria ter os olhos fixos nele. E, no caso de esta ser a derradeira das experiências, fez uma pausa para colocar um preservativo. Enterrado nela,

sufocando-a, de olhos fixos nos dela, viu a vida desaparecer deles lentamente até perceber que a única coisa que restava era um invólucro. A cabra escapara-lhe! O orgasmo nunca chegou.

No momento em que deixava a cama, atirando o preservativo vazio para cima da mesa de jogo, a fechadura da porta da frente produziu um ruído pesado com o movimento do ferrolho que rodava e caía para trás. A mão do Dodó enterrou-se debaixo da almofada e emergiu empunhando o revólver de calibre 22.

- Melantha? Olá, querida - disse uma voz de homem.

Vinha já a meio da sala de estar quando o Dodó o alvejou na garganta, e ele sucumbiu, esvaindo-se numa massa gorgolejante. Mas isso não era satisfatório. Aproximando-se dele, o Dodó colocou-se sobre o corpo e alvejou-o entre os olhos.

Depois de o assunto estar arrumado, o Dodó desacorrentou a rapariga morta e repôs tudo dentro da sua mochila, guardando o livro de recordação num dos bolsos. Agora que acrescentara as correntes, a carga era mais pesada, mas, de uma forma geral, recompensadora. Quase ejaculava dentro dela; sem dúvida que mais tarde isso aconteceria quando empunhasse o livro que tão bem conhecia, mas não deixava de ser uma desilusão.

142

Às quatro da manhã, Didus Ineptus escapuliu-se do local, arrastando-se apoiado nos cotovelos pelo relvado do quintal até alcançar a proteção do tapume lateral, onde crescia uma fileira de pequenos pinheiros. Esperou aí bastante tempo, até ter a certeza de que não tinha sido visto, e então rastejou para a parte da frente, no limite da rua. Já de pé, atravessou rapidamente a rua direito às sombras carregadas dos bordos plantados ao longo do passeio. Daí, era uma breve corrida até à Persimmon Street, onde tinha o carro estacionado. Assim que o alcançou, entrou e pôs a mochila no chão do banco traseiro. Mas não arrancou. Não, esperaria até que o ronco de outros carros se fizesse ouvir; só então se afastaria. Vendo bem as coisas, tinha sido uma boa noite. Ele sempre imaginara como é que reagiria na presença de um intruso. Agora, já sabia. Era canja.

Os corpos só foram descobertos ao meio-dia, quando uma amiga foi saber porque é que Melantha não aparecera nas rondas da manhã; andara nos últimos tempos a expor um caso ao professor Baumgarten... uma coisa muito

importante.

E Helen voltou ao caso do Dodó.

- Não pense que se trata de uma vitória - disse-lhe Carmine num tom gelado. - Simplesmente, preciso de efetivos, e você conhece o caso. Mas nunca mais faça uma habilidade parecida com aquela que fez com o tenente Goldberg. Se fizer, no segundo seguinte estará na rua e o seu pai saberá porquê.

Helen não disse uma palavra e apressou-se a apresentar-se a Delia; para ela, era uma sorte que a mulher de Nick tivesse sucumbido a uma doença grave e ele se encontrasse de licença para assistência na doença. Sabendo que Nick não gostava dela, Helen tremia ao pensar no confronto entre ambos assim que ele voltasse ao trabalho. “Oh, Deus queira que a Imelda Jefferson esteja bem! As últimas vítimas do Dodó eram negras!”

com a sua equipa de duas mulheres, Carmine conduziu até à Spruce Street, em Carew. Um recanto da sua mente preocupava-se com Nick, mas isso era impossível. Vítimas negras? Não fazia sentido.

Para Helen, a cena do crime revelou-se traumatizante, embora ela fosse demasiado profissional para denunciar os seus sentimentos; por

143

outro lado, ficou aliviada ao saber que tinha um estômago resistente. Até um polícia de giro se vira forçado a correr para a rua e vomitar, mas não Helen Macintosh!

- Diga-me o que vê, Helen - ordenou Carmine.

- Homem negro, vinte e tal anos, atingido primeiro na garganta e depois despachado de vez com um tiro nos miolos. Se o tiro na cabeça tivesse ocorrido primeiro, não haveria necessidade de lhe alvejar a garganta. Quem quer que tenha feito isto, é um atirador de primeira que desfez a garganta deste tipo a uma distância de cinco metros, obviamente para o silenciar. Desferiu o coup de grâce de pé sobre a vítima, pois a entrada do projétil é vertical, sem qualquer ângulo - disse Helen. - Penso que era o namorado dela e que tinha uma chave com ele. Não posso adiantar muito quanto à hora do óbito. Chegámos antes do médico-legista?

- Por pouco. - A voz de Patrick O'Donnell chegou-lhes da porta. Depois de verificar a temperatura do fígado e examinar as duas feridas, afirmou: - Diria que morreu às duas da manhã, primo. Nunca mais cedo do que isso, mas também não muito mais tarde. - Verificou o conteúdo dos bolsos até que descobriu uma carteira, que entregou a Carmine antes de desaparecer em direção ao quarto.

- Doutor Michael Tolbin - disse Carmine. - Segundo o cartão da biblioteca, era médico interno de cirurgia geral. Meu Deus, que desperdício! O país não está em condições de perder dois jovens médicos... isto não tem pés nem cabeça! - E seguiu o rasto de Patrick, seguido pelas duas mulheres.

Para Helen, foi ainda mais traumatizante. Melantha estava estendida na cama, com o corpo a formar um X, de barriga para cima, coberta de manchas avermelhadas de equimoses. Em redor dos pulsos viam-se marcas violentas que não sugeriam qualquer tipo de corda ou arame, pois eram demasiado largas e indistintas. O rosto estava azulado e congestionado, a língua projetada para fora, os olhos abertos e tão escuros que se tornava difícil discernir a íris.

- Lutou por cada golfada de ar - comentou Helen com voz rouca.

- Lá isso foi - disse Patrick. - Morreu mais ou menos ao mesmo tempo que o jovem na sala... uma questão de minutos entre um

144

e outro, diria eu. Foi manietada com algemas, eventualmente ligadas a correntes, mas as pernas não estavam presas. Esta cama tresanda a sadomasoquismo... não estou a insinuar nada, mas deve ter servido às mil maravilhas para os objetivos do Dodó. Talvez a Melantha a achasse invulgar, mas engraçada. Há por aí outras peças de latão de Benares. Os pés enfiados nas meias, unhas aparadas... definitivamente, foi o Dodó. Subiu a parada... isto não foi accidental, ele decidiu matar. O que provavelmente significa que falou com ela, talvez nem tenha usado o capuz. Falta algum livro?

- Impossível de dizer - disse Delia, que entrava no quarto. As prateleiras estão a abarrotar. Oh, que desperdício! com toda a vida à frente deles, tanto trabalho para chegar a este ponto! A Melantha faria o seu doutoramento dentro de seis meses. A tese dela era sobre meningite meningocócica. Tinha vinte e cinco anos. Na Escola Médica da Chubb! Significa que foi uma das melhores no curso a nível nacional.

- Uma vez que hoje é quarta-feira, dezasseis de outubro, ele continua a seguir um ciclo de três semanas. Que maneira de morrer disse Helen.

Ninguém comentou. Helen soltou um longo soluço.

- Estou bem. Apenas revoltada.

- Delia, vais ter de ficar aqui depois de removerem os corpos e passar este apartamento a pente fino - disse Carmine. - A Helen fica como tua assistente. - Foi-se embora.

Delia olhou para Helen.

- Diz-me o que vês.

- Na rapariga? Base, ali. E ali também, não é? - Pareceu confusa. - Se ele usa base, não percebo como é que não deixa muito mais vestígios. - Corou, mas fez um esforço para prosseguir. - Quero dizer, a ter sexo com ela, pele com pele? Mesmo quando se trata de uma violação, o ato sexual passa por um contacto físico íntimo. Ele está nu e ela está nua. Portanto, porque é que não há mais base?

- Limpou-a com xileno - disse Patrick, arrumando o seu estojo.

- É um solvente eficaz para tudo o que tenha uma base de óleo, mas também nos revela que a pele dele é relativamente delicada. O mais certo é não ter origens mediterrânicas. Porque não usa álcool na sua

145

pele delicada? Porque se exageram as propriedades do álcool enquanto solvente orgânico, e ele é cuidadoso. No entanto, não se trata de nenhum químico ou especialista em farmacologia. A Maggie não apresentava no sistema quaisquer drogas que o Dodó lhe tivesse administrado, e aposto que esta rapariga também não. Ele ataca de surpresa, com uma força brutal e, à falta de melhor palavra, técnicas naturais. Por um lado, é um psicopata colossal, mas por outro não utiliza instrumentos metálicos de tortura. Dedos, punhos, pés. Desconfio que considera os violadores como loucos, menosprezando-os, e não se vê a si próprio como fora da norma. A ligadura que usa para estrangular tem de encaixar na sua definição de normalidade; logo, suspeito que seja feita de cabelo humano.

- Cabelo dele? - perguntou Delia.
- O mais provável é que seja da mãe. Patrick pegou no seu estojo e saiu.
- Porque é que o doutor O'Donnell chamou primo ao capitão?
- perguntou Helen.
- As mães deles são irmãs - disse Delia.
- Não sabia disso! O meu pai sabe?
- Não faço ideia - respondeu Delia, parecendo aborrecida.

As duas mulheres trabalharam em silêncio, ficando cada uma com metade do quarto, cujo soalho estava coberto com um daqueles tapetes irritantes que ficam com marcas de tudo. Helen examinou o chão de perto.

- Delia, vem ver isto. Delia aproximou-se.
- Alguma coisa com quatro pernas esteve aqui.
- Foi o que pensei. Não me digas que o tipo traz a sua própria mesinha! - exclamou Helen, um pouco incrédula.
- O mais certo é que tenha transportado para aqui uma mesa de outro sítio qualquer do apartamento... não te apresses a tirar as conclusões mais descabidas em primeiro lugar.

Desta vez, o rubor de Helen não se deveu a mais do que simples humilhação; de lábios cerrados, deixou o quarto e foi procurar uma

146

mesa que se ajustasse às marcas. Quando não achou nenhuma, voltou a procurar melhor, encontrando então a mesa de jogo arrumada num nicho junto à janela da sala de estar.

- Bingo!

Abriram-na e observaram o seu pano verde, que evidenciava uma série de

marcas e nódoas; ainda se notava um cheiro ténue a xileno. Manchas de base deformavam o pano em vários pontos.

- O Paul há de conseguir daqui o suficiente para encontrar a cor a que corresponde - disse Delia num tom de calmo triunfo.

- O que é isto? - perguntou Helen, apontando um ponto que também exibía marcas, embora estas fossem incolores. Cheirou-as. - Lubrificante de preservativo, não achas?

- Acho, mas não há sinais de sémen. A arma falhou-lhe. - Delia começou a fechar a mesa. - Vamos levá-la. O que haverá ainda por aqui? Temos de descobrir antes que cheguem os rapazes das impressões digitais.

Mas o apartamento não forneceu mais qualquer indício.

- Onde é que ele esperou por ela? - perguntou Helen.

- Atrás da porta da frente, acho eu. No caso da Maggie Drummond, foi atrás de uma poltrona de orelhas, mas na sala da Melantha Green não há sítios que sirvam de esconderijo. Saltou-lhe em cima literalmente enquanto ela entrava, o que pode sugerir que estas fotografias são legítimas... a Melantha praticava artes marciais.

- Achas que o ciclo dele é de três semanas, Delia? Achas mesmo?

- É o que parece, mas, se te referes à direção que os seus ataques terão no futuro, esse tipo de especulação é mais apropriado numa das sessões de troca de ideias do capitão.

- Sessões de troca de ideias? Sou com certeza excluída! - exclamou Helen. - Pois eu quero a minha sessão de troca de ideias aqui e agora contigo, Delia... contigo! Porque é que deixamos sempre que os homens tomem a liderança, não me dizes? É óbvio que esta rapariga não teve tempo de ir a qualquer festa desde o ano passado, pelo menos. Além disso, mantém uma relação séria com um cirurgião residente que também não devia ir a festas. Ter-se-ão conhecido na enfermaria, não numa festa do Mark Sugarman. O Nick está errado, mas ele é homem, logo, é credível.

Delia olhava para ela, de sobrolho franzido.

Helen, para de pensar por um momento neste homicídio

e pensa na tua própria conduta. O que estás agora a fazer é a usar o Nick como bode expiatório para a tua exclusão do círculo restrito do capitão. Como se ele não tivesse direito a ter um. És turbulenta, impulsiva e ambiciosa. Não censuro o capitão por te pôr no lugar, menina tonta. Vais longe de mais. Há um ditado americano que eu adoro: “Conforma-te ou pisga-te.”

Fez-se silêncio; o rosto de Helen estava vermelho que nem uma beterraba.

- Lamento.

- Espero bem que sim. Subitamente, Delia pareceu ficar indignada.

- Eu adoro e estimo o nosso chefe, mas por vezes é um cabeça no ar. Pirou-se com o carro e nós ficámos aqui apeadas.

- Não ficámos, não - disse Helen num tom mais animado. Fiz um acordo com o polícia que ficou maldisposto... se ele me trouxesse aqui o meu Lamborghini, prometi-lhe que não pronunciaria uma palavra acerca do seu estômago frágil.

- Que menina esperta! Mas responde-me a uma coisa: como é que enfiámos uma mesa de jogo dentro de um Lamborghini?

- Não enfiámos, porque pedi ao meu polícia enjoado que ficasse pelas redondezas no caso de termos alguma prova mais volumosa para transportar.

Às seis horas dessa tarde, vestida com uma minissaia curtíssima e com as suas maravilhosas pernas cobertas por umas brilhantes meias lilases, Helen encontrava-se sentada num banco alto no Buffo's Wine Cellar à espera de Kurt von Fahlendorf. Nenhum dos homens que a observavam poderia alguma vez acreditar que aquela gloriosa mulher tivesse passado a tarde a acompanhar de muito perto o rescaldo de um homicídio particularmente brutal. Era muito pouco usual não ser Kurt a ter de esperar; era obcecado com a sua conduta cavalheiresca.

Nem dois minutos tinham passado quando ele chegou descendo ruidosamente os degraus, apoiando-se no banco vago ao lado dela e inclinando-se para a beijar na face.

- Desculpa o atraso - disse. - Muões.

- Claro que foram os muões. São sempre os muões - disse ela com um sorriso, e inclinou-se para o beijar na boca, o que o deixou satisfeito. - Haverá mais algumas partículas subatômicas tão malcomportadas?

- Montes delas. É isso que é excitante... descobrir outras. E descobrimos, a toda a hora. O que estás a beber?

- Tinto da casa, mas ainda nem o provei.

- Um copo de tinto da casa - pediu ele ao empregado do balcão. - Estás assombrosamente encantadora, Helen.

- A sério? Santo Deus! Será que isso quer dizer que pareço um espectro?

- Como eu gostaria que não fizesses observações que não me dizem absolutamente nada. O que é um espectro?

Ela ignorou a pergunta.

- Kurt, conheces uma estudante de Medicina, mulata, chamada Melantha Green?

A testa dele enrugou-se.

- Melantha Green? Só se fosse das festas do Mark, mas... não, não me lembro de nenhuma rapariga negra ou mulata. Bem, como sabes, há negros nas festas do Mark... estamos na Nova Inglaterra, isto aqui não é o Sul. Mas, embora eu já vá às festas do Mark há anos, enquanto tu só vais há oito meses, com certeza não me esqueceria de alguém com o nome de Melantha.

- É pena, porque precisamos de informação. A Melantha foi violada e estrangulada a noite passada pelo Dodó.

Mesmo com a iluminação baixa do Buffo's, Helen pôde ver que Kurt ficara pálido. Ele não era do tipo mórbido ou lascivo.

- Oh, Helen! Desgraçada!

- Foi mesmo isso que o Dodó fez dela, desgraçou-a. Tenta imaginar, Kurt! Toda a paixão e energia que uma mulher negra com certeza teve de pôr na sua vida, e vem um psicopata doentio e simplesmente... acaba com ela! Pôs-lhe um cordão à volta do pescoço e estrangulou-a gradualmente enquanto a violava vezes sem conta. Além disso,

149

eu não sabia que as peles negras também ficam com equimoses... oh, foi horrível!

Kurt estava prestes a vomitar e levou uma mão à boca.

Helen, por favor! Sei que essas coisas acontecem e que tu lidas

com elas, mas eu... eu não suporto ouvir falar disso!

Desculpa, Kurt. Não queria transtornar-te. Mas é que fico furiosa e indignada com certas coisas, especialmente com a violação.

- Bebe o teu vinho... o Buffo abriu uma boa garrafa de tinto, para variar. E vamos mudar de assunto, está bem? O meu estômago não aguenta muito - disse Kurt. A sua pronúncia tornava-se cada vez mais afetada à medida que ele ia ficando mais perturbado. - Não vou perguntar como te correu o dia, mas pergunto-te pelos teus pais. Porventura, eles estão bem?

Ela riu-se, já de bom humor.

- “Porventura” é a palavra certa para aquela dupla - disse Helen, rindo entre dentes. - Eles nunca estão mal, especialmente com uma eleição presidencial daqui a tão poucas semanas. O meu pai tem pavor que o Richard Nixon ganhe.

- E porque é isso obrigatoriamente mau? - perguntou ele. Algo divertida, ela observou o seu rosto nobre e impassível e depois abanou a cabeça.

- És demasiado estrangeiro para perceberes - afirmou.

- Fala-me sobre o teu pai, Helen. Percebo que o cargo de presidente da Chubb é

uma posição de prestígio, mas o teu papá parece mais importante do que isso.

Helen encolheu os ombros e fez um ruído grosseiro com aqueles seus fabulosos lábios cor de rosa.

- O meu pai é a ilustração perfeita daquela máxima que diz que o trabalho forma o homem, mas que o homem também forma o trabalho. Ele tem aquilo que se disse acerca de John F. Kennedy: carisma. Por muito importantes que sejam os homens que se encontrem numa sala, quando o meu pai entra, todos eles perdem o brilho. É algo que está dentro dele, não algo que qualquer pessoa possa cultivar. Além disso, ele tem antepassados genuínos... coisa que a maioria dos americanos se desunha por arranjar. E não foi só um dos seus antepassados, mas três, que vieram para cá no Mayflower... bem, se não tivesse alguma ligação ao Mayflower, também não poderia ser presidente

150

da Chubb. E a minha mãe também tem muitos conhecimentos... vem

de Cleveland, no Ohio, rica, como um punhado de grandes famílias americanas.

- Helen calou-se, sorrindo. - Pronto! Já ficaste com uma ideia, Kurt?

- Sim, acho que sim. Tens de combinar um jantar com os teus pais, Helen. Já está na altura de os conhecer.

O coração dela deu um pulo. Mas que importância tinham essas reuniões familiares?

- Claro - disse, e deu um gole no vinho.

- Tens tempo para jantar? Podemos comer aqui ou noutro sítio qualquer que prefiras.

- Aqui está muito bem - respondeu Helen, engolindo um suspiro de desespero; que sentido fazia namorar com Kurt von Fahlendorf se à simples menção de violação ou assassinio ele vomitava?

“Preciso de um polícia ou de um médico”, disse ela com os seus botões. “Um homem que aprecie o meu relato de um dia de trabalho, um homem que compreenda o perigo, o sangue, a morte. O Kurt gosta de coisas que giram quase

à velocidade da luz e que colidem... o que o torna mais perigoso do que qualquer outra pessoa que eu conheça, embora ele nunca venha a perceber isso.

E de que estava ele agora a falar? Oh, não! Não, por favor, não! Kurt encontrava-se numa importante operação de pesquisa para descobrir qual era a sua pedra preciosa preferida: diamantes, rubis, safiras, esmeraldas?

- Ouve-me bem, Kurt - disse ela em tom belicoso -, nem sequer te atrevas a pensar comprar-me um anel! Quando puser um anel no dedo, sou eu que o escolho... percebeste? A única função do homem é pagá-lo. - Deu uma risadinha. - Pronto! Isso já está arrumado. Vamos ver a ementa, estou faminta.

“Céus!”, pensou ele. “Violação e homicídio a tarde toda, e ainda tem fome!”

Porém, a comida teve um efeito calmante em ambos. O Buffo’s não era um dos melhores restaurantes de Holloman, mas servia boa comida húngara; Buffo era um húngaro que fugira depois de os russos esmagarem a rebelião de 1956, e continuava a ser um patriota exaltado.

151

De barrigas cheias de schnitsyl (Kurt) e goulash (Helen) e agradavelmente tocados pelo vinho, o casal saiu do restaurante às dez horas.

Deixamos aqui o teu Lamborghini ou o meu Porsche? - perguntou Kurt, já na rua. -Por favor, deixa o Lamborghini, minha querida Helen! Vem comigo para um café em minha casa.

Ela abanou a cabeça daquela maneira que ele, com o tempo, começara a associar a uma negativa absoluta. Por mais que suplicasse, por muito brilhante e novo que fosse o argumento que apresentasse, Helen não pretendia prolongar a noite. Sendo um homem justo, Kurt conseguia perceber o seu motivo, pois a tarde dela fora com certeza traumática. Portanto, viu-a entrar com ligeireza no carro e ficou ali parado enquanto ela acelerava pela South Green Street abaixo. Outros carros desportivos descapotáveis não sobreviviam dez minutos em qualquer rua de Holloman, mas o Lamborghini de Helen tinha sorte na vida.

De ombros direitos, Kurt percorreu o meio quarteirão que o separava do local onde estacionara o seu Porsche preto com tejadilho de metal, abriu-o, removeu o travão do volante e, finalmente, depois de vários ajustes no painel de

instrumentos, seguiu caminho.

- Lá vai o Porsche do professor Von Fahlendorf - comentou um polícia de patrulha para o seu novo, e bastante estúpido, parceiro, enquanto subiam a South Green Street no sentido oposto.

- Vamos atrás dele? - perguntou o idiota.

- Para quê? Não vai às curvas nem em excesso de velocidade. Ora, este pequeno incidente fez destes dois polícias as últimas pessoas a verem Kurt von Fahlendorf, que nunca chegou a casa.

Era obrigada a fazer isso, tinha de admitir. Nessa mesma amena tarde de quarta-feira, Amanda Warburton convidou os sobrinhos a irem ao seu apartamento para uma refeição caseira.

As coisas correram melhor do que ela esperava; quando desceu para os deixar entrar na garagem subterrânea dos Busquash Condominiums, deu de caras com um Eentley cor de peltre e teve de admirá-lo. Obviamente, para os gémeos, o tempo das campanas já acabara!

- Tem dez anos e bebe gasolina sofregamente - disse Robbie enquanto se dirigia para o elevador -, mas que importa isso?! A gasolina está ao preço da chuva. E gostamos das linhas deste modelo.

152

- E com razão - concordou ela. - Têm bom gosto. Enquanto os gémeos admiravam respeitosamente o seu grande

apartamento, Helen continuou:

- E falando de bom gosto - dizia ela, conduzindo-os até ao seu quarto vermelho-escuro e cor de rosa -, porquê esse drama do preto e branco? Não será uma combinação de cores um bocado cansativa?

- Efeito de choque - disse Gordie, sentando-se onde pudesse ver a vista, iluminada por uma lua em quarto minguante.

- Expliquem-me lá isso.

- Somos gente do cinema - disse Robbie enquanto abria uma garrafa de vinho - e percebemos a importância da própria imagem. Um dos elementos-chave é ser diferente... quando não se tem o talento de um Paul Newman ou de um Rock Hudson, há que ser invulgar, até excêntrico.

- E quais são os vossos talentos? - perguntou ela, atarefada na cozinha. - Espero que não se importem, rapazes, mas mandei vir o nosso jantar do Sea Foam... cocktail de camarão e carne assada.

- Maravilhoso! - exclamaram os gémeos em coro.

Helen notou que eles comeram com um ar entusiasta, embora tenham deixado uma boa parte da comida.

- Temos de vigiar o nosso peso - confidenciou Gordie.

- Mas voltemos aos vossos talentos - disse ela, servindo o café. Pelo menos, café ela sabia fazer! Só que, como veio a descobrir,

não era uma coisa chamada descafeinado, pelo que eles beberam muito pouco. Ela começava a ficar com a impressão de que os naturais da Costa Oeste andavam enredados em superstições dietéticas que, se Robbie e Gordie servissem de exemplo, não produziam os efeitos imaginados.

- Talentos... - disse Robbie, bebendo chá de camomila. Atualmente, a nossa maneira de representar é muito apreciada, mas temos montes de planos. - Fez um ar recatado. - Não podemos falar deles... seria tentar a sorte. - Uma mão aparentemente desprovida de ossos fez um floreado. - Tudo o que podemos dizer é que temos um grande projeto na calha.

- Um projeto no qual eu teria de investir dinheiro? - perguntou Amanda com cautela.

153

Os olhos de uva-espim arregalaram-se.

Não, querida Amanda! Precisamos de milhões! Por outras palavras, precisamos de um grande produtor de Hollywood.

- Gordie, tens a certeza de que não queres um chá de camomila? Robbie pousou a sua chávena e ergueu-se.

- Temos de ir andando, querida Amanda. Tens a certeza de que não te importas que não te chamemos tia?

Ela deu uma gargalhada.

- Uma vez que sou apenas alguns anos mais velha do que vocês, prefiro não ser tia. - Enquanto Gordie ia buscar os casacos, ela olhou para Robbie. - Quais são as vossas intenções?

Ele percebeu imediatamente.

- A nossa prosperidade. O Eentley. Viajar de avião em primeira classe. Caminhar sobre a passadeira vermelha numa estreia e ser aplaudidos pela multidão.

- A fama e a fortuna do costume - disse ela.

- Resumindo, sim. Mas não mencionei o mais importante. Ganhar o primeiro óscar para gémeos.

- É algo louvável e desejo-vos muitas, muitas felicidades.

Depois de os gémeos partirem, Amanda sentou-se junto à sua parede envidraçada e pensou durante muito tempo, principalmente no seu dinheiro, no seu testamento e no ursinho de vidro. Pegou no telefone e marcou um número.

- Acordei-te, Hank? Então, que tal vires cá para um café e bolo de chocolate?

Ele chegou em vinte minutos, sorrindo abertamente.

- Os gémeos não comem sobremesa? - perguntou.

- Comem muito pouco de qualquer coisa, exceto coisas que eu não tenha... que mundo deve ser a Costa Oeste! Para quê beber café se lhe extraímos a cafeína? E se tirarmos toda a gordura da carne, ela não irá ficar bem assada, e porque é que devemos cozinhar os feijões duas vezes? Desisti. - Olhou para o cão e para o gato, sentados aos pés de Hank. - O Frankie e o Winston estão contentes por te verem. O Robbie e o Gordie deram um gritinho e fugiram. Tive de pôr os

animais no quarto vago.

154

Em resposta, ele pegou em Winston... uma trabalhadeira.

- Winston, tens levado a Mareia a pensar que a Amanda não te alimenta... Juro que o teu peso aumentou para mais de dez quilos.

Sentaram-se junto à grande janela de vidro. Já passava da meia-noite e uma meia-lua pairava sobre as suas cabeças, derramando uma luz intangível, em tons dourados, sobre a enseada de Busquash; as folhas das árvores tremeluziam com pontos de luz coloridos, agora já amareladas em preparação para o sono de uma estação. Uma qualquer criatura marítima rompeu a superfície lustrosa da água em ondulações ameaçadoras e cada vez mais amplas, e alguma alma romântica amante das fogueiras de inverno tinha acendido uma; o seu fumo serpenteava em fios delicados na direção das estrelas. Até ali, a cento e trinta quilómetros da cidade de Nova Iorque, elas eram pouco perceptíveis num céu amarelado por um milhão de luzes urbanas. Lindo ou horroroso, conforme os gostos.

Num consentimento mútuo, ambos se afastaram da janela. Hank deu o seu habitual beijo terno a Amanda, sorriu-lhe e encaminhou-se para a porta.

- Vemo-nos amanhã - disse ele.

Nick regressou quinta-feira da sua licença de assistência à família com um ar cansado e devastado, mas Imelda parecia ter escapado depois de lhe terem extraído um aneurisma na artéria cerebral central, e pelos vistos não tinha mais nenhum prestes a explodir. O clã Jefferson reagrupara-se e, assim que a operação terminou, Nick pôde voltar ao trabalho. Duas avós tinham-se mudado para sua casa, a fim de a prepararem para uma inválida, e ele estava sempre no caminho.

- Nem sequer me deixam ir às compras - queixou-se ele a Carmine.

- Pois aqui sem dúvida que és muito útil - disse Carmine.

- Como está a situação da Helen?

- A Delia pensa que ela já foi suficientemente castigada. Por isso, ontem voltei a

integrá-la no serviço como estagiária a tempo inteiro, quando a Melantha foi encontrada.

- É justo - disse Nick, com um esgar. - E o que é isso do Dodó com uma mulher negra?

155

Ninguém sabe, nem os psiquiatras conseguem desencantar uma

teoria - respondeu Carmine, carrancudo. - Garantiram-me que, nos poucos casos de homicídios múltiplos de que temos conhecimento, o assassino nunca atravessou a barreira racial, embora no caso da violação as coisas não sejam tão claras. Mas agora este psicopata começou a matar; logo, em que categoria o enfiamos? É notório que as suas vítimas de violação têm atravessado todos os credos religiosos e todas as origens caucasianas, mas a Melantha, manifestamente, é uma mulher negra. Parece que isso não o perturbou... acho que, para ele, a cor da pele dela não é importante.

- Meu Deus! O tipo é doente.

Assim que Nick foi posto ao corrente do caso, as duas mulheres foram convocadas; Nick encontrou motivos suficientes para sorrir, de olhos postos numa Delia notavelmente contida, vestida de preto e branco e cor de ferrugem.

- Penso que descobri a fonte do conhecimento do Dodó acerca das mulheres de Carew - anunciou Nick.

Todos os olhares se voltaram para ele.

- Chuta - disse Carmine.

- Festas. Carew é famosa pelas suas festas. Até a Leonie ser violada, o Mark Sugarman dava festas regularmente. O Mason Novak era outro amigo de festas, geralmente em conluio com o janota Dave, já que os quintais de ambos são ao lado um do outro. O Von Fahlendorf é demasiado reservado para ser um colaborador, mas também foi a uma festa ou duas. Os quatro são Cavalheiros Vigilantes, mas há ainda outros famosos organizadores de festas.

- Mas o que é que têm as festas que ver com o assunto, Nick? perguntou Delia.

- Para começar, as línguas soltam-se. O álcool circula à farta e há sempre erva. Os homens estão sintonizados para seduzirem as mulheres e há montes de casais aos segredinhos pelos cantos ou em sofás. Não se trata de orgias. Ninguém tenta arranjar um sítio para se entregar ao sexo... isso só acontece depois de o casal deixar a festa, se é que me faço entender. A festa propriamente dita não é mais do que um festival de tagarelas. Blá, blá, blá. Vinho barato ou outras bebidas alcoólicas, comida volante, música alta, uma oportunidade para desabafar com pessoas que partilham as mesmas opiniões. É espantoso aquilo que as

156

pessoas dizem acerca de si próprias debaixo da influência de intoxicantes ou alucinogénios, mesmo quando não se conhecem. Então, e se o Dodó frequentar as festas de Carew, circulando à procura de mulheres que lhe agradem, para depois as encostar a um canto e questioná-las cheio de charme e doçura, qual psiquiatra?

Nick interrompeu-se, saudado por um profundo silêncio.

Por fim, Carmine falou.

- É uma teoria válida, Nick. Faz sentido. Não encontrámos quaisquer indícios em comum que pudessem fornecer informação ao Dodó por qualquer meio oficial, e sabemos que ele tem as suas vítimas bem escrutinadas. Talvez numa festa ele possa saber o que lhe interessa acerca de uma mulher... é surpreendente quanta informação pode ser trocada em meia hora. Também estaria bem posicionado para roubar chaves ou para fazer moldes em cera delas. Todas as vítimas eram mulheres com vida social antes de terem sido atacadas, algumas conhecem bem os Cavalheiros Vigilantes. O Mark Sugarman talvez conserve listas de convidados... aposto que é daqueles que guardam tudo.

- Bem - disse Delia, com ar de quem lamentava ter escolhido aquelas cores lúgubres -, trocando em miúdos, o Dodó é um sedutor.

Formaram-se rugas de divertimento nos cantos dos olhos de Carmine.

- Diz lá, Delia! Vá, dá-nos mais qualquer coisa.

- Ele tem magnetismo animal que chegue para atrair qualquer mulher que lhe agrade - disse ela, corada de prazer, mas sem esquecer de lançar um olhar de

gratidão a Nick. - O tipo encosta-a a um canto e convence-a a contar-lhe a história da sua vida, rematada com suficientes pormenores pessoais que lhe permitem ficar a conhecê-la. Ela fala-lhe das suas obsessões... seguindo a análise de Freud, todas as vítimas se incluíam no tipo anal. Talvez não sejam propriamente um completo desastre obsessivo-compulsivo, mas definitivamente andam lá perto. Por exemplo, nenhuma delas usava casas de banho públicas. Por isso é que o Dodó as encaminhava para a casa de banho... sabia que estavam aflitas. E isso sugere uma técnica extremamente eficaz nos seus questionários nas festas. Apresenta-se como não constituindo uma ameaça, mas também como um homem masculino. Não é fácil.

- Não me parece que ele seja muito masculino - disse Helen.

157

. Não, querida, estás errada - continuou pacientemente Delia.

Ele tem de estar a abarrotar de masculinidade, senão as mulheres

julgá-lo-iam assustador ou adulator. Suponho que espera até que a rapariga esteja toldada pelo álcool ou pedrada, o que for, para então fazer a sua jogada, já que a língua dela se soltou e o seu cérebro não se encontra suficientemente alerta para depois se lembrar do encontro no dia seguinte. O tipo é esperto, Helen.

Patrick O'Donnell entrou, com os olhos azuis a brilharem e o rosto agradável e sardento com uma expressão sóbria.

- A descoberta daquela mesa foi um bom trabalho, minhas senhoras - disse ele para Delia e Helen. - Confirma as suas técnicas, embora não nos forneça qualquer informação nova, exceto o preservativo. O Paul está a tentar encontrar a cor da base.

- Foi drogada? - perguntou Carmine.

- Ainda não chegaram todos os resultados, mas não há nada no seu sangue que seja relevante para o ataque. É impossível dizer quantas vezes foi violada, mas desta vez ele usou mais o punho. Ela está terrivelmente ferida e rasgada, particularmente em redor do ânus. Embora aparentemente não tenha atingido o orgasmo, tem de ser um homem em muito boa forma física para aguentar tantas ereções. O punho desempenha um papel cada vez mais importante, mas sabemos

através das vítimas sobreviventes que ele usa constantemente o pénis.

- E quanto às correntes, Patsy? - perguntou Carmine.

- Uma vez que ele explora os apartamentos antes dos ataques, pode ser que a cama em latão lhe tenha dado a ideia; logo, não devemos ver as algemas e correntes como uma mudança permanente no seu método. Se houver uma próxima vez e a cama for vulgar, pode ser que ele use cordas.

- O Dodó é um deserto forense - disse Carmine melancolicamente.

- Sim, primo, receio bem que seja.

O telefone de Carmine tocou quando a reunião acabou.

- Não vá! - gritou ele a Helen enquanto desligava. - Está um embrulho para si no balcão de atendimento. Pedi que o enviassem cá para cima. Entretanto, já tem um relatório sobre os gémeos Warburton?

158

Ela deu um pulo.

- Sim, capitão! Está no meu bloco de notas.

- Vá buscá-lo, por favor.

Em resposta, ela pegou na mala e depositou-a numa cadeira, procurou e, com ar triunfante, tirou um grosso caderno de exercícios encadernado a azul-marinho, com o brasão do Departamento de Polícia de Holloman.

- Aqui está, capitão. Pus tudo no meu bloco de notas.

- Ótimo - disse ele, surpreendido, dando uma vista de olhos.

- Para que são as cores?

- Oh! - exclamou ela, parecendo atrapalhada. - É para minha comodidade, capitão. Preto para a narrativa pura e simples; as cenas de crime estão a azul, factos significativos a vermelho, para algum pormenor ambiental ou químico uso o verde, e as minhas próprias teorias e hipóteses estão a violeta.

Ele ergueu os olhos, inexpressivo.

- Original - disse Carmine -, mas percebo como pode ajudar. Fique com este para o ursinho de vidro, mas use um distinto para o Dodó. E não hesite em requisitar mais blocos em branco.

- Sim, capitão.

Ele estava curioso acerca do seu embrulho... tanto melhor! Helen estava lívida. Qual dos seus amigos estava a pregar-lhe uma partida? Um agente jovem entrou, segurando um pequeno pacote pouco maior do que uma caixa de fósforos, embora tenha ficado claramente indeciso se deveria entregá-lo ao destinatário, Helen, ou a Carmine, o chefe. Carmine fez um gesto com a cabeça na direção dela, e o polícia entregou o embrulho a Helen.

- Helen, sente-se, por amor de Deus! - disse Carmine. - Não vou repreendê-la por abrir o seu embrulho. Sente-se, sente-se!

Ela sentou-se, desastradamente, já que se esquecera que a mala estava em cima da cadeira, mas lá acabou por se acomodar, lançando a Carmine um olhar rápido à medida que ele folheava o seu bloco de notas. Estava muito entretido; ela conseguia adivinhar o que o brincalhão desconhecido lhe enviara. Muito bem embrulhado! com os cantos bem dobrados, toda a manobra fora feita sem fita-cola, apenas cordel

159

habilmente atado. Quando se desenvencilhou do papel, deu com uma dessas caixas em lata de fósforos a sério... daqueles que um cowboy costuma acender riscando-o na sola da bota. Quem seria? Debateu-se para abrir a lata, percebendo por que razão Carmine lhe dissera, no seu primeiro dia, que unhas compridas não eram indicadas para mulheres-polícia, exceto se fossem as de Delia... porque as unhas de Delia, explicara ele muito sério, podiam substituir um pé de cabra.

Carmine estava embrenhado na narrativa de Helen... fizesse o que fizesse, a senhora Procter ensinava excelente inglês: Helen tinha estilo. Ouviu-se um arfar estrangulado, um som abafado; ele ergueu os olhos imediatamente, alarmado.

De faces completamente pálidas, Helen olhava para ele sem o ver, com uma

folha de papel na mão direita e a caixa ainda na esquerda.

Carmine deu a volta à mesa e pegou na lata antes que caísse. A tampa estava aberta; ficou embasbacado a olhar para um dedo amputado. O papel de embrulho castanho estava a cair do colo dela; isso tinha de ser salvo primeiro.

- O que é isso? - berrou ele.

Em silêncio, ela entregou-lhe o papel.

NÓS TEMOS KURT VON FAHLENDORF. VOCÊS TÊM O SEU DEDO MINDINHO ESQUERDO. INFORMEM A FAMÍLIA DE QUE DEVEM TRANSFERIR A SOMA DK DEZ MILHÕES DE DÓLARES AMERICANOS PARA A CONTA DO BANCO SUÍÇO CUJO NÚMERO VAI JUNTO. O DINHEIRO DEVERÁ SER DEPOSITADO SEXTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO, AO MEIO-DIA, HORA DE GREENWICH. SE NÃO PAGAREM, KURT

VON FAHLENDORF MORRERÁ.

Cuidadosamente, ele pôs a lata em cima da mesa.

- Tem algum motivo para acreditar que este dedo pertence ao Kurt?

- Não sei - murmurou ela.

Carmine pegou no telefone e marcou o número de uma extensão.

- Paul, traz o teu equipamento de impressões digitais ao meu gabinete imediatamente. - Deitando-lhe um rápido olhar, percebeu que a sua estagiária não iria desmaiar; as cores começavam a regressar-lhe ao rosto, a consciência voltava a encher-lhe o olhar.

160

- O Kurt está nos Estados Unidos com um título de residência permanente, não é? - perguntou ele.

- Sim.

- Então, as suas impressões digitais hão de estar registadas na Imigração e Naturalização, em Washington, D.C. O que significa que poderemos identificar muito rapidamente o dedo como sendo dele ou não. Penso que é melhor fazer isso antes de participar o caso a alguém, desde a família até ao FBI.

- Capitão, isso não é estranho? O bilhete foi enviado a um polícia! Não diz que não devemos notificar o FBI! Será que eles não se importam?

- Parece que não. Concorde, Helen. São uns raptos muito estranhos.

Delia e Nick entraram ao mesmo tempo e de imediato ficaram espedaçados; Carmine pô-los ao corrente de tudo em poucas frases, altura em que chegou Paul.

- Mandem um fax com a impressão digital, o nome dele e o número da Segurança Social para a extensão mais apropriada na Imigração e Naturalização... Nick, faz tu isso, por favor.

- Já tomaste o pequeno-almoço, Helen? - perguntou Delia.

- Hum... só café. Normalmente, espero pelo intervalo da manhã para comer um folhado.

- Então, não há nada a fazer enquanto não soubermos alguma coisa acerca da identificação da impressão digital - disse Delia energicamente. - O Paul tem a carta, nós temos uma fotocópia e eu sugiro uma ida ao Malvolio para discutir os próximos passos. Está bem, Carmine?

- Uma boa ideia - disse Carmine.

O restaurante estava razoavelmente cheio, mas eles conseguiram arranjar um reservado grande no fundo, com suficiente privacidade para falarem. Carmine estudou o bilhete.

- Foi escrito numa máquina elétrica. As únicas impressões digitais serão as suas e as minhas, Helen. E o papel de embrulho castanho também não fornecerá qualquer informação. Delia?

Não é uma IBM - disse Delia, categórica. - Talvez uma Olivetti-A fraseologia é de alguém instruído... sucinta e com uma certa tentativa de estilo. A data aparece à europeia, o dia antes do mês... e quantos americanos se encontram familiarizados com a hora do meridiano de Greenwich? Se bem me lembro, a Alemanha Federal está uma hora adiantada, mas a economia de energia com a hora de verão pode tornar-se uma grande confusão, já que numerosos países lhe põem termo em datas muito distintas. Quem escreveu é específico... nós temos o mindinho esquerdo do Kurt. Os raptos empregam o plural, mas isso é normal. Raptos solitários são quase sempre mulheres que deitam a mão a bebés deixados em carrinhos nos supermercados.

- O que eu gostava de saber - disse Carmine, comendo um folhado de maçã - é porque é que o pedido de resgate lhe foi enviado a si, Helen. A carta é clara: a família do Kurt ainda não foi avisada... é a Helen que deve fazê-lo. Você e o Kurt são assim um assunto tão escaldante que a família dele saiba da vossa relação? Vá, coma outro folhado. Precisa de forças.

- Não sei o que o Kurt possa ter dito à família em Munique disse Helen ponderadamente -, mas aqui em Holloman somos apenas mais um assunto, mas certamente pouco escaldante. Por exemplo, não somos amantes, e quase todos os colegas do Kurt sabem disso. Ele tem trinta e quatro anos e anda à procura de uma esposa, não de

uma amante.

- E a família terá a mesma impressão? - perguntou Nick.

- É possível. Jantámos juntos a noite passada e ele fez alusões evidentes acerca de um anel de noivado, de qual eu gostaria mais. Atirei-me a ele! Disse-lhe que quem um dia escolheria o meu anel de noivado seria apenas eu... tudo o que o meu noivo teria de fazer era pagá-lo. Como é típico do Kurt, ele interpretou isso literalmente. Nem sequer lhe passou pela cabeça que eu estivesse a recusar a sua proposta. - Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. - Oh, como sou cruel!

- Se não o queres, é melhor seres cruel - disse Delia.

162

- Bem, penso que temos de partir do princípio de que a família do Kurt considera a Helen como a sua futura esposa - disse Carmine.

- Se a Delia tiver razão acerca do bilhete, então o rapto foi orquestrado a partir da Alemanha.

- E a conta no banco suíço confirma isso - interveio Nick. Como é que um bando de raptos americanos iria conseguir entrar na fortaleza que é qualquer banco suíço? Resposta: não entrariam. E dez milhões de dólares? Isso é uma quantia exorbitante! Os raptos devem estar cientes de que nunca conseguiremos nenhuma informação da parte do banco. Pois se até o ouro nazi continua guardado nalguns bancos suíços, mesmo que toda a gente saiba que nunca ninguém o irá reclamar. Bem... os juros que já deve ter acumulado em mais de vinte anos!

- Helen, já se mentalizou que, se aquele dedo pertencer ao Kurt, terá de telefonar à família? - perguntou Carmine. - O pai dele ainda é vivo? ...

- É, o Graf ainda está vivo, e, sim, já me mentalizei.

- Graf é o nome próprio?

- Não, é um título. O nosso equivalente seria barão. Mas não seria a ele que telefonaria, está demasiado senil. A irmã do Kurt, a Dagmar, é que é a chefe da família - disse Helen.

- Fale-nos um pouco dos Von Fahlendorf, Helen.

- O nome próprio do Graf é Erich. Depois de escapar da Alemanha de Leste, teve finalmente a oportunidade de fazer alguma coisa com a fortuna da sua mulher italiana... enquanto Hitler esteve no poder, deixaram-se os dois ficar muito quietinhos. A baronesa financiou a primeira fábrica do marido, em Munique. Era um químico genial, inventou um processo para tingir fibras sintéticas. Agora, vinte anos depois, a Fahlendorf Farben possui uma dúzia de fábricas espalhadas por toda a Alemanha Federal.

- Porque é que não confiscaram o dinheiro da baronesa durante o Terceiro Reich? - perguntou Nick, franzindo o sobrolho.

- O pai dela depositou-o num banco suíço, como é evidente. No dia seguinte a Mussolini ter assinado o Pacto de Aço com Hitler. Parece que a nobreza milanesa fazia o que queria de Mussolini.

- Ainda a história da senhora Procter, Helen? - perguntou Carmine com um sorriso.

163

Oh, sem dúvida, capitão.

Mas onde é que o Kurt entra? - perguntou Nick.

- A Helen já lá chega - disse Carmine suavemente.

A aptidão do Kurt para a matemática revelou-se muito cedo,

embora ele não seja uma pessoa musical, e à medida que crescia foi-se inclinando mais para a física. Foi a Dagmar que saiu ao barão, herdando a química. Ela é cinco anos mais velha do que o Kurt e saiu da universidade diretamente para a Fahlendorf Farben como química na área da investigação. É melhor do que o pai, e assim o Kurt viu-se livre para fazer aquilo que adora: física das partículas. Quando soube que o Kurt era um potencial Prémio Nobel, o barão consentiu.

- Portanto, são uns snobes? - perguntou Nick.

- Insuportavelmente snobes - respondeu Helen sem hesitar. A velha casta de senhores rurais prussianos, muito conscientes da sua linhagem. Eram sociais-democratas católicos; daí, a discordância com Hitler.

- A Dagmar é casada? - perguntou Carmine.

- É. O barão e a baronesa não gostam dele... vem de uma classe baixa. Mas o mais importante é que ele não fica atrás da Dagmar no que toca às inovações químicas que a Fahlendorf Farben tem de realizar se deseja manter a competitividade... inseticidas, fertilizantes, plásticos inovadores, sucedâneos do petróleo. Conheceram-se em Bona, na universidade. Em 1951, um ano depois de se casarem, o Josef mudou o nome para Von Fahlendorf e fez um acordo com o barão, que então ainda não estava senil. Em troca de mudar o nome, receberia um salário generoso, sem perguntas e sem explicações. O Kurt detesta o Josef, sobretudo porque ele já magoou bastante a Dagmar. Nada de amantes... fraude. Ela apanhou-o a vender segredos profissionais respeitantes a fórmulas químicas não patenteadas ao principal rival da Fahlendorf Farben. Felizmente, descobriu

antes que os documentos fossem entregues. O Josef foi mandado para o equivalente da Sibéria na Fahlendorf Farben, embora continue a ter gabinete próprio e um rendimento chorudo. Tanto quanto percebo, isso só acontece porque o nome dele é Von Fahlendorf e o barão tende a protegê-lo por causa dos netos.

- Quantos filhos têm a Dagmar e o Josef? - perguntou Carmine.

164

- Quatro. Dois rapazes e duas raparigas mais novas. Entre os sete e os quinze anos. A mais nova é de longe a mais inteligente. As crianças foram ensinadas a menosprezarem o pai - disse Helen.

- Qual era o nome do Josef antes de se tornar Von Fahlendorf?

- perguntou Delia.

- Nunca consegui descobrir. Talvez porque a família faz sempre como a avestruz... querem que toda a gente acredite que o tipo é de facto um primo Von Fahlendorf de alguma espécie.

- Podes tentar descobrir isso, Deels? - perguntou Carmine.

- Se fosse em Inglaterra, sim, mas não em qualquer das duas Alemanhas. Mas em que estás a pensar?

- Que isto pode ser um golpe dentro da família.

- Já nada me surpreende - disse Helen friamente.

- Dez milhões de dólares! - exclamou Delia. - Eles conseguem reunir esse dinheiro todo?

- Sinceramente, não sei! Como é que vou dar as notícias?

- Como um agente da autoridade - disse Carmine. - com compreensão, reconfortando, mas desapaixonadamente. !

- Mas será que eles vão conseguir reunir o dinheiro, capitão?

- É um esquema perfeito - disse Delia. - Inevitavelmente, os raptos são desmantelados na altura do pagamento do resgate... é muito difícil escapar despercebido do ponto de entrega. Mas aqui não há ponto de entrega, apenas o número da conta de um banco suíço. O dinheiro nunca entra nos Estados Unidos e os suíços nunca divulgarão informações sobre os seus clientes.

- Assim que o dinheiro estiver depositado, não podemos tocar em ninguém - disse Nick. - Tudo isto cheira muito mal.

Carmine deslizou para fora do reservado, pegando na carteira.

- Não, este pago eu.

Helen não falou até chegarem ao gabinete de Carmine.

-Já decidi, capitão - disse ela então. - vou falar com a Dagmar, mas não vou dar a entender que o rapto pode ser um golpe dentro da família. A Dagmar é uma pessoa lógica.

- É uma boa decisão - disse Carmine enquanto se sentava. Nick chegou logo atrás deles.

165

O dedo pertence ao Kurt von Fahlendorf - informou. - Duplamente verificado.

O telefone tocou: Paul Bachman. Carmine ligou o altifalante.

. Não há outras impressões digitais no pacote a não ser as suas

e as da Helen - disse ele. - O Patrick diz que o dedo foi amputado há oito ou nove horas. Como não descobrimos medicamentos no sangue, devem ter feito a coisa a sangue frio. Também não há sinais de cauterização. O Kurt deve ter perdido algum sangue, mas não se tratou de uma hemorragia grave. O Patrick põe a possibilidade de os únicos primeiros socorros terem sido enfaixar a mão depois do corte.

- Eles não estão para brincadeiras - disse Carmine. - Se não o encontrarmos, o Kurt é um homem morto. O pagamento do resgate não irá alterar nada. Eles raptaram um homem sensato e altamente inteligente, treinado para ver coisas

mais pequenas do que o átomo. Não se atreverão a libertá-lo. - Os olhos de âmbar fixaram intensamente Helen. - Não poderá dar a entender nada disto quando falar com a Dagmar, Helen. A família terá de decidir se paga ou não partindo do princípio de que existe a hipótese de o Kurt ser encontrado vivo. Não está autorizada a comunicar aquilo que podemos saber como tratando-se de um facto. No ponto em que nos encontramos, nada está provado.

- Compreendo - disse Helen, olhando para o relógio dos caminhos de ferro pendurado na parede defronte de Carmine. - São agora nove da manhã, o que significa que são três da tarde em Munique.

- Remexeu na sua enorme mala e tirou de lá uma agenda preta: propriedade privada. - Tenho o número do trabalho da Dagmar e também o de casa. O Kurt deu-mos para o caso de alguma coisa lhe acontecer. - Deu uma gargalhada sarcástica - Ele referia-se a um acidente de carro ou de esqui, não a um rapto.

- O Fred fez uma ligação deste telefone vermelho para um gravador - disse Carmine. - Ouviremos no altifalante tudo o que for dito. O gravador liga-se automaticamente no momento em que o destinatário atende. Coragem, Helen, e não se iniba com a nossa presença. Temos de estar aqui. - Entregou-lhe o auscultador vermelho.

Dagmar encontrava-se no emprego e ela mesma atendeu a chamada; o número que Kurt dera a Helen era uma linha privada.

166

A primeira reação da filha Von Fahlendorf foi de incredulidade, seguida por todas as emoções que se associam a uma brincadeira de mau gosto. E foi só quando todos esses estados emocionais se esgotaram que Dagmar começou a suspeitar que a chamada era séria. Nesse momento, porém, Helen já não podia mais.

- Ouça, minha senhora - disse -, vou passar o telefone ao nosso chefe de detetives, o capitão Carmine Delmonico. Talvez acredite nele... é um homem!

Helen cedeu, resmungando entre dentes, enquanto Delia lhe dava umas palmadinhas reconfortantes e Carmine falava com Dagmar, que, quer associasse ou não a polícia ao sexo masculino, pareceu então entender completamente a situação perigosa em que Kurt se encontrava.

- Aquilo que nos preocupa a todos aqui em Holloman é a grande soma do resgate
- disse Carmine. - Tem alguma esperança de conseguir reunir essa quantia?
- Oh, sim - respondeu a voz nítida no seu sotaque alemão - já está todo junto.
- Não me diga! E a que devemos essa coincidência?
- Destina-se à criação de um fundo de investimento para os meus filhos - disse Dagmar. - A minha mãe abandonou a companhia, e esses dez milhões representam o seu capital, que ela insistiu em converter em dólares americanos. Claro que agora será para pagar o resgate do Kurt... pensaremos depois na criação de outro fundo para as crianças.
- Compreendo. - A mente de Carmine corria a galope. - Antes de mais, minha senhora, quero assegurar-lhe que o seu irmão foi de facto raptado. O dedo confirmou a sua identidade e os raptadores sabiam que assim seria. Devo avisá-la de que as probabilidades de recuperar o Kurt com vida não são muito animadoras, mas não é nada impossível. Aqui em Holloman iremos dedicar-nos a uma busca centrada em descobri-lo a ele, já que temos algumas dúvidas de que os cérebros do rapto estejam nos Estados Unidos. Pensamos que talvez sejam alemães e que não se importam com quem poderá ser chamado a resolver a parte americana, porque isso não afetará em nada o resgate. Esse vai direito de Munique para Zurique.
- Tipicamente americano! - proclamou ela num tom gelado. Culpem todos menos a vocês mesmos.

167

Nós não temos culpa de nada, Frau Von Fahlendorf! - disse

Carmine num tom igualmente gelado. - Nós levamos por tabela. Qual é o verdadeiro nome do seu marido?

- Von Fahlendorf - respondeu ela.

Não, antes de o ter mudado.

- Isso só a ele diz respeito.

- Para alguém cujo irmão se encontra num perigo terrível, parece ter estranhas prioridades, minha senhora.

- Não me chame minha senhora! - cortou ela. - Helen, qual é o número da conta e o nome do banco?

Carmine abanou a cabeça energicamente.

- Ah, não, minha senhora, essa informação só a receberá na altura de pagar o resgate.

Ela desligou.

- Estamos metidos numa grande alhada! - exclamou Nick. O Dodó sobe de nível e começa a matar, e um dia depois um estrangeiro que é professor de física na Chubb é raptado. Estamos a ficar desfalcados, chefe.

- Demasiado desfalcados - disse Carmine sombriamente. Tenho de ir ter com o comissário nos próximos minutos, mas primeiro... prioridades. O caso do Dodó tem de avançar, embora a sua vítima esteja morta. Não sabemos se o Von Fahlendorf já estará morto, portanto partimos do princípio de que está vivo. Não é impossível, pois muitos raptos matam por negligência, mantendo a vítima aprisionada num sítio qualquer inexpugnável sem lhe darem comida ou água. Três dias sem água, três semanas sem comida. Um cálculo muito aproximado. Se o local onde o têm preso for isolado, abrigado e com ar suficiente, a vítima poderá sobreviver pelo menos uma semana sem água. Logo, a nossa prioridade é procurar o Kurt. - Carmine ergueu os ombros, afundou o queixo contra o peito e refletiu durante o que pareceu uma eternidade; provavelmente, foram três ou quatro minutos. Depois suspirou. - Não posso dar conta do Dodó e do rapto - disse ele, pragmático. - Como é um caso inteiramente novo, o rapto vai para o Corey e a sua equipa, com a Helen como adjunta para servir de

168

ligação entre nós e a família do Kurt, bem como com outras agências, como o FBI.

A expressão de Helen traiu a sua consternação, mas ela aprendera com o conflito que envolvera Abe Goldberg, pelo que fez um solícito aceno de cabeça.

- Quando e se o Abe e a sua equipa puderem ser disponibilizados, teremos duas equipas centradas na busca do Kurt. Helen, mantenha-me a par de tudo a todo o momento. Você é minha estagiária, não é uma parte da equipa do Corey... entendido?

- Sim, senhor. - Ela olhou diretamente para Carmine. O FBI será uma ajuda ou um empecilho? Os polícias não simpatizam nada com eles.

- Eles não irão incomodar o Departamento de Polícia de Holloman - disse Carmine sem se perturbar. - Se os raptores fossem criminosos conhecidos, o FBI seria uma grande ajuda, mas já sabemos que não são. Estava quase disposto a apostar forte e feio em como são indivíduos de nacionalidade alemã que visitaram os Estados Unidos apenas com um objetivo... apanhar o Kurt. Além disso, os raptores sabiam que a Dagmar von Fahlendorf tinha liquidado os investimentos da mãe com o intuito de criar um fundo de investimento para os netos. Mais uma vez, está na cara que é uma operação alemã. A nossa verdadeira missão é descobrir o Kurt antes que o dinheiro do resgate tenha de ser pago.

- Achas mesmo que ela está envolvida? - perguntou Delia.

- Não, mas não me fio na sua despreocupação, Delia. Se ela deixar o nome do banco e o número da conta escritos num papel qualquer que fique esquecido, e o raptor tiver acesso aos dez milhões, a transferência poderia ser feita antes de tempo. Portanto... ela só o saberá na sexta-feira, vinte e cinco.

- E se o FBI lhe fornecer os dados? - perguntou Helen.

- Depois de eu me explicar, não o farão.

Saindo do gabinete de Silvestri, Carmine dirigiu-se para o de Corey, dois pisos abaixo. Ele estava sozinho.

169

Quando entrou, Corey ergueu os olhos, sorriu e empurrou uma pasta sobre a secretária. O seu rosto moreno e comprido transbordava de contentamento triunfante.

O caso das armas encontradas na Taft High - disse. - Encerrado.

- Isso é ótimo, Cor. Põe-me ao corrente.

- Não era tão grave quanto pensámos inicialmente, embora o Buzz continue a resmungar que há ali mais qualquer coisa. O que posso dizer é que, se há, não encontramos provas disso, nem o Buzz encontra. Aquilo que temos é que alguém da Brigada Negra se assustou, pensou que a casa iria ser revistada e deu as armas que lá tinha escondidas ao irmão mais novo. O puto por sua vez escondeu-as no ginásio da Taft High e, como sabemos, o reitor White descobriu-as.

- Porque é que o Buzz pensa que há mais qualquer coisa?

- Ele acredita que a Brigada Negra montou uma cilada a um grupo dissidente, composto por membros menos pacientes e mais violentos que pensam que o Wesley lê Clerc não está a fazer melhor do que o Mohammed el Nesr. Tanto o Lê Clerc como o El Nesr apregoam que a violência pela violência é um desperdício de efetivos, mas o grupo dissidente está farto de esperar pela sublevação nacional do povo negro. As armas não deveriam ter estado na escola mais do que algumas horas, em trânsito... foram compradas com os lucros de um assalto a um banco em Middletown, e supostamente há uma batelada delas que ainda não foi encontrada.

- Mas não há provas?

- Absolutamente nenhuma.

- Então, o caso está encerrado. Mas fica atento, hem?

- Claro, sempre. E agora o que é que tens para mim?

- Um rapto.

Corey endireitou-se bruscamente, olhando para Carmine como se estivesse na presença do anjo Gabriel.

- Um rapto? - esganiçou-se ele, arfando.

- Sim, e não se trata do roubo de um bebé à porta de um supermercado.

Enquanto Corey ouvia avidamente, Carmine contou-lhe a história de Kurt von Fahlendorf, incluindo a direção que as suas próprias teorias estavam a tomar.

- Será possível que o próprio Von Fahlendorf esteja envolvido?

- perguntou Corey.

- Não, não me parece. Estou mais inclinado para o cunhado dele, mas não estamos a receber qualquer cooperação da polícia em Munique. - Inclinou-se sobre a secretária de Corey. - vou destacar para a tua equipa a Helen Macintosh, porque ela conhece o Kurt melhor do que ninguém e porque serve de ligação entre a família do Kurt e todos os polícias deste lado do Atlântico.

- O tipo já está morto, Carmine.

- Concordo, mas temos de fazer de conta que ainda está vivo. E... Cor?

- O que é?

- Escreve relatórios decentes. É uma ordem direta. Este caso é daqueles que têm o potencial de irem parar a um tribunal com o estado ou o condado a serem acusados de algum tipo de má conduta. E não fiques a olhar para mim! A culpa por andares a ser avisado é toda tua. Se o Morty Jones beber um copo que seja, é afastado do departamento. Entendido?

Corey conseguiu esboçar um gesto civilizado de concordância, embora por dentro espumasse de raiva.

- Claro, Carmine. - Lembrou-se de uma coisa. - Presumo que o FBI há de aparecer para nos pregar uma rasteira?

- Isso é o mesmo que perguntar se o assassinio virou a moda do ano. Claro que o FBI há de aparecer. E espero que colabores com os seus agentes, está bem?

- Tudo o que averiguarmos será do seu conhecimento.

- Otimo - disse Carmine, sabendo que era mentira. - A Helen virá cá em breve para te pôr ao corrente dos pormenores.

E saiu, bastante aliviado por Corey estar finalmente a endireitar-se.

“Um rapto! O crime supremo, dos mais difíceis de resolver, um caso muito recompensador mas também frustrante de dirigir”, pensou Corey. Franziu o sobrolho. E o que era aquilo de ele, um tenente, ter de esperar que uma mera estagiária lhe fizesse um resumo da situação? Porém, ele conhecia Carmine. Se o chefe dizia que ela é que sabia, então é porque sabia. Nada disposto a esperar sentado, qual doente à espera de consulta, Corey levantou-se e foi até ao gabinete dos dois membros da sua equipa.

171

Buzz estava a preencher as desprezíveis tabelas horárias, uma tarefa que Corey despachara para o seu escrupuloso sargento quando percebeu que o tipo gostava mesmo de preencher impressos. Quando teve conhecimento do que os esperava, Buzz inchou de satisfação.

Onde está o Morty? - perguntou Corey.

Buzz Genovese encolheu os ombros.

- Tenta nas celas. O Virgil Simms foi destacado para lá como responsável desde que o Vasquez andou a transferir toda a gente, e o Virgil é amigo de longa data do Morty. Se quiseres, chamo-o daqui.

- Não - respondeu rapidamente Corey. - Preciso de exercício, vou procurá-lo eu mesmo. E tu podes ir para o meu gabinete. Temos de esperar pela princesa.

As celas e os gabinetes associados às detenções de curta duração situavam-se no rés do chão do anexo do edifício dos Serviços Municipais, que estava para ser demolido há dez anos, mas que continuava à espera... e a funcionar. Guardava-se ali todo o género de material usado nas técnicas policiais há muito postas de parte, tal como duas pesadas banheiras onde outrora os doidos varridos eram submersos até que chegassem os homens de bata branca e os levassem para o manicómio. Os recordes de bêbados presos numa noite eram mantidos em verbetes numa sala especial, bem como detenções por crimes mais graves, desde fogo posto até homicídio.

Havia doze pavorosas celas todas brancas, cada uma com seis metros por seis, equipadas com uma sanita e, ocupando três das paredes, inadequadas tarimbas dobráveis, cobertas por colchões manchados no seu tecido característico. A brancura devia-se a toda a superfície coberta por azulejos, escolha que

remontava aos séculos dezanove e vinte, e o resultado era que o mais pequeno indício de sujidade ou de fedor notava-se como anúncios luminosos num espaço todo negro. Era prática corrente colocar os detidos da noite no menor número possível de celas; menos porcaria para limpar mais tarde.

Contudo, não era lugar para uma mulher. O sargento responsável pelas celas via poucos detidos do sexo fraco; quando chegava alguma, era posta numa sala à parte que, embora fosse fácil de limpar, se revelava pouco apropriada para uma senhora. Possuía uma sanita, isolada

172

por uma divisória, um lavatório e ainda três camas individuais, estas mais adequadas, embora o tecido dos colchões não variasse. Era distribuída à prisioneira uma toalha e roupa de cama. Nada de espelhos, como é evidente. Geralmente, estas pobres criaturas encontravam-se tomadas por um desespero tão grande que um fragmento de um espelho partido teria como desfecho a liberdade pela morte. Poucas eram as prostitutas de Holloman que passavam a noite na prisão; a população prisional feminina ia desde esposas que tinham assassinado os maridos ou amantes até acusações por maus-tratos a crianças.

Homem dos seus quarenta anos, o sargento Virgil Simms estava sentado no seu gabinete a tentar despachar as montanhas de papelada que este novo capitão da Divisão Uniformizada engendrara. Quando Corey entrou, suspirou e inclinou a cabeça na direção da cela das mulheres.

- A curar a ressaca? - perguntou Corey.

- Duvido - disse Simms honestamente; ele e Morty tinham feito juntos a sua aprendizagem na academia, entrando no serviço de patrulha como parceiros, e mantinham a sua amizade. - A nova empregada doméstica está a fazer a vida dele num inferno e os miúdos também. Parece que o único sítio onde consegue dormir é aqui. Desculpa, Corey.

- Não tens culpa de nada. Obrigado por ajudares. O nosso chefe não é lá muito compreensivo.

Corey entrou na cela das mulheres e deu com Morty esparramado em cima de uma das camas numa posição que tanto podia sugerir álcool a mais, como cansaço físico; não tresandava ajack Daniel's ou a jim Beam, pelo que talvez

Virgil tivesse razão ao dizer que ele não conseguia dormir no inferno em que a sua casa se tornara.

- Morty! - chamou Corey, sacudindo-lhe o ombro. - Morty, tens de acordar. Faz a barba e penteia-te... tens um caso novo e é um dos bicudos. Preciso de ti concentrado! O capitão vai andar de olho em nós e impingiu-nos uma espia... a princesa Helen, que irá contar-lhe tudo o que se passa. E vê lá se logo vais a casa e arranjas uma camisa lavada. Pareces um farrapo.

Corey apanhou o elevador para subir ao seu gabinete; ausentara-se durante vinte minutos. Buzz entrou calmamente e sentou-se; Morty,

173

com um aspeto razoável, chegou logo a seguir. Os três homens puseram-se à espera até que Helen, parecendo agitada, entrou.

Está atrasada - disse Corey: era preciso pô-la no lugar, fazer-

-lhe ver que ali o mundo não girava à sua volta.

Peço desculpa - disse ela, mas não deu justificações. Depois,

prosseguiu fazendo-lhes um resumo do caso, ao qual era difícil apontar um erro, teve de admitir Corey. - Estou aqui convosco porque conheço muito bem o Kurt e porque o raptor está a usar-me como intermediário. Tirando isso, sou apenas uma estagiária - disse ela, concluindo a sua apresentação.

- Obrigado - disse Corey. - Antes de mais, quero que venha comigo até uma sala de interrogatório... sim, sim, eu sei que os poderes competentes querem que lhes chamemos salas de entrevista, mas para mim a nomenclatura antiga está muito bem. Tudo o que souber acerca do Kurt von Fahlendorf e respetiva família será mais proveitoso se for gravado e transcrito. Vamos ter o FBI em cima de nós, e quero ter alguma coisa para atirar para cima da minha secretária em frente ao mandachuva deles. Além disso, poupa-nos uma data de tempo. Buzz e Morty, vocês ouvem e fazem as perguntas que quiserem.

E saíram todos; Helen sentia a cabeça a andar à roda. As técnicas de investigação de Corey eram com efeito muito diferentes das de Carmine!

Para mais, Corey não foi nada meigo com ela, fosse porque Helen era uma agente policial como eles, fosse porque o seu pai era presidente da Universidade de Chubb e ela possuía um fundo de investimento cinco vezes maior do que o resgate de Von Fahlendorf. Durante duas horas, Corey massacrou-a sem piedade acerca da sua relação com Kurt... ainda bem que ela não dormia com ele! Quem eram os outros amigos dele, o que sabia acerca das pessoas com quem ele trabalhava, porque é que o filho de um químico industrial enveredara pela física das partículas, quais eram os seus hábitos, as cores favoritas, a música preferida, porque comprara ele uma casa de construção anterior à Guerra da Independência... e por aí adiante. Ela respondeu calma e lucidamente e foi suficientemente inteligente para não perder o fio à meada... no testemunho de Helen, não havia lugar para contradições

174

e incertezas! Para sua surpresa, pediram-lhe que lesse a versão datilografada e a assinasse, como se se tratasse de um depoimento sob juramento. com um sorriso débil, ela fez-lhes a vontade. Corey estava a munir-se de tudo o que podia para a chegada do FBI, dando-lhes quando chegassem vinte páginas de informação irrelevante para os manter entretidos.

- Muito perspicaz, mas não vai resultar - disse ela. - Já agora, Corey, alguém lhe disse ultimamente que você é um grandessíssimo imbecil?

Parecendo surpreendido, Corey pegou no depoimento dela e saiu; Helen não se admirou que ele tivesse escolhido a companhia de Buzz e Morty para almoçar. A notícia começava a espalhar-se. Em breve, jornais, rádio e televisão suspeitariam de alguma coisa, e então o rapto tornar-se-ia público.

Delia estava a comer sozinha; Helen esgueirou-se e sentou-se à sua frente, pedindo um hambúrguer e batatas fritas.

- Acabei de dizer ao Corey Marshall que era um imbecil.

- Nada mais certo - disse Delia, saboreando a sua carne estufada à americana.

- Massacrou-me durante duas horas e depois ainda chamou umas pessoas para autenticarem o meu depoimento, como se estivesse sob juramento.

- Podias ter-te recusado.

- Não valia a pena.

- O Carmine teve de arrombar a porta de casa do Kurt - resmongou Delia, com a boca cheia de puré de batata. - O Porsche encontrava-se fechado na garagem e as chaves e a carteira dele estavam em cima da mesa do vestíbulo. O que significa que ele chegou a casa.

- Os seus olhos seguiram Carmine, que entrava no Malvolio e perguntava por Corey. - O Corey está agora a ser informado.

Helen colocou o seu pager sobre a mesa.

- Para o caso de telefonarem de Munique.

- Espero que não te telefonem a meio da noite.

- Não faz mal - disse Helen animadamente, enquanto dava uma dentada no seu hambúrguer. - Volto a pegar no sono em segundos.

175

Carmine esgueirou-se para o lado de Helen.

É costume o Kurt deixar as chaves e a carteira em cima da mesa do vestíbulo? - perguntou ele, e a sua linguagem corporal revelava a quem estivesse a observar que era a Delia que ele se dirigia, não a

Helen.

Esta percebeu a dica e pegou numa batata frita.

Sim, capitão, é costume. E também fecha sempre o Porsche.

- Helen, é melhor vir comigo assim que acabar de comer. Quero que verifique a casa do Kurt, incluindo a área dos hóspedes, com especial atenção para presenças estranhas à casa.

- E como é que explico a minha infração ao tenente Marshall?

- Eu já lhe expliquei.

- Então, assim que a Delia terminar, estou pronta, capitão.
- Não esteve aqui ninguém, capitão - disse Helen a Carmine depois de vasculhar cuidadosamente a casa de Kurt. - Não está nada fora do lugar. Também dá ideia de que o Kurt continua com a mesma roupa que usava quando fomos ontem à noite ao Buffo's.
- Há quanto tempo andavam os Von Fahlendorf a planear a criação deste fundo de investimento? - perguntou Carmine enquanto fechava a porta à chave.
- É um mistério. O Kurt nunca mencionou nada disso.
- Em circunstâncias normais, seria de esperar que o fizesse? Ela deteve-se a meio do caminho de acesso.
- Sim, acho que sim. O Kurt não é pessoa de segredos. Não que seja um fala-barato, mas um fundo de investimento é uma coisa importante. Sim, teria falado no assunto.
- O que significa uma de duas coisas: ou que não lhe disseram a ele ou que a ideia é muito recente. A Dagmar tem tendência a considerar o Kurt como cobarde por ser um privilegiado que vive e segue uma carreira no estrangeiro? - perguntou Carmine.
- Penso que a Dagmar gosta muito do Kurt - respondeu Helen lentamente -, mas também acho que parte dela o condena por ter deixado a mãe-pátria. Quando o Kurt fala dela, nota-se sempre um tom de tristeza meio oculto. Uma vez, disseme que a família achava

176

que, se ele era suficientemente brilhante para ser um candidato ao Nobel da Física, então também poderia ter feito o mesmo na área da química.

- E podia?
- Não! - respondeu ela com desdém. - O Kurt é muito limitado e o seu talento está virado para a matemática. Para ele, a química é terra incógnita.
- Devem ter tido uma Prunella Balducci quando o Kurt tinha menos de dois anos

- comentou Carmine.

- Hem?

- Nada, não interessa.

- Até que ponto a busca do Kurt vai ser intensiva, capitão?

- Isso depende do FBI. Nos raptos, quem manda são eles. -Já virão a caminho?

- Devem estar nos Serviços Municipais quando regressarmos.

Precisamente no momento em que Carmine e Helen se dispunham a entrar no Fairlane, Robert e Gordon Warburton desceram apressadamente o caminho de acesso da sua casa.

- Capitão, capitão! - exclamou Robbie, ofegante. - É verdade?

- O quê?

- Que o Kurt foi raptado. ,,:?

- É, sim. Viram-no ontem à noite?

- Vê-lo, não vi - disse Gordie -, mas ouvi-o.

- O que é que ouviu, Gordon? - perguntou Carmine.

- Ouvi o Porsche chegar cerca da uma da manhã... ou seja, de quarta para quinta-feira. Muito tarde para o Kurt!

- Porque é que você ouviu e o Robert não?

- Porque eu ocupo a parte da casa mais próxima do Kurt. O Robbie ouve o Dave Feinman entrar e sair, já que a garagem dele se situa no quintal.

- E tem a certeza de que não deu uma espreitadela, Gordon? pressionou Carmine.

- Bem... Quando ele arranhou a caixa de velocidades, confesso que me levantei e fui ver, capitão. É que o Kurt nunca arranha as mudanças!

- É uma observação que eu confirmo, Gordon - disse Helen.

177

- O que é que viu?

- Não foi o Kurt, disso pode ter a certeza! Duas pessoas, uma

mulher e um homem. Saíram do Porsche e mexeram no comando de abertura da garagem como se nunca tivessem visto um antes. Quando a porta se abriu, voltaram para o carro e entraram. Eu voltei para a cama disse Gordie.

- Conseguiu ver como é que eles eram? - perguntou Helen avidamente.

- Como há ali um candeeiro de rua, sim, consegui. A mulher teria os seus quarenta anos, o homem era mais novo. Ela tinha um vestido que parecia vermelho-escuro, mas usava um chapéu com um véu; portanto, as suas feições são um enigma. Penso que o cabelo era escuro. Tinha uma boa figura, isso sem dúvida. O homem era diferente. Tinha cabelo escuro, farto e ondulado, e um rosto bonito, mas não me peçam para o identificar entre outras pessoas porque eu não conseguiria. - Deu uma risadinha. - É que ele era mesmo muito bonito, capitão.

Carmine rosnou.

- Continue assim, Gordon, e você é que não fica nada bonito.

- Eh, lá!

- Algum de vocês viu o Kurt na quarta-feira? - perguntou Helen.

- Sim, cerca das seis e meia. O Porsche estava estacionado junto à berma e ele saiu a correr de casa, vestido como se fosse para um encontro amoroso, foi o que pensámos - disse Robbie. - Muito expedito!

- Estes tipos são esquisitos - disse Carmine enquanto ele e Helen conduziam de regresso. - No início, pensei que talvez fossem invertidos, mas agora não me parece que esta encenação homossexual seja real. Embora também não sejam heterossexuais.

- Eles são como o spretzels - disse Helen, sorrindo.
- Cada um de nós vai escrever o seu relatório, de acordo? Assim, o seu acabará nas mãos do Corey Marshall, que o despachará para o FBI.
- Como queira, capitão.
- A propósito, os seus diários são excelentes.

178

Ela corou.

- A sério?
- Oh, sim. Gosto particularmente do uso das cores.
- Bem, como escrevo muito, usando cores diferentes torna mais fácil encontrar alguma passagem específica.
- Talvez eu venha a adotar o método. Ela corou ainda mais.

Evidentemente, o caso atingia grandes proporções, já para não mencionar que era muito complicado. A pessoa raptada era um estrangeiro a residir nos Estados Unidos; o pai, que iria pagar o resgate, vivia na Alemanha Federal; e os dez milhões de dólares passavam ao lado dos Estados Unidos, numa viagem muito mais curta entre Munique e Zurique. Pior ainda era que nenhuma das forças policiais envolvidas tinha alguma jurisdição sobre um grande e prestigiado banco suíço.

- É brilhante - disse Carmine a Desdémona nessa noite, quando se preparavam para se deitarem. Simultaneamente reconhecido e carinhoso, ele notara que a mulher se mostrava mais calma, mais animada, mais viva.

- Não te serve de nada usares essa combinação, porque eu vou despir-ta - disse ele, subindo para o seu lado da grande cama.

Ela deu uma risadinha e estendeu-a sobre a cadeira mais próxima.

- Pronto! Se houver uma emergência, facilmente a apanho. Os filhos inibem-nos

bastante de andar nus. - Esgueirou-se por entre os lençóis e espreguiçou-se voluptuosamente, o que fez com que ele a desejasse com mais urgência do que planeava; soltou um gemido, virou-se e enterrou o rosto no seu pescoço.

- Carmine, para! Sabes que isso me põe louca! Quero dizer uma coisa - queixou-se ela baixinho, puxando-lhe a cabeça até que ele desistisse e ficasse quieto para ouvir. - Agora percebo porque é que ter o segundo filho pode ser arriscado. Tinhas razão em querer esperar mais um ano ou dois. A Prunella diz que algumas mulheres precisam de bastante tempo para que as suas hormonas voltem à normalidade, e acha que eu sou uma delas. Tenho andado... tenho andado nas lonas

179

desde que o Alex nasceu e enredei-me numa terrível confusão. Concentrei-me unicamente no Julian, não tenho dado ao Alex a atenção que devia. Mas eu não conseguia ver isso! Aliás, só percebi quando tive umas quantas conversas francas com a Prunella. Normalmente, sou uma pessoa suficientemente forte para lidar com qualquer eventualidade, e é por isso que estes últimos seis meses têm sido um choque. Mas já começo a estar melhor, amor querido, a sério. com a Prunella a carregar o fardo que é o Julian, ao mesmo tempo que o ensina a comportar-se corretamente, fico com tempo e energia que cheguem para amar o Alex como ele deve ser amado. Ele é completamente diferente do Julian, e este período da sua vida é fundamental. - Suspirou, afagando o cabelo de Carmine. - O nosso filho mais velho é uma carga de trabalhos... agora é que percebo aquele antigo ditado: para a política e para a maternidade, ninguém está preparado.

- Bem, não é difícil ver que te sentes muito melhor - disse ele, atacando novamente o seu pescoço.

- Não, não, espera! Tenho de te agradecer, Carmine, não só por seres tão compreensivo, mas por teres descoberto a solução para a minha depressão. East Holloman não é mais do que uma grande família alargada, e tens acesso a todo o género de pessoas. E agradeço teres posto a tua rede de conhecimentos em ação. De que outra maneira iria eu encontrar alguém como a Prunella?

- Acabaste?

- Sim.

Ele voltou a pô-la louca beijando-lhe o pescoço, com os braços a envolvê-la, enquanto as pernas dela o envolviam a ele. Como era maravilhoso fazer amor com uma mulher de um metro e oitenta e oito de altura!

Na manhã seguinte, porém, os pensamentos de Carmine estavam bem longe de qualquer género de mulheres, pois o FBI chegara à cidade. Desta vez, não era Ted Kelly, claro, já que a espionagem não constava do menu; esta equipa era liderada pelo agente especial Hunter Wyatt, um tipo de homem e de investigador muito diferente. De estatura e constituição mediana, movia-se bem; tinha uma expressão atenta, realçada pelos óculos com armação de metal que usava, atrás dos

180

quais uns olhos genuinamente cinzentos olhavam o mundo com aquilo que parecia ser um ceticismo profundamente enraizado. Carmine gostou dele e levou-o a tomar café no Malvolio.

- É muito melhor do que o café da polícia - explicou - e isso você vai ter de sobra. A não ser que tenha um fundo de maneio para despesas maior do que o de qualquer polícia de Holloman, o Malvolio é o melhor sítio para comer.

- Serve muito bem. Ponha-me ao corrente do caso - disse

Hunter Wyatt.

Concluindo para si próprio que, quando alguém tem um nome como Hunter Wyatt, só pode ser indicado para uma carreira nas forças policiais, Carmine pô-lo ao corrente.

- Diga-me que a minha intuição está errada - finalizou ele.

- Não posso, porque está certa. Primeiro, esta operação não é americana. O rapto ocorreu aqui, mas foi levado a cabo por estrangeiros. Segundo, julgo que devemos suspeitar que quem engendrou a coisa foi Herr Josef von Fahlendorf, mesmo que não tenha saído de Munique. Terceiro, não vamos encontrar o Kurt von Fahlendorf vivo; há de ser o costume... deixam-no preso num sítio qualquer inexpugnável sem comida nem água. Pode ser na bagageira de um carro, numa adega ou noutro local cuja natureza ainda não nos ocorreu. Eles não se atreverão a deixá-lo vivo, pois trata-se de um homem sensato, indiscutivelmente genial.

Está habituado a localizar os rastros de partículas desconhecidas em ambientes envolventes que são um aglomerado de meandros, espirais, curvas e órbitas, o que faz dele uma pessoa que notaria uma minúscula saliência numa parede lisa ou o mais pequeno veio na madeira de uma porta. Provavelmente, a sua audição é extraordinária, e quem sabe o que lhe chegou aos ouvidos dentro da sua prisão?

- Você é que é o especialista, Hunter; portanto, que tipo de prisão escolheriam raptos alemães? - perguntou Carmine.

- Não me parece que esteja enfiado nalguma bagageira. Podem ter optado por uma adega, embora as adegas vulgares propaguem o som e portanto teria de ser isolada de tudo o que produzisse ruído. Eu apostaria numa pedreira ou nalguma prisão subterrânea. Reparei

181

nas cartas militares que esta costa se encontra crivada de antigas plataformas de canhões... muito alemão! Suponho que o tipo está no Connecticut e não muito longe de Holloman, para que os raptos não tenham de usar autoestradas. Se o Gordon Warburton tem razão e os raptos são uma mulher e um homem, isso reduz a sua força física. Logo, ou eles são três ou quatro, sendo os que desconhecemos homens, ou trata-se de uma estranha parelha. Porquê uma mulher? Quando soubermos isso, Carmine, saberemos tudo.

- Pois, sobretudo porque o Kurt não foi drogado. Se precisaram de pô-lo inconsciente, fizeram-no com uma pancada ou pancadas na cabeça - disse Carmine. - Cortaram-lhe o dedo enquanto estava desmaiado, e quando finalmente acordou viu-se encarcerado.

- Uma hora - disse Wyatt de chofre. - Ele foi visto pelos agentes de patrulha às dez horas de quarta-feira. O mais tardar às onze e meia já estava preso e sem um dedo. Como se explica a ausência de drogas?

- A minha hipótese é que os tipos são amadores - disse Carmine. - A sua experiência alemã não incluía portas de garagem abertas com controlo remoto, e a ausência de drogas sugere terem atuado na falsa suposição de que seriam escrupulosamente revistados pelos nossos guardas alfandegários. As pessoas julgam sempre que o mundo que desconhecem funciona exatamente da mesma maneira que o mundo que conhecem. A alfândega alemã é muito rigorosa,

principalmente se houver alguma ligação suspeita à Alemanha de Leste.

Hunter Wyatt estivera a escrevinhar no seu bloco de notas; ergueu os olhos com um sorriso.

- Quer vir para o FBI, capitão?

- E perco a rede social que a minha mulher tanto admira? Não, obrigado.

- Parece-me que devíamos despende as nossas energias a procurar o Kurt von Fahlendorf.

- Não podia estar mais de acordo. O Corey Marshall deu-lhe toda a informação?

- Deu. Ele é um bom polícia... tem de ser, para massacrar aquela rapariga da maneira que massacrrou, considerando quem ela é. E ela

182

também deve ser uma boa agente, porque colaborou sem quaisquer entraves. Os raptos não receiam ser encontrados nem que o Kurt seja encontrado. Que género de pessoa é este Von Fahlendorf? Um atleta de meia-tigela? Um geniozinho? Parece uma estrela de cinema.

- Parece mesmo. Mas, segundo a Helen Macintosh, ele não está nada preocupado com a sua aparência. com efeito, parece que é aquilo que a sua profissão indicaria, ou seja, um geniozinho.

- Então, todos os agentes policiais disponíveis em Holloman devem procurar o Kurt von Fahlendorf. Se o acharmos vivo, será uma testemunha ideal.

- Se se lembrar das pessoas e dos acontecimentos - advertiu Carmine.

Deixando Hunter Wyatt com Corey e a sua equipa, Carmine foi encontrar-se com o comissário.

Comissário esse que já dera duas conferências de imprensa, embora, como era típico de John Silvestri, tenha feito a sua jogada de forma inteligente; a ação de busca, salientou ele, teria certamente lugar em Holloman e arredores, mas também tão longe quanto Munique e certas metrópoles norte-americanas.

- No que diz respeito aos jornalistas, há uma certa agitação ligada a este caso - disse o comissário. - Muito dinheiro, gente estrangeira, alemães envolvidos, e por aí adiante. Dei música aos tubarões.

- Também pode alimentá-los com algumas pessoas, como os Terríveis Gémeos Robert e Gordon Warburton - comentou Carmine, conseguindo esboçar um sorriso. - Uma vez que são atores, ficarão deliciados com a publicidade que pode decorrer do facto de serem vizinhos do homem raptado.

- Obrigado, obrigado - disse Silvestri, produzindo um ruído surdo.

- Agora, John, temos de discutir o que vamos fazer. O Hunter Wyatt concorda que não encontraremos os raptadores aqui nos Estados Unidos e, portanto, está disposto a unir esforços com a polícia de Holloman e de outros departamentos que se ofereçam, a fim de procurar o Kurt. Não sei como é que queres publicitar isto, mas o nosso

183

objetivo é encontrar o Kurt vivo, antes que a privação de água o mate. Assim, vou precisar da Divisão Uniformizada, claro, se o Fernando estiver de acordo. Dividimos o condado em várias parcelas e distribuímos equipas de busca por cada uma delas. Se grupos como os Cavalheiros Vigilantes quiserem colaborar, posso usá-los. Mas terá de ser uma busca debaixo de um controlo rígido ou arriscamo-nos a deixar secções por investigar e a repetir outras. Se o Fernando concordar, gostaria que ficasse ele no comando, juntamente com o Hunter Wyatt. A Divisão de Detetives não está em condições de assumir essa responsabilidade... entre outros casos, ainda temos o Dodó.

- Não terás qualquer oposição do Fernando - disse o comissário num tom que esclareceu Carmine de que ele, comissário, e mais ninguém, é que estaria no comando geral da operação. - vou começar por pôr as polícias dos condados vizinhos a trabalharem nisto nos seus territórios.

“É por isso”, pensou Carmine, saindo apressadamente, “que eu adoro o John Silvestri. Nunca está com falinhas mansas, vai direito ao assunto. A não ser que esteja a dar uma conferência de imprensa, porque então consegue ser mais suave do que a manteiga do Marzulio’s.”

A seguir, Corey e a sua equipa. No início, Corey mostrou-se inclinado a

considerar a operação de busca como uma despromoção; contudo, depois de algumas palavras de persuasão, Carmine conseguiu que ele percebesse que localizar a vítima era de facto mais digno de louvor do que prender os raptos, além de ser uma tarefa a que até o FBI não se esquivava. Era altamente provável, insinuou Carmine, que ao encontrarem Kurt ficassem na posse de uma pista fantástica que os levasse até aos raptos, instalados muito satisfeitos consigo próprios na Alemanha Federal.

Antes de sair, notou que Morty Jones estava lívido. Carmine lançou um olhar a Helen; esta, discretamente, foi ter com ele fora do gabinete.

- O que se passa com o Morty?

- Foi-lhe entregue ontem um envelope de um escritório de advogados, mas ele não o abre. Limita-se a andar com ele de um lado para o outro.

184

- Devem ser os papéis do divórcio. Porque é que não o abre?

- Sinceramente, não sei. Estes três tipos odeiam-me... pensam que sou sua espiã ou delatora, ou seja o que for.

- Ignore-os e, mantenha-me informado.

- Sinto-me como se fosse uma delatora - murmurou ela.

- Não sintas, porque não é. Estou preocupado com o Morty.

- Está bem.

Helen dirigiu-se para a casa de banho das senhoras... oh, sim, ela era esperta! Corey não se aperceberia de que ela informava o chefe. Embora, pensou Carmine, fosse humilhante ter de andar a esconder-se pelas esquinas. De facto, ela era uma informadora, mas neste caso tratava-se de uma atividade nobre.

À primeira vista, as coisas andavam de feição para Morty Jones. Delia arranjava uma empregada excelente que deixava a casa com muito melhor aspeto do que

no tempo de Ava, isso tinha ele de admitir. Milly trabalhava das oito às cinco, de segunda a sexta-feira, lavava a roupa e passava a ferro, deixava-lhes uma refeição quente preparada para o jantar e por várias vezes lavou ou mandou para limpar a seco todos os panos, cortinas, cobertores e colchas existentes em casa. Tudo isto fazia com que os seus filhos andassem felizes. Ela era uma pessoa alegre, que lhes perguntava como tinha corrido o dia na escola, como se isso de facto a interessasse, e que os obrigava a fazer os trabalhos de casa. Milly fazia comida deliciosa.

Mas Milly não conseguia fazer Morty feliz. Não era Ava... a desleixada e egoísta Ava, tão encantadora quando esvoaçava de um lado para o outro envolta em seda e penas e de sandálias de salto alto, distribuindo beijos e desculpas pelos miúdos por não lhes ter preparado o almoço ou por não achar roupa lavada para os vestir... oh, Ava, Ava!

Morty não fazia ideia do que continha aquele envelope que o oficial de justiça lhe entregara na tarde do dia anterior, mas o coração pesava-lhe. Tanto que não conseguia arranjar coragem para o abrir, por mais que se esforçasse. Ficara em casa a olhar para ele durante toda a noite de quinta-feira e depois, na manhã seguinte, trouxera-o para o trabalho ainda intacto. Tem de o abrir, tem de o fazer!

185

Cor, não me sinto bem - murmurou ele assim que teve um

pouco de privacidade. - Tenho de abrir este envelope, mas não aqui, não com aquela sacaninha intrometida a bisbilhotar por tudo o que é sítio. Posso ir ter com o Virgil? Ele está de serviço, e lá em baixo tenho privacidade.

Claro - respondeu Corey, distraído, mal ouvindo o que ele dissera.

Virgil estava ocupado a libertar uma caterva de bêbados, mas indicou-lhe a cela das mulheres, deixando Morty para o que ele imaginava ser uma merecida sesta; o homem estava derreado.

Mas os documentos e as fotografias que saíram do vulgar envelope castanho não convidavam a nenhuma sesta. Ava requeria o divórcio alegando crueldade e exigia ainda a custódia total das crianças, as quais, declarava, não eram filhos de

Morty. Exigia também todo o seu dinheiro, até ao último cêntimo. Aparentemente, o facto de estar tudo no nome dele não tinha qualquer importância!

Havia dois grupos de fotografias, todas coloridas: um consistia numa série de poses de corpo inteiro, em que se via Ava nua, cheia de nódoas negras, particularmente repulsivas na barriga e baixo-ventre; o outro reunia fotografias de rosto, que mostravam um nariz tapado com um penso numa cara inchada, negra das equimoses e cortada à volta da boca. Oh, meu Deus, ele fizera aquilo? Depois de ter ido para as urgências do hospital, ela arranjava um advogado. E queria os miúdos! Queria a casa! Queria o seu rendimento e as suas poupanças! E ali estava o que ele lhe fizera, bem nítido e a cores. Corroborado, informava a carta, por tantas testemunhas quantas as fotografias existentes.

A sua carreira estava liquidada; o capitão Delmonico sentia uma aversão absoluta por homens que batiam nas mulheres. A sua oportunidade para ser feliz acabara. “Oh, Ava, Ava! Porque é que andaste a dormir com quem te apetecia? Ninguém vai acreditar que apenas te bati nessa altura, sua puta, sua cabra, sua oferecida! E vão acreditar em ti. Acreditam sempre na mulher. Dirão que inventei as tuas traições. Oh, Ava, Ava! Porquê?”

Sentou-se numa cama por fazer, enterrou o rosto nas mãos e chorou, chorou, chorou...

Virgil Simms deu uma espreitadela, suspirou e voltou ao serviço.

186

- Não vamos esperar pelo Morty - disse Corey. - Não se sente bem e foi deitar-se. Quanto mais cedo começarmos a busca no nosso setor, mais cedo o Fernando nos atribuirá outro ainda por cobrir.

- Posso usar o meu carro? - perguntou Helen.

Corey olhou para ela prudentemente; era demasiado mandona, fazia-lhe lembrar Maureen.

- Esse seu estúpido carro italiano está ligado por rádio à base?

- Naturalmente - disse ela com um arrogante erguer de sobrelance.

- Então, está bem... mas mantenha-se em contacto, ouviu? Buzz, queres ir comigo ou vais sozinho?

- Sozinho - disse Buzz de imediato. - Só estamos a observar, não precisamos de força bruta. Se algum de nós achar alguma coisa, a descoberta será da equipa.

- Por mim, está ótimo - disse Corey, encaminhando-se para a porta.

- Tenente, posso ir primeiro ver como está o Morty? - perguntou Helen.

Ela era mesmo uma peste!

- Pois sim, como queira! - respondeu ele com brusquidão, e foi-se embora.

Helen desceu ruidosamente as escadas nos seus sapatos de freira

- não eram muito silenciosos, apesar de serem bastante práticos e atravessou o pátio na direção do velho anexo e das celas.

Empurrou a porta e viu Virgil Simms no seu escritório envidraçado, de cabeça baixa, absorvido no trabalho.

- Olá, Virgil - disse ela. - Como está o Morty?

- Agora, suponho que esteja a dormir. A mulher entregou-lhe os papéis do divórcio e ele passou-se de vez.

- Oh, coitado! Ele dissete isso?

- Não foi preciso. Os papéis estão todos espalhados em cima da cama. Ele fica muito melhor sem aquela cabra, mas recusa-se a aceitá-lo. Não é só porque gosta dela. Penso que ele receia que ela o ponha na desintoxicação. Tem tanto medo que não lhe cabe uma palhinha no rabo.

187

O estrondo de um revólver de calibre 38 a ser disparado matou a conversa; ambos ficaram hirtos.

Morty! - gritou Virgil, saltando de trás da secretária.

Em segundos, passou pela porta e correu pelo corredor até uma porta na extremidade deste. Abriu-a de rompante e estacou, e Helen foi de encontro a ele.

- Meu Deus, Morty!

Helen afastou-o para o lado e deparou-se com Morty sentado na beira da cama, inclinado para a frente e empunhando ainda o revólver, com os seus miolos a formarem um padrão surrealista na parede atrás dele.

- Sai daqui, Virgil - disse ela rudemente, empurrando-o pela porta e fechando-a na cara de dois agentes uniformizados que acorriam. - Você - disse ela a um deles -, volte para trás e fique de guarda à porta principal. Ninguém deve vir cá abaixo. E você - disse para o outro - fique aqui defronte desta porta. Não deixe ninguém entrar.

Virgil Simms parecia estar quase a desmaiar; Helen levou-o para o gabinete, sentou-o na cadeira e pegou no telefone.

- Capitão Delmonico? Por favor, venha imediatamente às celas e traga o capitão Vasquez consigo. Houve um acidente.

Carmine e Fernando chegaram juntos cinco minutos depois, olhando com algum espanto para a jovem que aparentemente tomara o controlo da situação.

- Não entrou aqui ninguém, nem na cela, mas ainda não chamei o médico-legista - disse ela, com a testa orvalhada de suor. - O sargento Jones enfiou uma bala na boca há cinco minutos. Eu e o sargento Simms ouvimos a detonação. Como não podíamos fazer nada por ele, fechámos a porta, viemos para aqui e chamámo-vos imediatamente.

- Nós? - perguntou o capitão Vasquez

- Sim, capitão, nós - respondeu Helen firmemente.

- Mas porque está aqui, menina Macintosh? - perguntou Fernando.

- Estava preocupada com o sargento Jones, porque soube que ele tinha recebido os papéis do divórcio.

- E porque o procurou aqui?

- Acho que ele, com o choque, veio ter com o sargento Simms, capitão. Ou pelo menos era o que eu julgava.

188

- Quando o Morty apareceu, pensei que ele estava prestes a desmaiar, capitão, e portanto disse-lhe para ir descansar para a cela das mulheres - disse Virgil Simms.

- Vamos ver - disse Fernando.

Os dois capitães ficaram de olhos fixos na ruína de Morty Jones, cujo corpo continuava na posição em que estava quando ele enfiou o revólver dentro da boca e disparou. A porta abriu-se e Patrick O'Donnell entrou.

- Meu Deus, Carmine, ninguém suspeitou de que isto estivesse para acontecer?

- Sim, eu - disse Carmine. - Infelizmente, o tenente dele pôs-se aos berros e não fez nada. - Deu uma vista de olhos aos papéis sobre a cama, tirou uma luva do bolso e pegou na fotografia de corpo inteiro que mostrava Ava Jones. - Alguém retocou isto - disse ele para Fernando Vasquez.

- O desgraçado! - exclamou Fernando. - Porque não esperou até ter uma opinião abalizada? A manipulação da imagem é amadora, nunca seria aceite por um tribunal.

- Agora já é tarde - disse Carmine. - Ele sofreu, Patsy?

- De maneira nenhuma, primo. Pela ferida de saída, a bala atravessou as estruturas vitais do tronco cerebral.

Fernando puxou Carmine para o lado.

- O que é isto de ele estar autorizado a utilizar a cela das mulheres? - perguntou.

- Não faço ideia - respondeu Carmine, honestamente. O que posso dizer é que o Morty e o Virgil Simms eram amigos desde os tempos da academia. Também estiveram juntos num carro-patrulha durante anos. Pelo que sei, o Simms só está aqui em baixo há algumas semanas, não é assim?

- É verdade. Mas temos uma enfermaria, Carmine. Terei de interrogar a menina Macintosh.

Carmine olhou para ele sem expressão.

- Porquê?

- Ela estava aqui na altura.

- Cumprindo ordens específicas da minha parte. Pedi-lhe que vigiasse o Morty depois de saber que lhe tinham sido entregues uns documentos, que supus serem os papéis para o divórcio. A menina Macintosh

189

é precisa onde toda a gente que pudermos dispensar é precisa, Fernando para procurar o Kurt von Fahlendorf.

O capitão da Divisão Uniformizada pensou por um momento

e depois anuiu.

Muito bem, acredito em ti.

É bom que acredites - disse Carmine, nada satisfeito. - Não

estou habituado a que duvidem de mim e nada te dá o direito de o fazeres. As vassouras novas deviam guardar as suas cerdas para a verdadeira corrupção. Isto não é corrupção, é uma tragédia.

Já de saída, ao passar pelo gabinete junto às celas, Carmine, com uma expressão dura, fez um movimento brusco com a cabeça para Helen. Esta esforçou-se por acompanhá-lo enquanto ele se afastava em largas passadas.

- Conseguiu combinar com o Virgil uma história verosímil? - perguntou ele. - Se o capitão Vasquez suspeita de que há álcool pelo meio...

Os olhos que o perscrutavam eram dois pequenos lagos azuis e límpidos.

- Sim, senhor, claro. É demasiado complicado para um capitão novo da Divisão Uniformizada.

- Ótimo. E agora faça aquilo que ia fazer.

“Enquanto eu”, pensou Carmine, “limpo a barafunda que a morte do Morty Jones vai provocar. Deve ter morrido sem testamento; homens como o Morty não fazem testamento ou planeiam para o futuro. Isso quer dizer que a sua mulher fornicadora de polícias não ficará com tudo, embora, se ele tivesse feito de facto um testamento, provavelmente, tê-la-ia nomeado como herdeira única. Os filhos ficarão com metade, pelo menos, e a Ava já é conhecida dos Serviços de Proteção à Criança; eles não vão permitir que um tribunal dê à Ada poder sobre a parte dos miúdos. Oh, meu Deus, que confusão! Aquela estúpida mulher com cio! Porque gostava Morty dela?”

Quando Carmine tentou encontrar Corey, disseram-lhe que o tenente Marshall estava fora em busca de Kurt von Fahlendorf.

- Falhei ao não tomar as devidas precauções - disse ele a Silvestri alguns momentos mais tarde.

- Disparate, Carmine! É raro o polícia que morre em serviço, embora as estatísticas tenham aumentado de ano para ano, enquanto

190

polícias que metem uma bala na cabeça é uma coisa comum. O trabalho é duro e muitas vezes ingrato. Quantas mulheres conheces que conseguem aguentar um casamento com um polícia? Muito poucas! A minha Gloria, a Netty do Danny, a tua Desdémona, a Betty do Abe. Beldades como a Soledad do Fernando. Poucas, de facto, mas é muito pior para os polícias com mulheres que não prestam.

- Tens razão, John, quem errou foi a Ava. Dormir com polícias como passatempo! Qual será o verdadeiro nome dela? Berma? Gertrude?

- Achas que não é Ava?

- A única Ava que conheço é a Ava Gardner.

- Uma estrela de cinema. Mas para de te recriminares, Carmine. Se uma pessoa inexperiente como a Helen Macintosh se apercebeu do que poderia acontecer, também o Corey devia ter adivinhado. Afinal, a Helen está a sair-se muito bem.

- Muito melhor do que eu esperava. A polícia de Nova Iorque perdeu uma boa detetive quando a recambiou para a patrulha de trânsito. E é muito engenhosa.

Porém, Carmine não informou o comissário de que o engenho de Helen chegara ao ponto de inventar histórias pouco credíveis para sargentos das celas que, por compaixão, são levados a quebrar as regras por um amigo de longa data.

- Tenho de ter tato quando falar com a Ava - disse Carmine.

Havia uma luz no teto, precisamente ao lado do alçapão; uma lâmpada fraca ardia por trás de um vidro extremamente grosso, envolto numa grade de ferro, embora a vista apurada de Kurt pudesse discernir vagos vestígios de uma instalação elétrica mais potente. A luz original não era aquela.

Tinha fome, mas sobretudo sede. Tanto quanto conseguia calcular, estava agora no segundo período de doze horas do seu cativeiro; o relógio continuava no seu pulso, mas estava partido. Lembrava-se vagamente de ter derrapado na Persimmon Street e de ter saído do carro para ver se tinha batido nalguma coisa. Depois sentiu uma forte pancada na cabeça, e em seguida... nada. A parte mais horrível do seu doloroso despertar tinha sido sentir a sua mão esquerda a latejar, toscamente enrolada no seu próprio lenço... o seu mindinho desaparecera!

191

Amputado! Quando retirara o pano empapado em sangue para confirmar, o coto recomeçara a sangrar e ele debatera-se para atar novamente o lenço usando a mão direita e os dentes; mas doía brutalmente e o tecido estava de novo encharcado. Porque tinham eles feito aquilo?

Não havia comida de espécie alguma, mas estava uma vasilha com pouco mais de dois litros de água no chão a um canto, e um balde vazio no outro. Sem pensar, ele saciara-se, entornando até alguma água sobre a camisa, apercebendo-se então de que quando aquela água acabasse não tinha quaisquer garantias de que lhe dessem mais. A cabeça pesava-lhe, sentia os olhos congestionados e doridos.

Não conseguia ouvir nada. Nem ventos lamuriantes ou uivantes, nem líquidos que corressem através de canos ou num leito subterrâneo, nem ruído de trânsito, fosse próximo ou longínquo, nem zumbidos de 60 ciclos que lhe chegassem de eventuais instalações elétricas acima de si ou de cabos subterrâneos, nem

barulheira de martelos pneumáticos ou de pesadas investidas de buldózers, nada lhe chegava aos ouvidos. Nada! Também não conseguia sentir a mais leve vibração. Quanto à vista... sem aquela luz, estaria cego.

Não sabia há quanto tempo estava sentado, encolhido num canto, salvo que dormitou e uma vez dormiu mesmo, profundamente. Então, levantou-se e começou a andar para lá e para cá, para lá e para cá, para lá e para cá... Uma atividade fútil, um desperdício! Vacilando, caiu sentado no chão de cimento, magoando o osso sacro, e começou a chorar. Mas isso também não levava a lado nenhum; fungando, procurou no bolso de trás das calças pelo seu outro lenço. Não estava lá; eles deviam tê-lo usado na sua mão, deitando-o depois fora. Do bolso, caiu um lápis que rolou por um momento e depois parou; limpando o rosto com a mão entapada, Kurt considerou o movimento que o lápis descrevera e concluiu que o chão era quase perfeitamente nivelado. Pelo menos, naquele ponto.

Verificar o nível do chão levou algum tempo; pelo menos, estava ocupado. De mão aberta, bateu numa parede. Estuque, bastante liso. E por pintar, o que era interessante. Quem se daria ao trabalho imenso de estucar uma parede para depois a deixar por pintar ou forrar a papel? Outro mistério. De seguida, dedicou-se a esvaziar cada um dos seus bolsos: três no casaco, um na camisa, cinco nas calças. Nem carteira nem chaves, embora ele os tivesse no Porsche, depois do jantar

192

no Buffo's. O produto da sua pesquisa era bastante emblemático, pensou ele com uma certa ironia: um total de quinze lápis nº 2 de fabrico alemão; quatro esferográficas vermelhas; uma borracha Faber-Castell; um bloco de espiral; um canivete suíço; um conjunto de ferramentas de joalheiro numa caixa transparente de plástico; e um frasco de corretor.

Uma sede debilitante secava-lhe a boca, começando a ter cada vez mais dificuldade em molhá-la com uma nova secreção de saliva; assim, fechou-a o mais firmemente possível. Não era fisiólogo, está bem de ver, mas sabia que uma boca aberta secaria mais depressa do que uma boca fechada. Uma vez que estava sozinho e não precisava de falar, manteria a boca permanentemente cerrada. Até que a morte sobrevenha, pensou ironicamente. Porque agora Kurt sabia que ia morrer.

Como passar o tempo? Isso era o pior, a pergunta mais inútil de todas as perguntas... até que olhou efetivamente para o seu tesouro de lápis e canetas, borracha e líquido corretor.

“vou usar as paredes para a matemática!”, pensou, subitamente excitado. “vou rever todas as minhas equações e verificar que estão corretas. Alguns dos meus pares insistem que estou errado e eu refutei os seus argumentos no conforto do meu estúdio, usando quadros negros que precisam de ser apagados. Mas aqui, neste sítio, não posso fazer isso. vou escrever em letra miudinha e não apagarei uma única etapa. Quando chegar a altura em que estiver demasiado fraco para segurar num lápis, já terei deixado nestas paredes toda a minha carreira. E quando os lápis começarem a ficar rombos, posso afiá-los com o canivete suíço. Talvez nunca venha a precisar do instrumento que serve para tirar pedras do casco de um cavalo, mas darei um bom uso à lâmina.”

Entusiasmado, colocou-se no centro da sala e observou cuidadosamente a sua prisão: onde começar? Sim, aquele canto afastado à esquerda! Uma parede de cada vez. Estava tão excitado, que bateu com a mão esquerda contra uma parede enquanto andava de um lado para o outro; a hemorragia aumentou. Dispensando-lhe pouco mais do que um olhar zangado, Kurt von Fahlendorf ignorou a ferida e dirigiu-se para o local eleito. Começou abaixo de um grande sinal de infinito, desenhado a esferográfica vermelha. Os seus capítulos seriam a vermelho, um pouco como Helen com os seus diários coloridos.

193

- Quando ouvi dizer que quase toda a gente estava a trabalhar

na cozinha - disse Desdémona, caminhando através da floresta ao lado de Carmine -, decidi que não faria mal nenhum ao Julian e ao Alex ficarem alguns dias com a Prunella. Ultimamente, tem sido impossível fazer as minhas caminhadas, portanto não te atrevas a mandar-me para casa.

Chegara ao cimo do espinhaço defronte dele como se se tratasse de uma figura de proa de algum navio de longo curso, pensara ele enquanto a via descer o declive para se lhe juntar; os joelhos fraquejaram-lhe e tinha dificuldade em manter-se direito. “Que mulher! Que deusa! E é minha!”

- Hoje é daqueles dias em que não preciso de estar sozinho disse ele. - Suponho que ouviste o que aconteceu ao Morty Jones?

- Sim. A Netty Marciano telefonou-me. E o John Silvestri também, para dizer que te recrias de mais.

- Como é que as pessoas se isolam de maneira tão radical que a única saída é meter uma bala na cabeça? - perguntou ele.

- O suicídio é o derradeiro ato egoísta, meu amor, sabes isso. Pensa só na confusão que o Morty deixa para trás. E ainda por cima sem testamento, pelo menos é o que diz a Netty. Ele e a Ava deviam ter feito testamentos no dia do casamento, como nós. Já é complicado deixar esta Terra quando há crianças e propriedade envolvidos, pior será com uma mulher vingativa e voraz. Porém, segundo a Netty, a Ava terá de procurar amantes noutro lado que não seja o Departamento de Polícia de Holloman. As fileiras cerraram-se contra ela. As pobres crianças encontram-se numa espécie de limbo... a Ava está mais interessada no dinheiro que pode ganhar.

E eu a pensar que depois de o Danny se reformar as fontes da

Netty se extinguiriam... estou contente por verificar que não. Por mais de uma vez, foi ela quem nos forneceu uma pista. - Carmine suspirou. - Tal como tu, também tenho pena das crianças. Às vezes, penso que as pessoas deviam ser obrigadas a ter uma licença para fazer filhos. Seja como for, isto não devia ter acontecido ao Morty; ele não tinha a força necessária para lidar com a Ava. Como é que eu me aproximo agora do Corey? Esse é o problema.

194

Ela deteve-se, protegendo os olhos; o Sol já passara o zénite.

- Aquilo ali é uma cabana?

- E. Não haverá lá nada, Desdémona, mas vamos vasculhar tudo.

- Aproximas-te do Corey da forma que achares mais conveniente

- disse ela, enquanto ambos estugavam o passo. - Ele mereceu uma ou outra censura, disso não há dúvida.

- Tenho pavor a maus pressentimentos. Fica atrás desta árvore até eu confirmar que podes avançar.

- Claro que tens pavor a maus pressentimentos! - exclamou ela nas suas costas. - És um bom patrão, e os bons patrões tanto são brandos como duros. Sofro porque te vejo a sofrer, mas farei o que puder para ajudar. Como, por exemplo, o teu jantar preferido - disse ela com uma certa astúcia.

- Esta mulher é terrível! Neste momento, comida é coisa em que penso pouco.

- Mas vais pensar à hora do jantar.

Examinaram a cabana, há muito em ruínas; não tinha adega ou uma destilaria clandestina.

- Estamos a explorar na direção de North Rock, não é?

- Sim, pelo vale onde está a mansão abandonada.

- Pensas que...?

- Chegaremos lá amanhã, mas não vamos encontrar aí o Kurt. Se fosses um raptor, irias usá-la sabendo que seria logo um dos primeiros lugares a ser revistado? Tem de passar uma semana inteira entre a exigência do resgate e o pagamento... não, eles esconderam o Kurt nalgum local virtualmente impossível de encontrar.

- Oh, Carmine! - exclamou ela. - As pessoas são tão diabólicas... e tão gananciosas! Percebo melhor o Dodó, que mata devido a impulsos sexuais que não consegue controlar. Mas cobiça? E... é desprezível, é mais do que perverso!

- Todos os assassínios são diabólicos. - Carmine olhou sensatamente para a sua esposa. - As sombras estão a ficar longas, minha encantadora senhora. Vamos para casa ter com os nossos filhos.

195

- Estamos a proceder à busca numa grelha adequada, Frau Von Fahlendorf... o que torna mais provável encontrarmos o local onde o Kurt está preso, mas estamos a trabalhar às escuras... Não me parece que deva recear que a eficiência da nossa polícia não esteja à altura desta missão... Sim, minha senhora, tem razão, mas não podemos dizer aos nossos jornalistas o que devem publicar. Aqui temos liberdade de imprensa e os mais desprezíveis têm tendência a inventar

coisas quando a história não é suficientemente dramática... Concorde, esta é uma história que não precisa de retoques, mas... Obrigada, Frau Von Fahlendorf... Boa tarde. - Pousando o telefone, Helen exclamou: Arre! Eles têm mesmo a mania de que são os únicos capazes de fazer seja o que for, não têm? Esta mulher é uma autocrata. Ou suspeita ou já sabe que os raptos são alemães e portanto põe-se na defensiva. Estive bem, capitão?

- Esteve - disse Carmine. - Aquilo que me intriga é a família Von Fahlendorf não ter mandado ninguém cá, a Holloman. É onde o Kurt se encontra, independentemente de onde estiverem os raptos. Isso levanta algumas hipóteses: uma, que a Dagmar sabe que o Kurt já está morto; outra, que a Dagmar sabe que eles entregarão o Kurt vivo. E eu pergunto-me: será que está alguém na Alemanha, a atuar em nome dos raptos, em contacto direto com a Dagmar, a qual prefere confiar em vilões do seu próprio país do que nos bons da fita de um país que não conhece? Ainda por cima, um país que lhe roubou o seu amado Kurt. Esquece-se de que foi ele quem optou por emigrar.

196

- Para mim, o ponto mais importante - disse Delia - é esse de a família não ter mandado ninguém cá. E se encontrarmos o Kurt vivo? O desgraçado não será recebido por alguém da família e isso realmente cheira mal. Até o meu excêntrico papá viria à minha procura.

- Isso diz-me que já sabem que ele está morto - disse Nick.

- Irão recusar pagar o resgate? - perguntou Helen.

- É o que parece - respondeu Carmine.

- Mas nesse caso porque é que a Dagmar continua a insistir que lhe dêmos o nome do banco e o número da conta? - perguntou Delia.

- Para poderem dizer que nós os demos - disse Carmine.

- Podiam dizer isso na mesma - disse Nick.

- É verdade - continuou Delia. - Outra resposta é que não têm ninguém que venha cá. A Dagmar deve suspeitar de que é o marido quem se encontra por trás disto, o barão está senil e a mãe vai reformar-se e dar o seu dinheiro aos netos. E

também pode estar senil.

- Bate certo - disse Nick.

- O Josef já tentou roubar-lhe segredos industriais. Imagino que a Dagmar deva suspeitar dele quanto ao rapto - disse Carmine.

- Ela pode verdadeiramente não suspeitar dele. - Helen torceu as mãos. - Oh, quem me dera conhecer aquela família! Quem me dera estar lá!

- Plenamente de acordo, Helen - disse Delia. - Como é que podemos resolver o caso se não conhecemos os suspeitos?

- Então e o FBI? - perguntou Nick. - Eles têm mais contactos no estrangeiro do que um departamento de polícia de uma pequena cidade.

- Nada de nada, segundo o Hunter Wyatt - disse Carmine. Tal como nós, ele está convencido de que isto é uma operação de alemães.

Corey e Abe entraram.

Corey parecia perturbado. Toda a gente na divisão sabia porquê: ele teria de enfrentar um inquérito à morte de Morty Jones, mas teria igualmente de enfrentar Carmine. Ambas as coisas tinham sido adiadas até que a busca por Kurt von Fahlendorf tivesse um fim, mas esse momento aproximava-se a cada movimento do ponteiro do relógio.

197

- Alguma coisa? - perguntou ele.

- Nada.

Abe Goldberg parecia não ter muitas esperanças e isso não era bom sinal. Como possuía um misterioso instinto para portas escondidas e aberturas que davam para sítio nenhum, Abe era o especialista de Carmine em compartimentos secretos; por isso, Carmine atribuíra-lhe uma parcela das terras para sul e oeste do porto de Holloman, uma zona de terrenos industriais atrás do aeroporto, onde oficinas em funcionamento se misturavam com edifícios e fábricas de trabalho escravo há muito abandonados. Embora houvesse ruas, era um ermo a vários

níveis, limitado pela cadeia de Holloman e a 1-95.

- Nem uma salsicha, como tu dirias, Delia - interveio Abe. Há quatro dias que ando à procura e não senti nem espasmos nem tremores, e isso é mau. Não me parece que esteja por ali, mas ainda não acabei e portanto vou insistir, Carmine.

- Faz isso, Abe. Se ele lá estiver, hás de encontrá-lo.

Era terça-feira, 22 de outubro, e a busca decorria em pleno desde a madrugada da sexta-feira anterior. Desdémona tomara o lugar de Carmine na busca, concedendo-lhe tempo para ver em que ponto estava o caso do Dodó. A primeira etapa consistia numa curta caminhada até ao médico-legista; Patrick estava no seu gabinete. Quando o primo entrou, o rosto de Patrick iluminou-se e ele apontou para a cafeteira do café.

- Acabado de fazer - disse ele, pousando a caneta.

- A autópsia da Melantha Green - disse Carmine, sentando-se com uma caneca de café fresco. - As últimas análises de sangue ainda não tinham chegado quando o Kurt von Fahlendorf foi raptado, e temos estado ocupados só com isso desde essa altura. O que tens para me dizer?

- Nada que ajude - disse Patrick, servindo-se de café. - Tinha anfetaminas na corrente sanguínea, penso que tomadas por ela própria para se manter acordada e não sucumbir debaixo de uma montanha asfixiante de trabalho. Não havia qualquer outra substância. O anestésico que ele usou foi bastante rude: um murro no maxilar, que provavelmente a atordoou mas não a fez desmaiar. Ela era conhecida por

198

ser cinturão negro de judo, e daí o murro, que não foi suficientemente forte para causar qualquer hemorragia subdural. A morte foi devida a asfixia. - Patrick deu um gole no café. - O jovem foi morto por alguém que sabe disparar uma arma. O tiro na garganta foi perfeito, a segunda bala já o encontrou morto. Usou um revólver de calibre vinte e dois.

- Ninguém ouviu os disparos, mas o outro apartamento estava ocupado e os seus inquilinos estavam até acordados... a mulher tinha dores de estômago - disse Carmine. - Ele usou um silenciador.

- Teve de usar, mas não terá sido um de fabrico artesanal. Duvido que o Dodó estivesse interessado no jovem. Dois tiros, e depois voltou atrás para limpar a Melantha.

- Lavou-a com água e sabonete?

- Não, apenas a limpou com xileno. Sabes disso.

- bom café, primo, mas más notícias - disse Carmine, sorrindo.

- Mais alguma coisa de qualquer outro caso?

- Não, mas mais alguma coisa no do Dodó. Penso que devias falar com o Nick e a Delia.

- Mas acabei de estar com eles!

- Pois, desculpa.

- Raios! - Carmine pousou a caneca de café meio bebida. - Talvez consiga apanhá-los antes que comecem a busca na parcela que lhes foi atribuída.

Porém, quem ele encontrou no parque de estacionamento foi Corey. O tenente hesitou, mas teve o bom senso de parar.

- Estás metido numa alhada, Cor.

- Não percebo porquê.

- Morreu um homem da tua equipa.

- Não por minha culpa.

- Por um lado, foi por tua culpa, sim. Várias pessoas repararam que o Morty andava deprimido e até eu falei contigo acerca disso. Tu puseste-te com sarcasmos.

- Carmine, este não é o momento para estarmos com isto. vou imediatamente para a minha área de busca.

- Estás a prejudicar a tua carreira, Cor.

- Que se lixe a carreira!

199

Carmine ficou a vê-lo partir, depois meteu-se no seu Fairlane conduziu na direção da linha costeira da baía de Busquash, onde a sua lista informava que Nick e Delia estariam a proceder à busca, no extremo da península a partir da enseada e já bastante próximo do distrito vizinho de Millstone, terra natal de Delia.

Encontrou-os a caminhar ao longo das rochas na base das falésias baixas de Busquash e deteve-se para observar antes que o vislumbrassem. Nick estava agora de calções, t-shirt e ténis, mas Delia não possuía nenhum conjunto para os tempos livres no seu pródigo guarda-roupa. Caminhava ao lado dele hesitantemente, de pernas nuas, com a minissaia ligeiramente subida, lembrando um caranguejo multicolorido com duas pernas descoradas na retaguarda; o vestido que usava tinha um padrão marmoreado de verde-claro, cor de laranja, cíclame e azul-ultramarino.

- Olá! - gritou ele. - São horas de almoçar, encontramos-nos no Lobster Pot... Nick, estás muito bem assim vestido!

Depois, quando já estavam instalados num reservado, perguntou:

- Mas que raio esperam vocês encontrar literalmente dois palmos abaixo de água?

- Antigas plataformas de canhões - disse Delia.

- Há anos que não exist, Delia.

- Pois então ficavas admirado. Quantas encontrámos já, Nick?

- Até agora, quatro, a leste da fronteira entre Carew e East Holloman. O Ben Cohen e a equipa dele deram com nove em East Holloman, a maior parte delas no promontório. Os canhões desapareceram todos, mas as plataformas resistem - disse Nick. - Se calhar, como ninguém as vê, ninguém se preocupa com elas.

- As coisas que vocês aprendem! - disse Carmine.

Nick e Delia estavam famintos e acabaram rapidamente os seus pãozinhos com lagosta; Carmine deixou-os comer em paz. Durante o café, explicou a razão de ter vindo procurá-los.

- O Patsy diz que vocês sabem qualquer coisa acerca do Dodó.

- Não, acerca do rapto - disse Nick, acendendo um cigarro e fumando com volúpia. - Informa o homem, Delia.

- Achamos que encontrámos o local onde os raptos apanharam o Kurt... nada de muita importância, já que não oferece nenhuma

200

pistas que nos ajudem, mas é interessante. Se quiseres, podemos mostrar-te.

Acenando com uma mão para pedir a conta, Carmine parecia impaciente. Nick e Delia enfiaram-se na sua viatura despersonalizada e Carmine seguiu-os no seu fairlane, forçando-se a manter um andamento tranquilo à medida que os dois carros se dirigiam para a Persimmon Street, em Carew. Aí, Nick e Delia encostaram à berma do passeio, e Carmine imitou-os. Assim que se lhes juntou, Delia apontou para o cruzamento com a Spruce Street. Curzon Close era claramente visível a cerca de duzentos metros.

- Foi aqui, nesta esquina - disse Nick. - Vês as marcas de derrapagem? Verifiquei, e são marcas de pneus Michelin, do tamanho certo para um Porsche. O Von Fahlendorf é um bom condutor, esquivou-se da derrapagem lentamente e deixou-nos vestígios de um padrão. Vês aqui? Vidros de um farol traseiro de um Porsche, foi o que nos disseram os técnicos forenses. E olha isto! É sangue, do mesmo tipo que o do Kurt.

- Repara nestes arbustos - disse Delia, conduzindo Carmine até à casa da esquina, onde uma fileira de arbustos altos crescia ao longo do limite do passeio.

- Atacaram-no quando saiu do carro e ele deve ter cambaleado antes de ficar inconsciente. Alguém aterrou com todo o seu peso em cima dos arbustos. Tirámos fotografias de tudo.

- Porque não mencionaram isto antes? - perguntou Carmine.

- Uma vez que estávamos à procura dele, não vimos razão para o fazer - disse

Delia. - Tratámos das coisas com os técnicos forenses para o caso de as provas serem necessárias no futuro... quando isto veio a lume, já tinhas bastante com que te ocupares, chefe.

- Como conseguiram os tipos perpetrar um rapto entre as dez e as dez e meia da noite numa rua movimentada de Carew?

- Tanto a Persimmon como este lado da Spruce estão meio ocultas e na sombra das árvores - disse Nick. - Só precisavam de alguns minutos.

- Então e o choque?

- Pensamos que foi encenado. Alguém se pôs à frente do Kurt, ele travou e dominou habilmente o carro na derrapagem; quando saiu da viatura, atacaram-no. O sangue é dele, talvez de uma pancada na cabeça ou da amputação do dedo, quem sabe?

201

bom trabalho - disse Carmine. - Portanto, puseram o Kurt

no carro deles, um conduziu o Porsche, e despacharam o que tinham a fazer em duas horas e meia. Por volta da uma, estavam ambos a guardar o Porsche na garagem do Kurt. Depois, só tiveram de virar a esquina para se dirigirem para a sua própria viatura. E um Gordie Warburton digno de dó voltou para a cama.

- Quanto a mim, são dois raptos - disse Nick.

- Também acho - disse Carmine. - Grande descaramento! Quem quer que sejam, são soberbamente autoconfiantes.

Ao mencionar Gordon Warburton, Carmine sentiu-se levado a ir visitar Amanda Warburton, que se encontrava na sua loja e com bom aspeto.

- Continuo a ter uma existência sem percalços - disse ela.

- Sempre contactou algum especialista em museologia para examinar o ursinho de vidro, senhora Warburton?

- Não - respondeu ela, e riu-se. - Mesmo que seja tão valioso quanto diz, capitão,

é apenas um objeto na minha montra, tal como o Frankie e o Winston. As pessoas não acreditam que ele tenha um valor incalculável.

- O negócio corre bem?

- Muito bem.

- E os gémeos? Como vão as coisas com eles?

- Foi um choque quando apareceram! Não entendo porque é que se mudaram para Holloman e não me disseram, só sei que não foi por causa de dinheiro, pelo que pude concluir. - Sorriu. - Para responder à sua pergunta, estou de boas relações com eles. Talvez não sejam os sobrinhos ideais, mas, agora que confessaram viverem mesmo aqui ao pé em Carew, têm sido encantadores. Decidi nomeá-los meus herdeiros no testamento, o que veio resolver um dilema.

Carmine disfarçou o alarme que o tomou. - Espero bem que não lhes tenha dito isso?

- Não, capitão, não lhes direi nada. Que seja uma surpresa... digamos, daqui a uns trinta anos.

- Tome cuidado consigo.

202

- Tomo, pois, sinceramente. - As suas pestanas baixaram e ela pareceu algo inescrutável. - O Hank Murray tem sido uma grande ajuda.

Carmine saiu, levando consigo a imagem do seu bonito rosto a sorrir, e decidiu ir ver Hank Murray antes de deixar o Centro Comercial de Busquash.

Hank estava vestido sem formalismos, de calças de ganga e camisa aberta no pescoço; Carmine teve um vislumbre de um peito com muito poucos pelos, concluindo que, se ele próprio tivesse de usar um postigo de peito, exibiria mais pelos do que Hank. Por isso, deduziu que os de Hank eram verdadeiros.

- Até parece que vai fazer um piquenique - disse-lhe. Hank sorriu.

- Não, capitão. Andei à procura do professor Von Fahlendorf. O capitão Vasquez

reuniu um bom número de homens cá da terra para passarem a pente fino os terrenos e as casas desocupados em Carew. O Mark Sugarman, o Mason Novak e eu oferecemo-nos como voluntários. O Kurt era nosso amigo.

- Como está a senhora Warburton?

- Está bem. - Hank corou. - Vejo-a quase todas as noites... É apenas jantar e um jogo de cartas. Ela e a Mareia Boyce não têm muitos amigos, o que me parece ser o destino das mulheres solteiras que trabalham todos os dias. Para a Amanda, ainda é pior, porque tem de trabalhar aos fins de semana. Como as terças-feiras são sempre mais calmas, tiramos os dois o dia e vamos a qualquer sítio.

- Ótimo. Já conheceu os gémeos?

- Já. São tão artificiais!

- Uma palavra interessante, essa, “artificial”. Então, se aparentam isso, como acha que são no fundo?

- Qualquer coisa arrepiante, capitão. Ou rastejante... palavras desse género. A Amanda estava dividida em relação a eles, mas ultimamente parece defendê-los mais. Eles conseguiram impressioná-la.

- Bem, afinal, são do mesmo sangue. Talvez amadureçam mais tarde. - Carmine dirigiu-se para a porta. - Se surgir algum problema, contacte-nos, senhor Murray.

E mais não podia fazer.

203

Agora, era preciso entrar no território do Dodó. Provavelmente, Mark Sugarman estaria em casa.

Estava. Parecia cansado e na sua prancha de desenho não havia nada de novo.

- À procura do Kurt? - perguntou Carmine.

- Sim, capitão, mas também a fazer vigilância. Se o Dodó atacar com o seu habitual intervalo de três semanas, estamos a aproximar-nos do prazo. Quinze de outubro significa que deverá atacar até às eleições presidenciais ou mesmo

durante o ato eleitoral. Há muito mais pessoas a votar em anos de presidenciais.

- Sim, tenho pensado nisso.

- Um mau presságio? - perguntou Sugarman.

- Não, senhor Sugarman, nada de presságios. É que provavelmente haverá muito mais movimento de pessoas junto às secções de voto.

- Como está a Maggie Drummond?

- Muito bem - disse Carmine. - A psiquiatra da Chubb tem sido uma boa influência para todas as vítimas do Dodó.

- E eu que o diga! - Um ar de satisfação inundou o rosto atraente de Sugarman. - A Leonie confia novamente em mim... parece-se cada vez mais com a antiga Leonie. Quem me dera que ela tivesse ido antes à doutora Meyers.

- Desculpe a banalidade, mas mais vale tarde do que nunca. Carmine aproximou-se das grandes janelas que davam para a Spruce Street. - Senhor Sugarman, estava acordado na noite de quarta-feira passada por volta das dez e meia?

- Penso que sim - respondeu o presidente dos Cavalheiros Vigilantes, parecendo confuso. - Fiz uma ceia para a Leonie e por volta das dez acompanhei-a lá acima. Mesmo contando com a trabalhadeira de verificar todas as fechaduras do seu apartamento, já aqui devia estar pelas dez e meia.

- Ouviu o ruído de um choque no cruzamento da Persimmon com a Spruce?

- Não foi um choque, capitão. Ouvi um chiar de travões e algum alarido... está sempre a acontecer isso nesse cruzamento.

- Obrigado - disse Carmine, aparentemente satisfeito.

204

- Irá encontrar o Kurt?

- Estamos a rezar por isso.

- Boa tarde, Frau Von Fahlendorf - começou Helen, eram sete da manhã de

quarta-feira. - Não, lamento, mas não... Isso não é justo, minha senhora! Estamos a usar todos os recursos de que dispomos na busca do seu irmão... aliás, se a senhora ou algum membro da sua família aqui estivesse, poderia ver isso... Não, não sou mal-educada, apenas estou farta... indignada, está familiarizada com esta palavra? Ótimo... à meia-noite de hoje, hora do Leste dos Estados Unidos, o agente especial Hunter Wyatt do FBI telefonará para sua casa e dar-lhe-á os dados do banco suíço e do número de conta, mas suplico-lhe que não pague o resgate antes de tempo! Isso não fará qualquer diferença nas hipóteses de o Kurt sobreviver... O agente especial Hunter Wyatt também lhe enviará um relatório escrito referente às nossas atividades... Obrigada, minha senhora. Adeus. - O auscultador foi posto no lugar com um estrondo. - Cabra! - disse Helen. - Tem a lata de culpar-nos... a nós! Matava-a de bom grado.

- Ela está sujeita a muita tensão, Helen - acalmou-a Carmine.

- Ainda temos dois dias inteiros de busca... bem, um dia inteiro e mais algumas horas. Os fusos horários são uma dor de cabeça.

Corey e Abe entraram.

- Corey? - perguntou Carmine.

- A única coisa mais suspeita com que nos deparámos foi com algumas marradinhas das vacas, mas ainda existem barracões, celeiros e abrigos subterrâneos por explorar a norte de North Rock. O velho Ray Howarth tem lá um abrigo atómico, pelo menos foi o que me disseram.

- De facto, encontrámos um número considerável de abrigos atómicos - disse Carmine. - Nunca me tinha apercebido de que houvesse pessoas tão paranóicas acerca da bomba. Vi um anteontem que tinha tapetes persas e ar condicionado. Nem sequer ocorreu ao dono que, se a bomba atómica deflagrasse, a energia elétrica seria cortada. O tipo estava à espera que o fornecimento central lhe permitisse gerir o seu abrigo.

- Tal como o meu excêntrico papá - disse Delia. - Se o Richard Nixon ganhar a presidência, ele muda-se permanentemente para

o seu abrigo... está convencido de que a primeira coisa que o Nixon fará como

presidente será carregar no botão.

Todos eles reviraram os olhos, mas aquele momento trivial depressa se desvaneceu.

- Abe? - perguntou Carmine.

- Só me falta verificar os arredores da cadeia - disse Abe. Até agora, nada.

- Alguém sabe se o Patrick encontrou alguma coisa no Porsche?

- Nada... está tão limpo que é como se tivesse acabado de chegar do stande que o vendeu - disse Nick -, exceto que havia algum cascalho preso aos pneus. Sem nenhuma particularidade, mas não se trata do género de cascalho que se solta de qualquer estrada em mau estado, pois não há nele nenhum componente de asfalto.

- O que significa que eles levaram o carro para algum local fora da estrada, mas isso pode ter acontecido em qualquer sítio. Holloman está cheia de cascalho, até temos três pedreiras. Este vem de alguma delas?

- Alguns agentes uniformizados inspecionaram-nas, mas não se lembraram de trazer amostras - disse Corey. - Perguntaram-me se deviam voltar para as recolher, mas não vi nenhuma vantagem em mandá-los lá só para isso.

- De que cor e tamanho é esse cascalho, Corey? - perguntou Abe.

- Granito cor de rosa; logo, não provém das nossas pedreiras. Parece mais uma coisa que podemos encontrar no ateliê de um escultor.

- Regista isso para o caso de o reconheceres algures. A propósito, o Joey Tasco, que tinha essa secção para inspecionar, disse-me que nenhuma das pedreiras tem fossa séptica. Usam casas de banho químicas, portanto não voltes lá, Corey. Mantém-te em território virgem.

Talvez fosse por Carmine ter falado em fossas sépticas, mas, quando Abe Goldberg, Liam Connor e Tony Cerutti chegaram à zona industrial de West Holloman, Abe perdeu bem mais de uma hora a verificar se não teriam deixado por explorar alguma antiga fossa séptica. Mas

não; Liam, que percebia como funcionava a mente de Abe, não o recriminou pelo tempo perdido, mas Tony, mais novo e de carácter mais inquieto, estava prestes a queixar-se se Liam o não tivesse calado com uma forte pisadela.

Tinham saído da zona de ruas e fábricas em funcionamento para uma área relativamente vasta que fora demolida no rescaldo da Segunda Guerra Mundial com a intenção de construir um estabelecimento prisional. Do outro lado ficava a cadeia de Holloman. Cadeia é uma forma de dizer, já que lhe faltava a arquitetura e as estruturas necessárias para o aprisionamento de alta segurança de criminosos violentos. Esses eram mandados para a prisão estadual, embora de vez em quando ainda se ouvissem vozes em Hartford que incentivavam a construção do Estabelecimento Prisional de Holloman, instituição que nenhum habitante de Holloman desejava. Como se não bastasse já terem uma cadeia!

A área não se parecia com uma zona de guerra, a não ser que tivesse sido uma guerra atómica; não se viam edifícios esventrados, apenas montes gigantescos de entulho que se sucediam, como se fossem as faldas da montanha vermelha e retangular que era o edifício da cadeia.

- Precisamos de um minitrator equipado com uma lâmina - disse Liam. - E também com uma escavadora, mas separada. Se está alguma coisa debaixo da orla de um destes montes, nunca a encontraremos se não tivermos qualquer coisa para remover o entulho à volta, mas um buldózer é capaz de ser peso a mais.

- Boa ideia - disse Abe, que se sentia um pouco tonto. - vou entrar em contacto com o capitão pelo rádio, para ver se se arranja um buldózer em miniatura.

Tony Cerutti tirou do banco traseiro do carro um conjunto de plantas de construção.

- Estes são os projetos do tão debatido estabelecimento prisional, tal como foi concebido em 1948 - disse ele, abrindo as enormes folhas sobre o tejadilho e segurando-as com pedaços de tijolo velho.

- Eles começaram mesmo a fase da construção? - perguntou Abe, contemplando fascinado vários pentágonos ligados por largos passadiços. - Dava um ótimo projeto de Meccano. - Os seus filhos

eram ávidos por Meccano e comprar as peças ia-o deixando cada dia mais pobre.

Do rádio, chegou-lhe um ruído rouco. Quando Abe regressou, parecia satisfeito.

Dentro de uma hora, estará aqui um pequeno buldózer equipado com lâmina, um balde de reserva e um braço extensível traseiro, só para prevenir. Entretanto, pessoal, percorremos a área. Liam, fica com a zona da extremidade oriental da cadeia. Tony, vais pelo meio. Eu vou para oeste.

Tony riu-se.

- Pois, vê lá não te percas!

Liam e Tony afastaram-se; ainda consciente de umas tonturas invulgares, Abe demorou-se mais um pouco para observar novamente as plantas relativas à ala ocidental. Não sabia porque se sentia tão estranho, mas por alguma razão sabia que era algo importante. Então, veio a dor de cabeça e Abe caiu de joelhos.

Duas paredes já estavam cheias; Kurt avançava para a sua terceira parede; afiara dez dos seus lápis até serem meros cotos, mas os últimos cinco eram os maiores e de melhor qualidade, que ele poupava deliberadamente. Tinha a boca absolutamente seca e sentia nos ouvidos um som interno contínuo, mas a excitação de deixar o trabalho de uma vida nas paredes do seu túmulo ainda não se esgotara. Os faraós egípcios viam-se reduzidos a imagens da sua existência indolente, entremeada com uma ou outra batalha, mas nenhum deles conseguiria igualar o seu feito! Nenhum deles poderia exhibir uma vida tão preenchida de feitos intelectuais e triunfos.

O balde que os seus captores lhe tinham deixado para as suas necessidades orgânicas ainda não estava cheio, mas tresandava. Embora o espaço fosse frio, Kurt sacrificara o casaco e tapara o balde com ele, para atenuar o fedor. Dizia-se que o ser humano se habituava aos cheiros, mas até agora isso ainda não acontecera. Pelo menos, o frio fazia com que não perdesse humidade através do suor, mas Kurt estava consciente de que começava a ser difícil manter-se de pé. Sentia dores intoleráveis nas costas e viu-se forçado a deitar-se a intervalos cada vez mais frequentes, mas o trabalho não parou.

Tempo para uma pausa; sentou-se a admirar as suas paredes cuidadosamente escritas e um sorriso espontâneo desenhou-se-lhe nos lábios. Graças a Deus pelo trabalho! E se não possuísse a mentalidade necessária ou o treino profissional para se manter ocupado durante um cativeiro que ele tinha a certeza de já durar há vários dias? Como conseguiria alguém que ganha a vida a fazer cópias do mesmo impresso sobreviver a esta prisão, que só acabará com a morte, sem ficar louco? Ele acreditava devotamente num Deus católico, mas poucas pessoas tinham o tipo de mentalidade capaz de se agarrar a Deus dia após dia, sobretudo com a morte à espreita. Parecia uma contradição, mas nunca nenhum homem está preparado para a morte, a não ser que seja um santo, e Kurt sabia que isso ele não era; o homem moderno nunca poderia tornar-se santo, porque a vida moderna negava qualquer conceito de santidade.

“Mas eu”, pensou Kurt, com a cabeça a andar à roda, “eu nunca fiz mal a ninguém, nem mesmo com a minha investigação nuclear. Agora, não há nada a fazer...” Estendeu-se ao comprido, com a cabeça demasiado pesada para se manter erguida e uma névoa que rodopiava defronte dos seus olhos, que, lentamente, se fecharam. Dormiu, acordou com um sobressalto, viu a terceira parede praticamente intocada, levantou-se e retomou as equações no ponto em que as deixara. O seu corpo começava a falhar, sim, mas a sua mente ainda era capaz de vislumbrar a verdade matemática.

“Quem me dera”, pensou ele, fazendo uma pausa, “poder ouvir Bach uma última vez!”

A dor de cabeça desapareceu tão depressa como chegara. “As plantas, as plantas”, pensou Abe num frenesim contido. Uma série de linhas paralelas saíam do edifício da prisão propriamente dito, direitas a um quadrado onde se lia em letra miúda tratar-se de um depósito de contenção de esgotos. Muito maior do que uma fossa séptica, esta coisa era do tamanho de uma cela para bêbados na polícia de Holloman.

Subitamente, Abe ficou hirto. Começou a sentir picadas na pele como nunca sentira, e percebeu. “É a primeira vez que procuro um

209

homem vivo, um homem adulto! A vida nele é suficientemente forte para me afetar! Estou a olhar para uma prisão... uma autêntica prisão! Construíram este

depósito, provavelmente instalaram algumas das torneiras de admissão, o escoadouro, o respiradouro... está ali, debaixo de uma fina camada de cascalho. Ele está ali! O Kurt von Fahlendorf

está ali!”

Tinha um apito preso a um cordão à volta do pescoço; levou-o aos lábios e deu uma estridente apitadela. Liam e Tony chegaram a correr, enquanto um guarda que carregava uma arma às costas se inclinou sobre o parapeito de uma torre de observação no cimo da parede da cadeia e ficou a observar os seus gestos apalhaçados.

- Temos de encontrar este depósito de contenção de esgotos disse Abe - e não vou esperar por maquinaria nenhuma. Mas primeiro descobrimos o cascalho... o depósito não deve ficar longe do cascalho cor de rosa.

Era uma ordem bastante mais confusa do que eles estavam habituados a ouvir de Abe, mas nem Liam nem Tony a perceberam de forma errada. Tomaram os três direções diferentes para oeste.

- Aqui! - gritou Tony, aparecendo por trás de um enorme monte de terra.

E lá estava, uma extensão de cascalho cor de rosa com cerca de trinta metros de comprimento e quinze de largura. Depois, o terreno continuava plano, mas totalmente coberto por placas irregulares de cimento.

- Pararam no cascalho cor de rosa porque este piso de cimento é mais cortante - disse Liam. - E agora, Abe?

- Agora, procuramos canos ou respiradouros - respondeu Abe, mestre neste tipo de trabalho. - Procurem bem à vossa volta, porque à distância não se há de ver nada. O meu instinto diz-me que o Von Fahlendorf ainda está vivo, o que quer dizer que o respiradouro está aberto e que deverá ser visível. Lembram-se daquela carga de água que apanhámos e amaldiçoámos na passada segunda-feira? Pois bem, a chuva aqui pode ter removido coisas do sítio onde estavam, portanto procurem. Procurem!

Foi Abe quem o achou, um orifício circular com cerca de dez centímetros de diâmetro, que originalmente fora tapado com uma pequena

placa de cimento, a qual escorregara com a chuvada, breve mas torrencial; os sinais eram inequívocos, pois quem tinha colocado a placa no sítio não fora com certeza nenhum operário. Provavelmente, nunca cumprira o objetivo pretendido, ou seja, bloquear a entrada de ar.

- Só precisamos de uma pequena abertura - disse Abe, enquanto o atordoamento que sentira desaparecia tão depressa quanto a dor de cabeça.

O minibulldózer chegou, mas entretanto Tony já tinha corrido até à cadeia para comunicar a Carmine a descoberta; num instante, os terrenos baldios em frente à prisão encontravam-se apinhados de polícias e maquinaria.

- Está vivo! - gritou lá de baixo Patrick O'Donnell. Ouviu-se uma grande ovação, os homens abraçavam-se.

- Carmine, tens de ver aquilo lá em baixo - disse Liam ao subir à superfície, num tom de espanto.

Carmine esgueirou-se pelo alçapão na cobertura do depósito e desceu os poucos degraus de uma escada para se juntar a um Abe rejubilante. Os flashes das máquinas fotográficas disparavam sem parar.

- Caramba! - murmurou Carmine, contemplando as muitas centenas de equações escritas a lápis. - Que raio é isto?

- Tanto quanto sei, trata-se da teoria unificada dos campos disse Abe. - O trabalho, Carmine, o trabalho que está aqui! O Von Fahlendorf não poderá ficar com o original, mas irá receber cópias fotográficas. Que feito!

- A quantas missas vou ser obrigado a ir, John? - perguntou Carmine ao comissário, uma hora depois, no gabinete deste último.

- Quinze, como antigamente.

- vou ficar com os joelhos esfolados!

- Também eu. E também a senhora Tesoriero, Deus a abençoe. Tem estado a rezar dia e noite. Se te obrigo a ir às missas segundo o costume antigo, é porque

a causa é urgente, Carmine. Mas tu e a senhora Tesoriero sempre deram conta do recado. Foi um milagre!

- Quem deu conta do recado foi o Abe, e ele é judeu.

- Esse tipo é sinistro, tenho de admitir. Como é que ele faz aquilo?

211

- Não sabe. Diz que fica com uma sensação estranha, mas nem sempre.

- É uma pena os polícias não poderem receber prémios. Se não

fosse o Abe Goldberg, o Von Fahlendorf estaria morto e dez milhões de dólares teriam ido parar a uma conta num banco suíço. - Silvestri adotou o seu semblante de satisfação felina. - Expliquei à senhora Von Fahlendorf que poderia demonstrar o seu apreço pelo excelente trabalho do tenente Goldberg se criasse um fundo para os estudos superiores dos filhos do Abe. Segundo ouvi dizer, os rapazes são francamente brilhantes.

- Eu perdoo-te e estarei presente nas missas à maneira antiga, de joelhos, em vez de fazer uma doação.

- Isso quer dizer que iremos encontrar-nos os três em St. Bernard nas próximas quinze manhãs. Ai, a minha artrite!

- Nunca apanharemos os raptos - disse Carmine.

- Eu sei. Explica-me porque é que se trata de uma operação alemã. Carmine inclinou-se para a frente, de mãos apertadas entre os joelhos.

- Demasiado complicado sem necessidade nenhuma, John. É como os motores alemães... peças a mais. Se fossem americanos, teriam usado a bagageira de um carro, mas estes palhaços deram-se ao trabalho de procurar aquele depósito de contenção de esgotos. Quem conseguiu obter as plantas do estabelecimento prisional nos Serviços Municipais? Para quê exporem-se, quando há equipamento de agrimensura capaz de lhes indicar ao centímetro a localização do depósito? A forma como eles vêem o mundo parece ser: quanto mais

complicado, melhor. Os riscos que correm não são encarados como riscos, apenas como atos normais. São demasiado obcecados para se tratar de raptos americanos. Simples é melhor.

- Percebo o que queres dizer. - Silvestri suspirou. - Nesse caso, nem com um milagre os apanhamos.

- O mais importante é que conseguimos recuperar o Von Fahlendorf são e salvo e o resgate não foi pago. Portanto, agora fico livre para começar a fazer perguntas e a esperar respostas.

- Carmine, ainda há pouco eras a pessoa mais pessimista do mundo. O que mudou entretanto?

212

- É que acabei de perceber que tenho uma arma, John. A adorável Helen Macintosh... ou, pelo menos, o Kurt acha que é adorável. Ora, eu sei que ela tem um rendimento anual de um milhão de dólares, logo, uma viagem a Munique não fará um grande estrago na sua conta bancária. O Kurt está com ideias de se casar com ela. E se eu conseguisse persuadir a Helen para que convencesse o Kurt a fazer uma visita a casa com a sua noiva pelo braço?

- Os esquemas tortuosos que tu arranjas!

- Ela não vai gostar de ter de se comprometer a casar com o Kurt, mas irá alinhar por duas razões. A primeira é que é uma rapariga bastante insensível, à maneira dos Macintosh, e portanto não sofrerá muito ao romper o noivado no seu regresso de Munique; a segunda é que está ansiosa por ser responsável pelo seu próprio caso. Se dispuser de três ou quatro dias em Munique, terá algumas hipóteses de descobrir os raptos do Kurt. Aliás, se confiar no Kurt e lhe contar tudo, nem sequer precisa de prometer casar-se com ele. O tipo está tão furioso que há de cooperar.

- E a cada segundo revelas-te ainda mais tortuoso!

- É, não é? Mas repara, John. Dois merdosos que não conhecemos puseram-nos a andar em círculos e a gastar muito dinheiro que nunca veremos de volta. Os Von Fahlendorf ficam com os seus dez milhões, mas os vários milhões que custou a busca do Kurt... adeus!

- Vai em frente, Carmine, vai em frente.

- Alinha nisto, Helen? - perguntou Carmine à sua estagiária. Sei que terá de pagar a viagem do seu bolso, mas consideraria essa hipótese se pudesse encontrar os raptos?

Os olhos dela faiscavam.

- Capitão Delmonico, eu até subia a Escadaria Espanhola de joelhos para conseguir provas definitivas sobre os raptos do Kurt! E ele vai cooperar, sei que vai. Ficou um bocado desiludido quando não viu ninguém da família ao sair do seu cativeiro, mas a Dagmar pôs-se com falinhas mansas e lá o foi convencendo. Aliás, as falinhas mansas foram tão eficazes que ele já anda a matutar sobre uma viagem a casa para ver como estão os pais.

213

Então, Helen, ei-la responsável por um caso cuja solução depende inteiramente de si. Só você é que pode resolvê-lo, mais ninguém. - Carmine indicou uma cadeira. - Sente-se, sente-se! Ainda vai levar o seu tempo a organizar tudo. Entretanto, o que é que já deduziu?

- Em primeiro lugar, que eles fizeram o trabalho de casa, capitão. Deviam saber que os detentores de títulos de residência permanente ficam com as impressões digitais registadas em Washington D.C. Tinham os conhecimentos necessários para arranjar as plantas do estabelecimento prisional nos arquivos dos Serviços Municipais. Sabiam quanto dinheiro seria investido como fundo para os netos e a data em que isso aconteceria. Sabiam o suficiente para apenas exigirem uma semana para o pagamento do resgate, penso que por pensarem que organizações como o FBI esperariam ter uma semana para conseguirem reunir uma quantia tão avultada. De facto, até podiam ter exigido apenas uma hora, mas isso teria apontado na direção da Alemanha, desviando daqui as atenções. Muita da informação que eles têm sobre como as coisas se fazem aqui vem dos filmes e da televisão. - Helen franziu o sobrolho. - No entanto, capitão, há certas discrepâncias. O respiradouro não foi convenientemente tapado para aguentar um aguaceiro forte, o que revela que os criminosos não estão familiarizados com aguaceiros fortes. Ou pode querer dizer que um dos dois não desejava realmente que o Kurt morresse. Deixaram-lhe água que teria durado mais se ele não tivesse bebido quase tudo de uma vez e entornado alguma. Era uma forma de tortura ou

uma esperança de que o Kurt fosse descoberto antes de morrer? Um dos dois é um autêntico durão, mas o outro é fraco. E qual deles deixou lá o balde? Não se deixa um balde a alguém que sabemos que vai morrer, embora me pareça que o balde não teve nada que ver com o facto de o Kurt viver ou morrer. Acredito que quem quer que o tenha deixado conhece pessoalmente o Kurt e não quis que ele tivesse de suportar a indignidade de ver os seus próprios excrementos. Se houver algum elo pessoal, então ambos os raptos conhecem o Kurt. O fraco encontra-se sob o domínio do durão, mas não gosta da maneira como ele ou ela lida com a situação. Talvez a amputação do dedo do Kurt tenha desequilibrado a balança, e daí a água e o balde, cujo significado só pode ter passado

214

despercebido ao durão, ou talvez o fraco tenha tido um acesso de mau humor, como geralmente acontece com os fracos. - Fez uma pausa.

- Que tal me saí?

- Muito bem, mas eu sou como um gatinho - disse Carmine, sorrindo. - É o Kurt que você tem de enganar, Helen.

- Quando acha que devemos ir? Carmine carregou o sobrolho.

- Hoje é dia vinte e quatro, e o Dodó deverá atacar na terça ou quarta-feira da semana eleitoral. Desde que ele cumpra o prazo, vocês têm tempo de ir antes, embora eu não saiba muito bem quais serão os seus prazos no futuro, agora que começou a matar.

- Sim, se forem as duas semanas, será para a semana que vem disse Helen. - Se formos amanhã, sexta-feira, poderemos estar de volta na segunda à noite.

- Passaporte? E se precisar de um cartão de crédito?

- As vezes dá jeito ser filha do meu pai. Posso arranjar aquilo que for preciso e o Kurt já tem tudo preparado.

- Isto não lhe vai deixar muito tempo para as investigações cá deste lado, Helen.

- Tenho a tarde de hoje. Chega muito bem.

- Tem consciência de que fica fora do caso do Dodó até que eu consiga fechar o caso dos raptos, mesmo que estes nunca sejam levados a tribunal?

- Sim, capitão.

- Então, não a demoro mais.

Caroline saiu, deixando Helen entregue aos seus problemas logísticos: teria de comprar naquela tarde dois bilhetes de avião para Munique, o que implicava voar na Lufthansa e não na TWA; depois, teria de descobrir como haviam os raptos obtido as plantas do estabelecimento prisional de Holloman. Quanto à viagem, imediatamente lhe ocorreu a solução e pegou no telefone para marcar o número que conhecia melhor do que o seu... o do pai. Porém, não tencionava falar com ele, mas sim com a sua secretária. Depois de dez minutos a aparição-la, já estava tudo tratado, embora Helen ainda tivesse de fazer uma coisa nessa frente de batalha; assim, ligou para a Tiffany's e pediu que enviassem à maravilhosa senhora um par de brincos com rubis.

215

Em seguida, um telefonema para Kurt, já em casa depois de ter alta do hospital.

Querido - arrulhou ela -, que tal levar comida chinesa e passarmos uma noite calma?

- Sim, Helen, por favor!

- Às seis, com uma garrafa de Moët

- Sim, por favor!

Ótimo, isso já estava organizado. Pondo a mala a tiracolo, Helen dirigiu-se para uma zona diferente do edifício dos Serviços Municipais, a fim de descobrir quem conseguira arranjar uma cópia das plantas do estabelecimento prisional.

Depois de não ter sorte em três das cinco secções que dispunham dessas plantas, decidiu explorar as Instituições Correcionais, o novo eufemismo para locais onde as pessoas eram encarceradas, isoladas da sociedade em geral. Incluía centros juvenis de detenção e o sistema de liberdade condicional, mas também albergava arquivos penais.

Um funcionário de meia-idade chefiava o balcão das informações, um sujeito lúgubre, pensou Helen, que não se lembraria de nada acerca das pessoas que ali tivessem estado. Contudo, quando ele viu diante de si aquela bela jovem e a sua roupa imaculada e de bom gosto, todas as células de memória do seu cérebro se abriram numa torrente de informação. Advogados mesquinhos e familiares desesperados não conseguiam nada dele; já uma rapariga com um formidável cabelo cor de alperce que nenhum corante conseguiria igualar!...

- A senhora que pediu as cópias das plantas do estabelecimento prisional? Oh, sim, lembro-me bem dela, senhora agente. Quem não se lembraria?

- O que tinha ela de extraordinário, à parte o facto de pedir essas cópias em particular? - perguntou Helen, sorrindo sedutoramente.

- Bem, era uma verdadeira senhora. Uma roupa linda num tom castanho-avermelhado que lhe ficava muito bem. Usava até chapéu e luvas, no mesmo tom castanho-avermelhado. As luvas eram de delicada pelica francesa e o chapéu vinha claramente de Paris. Não era roupa vulgar, como o refugo moderno - disse o funcionário, entusiasmando-se com a conversa. - O fato dela parecia ser Chanel ou Ralenáaga, e os sapatos eram Charles Jourdan.

216

- O senhor é incrivelmente versado em vestuário feminino. Ele fez um sorriso afetado.

- A minha mulher segue atentamente o mundo da moda, menina. Desenhámos os dois roupa para nos distraírmos.

- Quem me dera que mais das nossas testemunhas fossem assim! Como era a cara dela?

- Difícil de se ver... o chapéu tinha um véu de renda com pintinhas castanho-avermelhado que lhe cobria a metade superior da cara. Cheio de estilo! - exclamou ele, suspirando. - O batom que usava era castanho-avermelhado e não seguia perfeitamente o contorno dos lábios... acho que preferia estar na moda, em vez de se preocupar com precisões anatómicas. O cabelo era castanho-claro e estava muito bem cuidado.

- Tinha algum sotaque especial?

- Sim. Estrangeiro, mais do Norte da Europa do que do Sul.
- Como, por exemplo, alemão?
- Nem mais!
- Seria capaz de reconhecê-la agora?
- Pela roupa, qualquer pessoa a reconheceria.
- Quem é a mulher mais bem vestida do mundo? Ele pareceu espantado com a ignorância de Helen.
- A duquesa de Windsor, mesmo começando já a ficar velha.
- Então, e a Audrey Hepburn?
- Não chega aos calcanhares de Sua Majestade - respondeu ele com fervor.

“Hum”, pensava Helen ao deixar as Instituições Correcionais. “Portanto, quem obteve as plantas foi uma mulher ataviada com alta-costura! Sotaque alemão, tal como suspeitávamos. Nenhuma descrição propriamente dita do rosto. Neste momento, temos em mão dois casos de espécie diferente. Um é instigado pelo sexo, o outro pela ganância. Até agora, a ganância ainda não levou ao assassinio, pois o Kurt sobreviveu, mas porque penso eu que isso ainda irá acontecer? Tenho de esquecer o ursinho de vidro, também motivo de cobiça. E nada é o que parece! A mulher alemã, pobre não é... aquele tipo engraçado sabia o suficiente de moda para calcular o que ela levava vestido em cerca de cinco mil dólares. Um técnico da Chubb vive com isso durante um ano.”

217

Ainda dispunha de algum tempo, e dois guardas das torres de vigilância da cadeia de Holloman tinham informações para lhe dar.

- Apareceram aqui há várias semanas um homem e uma mulher

com equipamento de agrimensura e estiveram a fazer medições do baldio lá fora
 - disse o primeiro guarda. - Concentraram-se na área de cascalho e nos terrenos adjacentes. Devem ter estado ali a maior parte do dia.

- Consegue lembrar-se da data?
- Foi na semana de dezasseis a vinte de setembro.
- Observou-os com os binóculos?
- Não era preciso, senhora agente. Eram dois agrimensores com oleados identificados nas costas com a sigla municipal. Um era um homem e o outro era uma mulher. Hoje em dia, as mulheres fazem todo o tipo de trabalhos.
- Eu vi um daqueles minibulldózers a remexer no cascalho interveio o segundo guarda. - Estávamos a trinta de setembro... sei disso porque era o último dia do mês e calhava a uma segunda-feira. A minha mulher trabalha na Chubb e recebe o salário ao mês, no último dia. Que raio de sistema!
- Sim, de facto, os trabalhadores da Chubb penam durante um longo mês. O que pensa que o minibulldózer estava a fazer?

O guarda encolheu os ombros.

- Calculámos que iriam começar a construção da prisão, embora não tivesse havido quaisquer boatos nesse sentido. E depois desse dia nunca mais voltou ninguém.

“Portanto”, disse Helen com os seus botões, enquanto puxava do seu mais recente bloco de notas, “agora sei que os raptos se deram a um trabalho considerável para localizarem uma cela para o Kurt e que fizeram os preparativos no local com muita antecipação, para que ninguém associasse dois agrimensores e um minibulldózer ao desaparecimento do Kurt von Fahlendorf. Na noite do rapto, entraram aqui calmamente de carro, de faróis apagados; da cadeia, os automóveis ficaram ocultos pelos montes de cascalho; além disso, não eram com certeza absoluta as únicas viaturas a usar esta área... é um sítio ideal para encher os vidros de vapor. Quando chegaram, o Kurt estava

218

inconsciente e provavelmente não se detiveram por mais de dez minutos. A cadeia de Holloman não é um estabelecimento de alta segurança. Os guardas das torres são geralmente descuidados, a não ser que haja desacatos sérios, altura em que despertam para a realidade com alguma eficácia, segundo diz o capitão.”

Um dos agrimensores era uma mulher, e as mulheres hoje em dia ocupavam todos os tipos de cargos, como dissera o guarda. “Pois ocupam, caro senhor! Olhe só para mim.”

O seu diário estava aberto, as canetas coloridas em ordem; Helen começou a escrever, grande parte a roxo, para as suas próprias teorias.

Às seis da tarde, tocou à campainha de Kurt carregada com comida chinesa e uma garrafa de cinco litros de champanhe francês; decidira que aquele recipiente gigantesco seria mais atrativo do que várias garrafas vulgares, que teriam de ser todas abertas... um procedimento muito barulhento, tratando-se de champanhe. Assim, era como servir-se de uma torneira aberta.

A sua primeira impressão foi de que Kurt estava com um aspeto maravilhoso para alguém que sofrera cinco dias de encarceramento, a maior parte deles sem água, todos eles sem comida, e que suportara dores e perda de sangue devido a um dedo decepado. Os seus olhos azul-pálido vibravam com vida; até o seu cabelo louro brilhava e a pele bronzeada estava macia e flexível.

Beijar aqueles lábios cheios e vermelhos não era sacrifício nenhum; Helen era suficientemente alta para não ter de se pôr em bicos de pés para beijar alguém de quase um metro e oitenta, e assim colou a sua boca à dele com prazer, senão mesmo com paixão. Porque é que não havia ali paixão? Era algo em que ela já pensara muito, até ao momento sem encontrar respostas. Em toda a sua vida, refletiu, nunca nenhum homem a levava à paixão. Nunca tivera um orgasmo; os filhos de M. M. teriam preferido morrer a masturbarem-se. O autoerotismo era algo odiosamente vergonhoso; além disso, dispensável. Algures no futuro encontra-se aquele estado indefinível chamado clímax. Ela podia esperar.

219

Balde de gelo, se é que isto cabe lá dentro - disse ela, parando

De obeijar. - Tens fome? Comemos agora ou aquecemos a comida para comermos depois?

Depois - disse ele, ocupando-se do balde de gelo gigante e,

em seguida, abrindo a garrafa. - O objetivo disto é pôr-nos bêbados?

perguntou. - Se for, sou completamente a favor, minha bela Helen. Tenho saudades dos tempos em que usavas o cabelo solto e é por isso que não sinto nenhuma simpatia pela tua carreira. Portanto, vou embebedar-te e soltá-lo.

- Um copo de cada vez - disse ela, num tom desafiador. Ele serviu; brindaram fazendo tinir os copos.

- Sei que já não estão na moda, mas prefiro claramente estas taças zsfílútes - disse ele, saboreando o vinho. - Como é evidente, nenhum de nós tem o nariz comprido e poderíamos beber confortavelmente pelas flútes, mas pensa só nas pessoas com grandes narizes!

- Meu Deus! - exclamou ela. - Afinal, tens sentido de humor!

- Claro que tenho.

- Bem escondido. - Deu uns golinhos. - Oh, como adoro champanhe! E, Kurt, não consigo pensar num motivo melhor para chafurdar numa taça do que celebrar a tua libertação. Estás com tão bom aspeto!

- Sinto-me bem - disse ele.

- O que te passou pela cabeça durante aqueles quase seis dias? O rosto encantador praticamente não se perturbou.

- O trabalho de uma vida. Não tinha espaço para mais e portanto não o acabei. Prometeram-me as paredes fotografadas... não sei explicar de outra maneira, mas parece que juntam cada pequena fotografia às outras, de maneira que fica com um aspeto de papel de parede. Então poderei concluir e fá-lo-ei. Nunca me tinha apercebido de como é importante ter cada passo da minha pesquisa expresso matematicamente. Tinha lá chegado neste último ano e sei agora que não cometi erros no meu raciocínio. Quando os meus resultados se encontram espalhados por mais de trinta documentos, muitas vezes repetido para que se torne legível, é fácil perder o norte. Falhar esse pequeno passo decifra toda a questão. - O seu rosto animara-se, entusiasmado. - Se cometi erros, estão neste último ano de pesquisa, mas não me parece. Tenho razão, Helen, tenho razão!

220

- Bem, pelo menos, fiquei a saber quais são as tuas prioridades.

- Sim, estão bem definidas.

- Então, não foi o espectro da morte que foi aparecendo cada vez mais ameaçadoramente?

- Sim... e não. Eu só queria acabar o meu trabalho antes de morrer. O trabalho era mais importante, mesmo se a morte era certa.

- Não é de estranhar que os teus colegas te admirem tanto.

- Exageras - disse ele.

- Não, não exagero. Falei com eles durante todo este tempo, e cada um dos teus colegas está roído de admiração pela tua paixão...

- Helen deteve-se, parecendo espantada. - Claro! É aí que está a tua paixão! No teu trabalho!

- Não te entendo, perdi-me.

- Eu sei e vou deixar-te assim perdido. Bebe, Kurt. Três copos, concluiu ela, era o ideal para os seus propósitos. Hélen atacou.

- Sentes-te vingativo? - perguntou, enquanto ele lhe tirava o sapato e a meia de liga; ela viera vestida para seduzir: sem colans. “

- Neste momento - respondeu ele, mergulhando-lhe a ponta do pé na sua taça de champanhe -, estou mais preocupado em limitar-me a beber chupando o champanhe dos teus dedinhos perfeitos.

Ela deu um gritinho e riu-se.

- Kurt, não! Tenho cócegas!

- Torce-te à vontade. Eu adoro - murmurou.

- Está bem, mas só durante cinco minutos.

Ao fim de cinco minutos, ela fez a contagem decrescente em voz alta, depois agarrou-lhe nas orelhas e puxou-o para cima.

- Ai!

- Se tivesses o cabelo mais comprido, ter-me-ia agarrado a ele, mas com um corte à escovinha têm de ser as orelhas. Não, senta-te, Kurt, e toma atenção ao que te digo! Quero falar a sério por um momento.

Ele obedeceu, ficando curioso.

- Está bem, minha adorável Helen.

221

Sentes-te vingativo em relação aos raptores?

Sim, naturalmente. Nem tanto pela maçada por que me fizeram passar mais pelo sofrimento e ansiedade que causaram à minha família.

Tens alguma ideia ou teoria acerca de quem foi?

Kurt pareceu confuso.

- Não, nem por isso. Estava demasiado obcecado a escrever o meu trabalho nas paredes.

- Eu tenho algumas ideias e teorias.

Ele tentara alcançar a garrafa, mas fez um gesto brusco com a mão.

- Não, não posso beber mais. Diz-me, Helen.

- O capitão Carmine Delmonico não é apenas mais um polícia de província, Kurt. É um bom detetive... suficientemente bom para eu ter escolhido o Departamento de Polícia de Holloman para o meu treino como detetive! Ele chegou a certas conclusões que eu partilho. A primeira é que os teus raptores são alemães e não americanos.

Prendera-lhe a atenção; Kurt fitava-a, confuso.

- Não pode ser! Alemães?

- Tens de admitir que, no que se relaciona com o crime, não passas de uma pessoa comum - disse Helen. - O Delmonico é o especialista, e eu ando a aprender a ser uma também. Acredita quando te digo que raptos americanos se teriam comportado de forma diferente dos teus. E se eles são alemães, por consequência, conhecem-te pessoalmente. Caso contrário, não te teriam escolhido, pensamos nós. com o Baader-Meinhof à solta pela Alemanha, a lógica de um rapto local teria ido numa direção completamente diferente. E há ainda a questão de eles saberem quando é que este fundo de investimento iria ser criado para os netos e ainda por cima têm a lata de abrir uma conta num banco suíço de prestígio. Pobretanas é que não são.

- O Josef - disse Kurt, num som vindo do fundo da garganta.

- Isso, não sabemos. Não nos encontramos em condições de fazer qualquer trabalho de investigação na Alemanha Federal. A não ser que...

- O quê? - perguntou Kurt, vivamente atento.

- A não ser que planeies comigo um esquema que talvez não nos leve a arranjar nenhuma prova irrefutável, mas que pode identificá-los.

222

- Estou interessado.

- Primeiro, quando é que tens de voltar ao trabalho?

- Quando me sentir capaz disso, disse o reitor Gulrajani. E disse eu, logo de seguida. - Kurt sorriu. - Preciso de acabar as minhas paredes.

- E se for na próxima terça-feira?

- Porquê? Isso são quatro dias inteirinhos.

- Quatro dias inteirinhos em que vamos viajar para Munique, para que eu possa fazer alguma investigação. - Os olhos dela, de um azul bem mais escuro do que os dele, fixaram-no e prenderam a sua atenção. - Sei que a tua família adoraria ver-te. Que raios, é tão pequena que nem sequer puderam enviar cá alguém quando estavas desaparecido, portanto sei que vão adorar ver-te. E sei que estás sempre a dizer à Dagmar que queres casar-te comigo. Bem, não vou dizer que

sim, mas estou disposta a ir a Munique contigo fingindo que sou tua noiva. Dá-me um motivo excelente para estar contigo. Enquanto lá estivermos, podes arranjar montes de desculpas para ficares a sós com a tua família durante algumas horas. Horas que eu posso usar para bisbilhotar, mas não de maneira a alertar a polícia de Munique. Nesse ponto, terás de confiar em mim.

Kurt ouvira como qualquer pessoa altamente inteligente o faria, processando o conteúdo do discurso de Helen à medida que ela falava; agora que ela terminara, ele já tomara uma decisão.

- E um esquema excelente - disse ele a sorrir -, mas tenho a impressão de que é um pouco tarde para isso. Teremos de fazer reservas e o voo de amanhã pode já estar cheio.

- As reservas já foram feitas, os bilhetes estão na minha mala e em executiva o avião não vai cheio - disse Helen.

- Executiva? - Parecia horrorizado. - Helen, que desperdício! Não me importo nada de viajar em turística.

- Meu grandessíssimo avarento! És um homem rico, tens dinheiro que chegue para viajar em executiva.

- É uma questão de princípio - disse ele, empertigado.

- Então, é uma sorte ser eu a pagar, não é? Sovina! É uma boa razão para não casar contigo.

- Tens o teu próprio dinheiro, isso não seria um problema.

223

Quer isso dizer que, se fôssemos a Paris, não me levavas ao

Tour cTArgent?

Indubitavelmente - respondeu ele, com a sua típica escolha

errada de palavras. - Paris está cheia de restaurantes tão bons como esse, mas muito mais baratos.

Pois então, Kurt, ficas desde já avisado que no futuro, se tivermos de viajar juntos de avião, eu irei em executiva e tu em turística.

- Não te compreendo, Helen.

- Nem tens de compreender. Telefonas amanhã cedo à Dagmar para lhe dizeres que vamos lá passar o fim de semana?

- Claro. Helen?

- Sim?

- É um esquema excelente.

- Não podes contar-lhes nada, nem mesmo à Dagmar.

- Compreendo. Ela é admiravelmente leal, mas alguma dessa lealdade é para com o Josef. Senão, tê-lo-ia posto na rua quando descobriu que ele andava a fazer espionagem industrial.

- Ótimo. Aqueço a comida?

- Acho que sim. As tuas notícias estimularam-me o apetite.

- vou precisar de um carro - disse ela mais tarde, enquanto comiam.

- Podes usar o meu Porsche.

- Devia ter calculado que terias um guardado por aí!

224

Agora que Kurt von Fahlendorf viajava em segurança para Munique na companhia de Helen Macintosh, Carmine podia concentrar-se novamente noutros assuntos. Embora o Dodó estivesse no topo da sua lista, esta também incluía Corey Marshall. A sua própria investigação à morte de Morty Jones não podia ser adiada nem mais um minuto, mesmo estando o inquérito oficial marcado para 11 de novembro, uma semana depois da eleição presidencial; nessa altura, já as lembranças seriam confusas e as posições mais extremadas.

Quando espreitou pela porta do gabinete de Corey, passavam cinco minutos das

oito, Corey não estava; não era nenhum crime, mas Carmine contava que os seus tenentes chegassem antes dos membros da sua própria equipa, e Buzz estava ali.

Tinha reparado que Delia já trabalhava no duro, obviamente celebrando a sobrevivência de Kurt com um vestuário ainda mais festivo

do que o habitual: um vestido franzido rosa-choque, amarelo e com listas negras, e um laço a condizer na nuca. Como conseguia ela escrever à máquina tão rapidamente e de forma precisa com aquelas compridas unhas arranjadas, Carmine não fazia ideia. Hoje estavam pintadas de rosa-choque e, como sempre, produziam um som secundário enquanto ela martelava as teclas da IBM elétrica, com aquele matraquear típico de alguém habituado durante anos a escrever em máquinas manuais. Logo a seguir à pancada seca do dedo a percutir a tecla, vinha o clique da unha que batia na aresta da tecla. Tac... clique, tac... clique, como um homem que usasse botas de chumbo com uma articulação de

225

alumínio no joelho. “Um desperdício no Dodó”, pensou Carmine ao observá-la, “ela precisa de um daqueles casos que neste momento não temos, a transbordar de papel, listas, tabelas e cálculos.”

Mesmo antes de ir ao gabinete de Corey pela segunda vez, às oito e meia, Carmine já sentia um aperto na boca do estômago. Se não houvesse uma amizade, seria mais fácil de suportar, mas havia e isso significava sofrimento, sonhos desfeitos, memórias de outros dias quando Corey era magnífico.

E lá estava ele, preparando a sua secretária para o dia de trabalho.

- Qual é o meu novo caso? - perguntou, assim que Carmine entrou.

- Haverá tempo para falar de novos casos depois de falarmos sobre o Morty - disse Carmine, sentando-se.

Corey endireitou os ombros.

- Não há nada a dizer. Ele escondeu bem a sua depressão.

- Oh, Cor, por favor! Eu reparei, a minha equipa reparou, o Abe e a equipa dele repararam. Como é que podes ficar aí a dizer que não reparaste quando vim aqui

pedir-te que preenchesse um impresso

1313? Queria que ele fosse consultar o doutor Corning, mas tu sobrepuسته-te à minha ordem por seres o chefe direto do Morty, aquele que devia ter reparado em primeiro lugar. A Helen Macintosh, uma vulgar estagiária, é que teve de ficar para trás para o procurar nessa manhã. Devias ter sido tu e sabes bem disso. Só não percebo porque é que decidiste tomar essa atitude em relação ao Morty. Era um homem doente.

- Isto está tudo a ser demasiado empolado - disse Corey num tom duro. - Não havia nada de especificamente errado com o Morty. O que fez com que enfiasse o revólver na boca foi ter visto a Ava toda esmurrada, mais nada.

- Não salvas o coiro colocando uma venda nos olhos, Cor.

- E que sabes tu do que se passava, Carmine? Ouvi durante dez meses o Morty a queixar-se da Ava... digo-te que não era novidade nenhuma! Ela tê-lo deixado foi a melhor coisa que lhe poderia acontecer... nunca mais teria de imaginar coisas de cada vez que olhava para um polícia de Holloman.

- vou ter de mencionar o impresso 1313 no inquérito.

226

Corey sobressaltou-se, desconcertado.

- Pois não devias, Carmine! Foi uma coisa interna, uma discussão entre chefias... ninguém tem nada que ver com isso.

- Toda a gente tem que ver com isso quando o sujeito da discussão se suicidou duas semanas depois - disse Carmine.

- E eu digo que foi uma questão interna! Não podes mencioná-la. O Morty não agiu por causa de qualquer depressão e tinha a bebida controlada.

- Então, porque é que quase nunca estava aqui?

- Tinha uma toca nas celas.

- Para curar as bebedeiras.

- Não! Para fugir à empregada que a Delia Carstairs arranhou... odiava-a.
- Mas os miúdos gostam bastante dela, segundo conta a Netty Marciano. Sei que o Morty costumava dizer que eles estavam sempre a chorar pela Ava, mas isso era conversa dele - disse Carmine. Já era tempo de Corey se aperceber do alcance da bisbilhotice sobre Morty e da sua situação em casa.
- Meu Deus, já não há nada sagrado?
- Se estamos a falar da Netty, não. Sabes disso, Cor.
- Ele foi às celas encontrar-se com o Virgil Simms - disse Corey, desesperado por se ver livre de Carmine. - São amigos desde a academia. Não me espanta que o Morty tenha ido chorar no ombro do Virgil, já que foi lá que abriu os papéis do divórcio.
- Estou a ver. - Carmine ergueu-se, ainda a ferver.
- Eh! E casos? E quem vai substituir o Morty?
- Não haverá qualquer substituição até o júri do inquérito anunciar as suas conclusões. Portanto, tu e o Buz terão de se desenvencilhar sozinhos até que isso aconteça - disse Carmine por cima do ombro. - Quero que voltem os dois ao caso do armamento escondido na Taft High. Há rumores de que existe qualquer coisa. Comporta-te como um verdadeiro polícia, Corey, e descobre a verdade.
- Penso que era apenas uma questão de tempo - disse o sargento Virgil Simms. - O Morty não tinha sorte nenhuma. Era um pobre

227

coitado. Fosse qual fosse a mulher com que se casasse, teria acabado por se tornar numa Ava, porque no fundo era o que o Morty desejava.

Sempre teve uma queda para as devassas, talvez como reação à mãe.

É uma daquelas mulheres frias e egoístas que nunca deixam de ir à missa do domingo.

O que vai acontecer aos miúdos? - perguntou Carmine.

A Ava vai ficar com eles e mudar-se outra vez lá para casa, mas a mãe do Morty vai queixar-se aos Serviços de Proteção à Criança de que ela não é uma mãe capaz.

- Ela quer mesmo a custódia dos filhos?

- Claro que não! Eu não posso ajudar, capitão... a minha mulher não é uma fã da Ava.

- Nenhuma mulher é. Portanto, avizinham-se problemas?

- Sem dúvida. Nem a mãe nem a avó querem os miúdos.

- É difícil acreditar que o Kurt von Fahlendorf foi encontrado

- disse Mark Sugarman a Bill Mitski enquanto se preparavam para a sua caminhada de vigilantes.

- Uma ótima notícia - respondeu Bill. - Holloman tem bons polícias.

- Quer isso dizer que achas que irão apanhar o Dodó?

- Sim, acho que sim. O problema tem sido os crimes serem fortuitos, mas com certeza já não serão assim tão casuais, nem que seja porque são mais crimes a ter em consideração.

- Oh, espero bem que tenhas razão! - disse Mike com fervor.

- Então, poderíamos todos relaxar.

- Desistirias das caminhadas? - perguntou Bill, alarmado.

- Não, não desistiria. É demasiado bom para o coração e para a cintura, Bill. - Mark riu-se e deu uma palmada na barriga.

- Quem é que vai ali à frente? - perguntou subitamente Bill. O lábio de Mark arrepanhou-se.

- Os gémeos siameses - disse, resmungando.

- Tens razão, deviam estar ligados pela anca. Até andam como se estivessem.

Que nojo!

- Boa tarde - disse Mark polidamente, colocando-se ao lado de Robbie e Gordie Warburton.

228

- E a melhor das tardes para os senhores - disse Robbie. Os gémeos detiveram-se para serem apresentados a Bill Mitski.

- A dar um passeio? - perguntou Bill, tentando acalmar a repulsa que sentia.

- Hoje, sim - disse Robbie. - Está um tempo tão ameno! Adoro o verão de São Martinho na Nova Inglaterra, e os senhores? Durante o dia, chega aos trinta e tal graus, as madrugadas são quase geladas; estes fins de tarde são ótimos para caminhar.

- Fazem isso muitas vezes? - perguntou Mark. - Não vos tenho visto.

Os gémeos reprimiram um risinho, muito efeminados.

- Céus, não! - exclamou Robbie, e afastou-se, com Gordie a mover-se automaticamente em sintonia.

- Ciao! - gritou Robbie.

Mark e Bill deixaram-se ficar parados por um momento.

- Estes tipos arrepiam-me - disse Mark.

- A mim, dão-me a volta às tripas - disse Bill.

- Ciao! Quem pensa ele que é, o Noël Coward? Retomaram a sua caminhada de vigilância.

- Sabes o que me apetecia? - perguntou Bill quando viraram na Cedar Street, cobrindo assim o segmento este-oeste do seu percurso. Aqui havia bastante mais movimento, com carros a circularem e pessoas nos passeios.

- Não, o quê?

- Uma festa. Uma das tuas festanças, Mark. Mark suspirou e abanou a cabeça.
- Depois da Melantha? Não, Bill, não me parece. A morte dela há de pairar sobre nós para sempre como um miasma.
- Basta um doentio filho da mãe e está tudo estragado! Dantes, Carew era um sítio tão agradável para se viver.
- E será novamente, mas só quando apanharem o Dodó.

Quando dispunha de algum tempo livre, Didus ineptus gostava de rever os seus planos, e os planos para a mulher que se seguia iam gradualmente ganhando forma na sua mente à medida que o tempo se

229

escoava. Esperaria pelas três semanas ou deveria avançar ao fim de duas? Eles pensavam que isso significava alguma coisa para ele... os idiotas! Quando se punha em movimento, era simplesmente por um instinto de autopreservação, nada mais. Ora, será que queria partilhar a sua glória com um par de aves de rapina como Hubert Humphrey e o feroz Richard Nixon? Isso coincidiria com as três semanas. Mas ele estaria preparado para avançar ao fim de duas semanas, quando o palco lhe pertencesse por inteiro.

Ela vivia na Cedar Street e isso era arriscado. Mas não impossível. Teria apenas de coordenar a sua expedição com precisão. O local escolhido ficava logo a seguir aos Hochner, que viviam numa vivenda, enquanto o seu alvo era um bloco de apartamentos de quatro pisos que albergava oito inquilinos. Se os Hochner não vivessem mesmo ao lado, teria sido um objetivo impossível de alcançar, mas os Hochner eram como a história de Pedro e o lobo; estavam continuamente a chamar a polícia para se queixarem dos vizinhos, e a polícia já tinha desistido de atender aos seus pedidos. Claro que os Hochner queixaram-se disso também, mas até o recém-chegado capitão Fernando Vasquez se fartara deles, respondendo às suas lamúrias com cartas cheias de floreados.

A presa do Dodó vivia no primeiro andar que dava para o lado dos Hochner; chamava-se Catherine dos Santos e era uma católica devota, de virtude inatacável, uma rapariga morena e encantadora com ar de uma Madona pintada por Rafael.

Já desde as últimas nove vítimas que ele a preservava. Oh, havia mais na sua lista para futuras razias, mas Catherine era muito especial. Por um lado, embora o seu cabelo fosse do mais negro que houvesse, os seus olhos eram de um espantoso azul-violeta, grandes, redondos, debruados com pestanas exuberantes, senhores de uma expressão de tranquilidade perfeita. Nunca se tinha apaixonado, dissera-lhe ela na festa, e estava a guardar-se para o seu marido.

Havia barras em todas as janelas. Não de imitação, mas autênticas grades de prisão, de ferro sólido com cerca de três centímetros de diâmetro. Tinham sido fixas no interior das paredes de cimento... a única maneira de entrar por ali seria com um maçarico, e os Hochner avistariam de imediato qualquer faísca. As portas eram de madeira maciça,

230

e eram apenas duas. Uma delas, uma saída de emergência, situava-se duas portas abaixo do lado dos Hochner e encontrava-se trancada em cima e em baixo. A porta de entrada ficava a meio da fachada das traseiras e tinha três fechaduras, todas diferentes.

Ele tinha as chaves. Mesmo as virgens têm de urinar, e ela dirigira-se para a casa de banho dos hóspedes de Mark Sugarman não propriamente bêbada, mas suficientemente tocada para não se preocupar em carregar consigo a sua grande mala. As chaves estavam lá dentro. Enquanto Dave Feinman fazia uma imitação algo perversa do senador Strom Thurmond, ele fizera moldes em cera das cinco chaves que ela possuía. Certa madrugada, tentara as cinco e encontrara as três de que necessitaria, marcando-as. Só que ele já aprendera que aquelas chaves acionavam várias ganchetas em cada fechadura, razão por que estava ali agora, precisamente à hora que ela deveria chegar a casa. Tinha de a ver a abrir a porta.

Utilizando o matagal que escondia a residência dos Hochner, abriu caminho até às traseiras do prédio e sentou-se na orla da sebe que o rodeava, completamente oculto, a fim de ver Catherine entrar.

Ela apareceu no acesso lateral tão fisicamente próxima que ele conseguia distinguir o som sibilante das suas meias quando as coxas roçavam uma na outra; seis e meia em ponto. Primeiro, a fechadura de cima: três voltas para a direita, duas para a esquerda. Depois, a fechadura de baixo: seis voltas para a esquerda, nenhuma para a direita. Por fim, a fechadura do meio: quatro voltas

para a esquerda, três para a direita. Tudo isto feito, encostou o ombro esquerdo à porta e deu-lhe um valente empurrão. Esta abriu-se apenas o suficiente para que ela pudesse esgueirar-se para o interior. De seguida, ouviu-se o som vindo de dentro de um grande ferrolho em aço que trancava a porta em cima e outro em baixo; só então ela deu as voltas a todas as três fechaduras. O Fort Knox estava pronto e armado: que mulher aquela!

A sua única hipótese era bastante limitada. No caso de Catherine, sabia que teria de estar dentro de casa e esperar que ela chegasse, mas os Hochner tinham um pequeno terraço nas traseiras que utilizavam todas as tardes para beberem um chá gelado até às seis e um quarto, altura em que se retiravam. Sem dúvida que o seu interlúdio ao ar livre seria brevemente interrompido mais cedo, mas ele não podia correr

231

o risco de contar com isso nos seus cálculos. Só disporia de quinze minutos, mas de qualquer forma estaria lá às seis, só para prevenir.

Conseguia sentir o coração acelerado, com a adrenalina a fluir ao mero pensamento do perigo em que incorria desta vez, mesmo ali no meio da confusão da Cedar Street. Uma vozinha frágil dentro de si continuava a insistir para que não tivesse esperanças com Catherine, mas ele calou-a, de mau humor. Não, iria fazê-lo! Elas começavam a ficar tão aborrecidas! Em Catherine havia um desafio e ele nunca conseguia resistir a um desafio. Fossem quais fossem os obstáculos, ele iria violar e matar Catherine dos Santos.

Na próxima terça-feira à noite. Duas semanas. Eles não estariam à espera disso. Uma semana depois, já o comissário John Silvestri teria saturado Carew de polícias.

- Quero a tua colaboração, Fernando, porque tenciono inundar Carew de polícias na noite das eleições e na seguinte - disse Carmine.

- Fará então três semanas desde a Melantha Green e o tipo segue um ciclo de três semanas. Se estiver errado, não te peço mais nada, porque então ele terá adotado um ciclo imprevisível qualquer, que apenas Deus poderá destrinçar. Temos de ser vistos a fazer qualquer coisa para proteger a comunidade e esta é a minha

melhor sugestão.

- Já falou com o comissário? - perguntou Fernando.

- Ainda não. Se tiveres uma ideia melhor, preferia ouvi-la agora. Era esse o problema de ter uma pessoa nova no lugar de Danny

Marciano; Carmine ainda não conhecia suficientemente Fernando Vasquez para adivinhar para que lado ele se inclinaria em determinada situação. Danny inclinava-se para o lado que Silvestri ou Carmine o empurrassem, mas esses tempos já lá iam, e foram tempos que tiveram a sua faceta menos agradável, pois muitos impérios foram erigidos, muitos cretinos e muitos privilégios foram sancionados. com o tempo, Fernando acalmaria e integrar-se-ia, mas as suas raízes latinas eram espanholas e não italianas, o que fazia uma grande diferença. Este era o seu primeiro cargo importante numa área não hispânica e ele andava ainda a apalpar terreno em relação à forma correta de fazer as coisas.

232

- Não podemos permitir que haja raparigas a serem violadas e assassinadas - disse Fernando. - Já li bastante sobre este caso e sei que não ficou nada por investigar. O tipo é como um fantasma... mas os assassinos sexuais são sempre assim. Nunca deixam os vestígios habituais.

- Agora que começou a matar, nunca mais vai parar - disse Carmine -, a não ser que seja apanhado. Um dia, há de cometer algum erro grave. Quero encher de polícias a área onde atua para o incentivar a cometer esse erro. Forneces-me os agentes uniformizados?

- Todos os que puder dispensar. - Fernando ergueu uma mão, uma mão bela, de palma quadrada e dedos delgados. - Mas peço uma coisa, Carmine.

- Pede.

- Não vamos dizer nada aos meus agentes até ao meio-dia do dia das eleições, altura em que convocarei mais homens. Não digo que haja fugas na minha divisão, mas prefiro assegurar-me de que o Dodó tem o mínimo de tempo possível para se preparar. De acordo?

- É uma boa ideia. Também não vou mencionar isto nos Detetives. Assim, se o

Dodó planejar avançar terça-feira à noite, não terá motivos para não o fazer até terça à tarde. Pode decidir então abortar a operação, mas seria em cima da hora e não me parece que ele seja do género de mudar de planos, a não ser que se veja absolutamente obrigado a isso. Uma espera longa pode afugentá-lo, ao contrário de uma espera curta.

- Tens algum plano? - perguntou Fernando.

- Nada que se equipare a Alexandre Magno, infelizmente. Apenas preciso de todos os homens que for possível, em viatura e a pé.

- Posso ceder-te dez viaturas... não me atrevo a mais. Trinta patrulhas a pé de dois homens cada. E isso deixa-me perigosamente desfalcado, Carmine. Se alguma coisa não relacionada acontecer noutra ponta de Holloman, tendo em conta o ano que tivemos, as coisas podem dar para o torto. - Apesar das palavras pessimistas, Fernando parecia bastante animado. - Mas não há de ser nada. A acontecer alguma coisa, será antes, e então é que não levas reforços nenhuns.

Carmine estendeu a mão.

233

Obrigado, Fernando.

Ele apertou a mão de Carmine calorosamente.

E, eu é que agradeço, Carmine. Se não tivesses um detetive tão

estranho e cheio de subtilezas como o Abe Goldberg, todos os meus agentes não teriam valido de nada ao Kurt von Fahlendorf. Sugiro que vás falar com o comissário.

Helen Macintosh não teria ficado surpreendida se viesse a saber que o capitão Delmonico a tinha desviado deliberadamente para a Alemanha Federal e Munique, embora a razão para ela suspeitar de quaisquer motivos inconfessados se encontrasse inacessível à sua consciência. Depois de quase dois meses nos Detetives, concluíra que a equipa do capitão era de tal forma fechada que poderia haver algumas atividades que ele não quisesse que fossem do seu conhecimento. Eram atividades que se relacionavam mais com personalidades do que com acontecimentos, o que significava que de qualquer maneira ela não

estaria interessada, embora Helen fosse suficientemente perspicaz para pressentir que ele talvez a visse de forma diferente da que ela se via a si própria.

O assunto mais premente da sua agenda secreta era, de longe, desmascarar os raptos de Von Fahlendorf. Porque não o Dodó? Porque os louros da sua captura seriam inevitavelmente repartidos entre vários detetives, com o próprio capitão no topo da pirâmide. Isso não chegava, simplesmente não chegava! Helen estava determinada a receber todas as glórias sozinha, o que punha de lado o Dodó. Assim, quando lhe ofereceram a oportunidade de investigar os Von Fahlendorf em Munique, atirou-se de cabeça.

A parte mais desagradável da expedição era a atitude de Kurt; embora ela tivesse sido bastante explícita quando lhe dissera que apenas fingiria ser sua noiva, no momento em que entraram no avião já ele de alguma forma se convencera de que o noivado era tão real como o avião onde seguiam viagem. Era uma maçada, mas, tendo em consideração a recompensa que esperava, Helen estava disposta a suportar a situação.

com a diferença de fusos horários, chegaram a Munique perto da meia-noite; provavelmente, ela só viria a conhecer a família ao pequeno-almoço de sábado. Um grande Mercedes foi ao encontro deles, mas, mais

234

uma vez, sem nenhum representante da família; o motorista fardado informou Kurt em alemão de que já passava da hora de a família se deitar. O pior aspeto da viagem, refletiu Helen enquanto entrava no automóvel, era ela não falar alemão e ter de confiar na tradução de Kurt. Kurt, esse, tornava-se cada vez mais jovial à medida que se aproximava de casa, parecendo considerar a ausência da família como algo normal.

Aquilo que conseguiu vislumbrar da casa quando o carro se aproximou uma hora depois deixou-a com a certeza de que se tratava de um edifício enorme, segundo os padrões americanos; era mais um palácio do que uma mansão. As suas duas malas foram rapidamente transportadas para dentro, Kurt beijou-a no imenso átrio e ela foi conduzida por um lanço curvo de escadarias em mármore púrpura de Levanto aos seus aposentos, uma palavra mais adequada do que quarto, já que incluía uma sala de estar e uma pequena cozinha, bem como um quarto de dormir e uma casa de banho, que mais parecia ter sido desenhada pelo lunático

rei Luís da Baviera, com cisnes, golfinhos e cavalos-marinhos em mármore que se precipitavam, saltitavam e flutuavam sobre folhas de mármore verde e conchas de mármore rosa.

Ela deixou que a criada acabasse de lhe desfazer as malas, depois estendeu uma nota de dez dólares à rapariga espantada, empurrou-a pelas enormes portas duplas e sentou-se a uma secretária na sua sala de estar para se dedicar ao seu diário, pois não se sentia muito cansada. Tal como Kurt, Helen tinha a capacidade de conseguir dormir em viagens de avião. A executiva ajudava, se ao menos aquele unhas de fome admitisse isso...

Conheceu-os ao pequeno-almoço, embora ninguém lhe tivesse dito a que horas este seria servido ou onde; portanto, aventurou-se a sair dos aposentos às sete e começou a vagar pela casa. Um encontro casual com o mordomo, que falava bom inglês, estabeleceu uma valiosa relação de amizade. Nitidamente encantado pela juventude e beleza de Helen, ele irradiava alegria.

- Ainda é muito cedo,*234*frãutín - disse ele. - A criada ter-lhe-ia levado o café às oito e o pequeno-almoço quando quisesse.

235

- Oh, mas eu sou uma cotovia e não uma coruja - ripostou ela,

deixando-o desorientado com a metáfora. - Tomo o pequeno-almoço com o resto das pessoas. Como se chama?

- Macken, menina

Ela deu uma olhada à sala azul, creme e dourada, e fez um ar conspirativo.

- Venha ter comigo aqui depois do pequeno-almoço, Macken, e poderá então mostrar-me a casa toda.

- Mas Herr Kurt...

- Tenciono dar-lhe o máximo de tempo possível com a família. E lá foi ela, seguindo as indicações de Macken, até uma pequena

saleta onde a família tomava o pequeno-almoço às sete e meia.

Estavam cinco pessoas sentadas a uma mesa redonda, no centro da qual se encontrava um grande cesto de pãezinhos estaladiços, cujo aroma assaltou as narinas esfomeadas de Helen como se fossem trufas para porcos, um prato com pedaços de queijos variados, um prato de salsicha alemã fatiada e um prato de salame. Defronte de cada lugar, e havia seis, uma taça com manteiga. Pelos vistos, era isto o pequeno-almoço. Estranho, mas tentador.

Os homens levantaram-se; Kurt fez as apresentações, encantado por Helen ter acordado cedo.

Ela sorriu a todos, sentou-se e bebeu a sua primeira chávena de café de uma assentada. Quase tão expeditamente quanto as canecas que Minnie servia no Malvolio, encheram-lha de novo.

Eram todos incrivelmente bem-parecidos. Kurt estabelecia o padrão familiar: alto, de físico robusto, cabelo louro quase branco, olhos azul-pálido e o tipo de feições que poucos atores de cinema tinham a sorte de possuir, já que preveniam qualquer necessidade de representar. Não sendo realmente uma Von Fahlendorf, a baronesa era igualmente muito loura, embora o seu cabelo fosse liso e exótico, e tinha olhos verdes. O moreno era Josef, que com efeito deixava qualquer pessoa embasbacada: cabelo preto e farto, olhos negros grandes e sonhadores, o rosto de um Adónis.

- Minha querida, estou encantada por a conhecer - disse Dagmar.

- O Kurt escreveu-nos tanto sobre si. Mamã, o que acha?

A baronesa sorriu, enigmática como um gato.

236

- É de facto muito bonita, Dagmar. - E depois, para Helen: Sempre soube que os especialistas americanos em cosmética eram incrivelmente inteligentes. Qual é a empresa que fabrica o corante que usa no cabelo e como se chama a marca?

com a boca cheia de delicioso pão com manteiga, Helen pestanejou, engoliu à pressa e tossiu, quase engasgando-se. “Oh, raios!”, pensou, “os aristocratas têm sempre dois sabores... amargo e doce. Este ramalhete está tão seguro da sua linhagem e fortuna que dizem e fazem o que bem entendem. Amargo? Em comparação com eles, um limão saberia a xarope. Isto não vai ser fácil.” Então,

em voz alta, disse:

- Eu não pinto o cabelo, baronesa. É a cor verdadeira de toda a família do meu pai. O meu irmão também o tem.

As duas mulheres trocaram um olhar que revelava não terem acreditado numa palavra.

- Sabe - disse Dagmar, mordiscando um pãozinho -, é que a Fahlendorf Farben está a considerar a hipótese de uma sucursal de cosmética, uma linha que se chamará Domina. Significa...

- Senhora! - cortou Helen. - Sou suficientemente versada em latim e grego. Aliás, doutorei-me summa cum laude em Harvard... uma universidade notável, com certeza que conhecem.

- O pai da Helen - interveio Kurt, um pouco desorientado - é o presidente de outra universidade notável... a Chubb.

- A sério? Que bom - disse a baronesa.

“Ela deve ter um pedigree que coloca os Von Fahlendorf ao nível de campónios”, pensou Helen. “Aposto que a Catarina de Médicis era sua antepassada, juntamente com a Lucrecia Bórgia. Isto vai ser divertido!”

Josef encontrava-se frente a Helen e dirigiu-lhe aquilo que provavelmente era o seu sorriso mais encantador.

- O pequeno-almoço é uma refeição apressada - disse ele, com um sotaque bastante mais acentuado do que o resto dos seus parentes.

- Espero ansiosamente por uma conversa mais descontraída ao jantar, Helen.

- Não mais do que eu - disse ela, esboçando um sorriso afetado; Josef parecia ser homem para sucumbir perante semelhante artifício.

Ele esboçou outro sorriso, ergueu-se, fez uma vénia e bateu os calcanhares antes de deixar a sala.

Oh, meu Deus, isto é que é castigar os novos parentes, hem?

disse Helen, trincando um pãozinho. - Que regalo de pequeno-almoço! Nada de doces, mas também nada que faça bem à linha. Adoro. Isto é salsicha bolonhesa?

Não, é Kaiserfleisch - disse Kurt, que parecia pensar ser sua

função manter a paz. - É vitela, mais delicada.

- É deliciosa. - Helen empilhou um bocado em cima de outro pãozinho, bem atestado de manteiga. - Kurt, ainda fico gorda com um pequeno-almoço destes. Mas, agora a sério, o Josef foi trabalhar?

- Vamos todos - disse Dagmar, com uma inflexão gelada na voz. - O jantar é às oito, mas reunimo-nos no salão vermelho para um aperitivo às sete e meia. O Macken mandará alguém buscá-la, senão ainda se perde.

- Bem pensado - disse Helen, atacando o terceiro pãozinho. Kurt, por favor, acompanha a tua irmã. De qualquer forma, quero ir dar uma volta de carro mais tarde.

Ele sorriu-lhe e apressou-se a seguir a figura de Dagmar em retirada.

“Para uma mulher rica, não é grande coisa a vestir”, pensava Helen enquanto os olhava; saia, camisola e casaco não tinham assinatura Chanel ou Balenciaga. “Em Nova Iorque, apanhava-a mais depressa no Bloomingdale’s do que no Bergdorf. E também não se daria à maçada de viajar até Boston para fazer uma visita à cave do Filene. Não um cabide como ela. Portanto, quem será a mulher misteriosa que podia rivalizar com a duquesa de Windsor? No que toca ao vestuário, a baronesa estaria à altura, mas é demasiado velha. E há qualquer coisa nela... Uma falha naquilo que parece ser uma pedra preciosa perfeita, até que se olha melhor...”

Macken ocupava-se com ninharias, de um lado para o outro na sala azul, creme e dourada, quando Helen entrou às oito menos quinze.

- O que faz um mordomo alemão? - perguntou ela, enquanto Macken a conduzia através de um longo corredor, decorado com espalhafato. - O meu pai tem um mordomo na Chubb House, mas é mais um superintendente do pessoal do que outra coisa. Por exemplo, não vai abrir a porta, a não ser que esteja de passagem,

e não tem

238

uma copa cheia de talheres de prata para arear. Contratamos pobres estudantes bolseiros para darem lustro às pratas.

Helen continuou a tagarelar, aparentemente alheia à expressão de horror de Macken pela sua familiaridade, até que, ao passarem pelo salão de baile, concluiu que já o tranquilizara quanto bastasse.

- Macken - disse ela com sinceridade, encarando o seu rosto vincado em vez do esplendor de uma sala que faria inveja a qualquer palácio -, com certeza que percebe que eu sou muito mais como você do que como os Von Fahlendorf. E não, não me vou casar com o Kurt, portanto não estou a cometer nenhuma indiscrição. Estou aqui porque Herr Kurt passou por momentos terríveis quando foi raptado e precisava de companhia para vir até cá. Por outras palavras, sou amiga de toda a gente e noiva de ninguém.

Os olhos dele eram cinzentos e profundos e olharam-na com simpatia e respeito.

- Compreendo, menina Helen.

- Ótimo! Deveríamos regressar na segunda-feira, mas não se admire que seja já amanhã... domingo. O Kurt não é feliz aqui.

- Pois não, É por causa de Herr Josef. O Kurt não lhe perdoa o mal que fez à irmã.

- Qual era o nome verdadeiro do Josef? - perguntou ela, no mesmo tom curioso mas displicente. - Era um nome aristocrático?

- Não, de maneira nenhuma. Chamava-se Richter - disse Macken.

- De onde vem ele? Fala com um sotaque diferente.

- Não sei, menina Helen, mas penso que seja da Alemanha de Leste. - Fez um movimento largo com a mão, orgulhoso. - Não é uma sala linda?

- Para uma família de cinco pessoas, parece-me francamente hedonista - replicou

mordazmente Helen. - Sei que a família é muito rica, Macken, mas a manutenção deste sítio deve custar uma fortuna.

A muralha fora derrubada; o velhote já a adorava e ter-lhe-ia dito quase tudo o que quisesse.

- E de que maneira, menina Helen, de que maneira! Está a arruiná-los, mas o Graf Von Fahlendorf nem quer ouvir falar em vender a Canção do Anoitecer... é o que quer dizer o seu nome.

239

Pelos vistos, qualquer dia será mais a Canção do Cisne.

Saíram do salão; era uma longa caminhada até à porta principal.

Tem saudades do Kurt? - perguntou ela.

Sim e não. Acho que ele sempre se interessou muito mais pelo

seu trabalho do que pela fábrica ou por viver fosse onde fosse. A fábrica está mesmo aberta aos sábados?

- A fábrica propriamente dita, não, mas Herr Josef e a menina Dagmar vão para o escritório. Foi maravilhoso terem encontrado o Kurt antes de o resgate ser pago.

- Por alguma razão em particular?

- Porque o dinheiro pertencia à baronesa, era a sua doação aos netos. - Abriu uma das meias portas da entrada principal. - O Kurt deixou-lhe um mapa no carro, menina Helen, com a fábrica e a Canção do Anoitecer marcadas.

Ela contemplou o intenso céu azul, com o sol quente a banhar o parque à volta daquele palácio, e sorriu.

- com um dia destes, é uma pena ficar a trabalhar que nem um escravo num escritório - disse ela, rindo-se.

- Herr Josef não passa lá o dia todo - disse Macken, insistindo em descer com ela

os grandiosos degraus. - Sai ao meio-dia para ir visitar a mãe.

Conhece-a? - perguntou Helen, olhando para o Porsche preto estacionado de forma precisa para que a porta coincidisse com os seus joelhos quando chegasse ao último degrau] com Kurt, não havia que enganar! O seu segundo nome era Controlo.

E lá estava ela, com montes de tempo para se habituar às subtilezas do Porsche, tempo até para se perder. Mas conduzir em Munique não oferecia as dificuldades que tivera em Inglaterra, com o trânsito a circular na faixa errada. Os alemães conduziam na faixa correta, a direita. Mas os britânicos eram assim: mentalidade insular.

Não havia tanto trânsito como em Nova Iorque, nem sequer como em Holloman; era óbvio que nem todos os bávaros possuíam ainda um automóvel ou talvez houvesse menos famílias com duas viaturas?... Satisfeita, passeou sem pressas, conhecendo as atrações turísticas da

240

cidade, mas às onze e meia estava estacionada junto à entrada da Fahlendorf Farben que parecia dar acesso aos escritórios.

Se Josef saísse, ela tinha uma boa oportunidade de o apanhar ali. Aquilo que a deixava consternada era que, se ele não usasse aquela saída, ela perderia a sua única hipótese de investigar Josef como uma entidade independente dos Von Fahlendorf. Porém, o instinto dizia-lhe que ele era daqueles homens que detestam ser vistos com gente mal vestida ou trabalhadores; se a sua análise estivesse correta, seria bem-sucedida. Inicialmente, o vistoso Porsche preocupara-a, mas depois de duas horas às voltas pela cidade Helen vira bastantes automóveis dessa marca, acreditando assim que Josef não a reconheceria, estacionada ao fundo do quarteirão e atrás de um reles Ford. “Vá lá, Josef, dá-me razão!”

Ao meio-dia em ponto, ele transpôs as imponentes portas envidraçadas e atravessou a larga via pública na direção de um Mercedes vermelho-escuro que ela ainda não vira. Devia ter encostado há muito pouco tempo. Vermelho-escuro... Helen não conseguia ver nitidamente, mas suspeitou que o motorista fosse uma mulher. Engatando o Porsche, viu o Mercedes avançar no meio do trânsito e seguiu-o a uma distância de pelo menos dois carros.

Seguiram a um ritmo moderado, perfeitamente dentro do limite de velocidade, e passado um quilómetro o Mercedes saiu da estrada principal. A partir daí, o automóvel vermelho prosseguiu resolutamente, como se a sua condutora não fizesse ideia de que era seguida. com o trânsito a tornar-se cada vez menos intenso, Helen foi obrigada a segui-los bastante atrás, embora nunca correndo o risco de perder a sua presa de vista. À direita numa rua, à esquerda noutra, sempre a afastarem-se do centro da cidade. Nunca passaram por um bairro pobre, antes pelo contrário. Quando por fim, trinta minutos mais tarde, o Mercedes parou, estavam numa rua de gente abastada e a casa para a qual aparentemente se dirigiam era tão imponente quanto as restantes. Não se tratava de uma imponência americana, mas as residências de três pisos, muito bem pintadas, encontravam-se todas rodeadas de jardins de tamanho razoável.

Um jovem desceu a correr os dez degraus da entrada e foi direito a uma garagem independente, construída posteriormente; abriu o cadeado

241

Que a fechava, subindo depois a porta. Muito moreno, muito bonito, muito como a agradável visão de Josef. O carro entrou, mas ninguém saiu Devia haver uma ligação à casa, concluiu Helen, estacionando o Porsche num lugar vago do mesmo lado da rua, a duzentos metros de distância.

“E agora o que faço? vou tentar ver melhor o jovem e a mulher, que pode ou não ser a mulher que obtive nas Instituições Correcionais as plantas do estabelecimento prisional.”

A rua estava bastante sossegada, mas não deserta como teria acontecido nos Estados Unidos. Havia pessoas de um lado para o outro, passeando os seus cães, todos pela trela. Os passeios encontravam-se minados de excrementos de cão, pelo que ela tinha de ter muito cuidado onde punha os pés... que nojo! Iria ser difícil ter acesso à casa, já que cada residência estava rodeada por um gradeamento de ferro encimado por pontas de flecha e todas tinham uma grande janela de sacada virada para a frente.

Helen dirigiu-se para o passeio, amaldiçoando as calças de ganga e o casaquinho que levava: pareciam deslocados num local onde todas as mulheres usavam fatos cinzentos e castanhos e pequenos chapéus elegantes. Se fosse abordada por alguém, fingiria ser uma au pair inglesa; nunca ninguém acreditaria numa au pair americana, popularmente conhecidas por deitarem o bebê fora com a água do banho. Ou, pelo menos, era o que lhe garantiam os seus amigos quando lhe contavam histórias das suas aventuras.

- Mausie! Mausie! - chamou ela, como se andasse à procura de algum cãozinho desobediente.

Junto à garagem - a maior parte das casas parecia remediar-se com o estacionamento na berma do passeio - havia um pequeno corredor, como se fosse um acesso lateral; Helen esgueirou-se rapidamente por ele e correu até às traseiras, esperando encontrar a todo o momento uma passagem de ligação à casa. Mas não existia nenhuma. Quando chegou às traseiras, percebeu porquê. A casa tinha um quarto piso inferior, meio enterrado no chão; sem dúvida, aquelas seriam as salas com mais privacidade, pois as janelas situavam-se quase ao nível do teto.

Olhando para baixo, ela pôde ver três pessoas sentadas a uma mesa: Josef, o jovem e uma mulher com cerca de quarenta anos. Mesmo

242

que conseguisse ouvi-los, que não era o caso, Helen nunca teria conseguido perceber o que diziam, pois falavam em alemão. A sala era insonorizada, provavelmente equipada com ar condicionado, o que era raro em Munique. Estava também dispendiosamente mobilada e decorada com gosto... muito dinheiro tinha sido gasto naquela cave. Presumivelmente, fora concebida para receber Josef e as suas visitas, o que significava que quem ocupava aquela casa não queria que os vizinhos espreitassem e vissem Josef. Muito bem, muito bem...

No entanto, aquela era definitivamente a mulher que obtivera as plantas, pois estava vestida para rivalizar com a duquesa de Windsor e conseguia-o. O fato era mais vermelho-escuro do que castanho-avermelhado, mas era francês e extremamente caro. Era coincidência a mais. Tinha de ser a mesma mulher! Um rosto bonito perfeitamente maquilhado, tão morena quanto Josef... seria então

sua irmã? E quem era o jovem? Filho, sobrinho? Tinha cerca de dezoito, dezanove anos, calculou Helen, e usava roupa prática, à europeia, embora fosse também roupa cara. De facto, estava ali um trio que qualquer designer de alta-costura cobiçaria.

Ela tinha os números de telefone de Kurt e de Dagmar, e havia uma cabina telefónica ao fundo da rua, mas decidiu não fazer qualquer chamada. “Primeiro, vamos ver o que acontece hoje ao jantar.”

Quando a mulher de Dior vermelho-escuro deixou Josef uma rua antes da fábrica, Helen ficou a saber outra coisa: a não ser que se pusesse a hipótese de incesto, não eram irmãos, pois trocaram um beijo apaixonado antes de ele mudar de carro, entrando num BMW topo de gama. Portanto, eram amantes. Richter, Richter... Porém, havia outra possibilidade, considerando que o jovem era quatro ou cinco anos mais velho do que o primeiro filho de Josef e Dagmar. E se Josef e aquela mulher fossem marido e mulher, e o casamento com Dagmar se revelasse bígamo? Era coisa que não agradaria nada ao pomposo clã de nobres prussianos, e ainda por cima havendo uma aristocrata italiana à mistura!

A família vestia-se para o jantar, coisa que Helen, que não era nenhuma principiante, interpretou como smoking para os homens e vestidos de noite para as senhoras. Pois bem, nada de vestidos compridos

243

para ela! Helen entrou com um vestido bastante curto cor de âmbar, engalanado com renda também cor de âmbar... “vou arrasar aquelas duas cabras com esta cor!” Meias e sapatos totalmente dourados, uma malinha dourada e o famoso cabelo cor de alperce solto pelas costas. Eu te digo se é pintado! Mordam-se de inveja, suas lourinhas anémicas e escanzeladas!”

A expressão estampada no rosto de Macken sugeria que ele nunca vira ninguém com semelhante aparência desde Afrodite, e dois criados em libré verde-escura ficaram embasbacados até Macken ralar com eles. com um sorriso preparado, Helen irrompeu pela sala de visitas carmesim, creme e dourada, onde os três homens Von Fahlendorf a receberam de boca aberta.

A baronesa, requintadamente vestida em tons de cinzento-carvão com uns toques de branco que apareciam e desapareciam conforme ela se movimentava, aproximou-se de Helen e encostou a face à sua.

- Minha querida, que pernas maravilhosas tem! com certeza, fez ballet ou ginástica.

- Na verdade, corrida e campo de jogos - respondeu Helen numa voz arrastada, segura de que a senhora Procter se orgulharia dela.

- Hoje temos uma mesa perfeita - disse Dagmar, metendo-se de permeio. - Três casais.

Helen observou-a; trazia um vestido de estilo aristocrático, com pérolas e folhos, num tom nada lisonjeiro de azul-pastel... porque seria que as louras usavam azul? Não as favorecia nada. Era claramente fabricado em Hong Kong e fazia com que ela parecesse ter sessenta anos... oh, Dagmar, Dagmar!

O barão, que até então não chocara com Helen, serviu xerez ou Campari como aperitivo e deambulou pela sala com Helen atrás, mostrando os seus quadros favoritos.

- Gostaria de ter Delacroix ou Rossetti, mas esses estão em museus. - Suspirou.

- Nesse aspeto, tenho sorte - disse Helen, sorrindo maldosamente. - Chego a pedir emprestados alguns quadros da coleção da Chubb, embora se trate sobretudo de impressionistas. Um destes dias, a Fundação Parsons terá de contribuir com os seus El Greco e Poussin e outros que tais, mas até lá o meu pai recusa-se a construir a galeria de arte da Chubb.

244

Helen percebeu que o barão ficara completamente desorientado; fora um desperdício de munições. O velho vivia num mundo de sonho e ela sentiu pena dele, dominado pela mulher e filha. Porém, Helen reparou também que ele não parecia nada à vontade na companhia de Kurt... “Tenho de me lembrar de pôr isso no meu diário”, comprometeu-se ela mentalmente. “O Kurt deixa-os nervosos, é demasiado estranho com os seus muões e partículas. Claro que o problema é a bomba. A Europa encontra-se na primeira linha de mira, digamos assim, e eles são mesmo paranóicos com a bomba. Um bom sinal disso é a forma como esperaram que John F. Kennedy os salvasse. A morte dele teve muito mais peso aqui, e agora os Von Fahlendorf tinham criado um cientista atómico... Brr!”

A entrada das crianças foi um choque. Uma precetora pequenina e deselegante guiou-as através da sala de visitas; Helen ficara horrorizada ao saber que não partilhavam as refeições com os adultos... oh, só de pensar aquilo que tinha aprendido em criança à mesa com o pai! Eram excessivamente rígidos e educados: os dois rapazes curvaram a cabeça e bateram os calcanhares, as duas raparigas fizeram vénias. Extraordinário! Até o rapaz de quinze anos, já com uma penugem nas pernas, vinha de calções e meias até ao joelho. Incrível! Martin e Klaus-Maria, mais velhos do que as raparigas, também eram morenos, embora nenhum dos quatro fosse tão moreno quanto o pai. Annelise tinha o ar de quem dava trabalho à precetora, mas era Ursel, a mais nova, que herdara o génio, disso tinha Helen a certeza. Uma prometedora investigadora química do futuro.

Pela curta conversa que manteve com as crianças, ficou a saber que a família era católica romana... porque a levava Kurt a pensar que eram luteranos? “Porque eu assim presumi e ele não se deu ao trabalho de me corrigir. É um físico, acredita no tempo e no espaço-tempo, o que quer que isso seja, e disseme que não havia vida depois da morte, pois isso contrariava as leis da física.”

Mesmo sem qualquer tábua de acrescento colocada, a mesa continuava a ser demasiado grande para seis pessoas, sobretudo porque o barão escolheu sentar-se a uma ponta e a baronesa na outra. Havia mais de um metro de espaço entre ela e Dagmar de um lado, e entre Kurt e Josef do outro; ela encontrava-se defronte de Josef, e Dagmar defronte de Kurt.

245

Onde conheceu o seu marido, Dagmar? - perguntou Helen,

quando levantavam os pratos de uma sopa medíocre.

No politécnico de Bona - respondeu Dagmar, ao que parecia

disposta a considerar o tema tolerável. - Andávamos no mesmo ano e os dois em Química.

Tirou primeiro algum curso mais genérico? Artes? Ciências?

Não. Sabia o que queria fazer; portanto, para quê desperdiçar tempo?

- Hum... não pensa que quatro anos de universidade podem dar um certo brilho a seja o que for que se faça mais tarde?

Os olhos frios, de um azul-ártico, percorreram-na desde o cabelo dourado até à renda feita à mão do seu vestido, também dourada. com desdém.

- Um desperdício insensato de tempo, que é o artigo mais precioso na vida. Antes que se dê conta, já será uma mulher velha.

“Sobretudo se usar um vestido desses”, disseram os olhos de Helen.

- Tudo o que possa dar um sentido mais lato à vida nunca é um desperdício, acho eu. Veja o meu exemplo... um dia, formada em Harvard e no outro a orientar o trânsito em Queens. Harvard foi uma grande ajuda.

- A rainha faz tráfico’? - perguntou Dagmar inexpressivamente.

- De quê?

O riso de Helen desfez todas as conversas e todo o movimento parou, com toda a gente petrificada a olhar para ela; Helen percebeu que não devia rir às bandeiras despregadas à mesa dos Von Fahlendorf. Paciência.

- Não, está a fazer confusão. Queens é uma zona da cidade de Nova Iorque e eu fui aí polícia de trânsito durante dois anos.

Alguém carregou no botão: o movimento recomeçou.

- Um trabalho extraordinário - disse Josef, com uma expressão admirativa nos seus olhos negros. - Penso que depois saiu, não foi?

- Sim, para estagiar como detetive em Holloman, a minha cidade natal.

‘ Trocadilho intraduzível com as palavras queen, “rainha”, e traffic, “trânsito” e “tráfico”.

(N. do T.)

- Um trabalho muito pouco feminino - disse a baronesa, parecendo ansiosa por

sair dali, embora o prato de peixe acabasse de entrar para ser servido.

- Trabalho é trabalho - disse Helen num tom monótono, observando o olho glauco de um linguado, logo acima da boca franzida, semelhante a borracha. - As pessoas atribuem um sexo às profissões, mas não deviam. Desvendar um crime é algo eminentemente adequado aos talentos femininos.

- Porquê? - perguntou Kurt, sorrindo.

- Porque as mulheres são naturalmente bisbilhoteiras, querido.

- Não deve dar muito dinheiro - disse o barão, levantando um lado do seu linguado até à espinha e comendo com prazer.

- Não preciso de me preocupar com dinheiro, barão. Tenho um rendimento de um milhão de dólares anuais proveniente de um fundo de investimento.

Mais uma vez, todo o movimento parou.

- Você é riquíssima! - exclamou Josef com um grito.

- Considerando a minha família, não, não sou - disse Helen, pousando a faca e o garfo juntos para que fosse notório que achara o peixe intragável. - O que se passa é que o nosso dinheiro vem de várias gerações atrás e uma boa gestão tem-nos permitido fazer coisas úteis com ele. O meu pai é um educador reconhecido e tanto ele como a minha mãe nos ensinaram, a mim e ao meu irmão, a considerar a filantropia como algo necessário, e assim trabalhamos em prol do bom nome da família, do nosso património e do nosso país.

- Eu não vos tinha dito que a Helen era maravilhosa? - exclamou Kurt.

O barão virou o seu peixe para saborear o lado inferior, bem impregnado de manteiga e limão.

- O que nós não sabemos - disse ele, separando o peixe da espinha - é quem raptou o Kurt. Tê-lo resgatado são e salvo e poupado o nosso dinheiro foi algo muito louvável, Helen, mas o crime ainda não foi resolvido.

- Na verdade - disse Helen, ao mesmo tempo que fazia sinal a um criado para que lhe levasse o prato -, já está resolvido. Sei quem raptou o Kurt e tentou

roubar-vos dez milhões, barão.

247

Disparate! Como é que sabe quem foi? - perguntou Josef asperamente.

Não é disparate nenhum, Josef, como aliás sabe muito bem.

Ela deve ser uma amante muito dispendiosa, aquela mulher que vive naquela casa enorme com aquele jovem. Ele também é seu filho?

O silêncio era palpável; os quatro Von Fahlendorf genuínos olhavam agora para Josef, que se esforçava por parecer impassível.

Isso é alguma brincadeira, Helen? - perguntou Kurt, com o rosto da cor da cinza.

- Infelizmente, não, Kurt. É a verdade. O Josef arquitetou o teu rapto, que foi levado a cabo por uma mulher cruel e desumana que ou é amante dele ou a sua verdadeira mulher. O cúmplice dela, penso que um pouco contra vontade, era o jovem que é demasiado parecido com o Josef para não ser seu filho - disse Helen.

Josef desatou a falar alemão sem parar, mas calou-se quando o barão bateu na mesa com a palma da mão.

- Ha/te die Klapper! - rugiu ele. - Ou falas em inglês ou não falas sequer! Desde o dia em que casaste com a minha filha que tens sido uma sanguessuga! Tolarei-te por causa do Martin, do Klaus-Maria, da Annelise e da Ursel... - Subitamente, gaguejou e revirou os olhos de forma descontrolada.

Dagmar berrava a plenos pulmões e Kurt tentava acalmá-la a todo o custo, mas era a baronesa quem tinha um comportamento mais estranho, coçando o queixo e a garganta. A luz brilhante do candelabro de teto revelava as gotas de suor que surgiam sobre a sua cuidadosa maquilhagem; Helen ficou esclarecida: a baronesa era uma drogada. Provavelmente, morfina.

Quem conseguiu tomar conta da situação foram Macken e Helen. Kurt recebeu ordens no sentido de levar a irmã para o seu quarto e a ajudar, enquanto a criada da baronesa era chamada para tratar da sua senhora e do seu vício.

- A Brunhilde sabe o que deve fazer - disse Macken, revelando assim que pelo menos os empregados de maior responsabilidade conheciam os segredos da família. - A senhora fez uma operação à coluna há alguns anos e não consegue suportar as dores - disse ele suavemente.

248

“Pois sim”, pensou Helen.

- O Josef não deve comunicar com a mulher - disse ela a Macken -, o que significa fechá-lo num quarto de hóspedes, como o meu, desligar-lhe todas as tomadas de telefone e nunca o deixar contactar com alguém suscetível de ser subornado. Será a família a decidir o que quer fazer com ele e os seus cúmplices. Eu vou pisgar-me... ou seja, vou-me embora.

- Isto é um disparate pegado, Helen - disse Josef enquanto dois criados se preparavam para o levar. - Espiou-me e descobriu a minha irmã e o filho dela.

- Irmã? - Helen riu-se. - Eu vi como os vossos lábios se colaram bem coladinhos esta tarde, você e a... será que posso chamar-lhe Frau Richter?

Kurt entrou com um ar sinistro. Uma breve conversa entre ele e

Macken pareceu aliviá-lo.

- És uma mulher num milhão, Helen - disse-lhe ele. - Tenho de levar o meu pai para o quarto. Daqui a pouco, já estará bom e então decidirá o que fazer com o Josef. Pobre Dagmar!

- vou para casa amanhã - disse ela.

- E eu vou contigo - disse Kurt.

Tentou levar o pai: um processo curioso. O velho encolheu-se, murmurando qualquer coisa sobre bombas - mesmo em alemão, pelo menos isso Helen conseguiu perceber -, depois quase caiu, permitindo então que Kurt o ajudasse

na sua titubeante tentativa de andar.

- Macken, você é um tesouro - disse ela ao mordomo quando eram já as únicas pessoas na sala.

- Obrigado, menina Helen.

- Qual era a profissão do seu pai? Macken pareceu surpreendido.

- Era mordomo do Graf. Criados à antiga!

- E o seu filho, ou filhos, Macken?

- Um filho. É chefe de um departamento governamental em Bona.

249

Na manhã seguinte, enquanto Helen fazia as malas, Dagmar pediu para entrar.

Tenho de lhe agradecer - disse ela, constrangida.

Não é preciso. Espero que tenha percebido que eu não me vou casar com o Kurt... Vim cá apenas para ver se conseguia resolver o rapto.

- Isso é um alívio. Teria dado com o meu Kurtchen em doido.

Sentou-se numa cadeira onde não atrapalhasse e observou Helen a

dobrar os seus jeans, com precisão e rapidez. - Salvaremos o bom nome da família, é o mais importante.

- Já esperava isso - comentou Helen secamente.

- O Josef pediu-me para separar dois dos dez milhões e dar-lhos

- disse Dagmar. - Interpretei isso como egoísmo, mas é claro que os queria para o seu filho natural. O pedido foi-lhe negado.

- Posso dar-lhe um conselho? - perguntou Helen, detendo-se para olhar muito seriamente para Dagmar.

- É quase certo que depois me arrependerei, mas diga.

- A amante do Josef veste-se como a duquesa de Windsor... ou seja, ambas têm roupa muito cara e de muito bom gosto. A Dagmar veste-se como a velha rainha Mary, cuja aparência eu conheço bem graças a uma colega minha inglesa. A senhora é desmazelada a vestir-se, Dagmar, mas não precisa de ser. Ponha-se nas mãos de um desses tipos amaricados que andam sempre à volta de mulheres ricas e deixe que ele faça de Pigmaleão. A melhor vingança é viver bem; portanto, enquanto a Richter apodrece numa prisão alemã, a senhora pode pavonear-se por aí. Será uma mulher mais feliz, aposto.

A insolência descarada deixou Dagmar sem resposta. Helen continuou a fazer as malas até estar tudo arrumado.

Dagmar falou mais uma vez:

- Marcou no seu mapa da cidade a casa da mulher?

- Marquei - respondeu Helen surpreendida.

- Posso ficar com esse mapa? Precisarei dele para a polícia. Helen pegou na sua enorme mala e tirou de lá o mapa.

- Aqui está, mal dobrado e tudo. - Abriu-o e apontou. - É aqui.

250

- Bem, pelo menos, fiquei a saber o que fazia o Josef com o salário que ganhava.

- Falando de casas, esta... - começou Helen.

- Será vendida - cortou Dagmar, perentória, e ergueu-se. Não voltarei a vê-la... nunca mais. Mas obrigada.

Helen e Kurt regressaram juntos aos Estados Unidos no domingo, separando-se

depois no átrio das Talisman Towers sem grandes efusões. - Estou cansado - disse Kurt, acariciando o queixo de Helen.

- Foi pior do que ser raptado?

- Sem dúvida. A minha pobre irmã! Ficou desfeita.

- Dá-lhe os meus cumprimentos quando falares com ela.

- Serão dados.

“E talvez não se pareça com a do lunático rei Luís da Baviera”, pensou ela, contemplando a sua casa de banho, atraente mas austera, “mas é da maneira que ainda gosto mais dela. Qualquer coisa entre uma e outra seria agradável.”

- Bigamia! - exclamou Carmine na segunda-feira seguinte.

- Bate certo. Sim, assenta que nem a luva de pelica francesa da Frau Richter. O cunhado arranjou o esquema para beneficiar o filho legítimo, já que os bastardos tinham tanto... e iriam ficar ainda com mais.

- A bigamia pode ocorrer quando uma nação que antes era só uma se vê dividida ideologicamente, com as duas partes a não comunicarem entre si. Acho que os Von Fahlendorf não perguntaram e é mais do que evidente que o Josef não os informou - disse Helen para Carmine, Nick e Delia.

- Eles não irão mover nenhuma ação judicial - disse Nick.

- Por nada deste mundo - disse Delia.

- Terão de fazer alguma coisa - disse Helen. - A sua honra foi ultrajada e o barão não é pessoa para passar por um ultraje e não ripostar. Nem a baronesa. E a Dagmar ainda é pior.

- Bem - disse Carmine, recostando-se na sua cadeira -, seja o que for que fizerem, é problema dos alemães e não nosso, graças

mandá-lo de volta para este lado do Atlântico.

- Para o proteger daquilo que irão fazer - disse Nick.

- Viste os jornais da tarde? - perguntou Desdémona na terça-feira à noite, quando Carmine chegou a casa.

Ele vinha apreensivo, já que havia a possibilidade remota de o Dodó atacar nessa noite.

- Não - respondeu, aceitando a sua bebida.

Prunella entrou na sala e sentou-se com um suspiro ofegante.

- Quem me dera que o Julian tivesse menos imaginação, agora que a descobriu - disse ela, sorrindo. - O capitão Nemo é particularmente desgastante. Sabiam que há uma raça de homens-peixe que vivem no fundo do oceano? Até aí, ainda vá, mas agora inventaram um raio de morte maquiavélico que assobia e faz um estrondo.

Desdémona passou-lhe um copo de vinho tinto e deu a Carmine os vespertinos de Nova Iorque; o jornal de Holloman saía apenas de manhã.

- Está nos dois - disse Desdémona, sentando-se. - O Post traz o artigo maior.

Era notícia de primeira página e em grandes parangonas: Josef von Fahlendorf, cunhado da vítima de rapto, Kurt von Fahlendorf, tinha sido morto à porta da fábrica dos Von Fahlendorf, em Munique, na madrugada daquela terça-feira.

- Grande bronca! - exclamou Carmine, ainda a ler.

O que estava Josef a fazer ali, àquela hora, ninguém com suficiente autoridade na Fahlendorf Farben parecia saber, incluindo a sua diretora executiva, Dagmar, que nem sequer se dera conta de que o marido já não se encontrava na cama. Segundo a única testemunha que existia, um Volkswagen tinha abrandado atrás de Josef e os dois homens que iam dentro do carro abateram-no com pistolas automáticas. Heinrich Muller, um operário da Fahlendorf Farben que ia a caminho da fábrica para pôr em funcionamento certo equipamento recente, comportara-se como um herói. Em vez de se abrigar, tentou inutilmente ajudar Josef, que morreu nos seus braços alguns minutos depois. “Kurt!”, disse ele

claramente várias vezes. Muller dizia que os homens pareciam

252

turcos, que tinham trocado algumas palavras em turco. Explorando com prazer este facto noticioso, o jornalista comentava que era evidente que Josef pensava ter sido confundido com Kurt.

- O que pensas? - perguntou Desdémona.

- Que isto cheira mal. Tanto quanto os homens-peixe do Julian. Levantou-se.

- De abalada para a Helen e ficas sem beber?

- Nem pensar! Ela bem pode esperar até amanhã. vou ter com a Delia. Dá-lhe uma apitadela por mim, dás? com estas notícias a pairarem no éter, não vai haver nenhum chato ou camionista que não esteja sintonizado na frequência da polícia, e eu quero manter os meus movimentos confidenciais.

- Jantar?

- Devo estar cá a tempo. Senão, guarda-mo.

- Felizmente, é bife, portanto iremos esperar. A Prunella está com cara de quem quer uma noite só para as raparigas se embebedarem.

- É um bom Chambertin... não o desperdicem.

Uma vez que não se importava com a viagem de meia hora que tinha de fazer, Delia vivia em Millstone, zona onde podia dar-se ao luxo de um espaçoso apartamento nas margens da baía de Busquash. Após escolher um esquema de cores divino, em tons de ferrugem, azul e rosa, atafulhara todas as salas com mobília vinda de Oxford, onde outrora embelezara a casa da sua avó. As paredes eram um álbum de fotografias permanentemente aberto de Carstairs, Silvestri, Cerutti e Cunningham, as mesinhas exibiam candeeiros de lava ao lado de lâmpadas chinesas de Dresden e havia paninhos de renda com margaridas bordadas por todo o lado. Era o seu lar.

Quando Carmine chegou, já ela tinha lido os jornais e ouvido a rádio local, a WRHN. Tinha também preparada a bebida de Carmine.

- Então, quem o matou? - perguntou ele.

- Não tenho a certeza, querido Carmine. Quem foi, orquestrou tudo cuidadosamente. Esse Heinrich Muller estava lá acidentalmente de propósito, disso estou certa. Eles tinham de ter uma testemunha que referisse que os criminosos eram turcos.

253

E porquê turcos? - perguntou Carmine, dando um pequeno gole na sua bebida.

Porque a Alemanha está cheia deles - explicou Delia. - Os

turcos aprendem muito mais facilmente alemão do que qualquer outra língua europeia e muitos turcos depauperados emigram para lá em busca de trabalho. Prevejo que no futuro seja uma tendência cada vez mais acentuada, mas já é suficientemente marcante para ter criado um certo grau de ressentimento por parte das classes trabalhadoras alemãs. Os turcos são bodes expiatórios convenientes.

- Estou a ver. E o Heinrich Muller?

- Esse será promovido à grande. Oh, ele estava lá, pois estava! Tenho também a certeza de que os homens que ele disse parecerem turcos podem mesmo ser turcos. Mas duvido muito que o Josef tenha morrido com o nome do Kurt nos lábios... ou que tenha morrido tão lentamente. Não sei até que ponto o Muller é esperto, mas provavelmente é o bastante para ter suspeitado de que lhe foi atribuído aquele trabalho especial apenas para se encontrar presente enquanto testemunha. Se de facto conseguir uma boa promoção com isso, desconfio que não irá preocupar-se em saber quem montou o esquema todo ou por que razão. A Dagmar tinha-o classificado como um trabalhador prometedo.

- Então, quem foi que montou o esquema todo, Deels?

- Um dos Von Fahlendorf. Qual deles é que é o busílis da questão. Não foi o nosso Kurt, disso podemos ter a certeza, acho eu. A família estava ansiosa por vê-lo fora da Europa. Agora, se foi o barão, a baronesa ou a Dagmar, já não sei. Inclino-me para a Dagmar.

- Por causa de um coração despedaçado e tudo isso?

- Pela minha experiência, o coração despedaçado faz com que mais depressa seja ela. Uma mulher desprezada e essa treta toda? Segundo a Helen, o Josef é... era um tipo bonito, suave como a seda, encantador como o Cary Grant. Ela já lhe tinha perdoado uma tentativa de burla e deve ter ficado convencida de que ele pecaria novamente. Mas só de pensar que ele seria capaz de matar o seu irmãozinho...! Eh, lá! Aí já temos os laços de sangue contra os laços do amor - disse Delia com um estremecimento. - Eu escolheria sempre os laços de sangue.

254

- Acho que eu também. Que irão pensar os polícias alemães?

- Que foram os ditos turcos. E que também foram os turcos que planearam o rapto.

- Mas, nesse caso, para quê matar o Josef? Delia franziu os lábios.

- Alguma tendência otomana obscura? Uma forma peculiar de vingança oriental? Penso que os polícias alemães vão ficar tão gratos por lhes oferecerem uma solução que não farão muitas perguntas inconvenientes.

O copo dele estava vazio; Carmine declinou uma segunda bebida.

- Obrigado, mas não. Tenho de ir para casa jantar.

- Há uma hipótese de o Dodó atacar hoje à noite.

- Eu sei. O que significa ir para a cama mais cedo.

255

256

1968

De terça-feira, 5 de novembro, a sábado, 30 de novembro

257

Afinal, não atacara uma semana mais cedo; quando a conjuntura foi favorável para avançar, simplesmente não lhe apeteceu. Que sentido fazia evoluir para o assassinio se, simultaneamente, isso lhe tornava a vida mais fácil? O grande e musculado Carmine Delmonico era um perigo que ele sabia ser capaz de aniquilar, mas a vitória deveria ser merecedora de Catherine dos Santos, a rapariga das grades de prisão e fechaduras múltiplas.

Ela contara-lhe a história enquanto os dois se aninhavam aos risinhos no sofá de Mark Sugarman.

- Quem me contou foi o agente mobiliário - confidenciou ela, com os seus olhos azul-violeta a brilharem. - Tem cá uma piada! O Simons construiu os apartamentos e reservou o meu para si próprio. Porque ele tinha dinheiro escondido, percebes? Já imaginaste bem? Ninguém tentou roubá-lo porque ninguém sabia que ele tinha dinheiro escondido, e assim, quando morreu, as grades e os ferrolhos tornaram-se os seus carrascos. Os bombeiros demoraram horas para entrar. E lá estava ele, na cama, rodeado por maços de notas, todo inchado... repugnante!

- E não te importas de viver numa casa com uma história dessas?

- perguntou ele, sorrindo.

- Céus, não! Estou em segurança, é o que importa.

Um a um, ele conseguiu dela todos os pormenores necessários; quando a festa acabou, acompanhou-a ao carro como o cavalheiro que era, beijou-lhe ao de leve a mão e dispôs-se a nunca mais a encontrar, para o caso de ela se lembrar do que tinham falado os dois. Teria ela

258

chorado por ele? Teria ficado sentada junto ao telefone à espera de um telefonema seu? Se tinha, esperara em vão. Nesses dias, ele andava apenas a compilar a sua lista, nem sequer tinha violado pela primeira vez quando apanhara Shirley Constable de uma forma ainda meio desajeitada e amadora. Bem, um homem tem de aprender com a experiência, não é? E a lista entretanto ficara completa, mas já há tanto tempo que nenhuma das mulheres se lembraria.

Quando Didus ineptus estacionou o seu Chevy no lugar habitual na Persimmon

Street, na terça-feira, 5 de novembro, os seus pensamentos giravam unicamente à volta do seu próprio brilhantismo. Não era coincidência que tivesse dado início à sua carreira num ano bissexto e num ano de eleições presidenciais: a sorte favorecia os arrojados e ele pressentira que o ano de 1968 seria um desastre.

com efeito, estacionava sempre ali; fazia isso há bastante tempo, o suficiente para que as outras pessoas que estacionavam na Persimmon Street reconhecessem o carro. No momento em que saiu da viatura, não pôde deixar de ver os polícias. Estavam por todo o lado: a circular em carros-patrulha, a deambular aos pares pelos passeios, de coldres abertos e algemas à mão. Assim que virou na direção da Cedar Street, sentiu um súbito impulso para abandonar a sua incursão, mas depois enfureceu-se com a sua própria cobardia. O plano A revelava-se claramente impossível, mas o plano B era tão bom quanto o primeiro. Coxeou pela Persimmon Street arrastando a perna direita e, no instante em que não havia polícias à vista, saltou do passeio para os arbustos do plano B, que cresciam descontinuadamente ao longo das vedações traseiras dos edifícios que davam para a Cedar Street. O Sol começava a baixar, já tinha passado mais de um mês depois do equinócio, e as sombras ao nível do solo eram densas e escuras.

Tinha o coração aos pulos; o frémito da perseguição invadira-o, e ele sabia como e onde se sairia muito melhor do que aqueles idiotas uniformizados podiam imaginar. Numa falha da vegetação, deitou-se completamente e deslocou-se sobre os cotovelos, com a sua camuflagem de combate a revelar-se ideal, até que a profusão de folhas pendentes que se seguia lhe permitiu pôr-se de cócoras, espreitando para

259

a Cedar Street e para as traseiras de um edifício. O bloco de apartamentos de Catherine ficava a quase trezentos metros da Persimmon Street, mas o pior era que os Hochner viviam mesmo atrás dela, mais próximos da Cranberry Street. O seu esconderijo era mais cerrado precisamente onde ele agora não o podia usar, já que descartara o plano A.

Enormes loureiros cresciam ao longo da vedação traseira do prédio de Catherine... ótimo, arbustos robustos de folha persistente, de que ninguém cuidava. E ali, mesmo à sua frente, estava finalmente a porta de Catherine! Pelo sim, pelo não, pôs a sua máscara de esquí, aliviou as costas do peso da mochila e

tirou do bolso as três chaves. Reparou que os Hochner tinham terminado o seu chá gelado e se retiravam, e os polícias não eram suficientemente espertos para alargarem as patrulhas para além dos passeios. Ele teria de confiar na sorte para que ninguém dos andares superiores estivesse a olhar quando corresse dos arbustos para a porta das traseiras protegida com um toldo.

O sol mergulhou atrás da folhagem de um velho carvalho que crescia nas traseiras dos Hochner e com ele a luminosidade diminuiu; usando a visão periférica, o Dodó verificou, não viu nada e correu para a porta de Catherine. As chaves entraram e deram as voltas com a mesma ordem com que ela o tinha feito; ele sentiu a última fechadura soltar-se e fez o que ela fizera: encostou o ombro à porta e deu-lhe um forte empurrão para a abrir.

AAA-UUU-AAA! uou-uou-uou-uou-uou! AAA-UUU-AAA!

O mundo explodiu em barulho. Ensurdecido, petrificado, o Dodó ficou durante três segundos, no máximo, encostado à porta, depois saltou para os arbustos ao longo da casa dos Hochner e deitou-se por terra, a tremer, os olhos cegos pelo suor, com aqueles alarmes abomináveis ainda a azucrinarem-lhe os ouvidos. O que era aquilo? O que é que ele não fizera? Aquela maldita mulher enganafa-o! Ele, *Didus ineptus*, caíra numa armadilha!

Plano C. Tinha de sair dali antes que o local ficasse enxameado de polícias como moscas em volta de carne em putrefacção. Tirou a mochila, a máscara de esqui, o casaco e as calças. Do exterior da mochila, puxou por uma série de tubos de alumínio, aparafusou-os, assegurando-se ainda de que as suas calças vulgares tapavam bem as meias e não

260

ficavam presas nalgum sítio. Depois, enquanto o ruído continuava a fazer-se ouvir, esgueirou-se pelas traseiras dos Hochner, que tinham saído de casa e observavam a porta de Catherine. Como uma cobra, deslizou pelo terreno exposto que rodeava o terraço dos Hochner até se meter pelos arbustos novamente. Depois, seguiu o limite da propriedade até à Cedar Street, onde se agachou e observou os polícias em grande alvoroço, até que, num momento temporário de acalmia, apareceu no passeio apoiado na sua muleta, coxeando. O grupo seguinte de polícias virou a esquina da Cranberry Street, abriu alas para passar por ele dos dois lados, deixando-o para trás no seu caminho para a

Persimmon Street e o seu carro.

Foi parado por duas vezes e perguntaram-lhe se vira alguém; ele mostrou-se confuso, disse que não e deixaram-no ir. A muleta era verdadeira, ele estava vestido com umas calças amarelas axadrezadas e um casaco vermelho, e parecia um tanto imbecil. Nunca suspeitaram dele, mesmo quando um carro-patrolha isolado passou minutos mais tarde.

A cabra! A maldita cabra! Como é que ela o enganara?

Carmine olhava à sua volta, admirado. Do lado de fora da fortaleza, ninguém diria que o apartamento de Catherine dos Santos era assim tão bonito. Não se via nenhuma das grades; em vez disso, caíam desde o teto ao chão cortinas de delicada seda, em tons que iam gradualmente desde o mais claro dos verdes até ao verde-escuro de um pinhal, para depois aclararem novamente, a toda a volta da sala, um constante crescente e minguante de cor. A alcatifa era verde-escura, o teto verde-claro. Cadeiras, mesas e outro mobiliário de mogno tinham embutidos de fulgurantes pavões.

- Raramente estou na sala de estar - disse Catherine. Já desligara os alarmes, pois mais ninguém conseguia. - Ele deve ter-me visto a entrar, mas é claro que não podia ver-me a desativar os alarmes... pressiono uma secção da ombreira da porta e pinto-a novamente quando fica gasta. - Conduziu-os até ao seu retiro mais afastado, artificialmente iluminado. - com as grades e os quatro quartos, tive sorte em encontrar este sítio. Aqui é onde pinto - disse ela, mostrando-lhes

261

um estúdio com um quadro a óleo de flores secas meio acabado num cavalete. - Aqui é onde costuro e bordo - prosseguiu, mostrando outra sala.

“Tão diferente da Desdémona!”, pensou Carmine ao olhar para paramentos sacerdotais enfiados num manequim. É isto que todas as solteironas fazem?”

E aqui é onde decoro manuscritos com iluminuras - disse

Catherine. - Confesso que é o meu maior prazer. Ficaria surpreendido, capitão, com a quantidade de instituições e pessoas que desejam iluminuras em alguma coisa.

- Portanto, vende o seu trabalho?
- Sim, claro. É a minha maneira de me acautelar contra uma velhice pobre.
- Vai alguma vez a festas, menina Dos Santos? - perguntou Helen quando voltaram para a sala de visitas.
- Só às festas do Mark Sugarman. A última foi há quatro meses. Encontrou alguém de que se lembre especialmente nalguma dessas festas?

Ela concentrou-se, depois confirmou com a cabeça:

- Sim, encontrei. Um homem muito simpático! Tivemos uma conversa longa e agradável, mas ele não se atirou a mim. Não me lembro se me disse o apelido, mas chamava-se Brett. Eu disse que parecia ser um nome escolhido por causa de alguma estrela de cinema, mas ele riu-se e negou. Era um nome de família.

Helen reprimiu um suspiro; não havia nenhum Brett nas listas das festas de Sugarman.

- Ele teve alguma oportunidade de mexer na sua mala?
- Só quando fui à casa de banho. Não me demorei muito.
- Viu o Brett desde essa altura?
- Não, nunca. Mas também não admira, capitão. Não sinto necessidade de pessoas, ou estou no trabalho ou em casa. Tudo o que faço é de alguma forma arte. Acho que gosto da solidão.
- Não se sente... bem, encarcerada? - perguntou Helen. Catherine dos Santos riu-se, um som nítido e agudo de puro divertimento.

262

- Meu Deus, não! Detetive, eu aqui sinto-me segura! Ninguém consegue apanhar-me. É esse o terror das mulheres que gostam de viver sozinhas, que possam vir a ser um alvo de algum predador. Eu adoro as minhas grades, razão

por que me dei a uma enorme trabalhadeira em relação ao meu ponto mais fraco... a porta. O barulho é o dissuasor mais eficaz... bastante alto, sons de sirene. Desencorajam qualquer um. Fui eu mesma quem instalou as sirenes, comprei-as numa loja de equipamento eletrónico. - Sorriu com satisfação. - Gosto especialmente de uma que soa como um submarino. E, com vizinhos como os Hochner, acreditem que estou em segurança.

- Oh, acredito - disse Helen. - O que me custa a crer é que realmente goste da vida que leva.

- Você estava na festa do Mark... como é que vive? - perguntou Catherine.

- Tenho uma penthouse de alta segurança - respondeu Helen, sorrindo.

- Sorte a sua.

- A minha principal crítica a si, menina Macintosh - disse Carmine num tom cortante depois de saírem do apartamento -, é que não faz ideia de como vive a outra metade do mundo, mesmo depois de lhe revelarem alguns pormenores. E isso leva-a a falar antes de pensar. No instante em que a menina Dos Santos disse que fazia alguma da sua arte como precaução contra uma velhice pobre, você devia ter posto um freio na língua. Porque é tão lesta a informar toda a gente de que possui milhões, quando aquilo que devia recordar era que são muito poucas as pessoas que vivem como a menina? Nunca a ouvi considerar a hipótese de oferecer um dos seus milhões aos menos afortunados.

- Peço desculpa, capitão. Percebi que era a pior coisa para se dizer assim que a disse, mas não sabia como sair de tamanha alhada... Desculpe, capitão, desculpe-me!

- Porque me pede desculpas a mim, menina Macintosh? Apenas me ofendeu indiretamente. Para que fosse feita justiça, devia voltar atrás e desculpar-se à menina Dos Santos. Este género de desculpas é um bocado para lhe aliviar a consciência, não acha?

263

Já passou demasiado tempo para voltar lá agora - disse Helen

rapidamente. - Se quiser, escrevo-lhe um bilhete.

- Sim, faça isso - disse Carmine, ainda irritado.

E não disse mais uma palavra até chegarem ao seu gabinete, onde Nick e Delia se lhes juntaram.

- Como conseguiu ele escapar? - perguntou Helen, ainda desesperada por recuperar o terreno perdido junto do capitão.

- Estando preparado para todas as eventualidades, suponho disse Carmine. - E ajudado pelos Hochner, que deviam ter ficado quietinhos e tentar vislumbrá-lo, em vez de acorrerem à porta da Catherine e dificultarem o acesso dos polícias.

- Eles são famosos na sua relação com os agentes uniformizados

- disse Delia.

- E o Fernando Vasquez que o diga. Herdou a pasta que o Danny Marciano tinha sobre eles. Sempre a queixarem-se e depois deixam escapar o Dodó.

Nick puxou a mochila que se encontrava sobre a mesa, perto de Carmine.

- Incrível - disse ele. - Enquanto as traseiras do prédio da Catherine fervilhavam com polícias, ele agachou-se num arbusto da propriedade dos Hochner e mudou de aparência. Deixou o equipamento do Dodó junto ao arbusto e apareceu noutra sítio qualquer como uma pessoa diferente, desconfio que usando roupa bem garrida. Mas o que estava aqui dentro, Carmine? - Nick apontou para umas pregas no exterior da mochila.

- Suportes para manter a mochila rígida? - sugeriu Delia.

- Para quê? - perguntou Nick.

- O que quer que fossem, levou-os - disse Carmine lentamente.

- A não ser que se trate de alguma coisa que o atrapalhava disse Helen. - Alguma coisa que não conseguia esconder?

- Não, as aberturas ainda se encontram distendidas devido ao que quer que lá estivesse dentro. Tubos ou varetas... - Contou as pregas salientes - Seis. Todas juntas, cerca de um metro e oitenta. Mas que podia ele fazer com uma coisa de

um metro e oitenta? Se

264

subtraímos uma, ficamos com metro e vinte, metro e meio, dependendo do comprimento dos componentes. Nem todas as aberturas são do mesmo tamanho.

Uma conversa com dois agentes uniformizados fizeram luz na mente de Nick.

- É uma muleta - disse ele.

Os outros fitaram-no de boca aberta.

- O Ike Masotti e o parceiro encontraram um tipo aleijado na Cedar Street que coxeava na direção da Persimmon. Não muito longe do apartamento da Catherine. Muleta debaixo do braço, a arrastar a perna direita. Usava calças naquele tecido axadrezado escocês que é quase todo amarelo e um casaco vermelho. O Ike não conseguiu nada dele e classificou-o como ligeiramente atrasado mental.

- O Dodó - gritou Helen.

- O tipo é bom, Carmine - disse Nick. - Enganou dois agentes inteligentes mesmo à beira do sítio onde tudo aconteceu. Conheces o Ike Masotti... não é fácil de enganar. É preciso ver que tinha passado muito pouco tempo, as sirenes ainda uivavam porque a Catherine não estava em casa. Um pouco mais tarde e os polícias já estariam menos desorientados.

Em resposta, Carmine pegou no telefone e perguntou a Fernando Vasquez se sabia quantos agentes tinham encontrado um aleijado vestido de forma estranha.

- O tipo é brilhante - disse ele, desligando.

- Escapou-nos entre os dedos - lamentou-se Nick.

- Sim, mas o Ike Masotti viu-lhe a cara - disse Carmine - e, embora ele provavelmente tenha tentado disfarçar-se, escondido nos arbustos dos Hochner, não teve tempo ou os acessórios necessários para uma mudança dramática. Os agentes que viram o aleijado mais tarde podem não ter tido tanta sorte... portanto, vamos adotar a descrição do Ike. Quem era o parceiro dele?

- O Muley Evans.
- Que tal é ele?
- Esperto. Vamos ficar com um bom desenho.

265

Já passava muito da meia-noite quando Didus imptus se eclipsou. O casaco vermelho tinha sido virado do avesso para mostrar agora o seu lado preto, e as calças axadrezadas MacLeod exibiam igualmente o forro preto. Tinha de agradecer a todos os santinhos pela vegetação de Carew! Não se aproximara sequer do carro, ainda estacionado na Persimmon Street; o percurso até ao seu próprio carro não era impossível para alguém que se mantinha em forma a caminhar. Quando virou do avesso a sua roupa, desmontou a muleta e limpou cada centímetro dela, tanto no exterior como no interior. Nunca o apanhariam por qualquer impressão digital que tivesse deixado, mesmo que fossem suficientemente perspicazes para pensar nisso. Depois, escondeu as secções num arbusto e seguiu caminho, como um homem normal, vestido de preto. Ninguém o abordou. A muleta e a roupa vistosa tinham sido parte do plano C, uma fuga que ele nunca mais utilizaria. Quando foi parado por três grupos diferentes de polícias - um a pé (o primeiro) e dois em carros-patrulha -, saíra-se com um riso meio apalermado digno de dó, que o identificou como alguém ligeiramente atrasado mental, e deixaram-no ir-se embora sem sequer lhe perguntarem o nome. Valia a pena tomar nota para ocasiões futuras que um homem vestido de preto que não quisesse ser visto tendia a que não reparassem de facto nele, mesmo que não se comportasse de forma furtiva. “Preto é melhor, preto é definitivamente melhor! Para vestuário mais garrido, faço-me de anormal.”

O apartamento que arrendava situava-se no limite entre Carew e Busquash; ainda com as luvas cirúrgicas calçadas, entrou e despiu-se. A roupa foi cuidadosamente dobrada e escondida num painel do teto do vestíbulo; era difícil de arranjar, sendo necessário para isso uma viagem a Nova Iorque e aos fornecedores de adereços teatrais, pelo que a guardaria enquanto aquele apartamento lhe servisse. Depois disso, equipou-se com roupa de caminhada e pôs aos ombros uma nova mochila, cheia precisamente com coisas que um adepto de caminhadas precisaria para um passeio pelo trilho dos Apalaches.

O seu carro encontrava-se entre Busquash e Millstone; alcançou-o sem ver um

único polícia, entrou e arrancou. Se algum polícia o mandasse parar, tinha já a sua história bem preparada.

Mas nenhum polícia o mandou parar. Chegando finalmente a casa, apercebeu-se de que estava com uma fome de cão, tirou uma lasanha

266

Stouffer do frigorífico e empregou os quarenta minutos necessários para a aquecer a tirar para fora o pijama, esconder a mochila no seu sítio especial e deliciar-se com um duche. Retemperado, na sua roupa de seda, abriu uma garrafa de clarete francês e bebericou o vinho com prazer; Didus ineptus não bebia com sofreguidão! Quase tinha sido apanhado naquela noite e ele nunca desejara um aperto semelhante. O assassino dentro dele salivava diante do pensamento de liquidar Catherine dos Santos, mas o sobrevivente nele era mais forte. Havia outros nomes na sua lista, outras vidas para aniquilar. Aquela maldita cabra enganara-o e, ao enganá-lo, escapara-se para sempre. Não voltaria para dar livre curso à sua raiva contra Catherine dos Santos. Ao pensar nisso, ergueu o copo.

- À polícia de Holloman - disse ele com um sorriso. - Que pensem em mim como alguém vingativo e que percam o seu tempo com isso!

A imagem saída das mãos do desenhador da polícia era interessante, porque ninguém reconhecia aquele rosto. E isso não podia ser.

Era o rosto de um homem nos seus quarenta anos, de pele morena, cabelo e olhos escuros, com um nariz aquilino e uma boca grande de lábios finos. Dava a impressão de ser alguém mentalmente perturbado.

- Isto quer dizer que ele estava maquilhado para o ataque - disse Carmine; depois, para Ike Masotti: - Parece-se mesmo com ele?

- Lamento desapontá-lo, capitão - disse Ike -, mas é aquilo a que a minha mãe chamaria uma semelhança flagrante.

- Mas sem qualquer semelhança com o tipo que os Hochner viram por lá.

- Pois, mas a reputação dos Hochner deixa muito a desejar disse Ike. - Provavelmente, o tipo que viram andava a fazer a leitura de contadores. Sem sombra de dúvidas, este foi o tipo que eu vi.

- Ike, fizeste muito mais do que pensas. O teu desenho deixa-nos com uma ideia daquilo que enfrentamos. Muito obrigado.

Ike saiu, coçando a cabeça.

- Porque é que pensa que este não é o Dodó?... Ou antes, que é o Dodó disfarçado? - perguntou Helen.

267

Porque a doutora Meyers dispõe de uma descrição geral do homem encantador que manteve longas conversas com quatro das vítimas de violação - disse Carmine. - Cabelo castanho-claro, olhos castanho-claros e pele clara. Tinha lábios cheios e o nariz apenas ligeiramente adunco.

- Talvez o homem que as vítimas viram também estivesse disfarçado - disse Delia. - Ele é muito esperto e portanto deve ter considerado a hipótese de que obteríamos descrições das festas do Sugarman.

- Deve parecer bastante corpulento antes de entrar nos apartamentos das suas vítimas - disse Nick. - Fato camuflado e, por baixo, outra indumentária o mais colorida possível, que apenas faz com que pareça ter muito mau gosto a vestir.

- E por baixo da roupa garrida outra muda, penso eu - disse Carmine. - Parece não ter andado pela rua no papel de imbecil e coxo por mais de alguns minutos, mas ninguém o viu entrar num carro e arrancar. Deve conhecer todas as árvores e arbustos de Carew e, assim que viu que não havia polícias, estava de regresso aos arbustos para uma transformação rápida em alguém vestido com tons escuros e inofensivo. A muleta foi encontrada?

- Não, apesar de uma busca minuciosa - disse Nick.

- Será que a abandonou? Ou levou-a debaixo da roupa? Por estranho que pareça, ao que tudo indica, levou-a para casa. Não consigo perceber o seu raciocínio! - Carmine bateu com a mão na testa. E, para piorar ainda mais as coisas, o próprio Sugarman não consegue identificar nenhum dos desenhos das vítimas. Ele jura que nunca houve penetras em nenhuma das suas festas. Ora, isso quer dizer... não, não pode ser!

- Quer dizer o quê? - perguntou Delia.

- Que ele se maquilhou apenas para a conversa... impossível! Delia soltou um grito agudo.

- Pensando bem, Carmine, não é assim tão impossível. Digamos que ele localiza a sua vítima num sofá a descansar um pouco da pândega, entra rapidamente na casa de banho, maquilha-se... se ela ainda lá estiver quando ele espreitar, estará junto dela tão depressa como

268

uma ratazana a trepar por um cano de esgoto. Se não estiver, ele esgueira-se novamente para a casa de banho e tira a maquilhagem... Lá descaramento não lhe falta, não acham?

- Oh, isso é de mais! - exclamou Helen.

- Não, Delia, percebo o que queres dizer - disse Carmine. É possível, de facto, embora pouco provável.

- Deve ter um ego maior do que Tóquio - disse Nick.

- Bem, isso já nós sabemos! De que outra maneira podemos juntar as peças todas deste puzzle? Nas festas, sobretudo nas que são boas, é quase tão fácil perder contactos como os carris num estaleiro de mercadorias. Entrecruzam-se perpetuamente. No entanto, isto diz-nos uma coisa.

- Diz? - perguntou Nick.

- Sim. Diz-nos que o Dodó tem pele clara. Toda a sua maquilhagem tem sido em tons de castanho, incluindo castanho-claro. Então, pessoal! Todos tivemos instrução acerca de disfarces... os criminosos recorrem a esse artifício muitas vezes, ou não teríamos de passar horas a ver slides que mostram o que podem fazer umas lentes azuis nuns olhos castanhos: muito pouco. Mas, se os olhos forem de cor clara, torna-se mais fácil mudá-los com lentes de qualquer cor. Podemos afirmar que os olhos do Dodó são azuis ou cinzentos ou verde-claros, e que o seu cabelo, no máximo, será castanho-claro. Se utiliza um molde adunco para o nariz, é porque provavelmente o dele é mais direito e também mais estreito. - A voz de Carmine tornara-se excitada, com as mãos a moverem-se expressivamente. - A pele tem de ser clara e os ossos do rosto, proeminentes. As maçãs do rosto deste tipo são bem rechonchudas. Pensem nos turcos que

abateram o Josef von Fahlendorf em Munique... com certeza que não iríamos andar à procura de atiradores louros. Porém, se atiradores louros quisessem fazer-se passar por turcos, seria fácil. Bastaria cabelo preto e farto e pele morena.

- Oh! - exclamou Helen. - Os Von Fahlendorf podem ter sido os atiradores! E foram, capitão, foram eles!

Carmine lançou-lhe um olhar trocista.

- Não, eram mesmo turcos. Para quê ter um cão e ser o próprio a ladrar?

269

Querido Carmine! - exclamou Delia. - Acabaste de alargar

colossalmente o leque de suspeitos de serem o Dodó.

Não, estreitei-o. Holloman é uma localidade com muitas, muitas pessoas morenas... africanas, mediterrânicas. Há muito menos gente loura. - Atrapalhou-se, sorrindo. - Isto é difícil de dizer! Muito menos gente loura.

- Qual seria o limite que estabelecerias? - perguntou Delia.

- No Mason Novak, falando dos Cavalheiros Vigilantes. Não se esqueçam de que havia sempre montes deles em todas as festas de Carew. Basicamente, ele é ruivo, o que não o exclui. Os olhos são de um castanho muito claro.

- Ou, no limite oposto, o Kurt von Fahlendorf, embora tenha estado ocupado a ser raptado - disse Helen.

- Bill Mitski - disse Carmine. - Arnold Hedberg. Mike Dunston. Mas se o Dodó for um membro dos Cavalheiros Vigilantes será mais fácil de apanhar. Vamos usar o procedimento da linha de identificação de suspeitos. As sobreviventes das violações entretanto já devem ter recuperado o suficiente para tentarem identificar o atacante.

- Não, Carmine, não podes fazer isso - disse Delia rapidamente.

- Será pedir demasiado a essas mulheres, que ainda não recuperaram. Estou certa de que a doutora Meyers dirá o mesmo. A sério, sei que tenho razão!

- Claro que ela tem razão - disse Desdémona.
- Estava com esperanças de que ficasses do meu lado - disse ele, descontente.
- Não quando se trata dos efeitos de uma violação.
- Está bem, não se fala mais nisso. Ela inclinou-se e beijou-lhe a cabeça.
- Obrigada, meu querido amor.
- E como correm as coisas contigo?
- Muito melhor. Já não me vou abaixo. Acredites ou não, o Julian está a transformar-se num ser humano e o Alex é simplesmente divino.

270

É um rapazinho doce, doce, muito diferente do Julian... oh, ele também era doce quando tinha seis meses, mas olhando para trás consigo ver a sementezinha de advogado de defesa do Julian. Era a maneira como olhava para mim... a tirar-me as medidas. O Alex baba-se.

- Baba-se?
- Rios de baba.
- Nunca tinha reparado - disse Carmine, surpreendido.
- Porque não tens seios, papá. O Alex é muito mais como tu do que o Julian. Adora a sua comidinha, lá isso adora.
- Não ser do tipo advogado de defesa é de facto um bom presságio!

Julian irrompeu pela sala, de braços abertos, e aterrou no colo de Carmine.

- Papá, papá!
- Olá, capitão. Como vai o submarino hoje?
- Oh, esse! Agora ando no Oeste Selvagem, papá.

- com o Buffalo Bill e o Wild Bill Hickock, hem? - perguntou Carmine, esmiifrando os miolos em busca de heróis do Oeste Selvagem que não fossem famosos por matar pessoas, bem consciente da presença de Desdémona.

- Não, eu sou o Julian Delmonico e junto o gado no meu cavalo mais depressa do que toda a gente no trilho de Chisum!

Prunella exibiu um grande livro.

- É difícil encontrar um livro que não esteja cheio de tiros e mortos, capitão, mas eu tento. - A sua voz tomou um tom de comando.

- Horas de ir para a cama, senhor Delmonico! Eu sou o dono da manada e tu não passas de um cowboy, portanto cavalga já lá para cima!

Os beijos de boas-noites de Julian foram inteiramente obedientes; deixou escapar um guincho ensurdecador.

- Lá vou eu no meu cavalo a juntar o gado!

- Vivemos num país selvagem com um passado selvagem - disse Carmine a Desdémona quando se viram sozinhos. - Ele é meio calabrês e vocês, ingleses, nem sempre foram pacíficos. Até tiveram uma guerra civil. Sei que achas a perspectiva de educar dois filhos nos Estados Unidos aterradora... é por isso que andas deprimida?

271

O rosto dela, sempre bastante sério, tornou-se ainda mais severo, como acontecia sempre quando Desdémona estava infeliz; os seus olhos de um azul-pálido mostravam-se lacrimajantes.

- Não, acho que não - disse ela. - A sério que não, Carmine. NO fim de contas, tu representas a ordem pública.

Ele aproximou-se da sua cadeira e espremeu-se para se sentar junto dela, com um braço a envolver-lhe os ombros.

- E mesmo assim tiveste de te livrar sozinha de situações perigosas por duas vezes - disse ele com um nó na garganta. - Minha bela dama, essa é uma parte da

ordem pública. Estamos casados há quase três anos e não consigo viver sem ti. Lembra-te disso de cada vez que ficas triste.

- O problema é esse - disse ela. - É que eu lembro-me disso. Endireitando-se, Carmine voltou-lhe a cabeça para que pudesse

ver-lhe o rosto.

- Quer isso dizer que já pensaste em deixar-me?

- Não, claro que não, tolo! A questão é que me preocupo contigo e com o teu trabalho, acho que é isso. Tens razão, vivemos num país selvagem. É... é a mania das armas! Até tiveste de me ensinar a disparar, lembras-te?

- Isso foi apenas bom senso, Desdémona, mais nada. As hipóteses são infinitamente escassas, é verdade, mas prefiro assegurar-me a arrepender-me depois.

- Não vou conseguir afastar o Julian de armas por muito mais tempo, pois não? - Parecia desolada.

- Receio bem que não, quando ele brinca com Ceruttis e Balduccis. Mas também não podes proibi-lo de brincar com os outros miúdos. Isso iria isolá-lo. E não me digas que os miúdos ingleses não brincam com pistolas a fingir. Claro que brincam! A violência está entranhada.

- Pois sim, mas quantos miúdos encontram criminosos no seu quintal?

- Estás a ser injusta. Nem americanos nem ingleses.

- Exceto quando o pai é um polícia americano.

- Nem mesmo assim. Isso foi apenas um capricho do destino. Ela levantou-se e dirigiu-se para a cozinha; Carmine não cometeu

o erro de a seguir e apalpar o seu corpo digno de adulação.

meu trabalho!”

Quando todos os resultados daquelas eleições bem renhidas foram conhecidos, Richard Nixon era presidente e Hubert Humphrey saíra derrotado.

- O problema é o nome do Humphrey - queixou-se Nick, um democrata ferrenho. - Hubert! A moral da história não é tanto: não

o batizem com um nome desses porque assim ele não conseguirá a nomeação democrata, é mesmo porque assim ele não conseguirá ser eleito quando o rival se chama Richard.

- Pelo menos, o Connecticut votou nos democratas - disse Delia.

- E tudo isso já pertence ao passado - disse Carmine. - Aquilo que nos interessa agora é que a investigação sobre o Dodó se encontra num atoleiro.

Parecera pouco provável que a nova faceta da aparência do Dodó não iria dar em nada, mas era exatamente isso que estava a acontecer.

- Não temos mais sítios onde ir nem local por vasculhar - disse ele à equipa, reunida na segunda-feira, 11 de novembro. - É um caso puramente local, que diz respeito apenas a Carew, já que nunca houve nada fora de Carew que trouxesse algum esclarecimento. O Dodó, os Cavalheiros Vigilantes e as vítimas concentram-se todos em Carew. A última data escolhida foi o dia das eleições, o que à primeira vista parece ser ideal, e ele também pensou assim. O seu desaire lança-nos na confusão... irá ele agora ajustar a sua agenda? O padrão que seguiu em relação às datas foi com intervalos de três semanas, mas irá ele esperar três semanas, o que calha a vinte e seis de novembro, ou encurtar para duas semanas, dezanove de novembro, ou até uma semana, ou seja, amanhã? Se for amanhã, estamos sem sorte nenhuma, pessoal. O capitão Vasquez não será recetivo tão cedo a saturar Carew de agentes depois de um falhanço do Dodó, e não tenho a certeza se devemos pedir-lhe isso seja qual for a data, incluindo o dia vinte e seis. Podemos estabelecer definitivamente que este tipo tem uma lista de vítimas que não se esgotará tão cedo e, por aquilo que aconteceu no

273

dia das eleições, acho que podemos perfeitamente supor que ele tem uma lista de planos alternativos tão longa quanto a das suas vítimas. Se fosse possível

apanhá-lo enchendo a área com polícias, já teríamos sido bem-sucedidos. O seu plano de contingência era melhor do que o nosso. Escapou-nos. Foi humilhante.

- Talvez devêssemos considerar mais a necessidade que ele terá de aliviar a tensão, não? - perguntou Nick.

- Sim, esse é um elemento - disse Carmine quando mais ninguém respondeu. - Não ter chegado sequer aos preliminares com a Catherine deve causar-lhe uma enorme frustração. Mas penso que o Dodó é demasiado frio para esse tipo de reação. Acho mais provável que se feche na sua concha e não tente nada durante meses, levando-nos a crer que passou a atuar noutro estado, nalguma localidade semelhante a Carew.

- Não, Carmine, ele não fará isso - disse Nick.

- Porquê?

- Porque Carew é o seu lar. Vive lá há muito tempo. Basta uma mulher permanecer em Carew durante algumas semanas que ele passa a conhecer-lhe o rosto, tal como conhece todos os rostos femininos da cidade. Isto não significa que eu ache que qualquer mulher que não tenha estado numa festa do Sugarman esteja em perigo. É aí que ele as escolhe. Mas não irá fechar-se na sua concha... porque Carew é a sua concha. O impulso é demasiado forte para meses de inércia. Ele irá à procura de uma nova vítima, provavelmente com as três semanas de intervalo... a vinte e seis de novembro.

- Será que podemos arranjar-lhe uma vítima? - perguntou Helen. - Eu vivo em Carew e estou disposta a servir de isco.

- Obrigado pela oferta - disse Carmine -, mas o Dodó trabalha exclusivamente com a sua própria lista. Já abordámos esse assunto, lembra-se?

- E que tal tentarmos encontrar as vítimas em vez de o procurarmos a ele? - perguntou Delia. - Temos de tentar, Carmine!

- É um grupo demasiado grande, não há nada a fazer. Ele prefere mulheres com uma profissão, que levam uma vida decente, mas que não são celibatárias - disse Nick quando Carmine não respondeu. Origens étnicas, religião, aspeto físico, são todos diferentes, Delia. A lista é infindável.

- Bem, deixemos o Dodó em lume brando, por enquanto - disse Carmine. - Pelo que diz o Corey, os tipos da Brigada Negra andam irrequietos e o caso das armas na Taft High é o pomo da discórdia entre ele e o Buzz. Ele diz que já não há mais armas na escola, o Buzz pensa que ainda pode haver. Ênfase no “pode haver”. O Abe e a equipa dele vão ser destacados para funções de rotina. Nick e Delia, vocês vão ter com o Corey. A questão mais importante a investigar é o esconderijo das armas... existe ou não?

- O Corey tem bons contactos entre os tipos da Brigada Negra

- disse Nick. - Porque é que o Buzz não concorda com ele?

- Pelos vistos, depende de haver ou não uma facção da Brigada Negra a operar na Taft High - disse Carmine. - Pode existir um grupo dissidente sem que o grupo original tenha conhecimento disso, dado o secretismo do Mohammed. Ele era partidário de uma intervenção mais ativa há uns anos, mas nunca se inclinou para a violência pela violência. Sei que alguns dos membros da Brigada Negra ficam irritados com aquilo que consideram como indolência por parte do Mohammed, se não mesmo timidez. Quando o confronto em torno do Wesley lê Clerc não chegou a lado nenhum, de certo modo o Mohammed bateu em retirada. Por isso é que não seria nada de espantar que houvesse um grupo dissidente em formação.

- Pensas que está a atuar na escola? - perguntou Delia, fazendo uma careta.

- Não sei. Ajuda o Corey e o Buzz a descobrirem.

Carmine usava as suas calças do uniforme; do seu armário saiu então o casaco com galões prateados.

- Tenho de sair e já não volto hoje - disse.

- O que quer que eu faça, capitão? - perguntou Helen.

- Reveja mais uma vez os depoimentos das vítimas, começando pela Shirley, e veja se consegue encontrar alguns factos novos ou pontos em comum que

tenhamos ignorado. - De casaco vestido, passou um dedo pelo colarinho. - Como eu odeio este colarinho! Tudo o que pode fazer, Helen, é ler. Se se aborrecer, leia um dos seus blocos de notas. - Deixou o gabinete.

- Ele fica esplêndido no seu uniforme... o meu coração até pula

- disse Delia, suspirando.

275

Obrigadinho! - disse Corey com uma rosnadela quando Carmine entrou no seu gabinete dois dias depois.

- Desculpa?

Corey brandiu uma folha de papel de um lado para o outro debaixo do nariz de Carmine.

- Isto! Traíste-me. Não tinhas concordado em deixar o assunto do impresso 1313 entre nós?

- O que te fez pensar isso? - perguntou Carmine, surpreendido.

- Quando falámos há uns dias, pensei que tínhamos concordado que a questão do impresso 1313 tinha vindo à baila por tua própria vontade, de maneira a descobrires qual era a minha opinião sobre o Morty. E eu dissete! Ele não revelava quaisquer sintomas de depressão ou de tendências suicidas, razão por que me recusei a enviar o impresso. No fim de contas, foi concebido para que um superior hierárquico na cadeia de comando não possa conspirar contra qualquer agente... duas assinaturas, dois depoimentos!

- Enquanto não me disseres onde queres chegar, Corey, não sei que te diga.

O papel foi novamente agitado no ar.

- Quem me dera poder dizer que isto é uma carta de louvor disse Corey, tremendo de raiva -, mas não é. É uma repreensão escrita!

- A sua voz imitou o tom com que o juiz Thwaites proferia uma sentença sobre alguém que considerasse desprezível. - Tenente Marshall, não pode deixar que

mais ninguém sob o seu comando se suicide, ouviu? Desta vez, fica só com um aviso, mas, se isto acontecer novamente, toda a jurisprudência em peso lhe cairá em cima! - Deixou cair a carta. - Uma repreensão! A mim!

- Nenhum aspeto da morte do Morty deveria ser objeto de sarcasmo, especialmente se escolhes o juiz Thwaites. O inquérito não foi conduzido por nenhum funcionário público de Holloman, o que deveria levar-te a pensar que as conclusões são imparciais - disse Carmine.

Corey fez um sorriso escarninho.

- Oh, sim, com certeza!

- Continuo sem perceber onde queres chegar, Corey.

276

“Ele que o diga alto e bom som, não deixes que ele se refreie e se ponha a ruminar no assunto.”

- Tu e o Silvestri têm mais descaramento do que qualquer outro polícia em todo o Connecticut, incluindo os agentes estaduais. Fizem tudo para que eu fosse repreendido, tu e o primo Silvestri. Tudo o que tiveste de fazer foi pegar no telefone e pedir uns quantos favores.

- Meu Deus, Corey, como podes ser tão paranóico? Este inquérito foi à morte do Morty Jones, não a qualquer alegada negligência da tua parte ou de seja quem for - disse Carmine, aturdido. - E tens razão quanto ao impresso 1313... terá sido considerado e descartado por aquilo que é: o direito de dois oficiais superiores discordarem. O que fez o júri ficar alerta foi a tua própria conduta, Corey. Fartaste-te de arengar-lhes sobre a tua inocência.

- Tu e o Silvestri aniquilaram qualquer hipótese de eu ser ilibado

- interrompeu Corey.

Carmine olhou-o, estupefacto.

- Ilibado? Que palavra foste escolher! Ninguém anda a perseguir-te, Corey, e não estavas a ser julgado. Mas comportaste-te como se estivesses e é por isso que

levaste uma repreensão. O júri ficou convencido de que pelo menos parte do fumo deu origem a um fogo. Tu falaste durante uma boa meia hora não sobre o Morty Jones, mas sobre ti próprio, as exigências do teu cargo, a forma como eu, e em última instância o Silvestri, dificultava o teu trabalho. Andaste a dar ouvidos à Maureen? Andaste? Estou certo de que dentro de casa ela é uma esposa admirável, mas não percebe nada de conduta policial. Sempre que ela mete o bedelho, quem se mete em sarilhos és tu. E desde que te tornaste tenente ela vai ficando pior, Cor. Muito pior! Como aquela parvoíce de eu favorecer o Abe Goldberg... quase podia ouvir a Maureen a dizê-la.

- Não metas a minha mulher ao barulho - disse Corey com agressividade. - Diz o roto ao nu... correm por aí boatos de que a tua mulher é um caso perdido. Estás apenas a sacudir a água do capote.

- A minha mulher está doente - disse Carmine, tentando conservar a calma. - Além disso, ela não tenta interferir nos meus assuntos de polícia. Já o mesmo não posso dizer acerca da Maureen. E se eu consigo ver isso, Cor, toda a gente consegue. Incluindo o primo Silvestri. Diz-lhe que não se intrometa.

277

- Ela apenas vela pelos meus interesses - disse Corey resolutamente.

Mereceste ser repreendido - disse Carmine, pensando: “Oh,

É uma causa perdida!” - O Morty precisava de ajuda e tu recusaste-te a ver isso. Eu sei porquê. Exatamente pela mesma razão por que não te esforças por escrever um bom relatório... dá muito trabalho. Ninguém te despromoveu. A repreensão constará na tua folha de serviço, e é uma pena, mas isso só teria alguma importância se pretendesses seguir carreira noutro sítio...

Fez-se luz. “Merda, Carmine, meu grande parvo! A Maureen tinha feito planos para seguir em frente e subir na hierarquia, ou seja, fora de Holloman e fora do Departamento de Polícia de Holloman. E agora isso já não pode acontecer. O Corey estragou-lhe os planos. Não eu nem o Silvestri. O Corey. E ela sempre soube disso, mas deu-lhe o conselho errado... arengar ao júri do inquérito.”

- Se querias protestar a tua inocência, Corey, devias ter assumido alguma parte da culpa. Diz à Maureen que ninguém é perfeito.

Corey engoliu em seco.

- Porque estás aqui, Carmine?

- Vim aqui para saber porque é que não estás a utilizar dois detetives inteligentes e com larga experiência como a Delia Carstairs e o Nick Jefferson - disse Carmine. - Estão aqui há dois dias e tu nem te deste ao trabalho de os ver, quanto mais dar-lhes instruções. O que se passa?

- Não, não os vi nem os utilizei - disse Corey, crescendo de indignação. - Apareceram aqui sem mais nem menos e não recebi nenhuma ordem escrita da tua parte... qualquer tipo de comunicação, nem um telefonema. Segundo o capitão Vasquez - exibiu uma grossa brochura -, eu podia ser processado se algum deles ficasse ferido em serviço. Caramba! O que se passa hoje em dia com este sítio?

- Espanta-me que leias coisas chatas como essa - disse Carmine, muito sério. - Uma das desvantagens de um posto de chefia, podes dizer isso à Maureen, é uma quantidade esmagadora de papelada que não pode ser evitada ou adiada, juntamente com um desencorajador número de conferências e reuniões que na prática não chegam a nada. Além disso, se essa chefia for no Departamento de Polícia de

278

Holloman, inclui um casaco do uniforme cujo colarinho é pior do que uma guilhotina. No meio da atual enxurrada de deveres que pouca coisa têm que ver com os Detetives, não me lembrei do papel específico que te notificava acerca da Carstairs e do Jefferson, os quais, para efeitos de papelada, são ambos homens. Agora, tenente, são teus homens para os utilizares como bem entenderes.

- A Carstairs é uma mulher! - protestou Corey.

- O papel tem sexo? Se calhar, devíamos tratá-los como coisas.

- És um gajo muito sarcástico, Carmine.

- Pois sou. E se de facto pensas que a minha perícia em espetar-te um punhal entre as costelas é assim tão formidável, Corey, então quase seis anos de colaboração estreita comigo deveriam ser suficientes para saberes como é

horrível quando eu rodo o punhal dentro da ferida. E a primeira rotação é a seguinte: vê se pões a tua mulher no seu devido lugar.

- Carmine, sabes bem que os assuntos matrimoniais não podem ser tema de discussão.

- Devia saber, já que fui eu que impus esse regulamento. Infelizmente, as regras por vezes têm de ser quebradas. Devias perguntar quando, não porquê... tu sabes porquê. E o quando é agora, porque essa pessoa que é vital para o teu bem-estar, a tua mulher, quis tratar de assuntos da polícia que só a ti dizem respeito, e agora pôs uma mancha negra na tua carreira que, caso contrário, não teria ocorrido. Quem trouxe para esta conversa a Maureen foi ela própria, conversa aliás muito desagradável, a meu ver. E não tenho mais nada a dizer sobre ela, excetuando a sua interferência em assuntos da polícia, que tem de parar. Não vês isso?

- Então, porque é que nunca falaste com o Morty acerca da mulher dele?

- Ora, Corey! A Ava não era problema meu.

- Também a Maureen não é.

- É, quando lança a discórdia no interior da minha divisão.

- Mas ela não faz isso. Estás a imaginar coisas.

- Pois sim, não se fala mais no assunto. Foste avisado e ela também. - Carmine inclinou-se para a frente, impondo-se. - Se não melhorares a tua atitude, haverá outras repreensões. Tens de aprender

279

aquilo que quase um ano de chefia ainda não te ensinou... como ser um bom tenente. És desleixado e desatento, coisa que não costumavas ser no passado. Não sei até que ponto a tua aparente eficiência quando estavas na minha equipa se devia ao encobrimento do Abe Goldberg, mas agora vê lá se atinas, ouviste? Aproxima-se um inverno ameno e isso significa problemas.

Não podes ser assim tão ingénuo para acreditares que ainda há

armas escondidas na Taft High, Carmine. O Genovese passou por cima de mim?

Se passou, hei de crucificá-lo!

- Ninguém passou por cima de ti, mas só pelo facto de perguntares isso acabas de revelar um dos teus defeitos, ou seja, que não confias num homem a partir do momento em que a sua opinião entra em conflito com a tua. É saudável que haja opiniões divergentes, Corey, indica que os teus homens pensam pela sua própria cabeça. Não tem nada que ver com confiança. O Buzz Genovese é um detetive novo, precisa que o orientem, não que trocem dele. Ou és a favor do sistema de estagiários e de mais Helens Macintosh?

Corey mostrou-se horrorizado.

- A maneira antiga é a melhor maneira!

- Então, não deites tudo a perder. Faça o que fizeres, não deites tudo a perder.

Delia esperava à porta do gabinete de Corey, que Carmine fechara ao sair. Ele olhou para Delia surpreendido.

- Que se passa? O Corey não está a tratar-te como deve ser?

- Se ser ignorada for incorreto, então, não, não está. Mas haveria alguma maneira de o Corey dispensar os meus dotes excepcionais? perguntou ela.

- Dá-me uma boa razão e eu liberto-te.

- A Helen.

Ele franziu o sobrolho e perpassou no seu olhar alguma coisa que Delia não conseguiu identificar, a não ser que ele se preocupava com Helen.

- Desenvolve.

- Ela é uma boa rapariga, mas é mais nova e inexperiente do que quer admitir. Imagino que seja por ter crescido num ambiente familiar

280

daqueles: montes de sucesso, dinheiro, poder... e ego. Reparei que já a censuraste várias vezes pela sua arrogância e insensibilidade, e concordo, porque

ela tem muito das duas coisas. É só que... - as suas longas unhas vermelhas agitaram-se como as pontas das asas de uma borboleta cor de carne - ... sinto picadas nos polegares, como diria o Bardo. Por favor, deixa-me ficar com ela!

“Demasiado dinheiro, demasiada beleza, demasiado cedo...”

- Compreendo. Bem, tu e a Desdémona já me deram na cabeça por causa das vítimas de violação; portanto, quem sou eu para ignorar avisos vindos diretamente de Deus? Se pensas que ela pode inadvertidamente causar sarilhos, Delia, então fica com ela à vontade. Se o Corey refilar, encaminha-o para mim.

A boca vermelho-berrante iluminou-se com um sorriso aberto, revelando que os dentes de Delia também usavam batom; com um beliscão no braço dele, afastou-se, com os seus sapatos a ressoarem pelas escadas acima.

Encontrou Helen rodeada de pastas de arquivo, com uma expressão no rosto que Delia classificou no seu íntimo como “expressão à Joana d’Arc”; rosto que se ergueu para ver quem tinha entrado, visionário, beatificado.

- Oh, Delia! Pensei que ias trabalhar com o Corey - disse Helen, enquanto Joana d’Arc era substituída pela Branca de Neve, engasgada com uma maçã.

- O chefe mudou de ideias - disse Delia sem artifícios, puxando de uma cadeira e sentando-se.

- E eu que pensei que ele finalmente confiava em mim!

- Ele confia em ti, Helen. Tenta descer desse teu pedestal de menina hipersensível e recuar um pouco para veres todo o panorama, acho que é essa a expressão. Não, deixa-me pôr as coisas de outra maneira. Tu interpretas as ações e ordens do capitão Delmonico como se fossem incondicionalmente dirigidas a ti, mas isso está errado. Ele atua e dá ordens com o objetivo de obter o máximo de resultados provenientes de cada um dos membros da sua equipa, seja qual for a sua patente. Se te disse para trabalhares nos depoimentos mais antigos das vítimas de violação e se me disse a mim que me juntasse a ti, é porque percebeu que alguma coisa há de aparecer que exigirá mais do que um par de mãos.

281

- Mas o quê?

Temos de descobrir, com certeza que por esta altura já me conheces o suficiente para saberes que, se o mérito da descoberta for teu eu de boa vontade to concedo. Não sou ambiciosa.

“Mas tu és, Helen. Incomoda-te não estares na ribalta, até os teus olhos endureceram. Ambição! Tanta ambição!”

Mantendo um tom neutro, Delia começou a contar-lhe a história do Fantasma que raptara raparigas adolescentes, as torturara e violara e que depois as tinha assassinado. Era um caso famoso e que Delia esmiuçou com mais pormenor do que qualquer dos relatórios arquivados fizera.

- O que estás a dizer-me é que o raio não cai no mesmo sítio duas vezes - comentou Helen no fim. - Percebo onde queres chegar. - Encolheu os ombros e sorriu. - Muito bem, tens então alguma sugestão?

- Tenho. Vamos sair. No meu Buick ou no teu Lamborghini?

- Ficas muito ofendida se for no meu Lamborghini e ser eu a conduzir?

- Credo, não, rapariga! Aqueles cavalos todos são uma graça.

- Onde vamos?

- Vamos a casa do Mark Sugarman, com todos os desenhos do Dodó de que dispomos.

Ele não ficou aborrecido quando as viu. Apenas resignado.

- Espero que se tenham apercebido de que esta é a minha nona entrevista...

- Credo, não! - exclamou Helen, que se afeiçoara à expressão de Delia. - Na verdade, isto não é uma entrevista, é mais um pedido de colaboração.

Tinham concordado no carro que seria Helen a tomar a iniciativa; ela usou a grande mesa branca de Mark para espalhar os desenhos.

- O artista da polícia fez estes desenhos, mas ele não chega sequer aos seus calcanhares e nós precisamos de mais desenhos. Quer fazê-los?

Ele estava apaixonado por Leonie Coustain, mas quem conseguia resistir àqueles olhos maravilhosos quando eles suplicavam? Mark Sugarman ficou ligeiramente inchado.

- Sou barro nas vossas mãos - disse ele com uma risada. -

Sim, faço-os.

- Agora? - pediu ela num tom adulator.

- Sim, agora. - Dirigiu-se para as prateleiras onde pegou num bloco de rascunhos de papel grosso, depois encheu um frasco vazio com lápis.

- Estou pronto. A partir daqui, terão de me orientar.

Helen olhou para os desenhos e encontrou um, com o rosto completo, que mostrava um homem de cabelo escuro, olhos escuros e um nariz aquilino.

- Primeiro, este - disse ela, desapontada quando Mark pegou nele e o levou para a sua prancha de desenho onde o prendeu com um pionés no canto esquerdo; depois, arrancou uma folha do bloco e fixou-a no centro da prancha com algo que parecia ser plasticina.

- Oh, assim não consigo ver, a não ser que afaste uma das suas mesas.

- Proíbo-a de fazer isso. Sente-se ali, junto ao bar. Ficaré o mais perto que consigo tolerar. Quer uma cópia mais bem desenhada?

- Não, quero que trabalhe com a estrutura óssea deste rosto e que vá fazendo o que eu disser.

- Por si, Helen, isso não é difícil. Diga lá.

- Faça o nariz mais direito e estreito, a boca mais curta mas de lábios cheios e as sobrancelhas mais arqueadas - disse ela. - Ele precisa de ficar com menos uns dez quilos, não sei o que pode fazer isso a um rosto, e o tom de pele deve ser mais para o claro.

Fez-se silêncio. As duas mulheres olhavam, fascinadas, enquanto um rosto novo tomava forma logo abaixo daquele outro fixo no canto superior esquerdo. Mark continuou a trabalhar, aparentemente absorto, até que suspirou, espreguiçou-se e voltou-se no banco para as encarar.

- Então? Era isto que queria?

283

Era difícil acreditar que aquele desenho se baseara no outro; a versão de Mark era mais bonita, num estilo hollywoodesco, mas continuava a não se parecer com alguém que conhecessem.

Merda - disse ela -, tinha a certeza de que iria reconhecê-lo!

Mark virara-se de novo para a prancha de desenho e estudava o seu trabalho de sobrolho franzido, concentrado.

- Sabem uma coisa, meninas? Tenho a certeza absoluta de que já vi este tipo algures - disse ele. Olhou durante mais uns minutos, mas por fim suspirou, derrotado. - Desisto! Não consigo localizá-lo.

Helen pegou noutro desenho, este de um homem mais louro e mais gordo.

- Importa-se de fazer o mesmo com este?

- Claro que não. Se ajudar, pelo menos ficarei com a sensação de que fiz alguma coisa pela Leonie.

Este progrediu mais rapidamente, como se os lápis, todos afiados, conhecessem infalivelmente o caminho que deviam percorrer pelo papel em branco. No fim, ficaram os três a olhar, embasbacados.

- É o mesmo homem! - exclamou Helen.

- Sem dúvida - concordou Delia.

- E eu não consigo rebuscar mais a minha memória, meninas. Eu conheço-o, sei que o conheço! Mas de onde?

- Alguma festa? - sugeriu Helen.

- Pode ser, embora não o consiga identificar com um nome, e todo o homem que estiver numa festa do Sugarman é um amigo, não um mero conhecido.

- O homem misterioso que conversa pelos cantos com as vítimas?

- Será o...? - Mark abanou a cabeça. - Não. Não deixa de ser parecido, mas também não é parecido.

- Está bem, vejamos os Cavalheiros Vigilantes... os mais bem-parecidos - disse Helen. - Desculpa não poderes ajudar, Delia, mas, se não te importares de ficar aí sentada, acho que eu e o Mark devemos fazer isto.

- Mas eu posso ajudar - disse Delia, baixando-se para alcançar a sua enorme pasta. - Trouxe comigo os Cavalheiros mais relevantes sob a forma de fotografias. - Chocalhou a caixa como um cão com

284

uma almofada nos dentes; caíram fotografias em cascata. - Será melhor fazer isto a três, porque a ideia de beleza das pessoas diverge muito.

Por uns momentos, Delia pensou que Helen desatasse numa das suas birras, mas o bom senso prevaleceu; ela riu-se.

- Tens toda a razão, Delia! Estou mortinha por ver a tua ideia de beleza!

Depois de uma meia hora passada agradavelmente, Mark admirou mais as escolhas de Delia do que as de Helen; uma vez que ele se encontrava nas listas das duas mulheres, não o podiam acusar de não ser imparcial.

- As vossas escolhas são todos modelos masculinos - tentou ele explicar a uma Helen encolerizada. - Não dão espaço para subtilezas como o charme ou a amabilidade. Para mim, essas coisas iluminam de beleza um rosto, seja de homem ou de mulher. Concordo que o Kurt von Fahlendorf é muito bem-parecido, mas o rosto dele é como o de Narciso... sem carácter.

- Como pode dizer uma coisa dessas, Mark? - perguntou Helen agressivamente. - A Delia também o escolheu... e você também! Agora, dizer que ele não tem

carácter... oh, é ridículo! Muito provavelmente, um dia destes irá ganhar o Prémio Nobel, mas mesmo assim os seus colegas adoram-no! Geralmente, odeiam os vencedores do prémio. Se você o visse com a irmã e a mãe!...

- Não era isso que eu queria dizer. E estou de acordo que ele tem de fazer parte de todas as listas de homens bonitos. A questão é que não se encontra no topo da minha lista, nem na lista da Delia. Concorro consigo, Delia. O Mason Novak sem qualquer dúvida, seguido do Arnie Hedberg e do Mike Dunston. O Bill Mitski primeiro que o Kurt. E também ponho no topo o Greg Pendleton.

- Ora, vá dar uma volta! - exclamou Helen, mal-humorada.

- Não preciso, Helen. Nenhum dos Cavalheiros é o meu homem misterioso.

- Merda, merda ao cubo! - disse Helen.

- Temos de ir, querida. - Delia virou-se para Mark e estendeu-lhe uma mão, sorrindo. - Muito obrigada pela sua paciência, Mark. Hum... podemos levar os seus desenhos?

285

- Ora, será melhor queimarem-nos! - escarneceu Helen, e desapareceu.

Ela tem sido muito mimada - disse Mark, pegando na pasta

de Delia e cambaleando. - Arre, isto pesa uma tonelada! É engraçado continuou ele enquanto esperavam o elevador -, mas, algumas semanas depois de se juntar à polícia de Holloman, ela tornou-se marcadamente mais simpática. Comecei até a pensar que afinal teria os predicados necessários a uma mulher maravilhosa.

- E ainda tem. - Delia entrou, com Mark atrás. - Atribuo a recaída dela ao desapontamento por não ter brilhado tanto como o Sol ao fim de um certo período de tempo que ela estabeleceu como meta. Nunca pensou que o seu estatuto de subalterna durasse tanto tempo. Está connosco há dez semanas e acho que já atingiu o limite.

Mark enfiou a pasta na bagageira do lamborghini e observou-as enquanto se afastavam.

- Coitada da Helen! - disse ele, regressando para o interior das Talisman Towers.

Mason Novak ia a sair.

- Vejam só quem eu fui encontrar! Que tal irmos almoçar?

- Sendo tu o primeiro de duas listas “Quem é o mais bonito?”, Mason, como poderia um mero décimo primeiro lugar da lista recusar um convite teu?

- O quê?

- Espera que eu vá buscar um casaco, que já te conto durante o almoço. É uma história deliciosa. Onde vamos?

- Caro ou barato?

- Vamos ao Sea Foam, e a conta pago eu - disse Mark. - com uma história tão boa como a minha, não precisamos de ouvidos indesejados.

Mason escutou, extasiado, explodindo depois em gargalhadas.

- Meu Deus! Nem sei se hei de ficar estarrecido de alegria ou de medo.

- Nem de uma coisa nem de outra - disse Mark lealmente.

- Penso que tudo depende de a Helen Macintosh gostar de mim ou não, não achas?

- Ela gosta de ti, mas é o Kurt quem ela tem debaixo de olho.

286

- Coitado do Kurt! - disse Mason, num tom genuinamente compadecido. - Eu não gostaria nada de ser o primeiro de qualquer lista da Helen Macintosh, fosse por ser bonito ou por ser indicado para marido. Achas que o Kurt preenche os requisitos para esses dois cargos?

- Não faço ideia, e sabes que mais?

- O quê?

- Também não vou perguntar.

“Odeio este ano!”, pensou Carmine à medida que se esfalfava escadas acima em direção ao seu gabinete. “Entre o Fernando Vasquez, o M. M., o John Silvestri e as minhas próprias limitações, não tenho andado no terreno tanto quanto gostaria, nem nada que se pareça. A Delia e o Nick não têm problemas com isso, o que não me serve de consolo. Continuo a ter repentes de inspiração que não levam a lado nenhum, um dos meus tenentes está num estado de rebelião sub-reptícia e tenho um violador assassino à solta depois de nove meses. Já para não falar num ursinho de vidro que é uma peça de museu e um vândalo que parece ter-se evaporado. A minha mulher está a afastar-se de mim, para um mundo ideal onde pode ver os filhos crescerem livres da influência da violência, não vejo a minha filha mais velha desde que ela entrou para a Paracelsus, e o Myron não diz nada.

- Que fiz eu de errado? - perguntou ele a Patrick O'Donnell mais tarde.

Os olhos azuis deste piscaram.

- Nada, primo, nada. Apenas chegaste a uma zona de calmaria, é tudo. Enquanto o vento não enfunar de novo as tuas velas, só tens de te sentar e aquietar.

- Não me importaria nada, só que há qualquer coisa que me escapa, Patsy. De cada vez que julgo ter ferrado os dentes no Dodó, surge uma distração... o Vasquez com um esquema novo qualquer, ou o John que ainda precisa de mais um relatório, ou, ou, ou! - exclamou Carmine com ardor.

- Sei qual é a sensação. Agora que tenho cinquenta e sete, o John quer saber se vou reformar-me aos sessenta ou aos sessenta e cinco...

287

como é que vou saber isso agora? Depende muito da Ness, de ela se reformar aos sessenta ou não. Temos a mesma idade, os filhos estão criados e por sua conta... o trabalho ocupa toda a nossa vida, que raio! Carmine sabia que a decisão do primo dependia em última instância de ele sentir ou não que o império que construía tinha alicerces fortes. Quando começara como médico-legista, o Departamento de Medicina Legal na prática não existia; agora ocupava mais superfície das instalações e pessoal do que a Necrologia, e também mais do seu tempo. E o departamento continuava a expandir-se à medida que eram feitas

novas descobertas. Estaria Patsy bem preparado para elas? Não seria melhor os sessenta e cinco?

- Como está a Desdémona? - perguntou Patrick.

- A recuperar da depressão, mas agora arranjou outro fantasma... filhos e armas - disse Carmine.

- Ah, esse fantasma! Talvez a devesse encaminhar para a Ness. As escolas primárias também têm a sua dose de preocupações por causa de armas, mas as coisas têm de ser postas em perspetiva. Também existe uma grande diferença cultural.

- Isso sei eu! Mas na verdade o que me mói o juízo não é tanto a Desdémona, mas os meus detetives. Quando um homem enfia um balázio na boca, isso é o culminar de uma série de problemas que ninguém devia ter permitido que chegassem tão longe. Ou com consequências tão gravosas! Qualquer tolo vê isso, mas o Corey recusa-se a ver... e ele não é nenhum tolo! Parece que não vê o que está debaixo do nariz dele em letras de um palmo.

Patrick abriu a gaveta de um arquivador e tirou de lá uma garrafa cheia: as provetas de 200 ml davam excelentes copos, havia um garrafão de água destilada e todos os laboratórios dispunham de uma máquina de gelo.

- O Sol já se pôs há muito no horizonte e o John não manda aqui. Andas com esse uniforme há dias, portanto não digas que não.

- Colocou uma proveta tilintante na mão de Carmine.

- Longe de mim tal ideia. Saúde!

- Saúde! O problema com o Corey, primo, é que não podes remover o cancro que o corrói... Maureen, a cobra, Maureen, o escorpião. Ouvi dizer que foi repreendido.

288

- Os boatos não mentem. Infelizmente, a Maureen andava a planear uma promoção para o posto de capitão em qualquer sítio que não fosse Holloman. Pois agora a repreensão anula qualquer esperança de que isso aconteça, o que é

bom para o Corey.

- Concorde. Ele nunca se daria bem fora da sua cidade natal. Achas que anda a arranjar mais lenha para se queimar?

- Depende do lado que se escolher na guerra instalada na sua pequena equipa. O Buzz Genovese afirma que ainda há armas na Taft High, enquanto o Corey diz categoricamente o contrário. Dispensei-lhe o Nick Jefferson e a Delia, mas ele recusou-se a usá-los até eu o ter informado em pessoa. Pensa que os coloquei lá como espiões.

- Meu Deus, o homem está paranóico! Como se tu fizesses uma coisa dessas. És bem capaz de fazer o teu próprio trabalho sujo. Patrick pousou a sua proveta. - O Corey tem de se ir embora, Carmine, sabes isso. Ele anda a gerir apenas os seus interesses pessoais e vê-te como um inimigo.

- Eu sei, mas ainda não arranjei maneira de o fazer. Nem o comissário, o que é mais grave. Não podemos perder outro homem com um suicídio, mas há outras formas. O Corey não é capaz de tomar conta dos seus homens convenientemente.

- Falaste com o John acerca disto?

- Apenas de passagem.

- Então, está na altura de te sentares com o comissário e deitares tudo cá para fora, primo. Se houver solução, o John Silvestri há de encontrá-la.

- Não posso ter a certeza de como ele vai reagir, Patsy. Pode sair-se com alguma coisa demasiado brutal. O John é capaz de uma grande compaixão e compreensão, mas também é muito capaz de pôr a cabeça de um homem no cepo.

- Quando ele decapita, as circunstâncias são diferentes. O Corey é um veterano com dezassete anos de serviço que fez toda a sua carreira de polícia em Holloman. A compaixão e compreensão levarão a melhor. O John conhece bem a querida e doce Maureen, tal como todos nós. Que cabra maldosa!

- Suponho que tens razão. - Carmine esvaziou a sua proveta e ergueu-se. - Obrigado, Patsy. vou expor tudo ao John, tintim por tintim.

Atravessando o edifício, Carmine olhou para o relógio. Seis horas. Demasiado tarde para que Desdemona ainda pudesse salvar o jantar que preparara, mas suficientemente cedo para que pusesse parte dele no frigorífico. Odiava destruir o que ela fizera, mas tinha de fazer uma coisa que não podia esperar.

Como sempre, ela reagiu como a mulher de polícia perfeita.

- Não faz mal, meu amor - disse Desdémoma ao telefone -, era apenas um prato de carne assada. Eu e a Prunella comemos parte dela hoje à noite e com o resto amanhã faço uma empada. Que sabor preferes para a carne picada? Caril? Italiano? O velho molho inglês? Se for caril ou italiano, faço um risotto; se for à inglesa, acompanha com puré de batata.

- À inglesa - disse ele prontamente. - Como estão os miúdos?

- Que nem rebentos de feijões... quase consigo vê-los a crescer. Oh, espero bem que não dêem um pulo para os dois metros!

- Também eu, porque isso implica camas feitas à medida, colchões, lençóis, cobertores, ter atenção aos ombros descaídos e às costas curvadas...

- Para, Carmine! Podem herdar a altura de ti.

- Bem, nós não somos baixos. Eu tenho praticamente um metro e oitenta, o meu pai tinha um e oitenta e cinco, e os Cerutti ainda são mais altos do que os Delmonico. Quer gostes ou não, mulher, os nossos filhos hão de ser jogadores de basquetebol.

- Antes isso do que futebol americano! Por favor, acorda-me quando vieres para a cama.

E estava tudo dito. Telefonou para o Malvolio e foi atendido por Luigi.

- Nunca vais a casa, Luigi? - perguntou ele com uma súbita curiosidade.

- A minha casa é o Malvolio. De qualquer forma, vivo por cima.

- Meu Deus! Há quanto tempo nos conhecemos?

- Hum... desde 1950 ou por aí, Carmine.
- O que quer dizer que me levou dezoito anos para saber que vives por cima do restaurante. Tens família?

290

- Quatro rapazes, todos nas forças armadas.
- E a esposa?
- Fugiu com um marinheiro em 1944.
- Ou seja, criaste os miúdos sozinho.
- A família ajudou.
- Nem sequer sei qual é o teu apelido!
- Silvestri. Que posso fazer por si, capitão?
- Haverá por aí alguém que possa trazer-me uma dose de rolo de carne com pudim de atroz, mais ou menos dentro de uma hora, Luigi?
- com certeza. Tenho uns camarões suculentos, vai um cocktail?
- Porque não?

Foi buscar todos os ficheiros relevantes - alguns deles que só ele sentia serem relevantes - e pousou-os em cima da sua mesa. A única maneira de tentar resolver o caso de Didus ineptus era examiná-lo desde o princípio até ao presente na paz de um gabinete deserto. Depois de avaliar bem o número de ficheiros e a superfície da mesa, foi ao gabinete de Stella Pulaski e trouxe de lá duas mesas articuladas, guardadas atrás da porta. Depois de estarem armadas, concluiu que já dispunha de espaço suficiente e deu início à tarefa de distribuir os ficheiros, separados de maneira que o conteúdo de cada um pudesse ser espalhado em seu redor, se necessário. As últimas séries de entrevistas às vítimas que Delia e Helen tinham conduzido foram colocadas em cada uma das pilhas das vítimas.

Depois, procedeu à dissecação de cada ficheiro: relatórios das brigadas uniformizadas, relatórios de detetives, relatórios de testemunhas, relatórios das vítimas. Quando se deu por satisfeito e tudo estava organizado segundo as suas necessidades, Minnie chegou com o jantar, que foi posto sobre a sua secretária convencional, juntamente com um termos gigante do café de Luigi.

Sentou-se e comeu - Luigi tinha razão, os camarões eram mesmo suculentos - até limpar os pratos, que depois enviou de volta ao Malvolio ao cuidado de um polícia de serviço. com Danny Marciano, a coisa aconteceria muito naturalmente; com Fernando Vasquez, teve de preencher um impresso a explicar porque usara um agente uniformizado como criado pessoal. Meu Deus, como ele odiava aquela mentalidade burocrática! Um diabinho sussurrou-lhe ao ouvido que devia

291

preencher um impresso a explicar porque ordenara que um agente uniformizado lhe engraxasse os sapatos, mas ele afastou o pequeno mafarrico; estava demasiado ocupado para brincadeiras.

De barriga cheia, com a caneca de café a fumegar, Carmine começou a trabalhar.

Considerando que o primeiro indício da existência do Dodó surgira com a violação de Maggie Drummond, na terça-feira, 24 de setembro, e que estávamos a terça-feira, 19 de novembro, Carmine apercebeu-se de que até àquele momento nunca tivera tempo para estudar o caso desde o seu verdadeiro início, a 3 de março. Mas após esta noite as coisas iriam mudar e Carmine ficaria a saber tudo o que havia a saber sobre o Dodó. Mesmo enquanto trabalhava, incomodava-o que o Dodó pudesse mudar para o intervalo de duas semanas, o que significava que no dia seguinte teriam outra vítima e estaria morta. No entanto, analisando as coisas seriamente, não devia pensar isso: o Dodó até podia dizer a si próprio que os seus ataques não obedeciam a nenhum ciclo temporal, mas as três semanas batiam certo.

Shirley Constable, a primeira vítima, a 3 de março, um domingo. Um Dodó embrionário, ainda nem sequer batizado, já que ela ficara tão aterrorizada que não se lembrava de nenhum bilhete. Porém, na última entrevista, depois de algumas semanas de tratamento, Shirley disse a Liz Meyers que, definitivamente, o homem não era Mason Novak. O toque do Dodó era-lhe

estranho. Mercedes Mendes, dez semanas mais tarde, numa segunda-feira, 13 de maio. Mesmo depois de semanas de terapia, continuava a afirmar que não tinha namorado; a doutora Meyers deduziu algo sobre ela que completou o puzzle: Mercedes era lésbica. Leonie Coustain, violada na terça-feira, 25 de junho, o que fazia seis semanas depois de Mercedes. O Dodó começava a tomar a sua forma final, ganhando confiança. Daí em diante, os intervalos foram sempre aproximadamente de três semanas: Esther Dubrowski na terça-feira, 16 de julho; Marilyn Smith na terça-feira, 6 de agosto; Natalie Goldfarb na sexta-feira, 30 de agosto; Maggie Drummond na terça-feira, 24 de setembro; Melantha Green na terça-feira, 15 de outubro; e a tentativa contra Catherine dos Santos na terça-feira, 5 de novembro. Carmine não conseguia deslindar o motivo que o levava a variar por alguns dias. Os traços de personalidade, ligados como sempre

292

estavam a escolhas profissionais e estilos de vida, eram tão variados como as origens étnicas, religiões, histórias de família. Duas eram virgens por razões religiosas, duas eram lésbicas e as restantes, sem serem promíscuas, tinham uma vida sexual relativamente ativa. A única coisa que todas tinham em comum era uma carreira profissional; pelos vistos, o Dodó não se sentia atraído por mulheres com empregos medianos. Todas revelavam personalidades fortes, mesmo que muito diferentes, e ocorreu a Carmine que o Dodó acalentava um certo nível de ódio por mulheres independentes, com uma profissão e uma vida social ativa. Terá ele sido escarnecido publicamente por alguma dessas mulheres? Talvez pela sua primeira vítima, por exemplo? Antes de ter sido violada, Shirley Constable era conhecida pela sua franqueza sem reservas. Tinha “pescado” um peixe muito cobiçado, Mason Novak, o qual, desde que ambos se tornaram notícia, nunca mais olhou para outra mulher, mas Shirley era uma das duas virgens por motivos religiosos... antes do sexo, vinha um anel de casamento.

Era fácil perceber porque é que Maggie Drummond tinha sido a última vítima que ele deixou viva; ela dera-lhe um piparote ao tratá-lo como um qualquer passaroco mais desprezível do que um dodó quando sobreviveu sem se deixar intimidar à violação, apesar dos novos horrores incluídos... o punho dele, a asfixia.

O Dodó matou Melantha Green. Ela tinha um namorado fixo, pelo menos ao ponto de ter uma chave do apartamento, e aparentemente desfrutava de uma

relação segura e confortável com um colega negro de medicina. Porque a tinha escolhido o Dodó para a sua primeira morte? Por ser negra? Não, de certo modo, isso não encaixava. O Dodó não fazia nada que fosse pouco razoável segundo os seus princípios. O que tinha ela de único?

Catherine dos Santos admitira que não era virgem, mas não era pessoa que se entregasse ao sexo com regularidade. Talvez pudesse ser classificada como meio freira, mas só por esse motivo. Não tinha sido ela a mandar colocar as grades nas suas janelas, mas ficara maravilhada com elas quando andava à procura de casa. Porquê era um mistério, mas Carmine pressentia que pelo menos parte das suas defesas - as sirenes, sem dúvida - continha um elemento de brincadeira pura

293

simples. Tinha andado mortinha por experimentar as suas sirenes! pois bem, fizeram o seu trabalho. O facto de ela ter sido poupada às atenções do Dodó devia ser atribuído ao seu próprio engenho; a polícia não fizera nada para a ajudar, não mais do que tinham feito os abomináveis Hochner.

E tudo isto, concluiu ele à meia-noite, espreguiçando-se dolorosamente, apontava para uma parte do móbil de Didus ineptus: ele tencionava arruinar a felicidade e o bem-estar de certas mulheres com uma profissão, que o irritavam mais do que todas as outras. Aquilo que Carmine não conseguia compreender era a natureza exata dos motivos sexuais do Dodó. Nenhuma vítima fora cortada, retalhada, mutilada ou queimada, nem suportara as torturas infligidas pelos autores de agressões múltiplas. Ele batia e, com a sétima e oitava, usara uma corda de cabelo humano para asfixiar. Se não fosse apanhado, será que progrediria para outras formas de tortura? Carmine pensava que não.

“O senso comum diz que os violadores assassinos atacam as prostitutas porque são crimes que passam despercebidos: quem nota a falta de uma prostituta? Pelo contrário, o Dodó ataca mulheres em que toda a gente repara. Nove, até ao momento, e só soubemos dele no dia sete. E se este tipo de predador vier a revelar-se comum? Os quadros informativos da polícia estão cheios de fotografias de raparigas desaparecidas, bonitas, de boas famílias, lançadas numa carreira. E se algumas delas estiverem relacionadas com uma morte horrível às mãos de um violador assassino? Estou apenas a ver a ponta do icebergue”,

pensou Carmine.

“Ora, o nosso Dodó conhece cada uma das suas vítimas, mas o que é que as vítimas fazem para serem incluídas na sua lista ninguém sabe, a não ser ele. No princípio, chegava-lhe violá-las; usou e abusou delas e deixou-as emocionalmente estropiadas para o resto da vida. Até que a Maggie Drummond falou e o expôs. A Delia e a Helen, as minhas duas meninas, meteram ao barulho a doutora Liz Meyers e a clínica para casos de violação, e agora ele pode ver que o mal que infligiu começa a ser sarado. Mas ninguém consegue curar uma vítima morta e foi por isso que ele passou à fase seguinte: matar. Qual será o próximo nome da lista? Ele não me deixou qualquer pista para que eu a pudesse identificar.”

294

Os Cavalheiros Vigilantes de Carew, concluiu ele à uma da manhã, não ajudavam nada à investigação. Mark Sugarman chefiava um grupo; Mason Novak chefiava o outro, em noites alternadas. Nunca aparecera o nome de alguém que nunca tivesse feito vigilância numa noite de ataque do Dodó, o que provavelmente significava que o Dodó não era um deles... ou que estava inscrito como vigilante, mas não o era.

Havia uma ligação entre os episódios de vandalismo na loja Glass Teddy Bear e o caso do Dodó, já que Hank Murray, gerente do Centro Comercial de Busquash, vivia em Carew e, quando tinha tempo, colaborava com os Cavalheiros Vigilantes. E depois havia os gémeos Warburton, que também viviam em Carew e pareciam levar uma vida ociosa. Eram pessoas tortuosas e desonestas, mas não se descobrira registo de qualquer atividade criminal na Califórnia e, no Connecticut, os gémeos eram simplesmente vistos como gente excêntrica, um género proeminente e tolerado numa cidade de universidades como Holloman.

Em seguida, Carmine voltou às vítimas e fez novamente o mesmo exercício, desta vez utilizando fontes como os diários de Helen Macintosh, que ele achou informativos, criteriosos e divertidos. Helen deixara-os ao seu cuidado uma semana antes, incluindo até aquele que estava a escrever... em cerca de nove semanas, enchera nada mais, nada menos do que sete blocos!

Por um lado, as cores que ela usava divertiam-no, mas por outro provocavam nele uma admiração sincera: ela tinha razão quando dissera que eram uma ajuda

e, sem dúvida alguma, as entradas a roxo eram uma revelação. A descrição que fazia do ursinho de vidro, o seu valor e a teimosia de Amanda em admitir que valesse tanto eram excelentes; Carmine interessou-se quando percebeu que a sua estagiária fria, egoísta e ambiciosa tinha desenvolvido uma certa simpatia por Amanda que acabara por se tornar numa amizade; com o decorrer do tempo, já não houve necessidade de escrever no seu bloco acerca do caso do Vândalo, surgindo apenas um ou dois parágrafos a roxo.

E depois havia o trabalho que ela fizera na Califórnia sobre as relações dos gémeos Warburton, a começar pelo pai de ambos, Howard.

295

“Howard Warburton foi autopsiado”, escreveu ela a preto, “não por ter morrido ao cair pelas escadas abaixo, mas porque o médico-legista no local achou que o seu corpo se encontrava numa posição improvável. Ficou demonstrado na autópsia que apresentava uma fratura na coluna, nas vértebras C2 e C3. Tirando algumas nódoas negras, não havia qualquer outra lesão. O patologista da polícia concordou que era a cabeça do senhor Warburton que deveria estar mais próximo do primeiro degrau das escadas, não os seus pés, e considerou a morte como suspeita.

“Na altura, os gémeos, com oito anos, admitiram que tinham assistido ao acidente e que tinham abanado o pai, tentando reanimá-lo. A cabeça estava mais próxima das escadas, mas quando eles desistiram de lhe mexer tinha ficado mais distante. Isso deixava apenas uma dificuldade, ou seja, o facto de não ter havido qualquer acontecimento cerebral ou cardíaco catastrófico que pudesse causar a queda. Na altura, o Robert disse que pensava que o pai tinha tropeçado e o Gordon, que segundo a polícia de San Diego era um papagaio, disse que também tinha visto o pai tropeçar. Depois de interrogar exaustivamente os gémeos, o procurador de San Diego recusou prosseguir com o caso. Corria o ano de 1945, e os melhores dos homens estavam no serviço militar. Howard Warburton não fora alistado, graças a falta de visão e por ter pé chato. Duas razões para ele poder ter tropeçado.”

A roxo, Helen escrevera:

“Foram eles! Em 1968 perdemos um pouco a ilusão acerca da capacidade de as crianças cometerem assassinio, mas em 1945 suponho que as pessoas teriam

morrido de horror só de pensar na possibilidade.

“Desde que mantivesse as identidades devidamente ocultas, não vi nenhuma razão para não comentar o assunto com o Kurt, e ele concorda comigo. Mencionei-lhe apenas uma criança como assassino, no caso de estar preocupado, capitão. Confesso que só o faço para o espicaçar... ele é tão frio, calmo e contido. Desculpe, capitão.”

Sorrindo, Carmine pousou o bloco. A rapariga era incorrigível! No entanto, ela já namorava com o Kurt numa base exclusiva há oito ou nove meses, e ninguém sabia melhor do que Carmine que todo

296

o ser humano precisa de alguém a quem possa fazer confidências. Pela bitola de Helen, Kurt era ideal... desligado do trabalho dela, propenso a tomar sempre o seu partido. “Que mais pode alguém desejar?”, pensou ele, com a imagem de Desdémona diante de si.

Carmine avançou... caneta preta, caneta azul, caneta vermelha, caneta verde, e aquela inevitável caneta roxa para imprimir uma opinião muito pessoal e altamente parcial acerca de tudo o que navegava pela sua pequena porção do enorme oceano policial.

Por vezes, viam-se comentários irreverentes acerca do pai - a roxo, claro! - e uma observação perspicaz acerca da sua mãe louca, embora não oficialmente, que vira três fantasmas à lareira da sala de estar da Chubb House. Mas esse simples facto não bastava para ter sido incluído no bloco de Helen; então porquê? A questão era que os três fantasmas interromperam o jogo de cartas que disputavam, todos de perucas e sapatos afivelados, e olharam para Angela Macintosh absolutamente aterrorizados. “Um fantasma! Conseguem vê-la?”, perguntou um. E então desapareceram os três. Escrito a vermelho e rescrito por cima a roxo: “A mamã volta a atacar. Ninguém está a salvo.”

“E o que é que eu faço?”, perguntou-se Carmine às três da manhã, terminando finalmente. “Aquilo que ela diz é francamente interessante, embora não tenha ideia disso. E a espontaneidade destas pequenas histórias acerca dos pais, do Kurt e da Amanda Warburton... fabulosa!”

Desdémona estava acordada a ver um canal de televisão de Nova Iorque no

pequeno televisor, que se encontrava no quarto de ambos, sobre a secretária; tendia a sofrer de insónias quando ele não chegava a casa a horas de ir para a cama. Mesmo sabendo que com certeza estava bem - caso contrário, ter-se-iam apressado a dizer-lhe -, tal não compensava o medo numa cama fria.

- Fizeste aquilo que tinha de ser feito? - perguntou ela, sentando-se.

- Fiz. Precisava apenas de ver tudo em perspetiva e de todos os ângulos. - Atirou a roupa para cima de uma cadeira, demasiado cansado para a arrumar.

- Sabes quem foi?

297

- Sim, tenho quase a certeza absoluta. - Enfiou-se na cama e aninhou-se. - O problema é que não há a mínima prova.

Adoro o teu cabelo - disse ela, passando os dedos por entre

os seus cabelos. - O meu é tão fraco.

- Genes errados, meu ratinho inglês gigante. - Beijou-lhe o pescoço. - Amor, espero que não estejas muito necessitada, porque eu não estou muito virado para aí.

- Na verdade, nem eu. Estou apenas contente por teres visto tanto as árvores como a floresta. Tens a certeza de que não há provas?

- Absoluta.

- Vais revelar as tuas suspeitas a mais alguém sem ser a mim?

- Não desta vez. Há muitas complicações, demasiados egos sensíveis... - A voz começava a entarmelar-se-lhe.

- Sim, eu sei que neste momento a divisão não passa propriamente por dias felizes. - Desdémona parecia cheia de energia. Não deixes nada vir ao de cima, meu amor, seja quem for que tente sondar. - Deu uma risadinha - Ou com quê.

Ele forçou-se a entreabrir os olhos.

- Desdémona, estou apenas contente que não estejas em perigo.

- As palavras saíram ligeiramente mal articuladas.

Ela agarrou-lhe novamente os cabelos, mas desta vez com força.

- Carmine! Não te atrevas a desafiar o destino! Retira o que disseste, ou faz figas, ou... ou... ou outra coisa qualquer!

- Estava a fazer figas - murmurou ele, e caiu no sono.

Otimo, assim ela podia deixar a televisão ligada; ainda levaria algum tempo até se sentir sonolenta. Contorcendo-se, olhou para o rosto dele sob a luminosidade fraca e tremulante. As feições tinham-se suavizado, ele estava em paz. “Nem quero pensar que tenho de o acordar daqui a quatro horas. Vai ficar fulo comigo por o deixar dormir mais um bocadinho, mas não me interessa. O mundo não há de acabar se ele não estiver sentado à sua mesa de cozinha às oito horas, e é isso que vou dizer à Delia. Que faria eu sem ela?”

298

-Já tracei a nossa estratégia, mano gémeo querido - disse Gordie, agitando um grosso pincel de pintor que deixava cair pingos vermelhos de sangue.

- Diz lá!

- Para acertarmos no tom do sangue, temos de assistir a uma chacina.

Robert deixou a máquina de escrever e virou-se; a exasperação no seu rosto encontrava-se exatamente refletida no rosto do irmão, e ele deu uma gargalhada relinchante.

- Gordie, a tua cara está perfeita! Começamos a ficar tão bons que nem precisaremos de estar juntos na mesma sala.

- Vamos continuar mais um bocadinho com as nossas rimas?

- Porque não? Hum... chacina... rima com purpurina, menina, ba-tina, serpentina, Clementina...

- Sim, sim, já chega!

- Pateta alegre! Brincadeiras à parte, Gordie, gosto mesmo do teu desenho. É novo, é diferente... um conceito moderno de assassínio. Porque não fazemos mais?

- A Amanda irá gostar?

- Que importa, meu gêmeozinho? - perguntou Robert com um risinho abafado. - Ela é nossa tia... grande coisa.

- Não te esqueças de que precisamos que o capitão Delmonico aprecie a nossa grande obra, Robbie. Achas que ele vai gostar do sangue?

Robert pôs-se de pé num pulo e executou uma pirueta ao longo do estapafúrdio tapete preto e branco; Gordon juntou-se-lhe a meio e terminaram ambos com um entrechat.

299

Oh, ainda não perdemos a nossa habilidade para o ballet - exclamou Gordie. - Esta agora é mais difícil... beringela.

Mortadela. Fecha a janela. Camisa amarela. A rua dela. Barco

à vela. Açúcar e canela.

O rosto de elfo tomou uma expressão manhosa.

- Ah... Dodó?

- Popó, pão de ló. Noitibó. Totó.

- Querido, és brilhante! - Gordie regressou ao seu local de trabalho. - Vamos mesmo avançar com isto, Robbie, não vamos?

- Sim, Gordie, vamos. Prometo que sim.

- Não posso, Hank - disse Amanda Warburton, consternada.

- Tenho imensa pena, mas estimo-te como amigo, nunca pensei em ti de outra

maneira. Já deixei de amar há muito tempo e as cicatrizes são muitas e demasiado profundas para serem erradicadas. - com os olhos rasos de lágrimas, olhou para Hank com compaixão. - Por favor, compreende! É impossível, mas não é nada contra ti. Gostava que continuasses a ser meu amigo, mas se calhar consideras isso um insulto.

A principal reação de Hank a esta rejeição foi um profundo agradecimento por não se ter ajoelhado para se declarar; tinha pensado fazê-lo, mas alguma coisa o refreou... provavelmente, o facto de saber conscientemente que ela recusaria. Portanto, inclinou-se para trás na cadeira, largou as mãos dela, suspirou e, enchendo-se de coragem, tentou sorrir.

- Não, não me sinto insultado e, sim, gostaria muito de continuar a ser teu amigo. Esqueçamos que esta noite aconteceu sequer. Nunca mais falo nela, a não ser que tu o faças, nem sequer verás nada nos meus olhares. - Tomou fôlego e conseguiu que o seu sorriso se revelasse mais genuíno. - Fazemos tão boa companhia um ao outro, Amanda. Iria detestar perder os nossos jantares, jogos, o tempo que passamos com a Mareia e os animais. Está bem assim?

- Sim, Hank, claro que está! E, quanto a esta noite, preferes cancelar o jantar?

- Santo Deus, porquê? Lobster Pot, Solo's, Sea Foam, Jerry's? Escolhe tu - disse ele, parecendo completamente refeito.

- Lobster Pot, por favor. Importas-te de me levar ao centro comercial depois? Chegou um novo carregamento de peças Orrefors

300

precisamente quando vinha a sair e gostaria de desempacotá-las. Deixei lá o meu carro e fui a pé para casa, portanto só tens de me levar.

- Faço isso e mais. Ajudo-te a desempacotar. E assim ficou combinado.

“É extraordinário como a vida nunca para”, pensou Hank, enquanto se instalavam no reservado habitual; ele pediu o bacalhau grelhado, ela preferiu o caranguejo de casca mole, e ambos acompanharam com uma salada em molho vinagrete. A conversa decorreu talvez um pouco mais rígida do que de costume, mas Hank aguentou-se heroicamente e, quando saíram do restaurante para o centro comercial, ela já se mostrava descontrainda com a bebida a mais que

tomara e que não era habitual. Sim, haviam os dois de ultrapassar aquela situação.

Ele atormentava-se por ter tentado que a relação subisse de fasquia, embora o seu lado sensível insistisse que, se a resposta era negativa, não havia momentos propícios. A ideia que ele fazia dela era mais forte do que a realidade dela, mas também, se não fosse assim, ele não teria sonhado os sonhos que sonhara ou fantasiado como seria fazer amor com ela. E era verdade que a esperança era eterna; quando chegaram à porta de trás da Glass Teddy Bear, já era capaz de acreditar que algures no futuro ela mudaria de ideias. Era o que as mulheres faziam sempre, sobretudo quando se sentiam apoiadas pelo facto de um pretendente se ter declarado, deixando-se ficar depois como amigo. Que nome é que davam a esses homens? Chichisbéus, era isso. A educação, pensou ele ao mesmo tempo que girava a chave na fechadura, era um bem maravilhoso.

Afastou-se para que ela entrasse primeiro.

- Oh, bolas! - exclamou ela. - A luz está desligada e eu nunca sei onde estão os interruptores.

- Espera, eu sei. - Hank empurrou-a para dentro da sala interior da loja e rapidamente chegou ao painel de interruptores que Amanda nunca conseguia encontrar. - Caramba, deve ter havido um problema grave com os fusíveis - disse ele. - Está tudo desligado.

A pancada no crânio foi desferida de lado e esmagou-o como a uma casca de ovo... inteiro mas completamente estilhaçado. Hank Murray mal teve consciência do que acontecera, já que o sangue penetrou rapidamente na sua caixa craniana. Quando caiu no chão, já estava morto.

301

Atordoada com a pancada muito mais ligeira que levava, Amanda caiu de costas e rastejou na direção da loja, até que o intruso vestido de preto se escarranchou nela, agarrou com uma mão enluvada a sua massa de cabelos, puxou-lhe todo o tronco para cima e cortou-lhe a garganta completamente até à espinha dorsal. O sangue esguichou com a força da pressão arterial, com finas gotas a borrifarem as caixas e a parede atrás deles como se fosse tinta pintada à pistola. O atacante afastou-se e deixou-a esvair-se em sangue, uma questão de minutos. Depois, quando tudo acabou, entrou na loja. Aí, depositado em cima de um carrinho e

embrulhado em panos acolchoados, esperava-o o ursinho de vidro. Virou o carrinho e conduziu-o através da sala interior pela zona mais afastada do sangue, até chegar à porta das traseiras; reparando nas chaves de Hank ainda na porta, retirou-as e guardou-as no bolso das calças. Apesar da segurança, não havia ninguém à vista; o atacante assegurou-se de que a sua pistola com silenciador se encontrava à mão para uma emergência e, então, encaminhou-se para os elevadores de serviço. Um deles abriu as portas assim que ele carregou no botão; empurrou o carrinho e entrou, pressionando o botão correspondente ao nível do parque de estacionamento. Mais uma vez, estava com sorte: nem sinal de qualquer guarda.

Havia um painel de alarmes junto à porta da garagem. Puxando de uma folha de papel, o atacante consultou-a e acionou um alarme. Seguiu-se um guincho e um ulular de sirenes três pisos acima, mas, antes que os guardas na garagem se reunissem todos, ele e o carrinho já estavam escondidos no armário das limpezas. Assim que o ruído de passos desapareceu por completo, ele carregou o seu tesouro para a garagem, onde a sua carrinha se encontrava estacionada a escassos metros. Uma plataforma elétrica ergueu o carrinho até ao nível da carrinha, onde depois foi devidamente seguro. Então, o atacante esgueirou-se para o lugar do condutor, ligou o motor e estava já a dois quilómetros de distância antes que alguém verificasse aquele acesso à garagem. Falso alarme... não era mesmo típico?

Até ao meio-dia de quinta-feira, 21 de novembro, ninguém se lembrou de investigar a ausência de Hank Murray e o facto de a loja de Amanda Warburton se encontrar fechada. Quando a secretária de

302

Hank não o conseguiu localizar nem às suas chaves, telefonou ao capitão Carmine Delmonico, que ela já conhecia desde os dias do Vândalo. “Oh, Deus queira que não haja mais problemas!”

- Aconteceu alguma coisa, capitão - disse ela. - Eu tenho um duplicado das chaves... poderia verificar a Glass Teddy Bear por mim? A senhora Warburton e o senhor Murray são ótimos amigos, e agora não conseguimos encontrar nenhum deles!

Os seus detetives estavam fora em serviço; Carmine decidiu fazer ele próprio

uma visita ao centro comercial. Não percebia porque estaria a secretária tão preocupada, exceto que algumas pessoas têm faro para as desgraças e ele não podia dar-se ao luxo de ignorar alguém cuja precisão olfativa desconhecia. A verdade é que também ele já sentira soar dentro de si as sirenes de alarme.

No caminho para o corredor de serviço, Carmine passou pela montra da Glass Teddy Bear e ficou pregado ao chão. O ursinho de vidro não estava lá, nem o cão e o gato. Na porta traseira, de luvas de borracha calçadas, empurrou e examinou a fechadura: não tinha sido arrombada. com uma volta da chave, entrou: um lago quase negro que fedia a sangue. Quando viu que não havia luz, recuou, deixando no interior as suas próprias pegadas. Tinham ocorrido dois guardas da segurança; Carmine fez-lhes um sinal.

- Fiquem aqui e não toquem em absolutamente nada - disse ele. - Preciso de um telefone. Onde há um?

- No balcão da agência de viagens, capitão... ali.

- Onde estão os fusíveis desta loja?

- Naquele painel de parede, capitão.

Quando abriu a porta do quadro com outra chave, pôde ver os disjuntores da Glass Teddy Bear na posição de desligados; quando os acionou, mantiveram-se ligados. Alguém os desligara.

No balcão da agência de viagens, encontrou o telefone.

- Stella, diz ao doutor O'Donnell que preciso de um médico-legista e de um técnico forense no Centro Comercial de Busquash o mais depressa possível. Por onde anda a minha equipa?

- O Nick e a Delia estão aqui. A Helen foi ter com o juiz.

- Ótimo. Manda-me o Nick e a Delia. É urgente.

Desta vez, quando ligou definitivamente as luzes, deparou-se com o cenário de um açougue, embora tivesse sido a pobre Amanda Warburton a responsável pela sangria. “À quarta foi de vez”, pensou ele.

Amanda sobrevivera a três ataques, que tinham servido unicamente para o ladrão penetrar nas suas defesas. Hank Murray tinha morrido por causa da sua devoção a Amanda. Quinze grandes caixas de cartão ainda fechadas indicavam que chegara um novo carregamento; provavelmente, ela e o fiel Hank tinham vindo desempacotá-lo. Parecia um enorme volume de mercadoria, mas de facto não era, já que o vidro vinha acondicionado entre uma grande quantidade de material de embalagem.

O rosto dela estava distorcido por uma expressão de terror, prova muda dos seus últimos momentos de vida, mas Carmine achou que ela não vira o atacante. “Ele aproximou-se por trás enquanto ela rastejava”, deduziu Carmine. Hank morrera sem dar luta; “nem sequer se deu conta, muito provavelmente”. Não havia pegadas ensanguentadas, nenhuma que indicassem quem era o Vândalo... e seria o Vândalo ou outro predador mais violento? “É outro homem”, concluiu Carmine. A sua convicção de que conhecia a identidade do Vândalo não fora abalada. Saiu para falar com o guarda.

- Houve alguma confusão ontem à noite? - perguntou.

- Os alarmes dispararam na Hood's Antiques por volta das dez e meia - respondeu o guarda. - Um falso alarme, capitão. Algum brincalhão que o acionou no painel de alarmes junto à porta da garagem, do lado de dentro.

- É preciso uma chave para o abrir?

- Claro. Estão no painel de parede, tal como os fusíveis.

- E o chefe dos bombeiros acha que todos os painéis de parede cumprem as regras de segurança?

- Considerando o tipo de fusíveis e alarmes que temos, sim.

O próprio Patrick veio, com Paul Bachman atrás.

- Obrigado por teres vindo pessoalmente, Patsy. Alguma coisa?

- Não, nada. Ambos os ataques foram extremamente violentos. As regiões temporal e parietal do lado direito do crânio do senhor Murray foram

pulverizados, como se fossem pequenos fragmentos colados uniformemente sobre um pedaço de plástico... só o escalpe é que segura o osso. A garganta da senhora Warburton foi cortada de maneira a expor a superfície ventral das vértebras... só a coluna é que lhe mantém a cabeça sobre os ombros, coitada. Acho que nunca vi um

304

ataque tão brutal e, no entanto, deve ter sido coisa de segundos. O indivíduo não queria entrar em contacto com o sangue. Ficou atrás dela. Usou uma faca e não uma lâmina, porque precisou de um cabo que

lhe oferecesse tração para cortar tão fundo. - Uma faca de mato, talvez?

- Sim, ou alguma versão militar.

- Não a deixou para trás?

- Se deixou, ainda não a encontrámos. Queres ver o objeto contundente que usou?

Patrick exibiu um curioso objeto com cerca de meio metro. Feito completamente em vidro, consistia num tubo que se dilatava numa das pontas numa forma semelhante a um lírio; a outra extremidade era um pequeno bolbo maciço.

- Segundo ditam as regras, deveria ter uma jarda de comprimento, mas este tem apenas meia jarda. É um utensílio inglês para beber cerveja, chamado, imagina só, jarda. - Apontou para uma parede, onde se podia ver num suporte um objeto semelhante, mas muito mais longo. - O da parede é a jarda genuína, de vidro muito fino, mas esta é apenas um ornamento, não foi feita para ser usada. É pesada.

Carmine sorriu.

- Queres dizer com isso que alguém consegue beber assim tanto?

- Para um homem habituado a beber cerveja, não é problema. A senhora Warburton tinha aqui uma boa coleção. O mais pequeno deve ser eficiente como arma se o bolbo for usado como maça. O vidro é suficientemente grosso para ter peso e resistência. O crânio não teve hipóteses nenhuma.

- Muito inventivo. De todos os objetos pesados numa loja cheia deles, essa meia jarda acaba por ser a melhor arma para uma concussão.
- A coleção toda também pode ser a solução ideal para decorar uma parede que não se queira encher de mais quadros. Desenhada para atrair expatriados ingleses.
- O assassino não tinha de conhecer a sua função exata para se aperceber do seu potencial enquanto arma - disse Carmine.
- Concordo, concordo! Estou apenas a atirar teorias para o ar. Não achas que ele seja inglês, Carmine? - perguntou Patrick.
- Acredita em mim, neste caso não há ingleses. Delia aproximou-se, incapaz de esconder a sua angústia.

305

Carmine, isto é aterrador! Aquela pobre mulher! Ela que nem

sequer acreditava que o ursinho de vidro valia o suficiente para ser roubado.

- Então, para quê matá-la por uma coisa que podia obter através de meios mais pacíficos? - perguntou Nick. - Amarrava-os e levava-o.

- Essa é a pergunta que já fiz a mim próprio - disse Carmine.

- Não se esqueçam de que ela adorava o ursinho - disse Delia.

- Tanto que não se separava dele por nenhuma soma, Delia. Para ela, significava muito mais do que dinheiro. Quando a Helen averiguou o seu valor real, falei com o meu congénere da polícia de Veneza, pensando que o ursinho de vidro tinha sido roubado. Mas não foi. Era propriedade de Amanda Warburton, deixado em testamento por Lorenzo delia Fiori, o rei do vidro. A Amanda era sua amante. Infelizmente, ele tinha uma mulher muito ciumenta, que lhes invadiu o ninho amoroso e esfaqueou o Delia Fiori catorze vezes com uma faca de cozinha. A Amanda também foi golpeada, mas sobreviveu. O ursinho de vidro, incluindo os olhos, foi especialmente feito para a Amanda e já vinha a caminho da América quando rebentou a querela. Os filhos dele herdaram o dinheiro e todos os bens, exceto o ursinho de vidro. Foi há onze anos, quando a

filha mais velha tinha nove anos.

- Nesse caso, os filhos já são suficientemente crescidos para se vingarem! - exclamou Nick, depois de ouvir a explicação de Carmine.

- Não, os filhos estão em Veneza demasiado ocupados com a sua educação para se preocuparem com o passado. Ter uma mãe presa não é pêra doce. O rapaz mais velho, outro Lorenzo delia Fiori, tem agora dezassete anos e está decidido a tornar-se no próximo rei do vidro. As crianças não vivem no passado, a não ser que lhes façam uma lavagem ao cérebro, e a única pessoa que podia fazer isso está na prisão.

- Então, de onde veio o dinheiro de Amanda? - perguntou Delia.

306

- Da venda de outras peças do Lorenzo delia Fiori. Adquiriu uma série delas ao longo dos anos que esteve com ele e, depois da morte do Lorenzo, vendeu tudo. Nunca tinham sido inventariadas, pois ele ofereceu-lhas, e na altura isso nunca se veio a saber. O trabalho dele é deslumbrante e ela conseguiu um bom dinheiro por cada peça - disse Carmine.

- E os olhos de safiras estreladas? - perguntou Delia.

- Legalmente, são parte intrínseca da obra de arte. O meu congénere veneziano desconhecia a sua existência e não há notícia de qualquer roubo de um par de safiras semelhantes na Europa, quanto mais em Veneza. A teoria que ele avançou foi que as pedras vieram da União Soviética, fonte de tesouros e pedras preciosas fabulosos. Se a rainha Mary de Inglaterra pôde comprar algumas das jóias da coroa russa num leilão por uma quantia relativamente irrisória, quem sabe o que mais tem sido contrabandeado para o Ocidente a fim de adquirir moeda estrangeira forte?

- Parece um conto de fadas - disse Nick. - Como soube a rainha Mary que as jóias estavam à venda?

- Foram a hasta pública numa das melhores casas de leilões disse Delia. - Se bem me lembro, ela comprou diamantes e pérolas e pagou com o seu próprio dinheiro... era podre de rica e andava sempre carregada com fiadas e fiadas de pérolas. - Deu uma gargalhada abafada. - Agora, as pérolas que se compram em

lojas baratas brilham mais do que as verdadeiras!

- Como é que sabes todas essas banalidades? - perguntou Nick.

- Não são banalidades, querido Nick. A Cleópatra julgava que se podia dissolver uma pérola em vinagre, mas é claro que não se pode.

- Tirando o roubo do ursinho, alguns indícios?

- Não - responderam eles em coro.

- Além de chocantemente brutal, o tipo é engenhoso e esperto

- disse Delia. - E tem sorte.

- Sorte? - perguntou Nick. - Desenvolve!

Desataram os dois à gargalhada até que o olhar irritado de Carmine os acalmou.

- Pensem bem! - disse Delia. - A segurança aqui é bastante boa, mas mesmo assim este fulano, que a meu ver não é o Vândalo

307

original, entrou e voltou a sair sem sequer ser visto. Há aí um forte elemento de sorte. Por seu lado, a senhora Warburton e o senhor Murray deixaram de ter sorte. Ele agarra as oportunidades, sim, mas as oportunidades estavam ao seu alcance para serem agarradas. Até agora, o nosso assassino tem tido a vida facilitada.

- Então, vamos proceder partindo do princípio de que a nossa sorte é maior do que a dele - disse Carmine. - Mais alguma coisa?

- Não - disse Nick.

- O Paul deu-te as chaves dela ou estão desaparecidas?

- Não, estavam com ela, tenho-as eu - respondeu Nick. - As do senhor Murray é que faltam, o que quer dizer que todas as lojas terão de mudar as fechaduras, já para não falar do próprio centro comercial.

- O nosso assassino não vai voltar - disse Carmine perentoriamente. - Só levou as chaves para provocar confusão, nada mais. Talvez para que pensássemos que é um ladrão de valores. Mas não é. Ele é um assassino.

- E quando vamos notificar a família? - perguntou Delia.

- Os gémeos Warburton? Podem esperar - disse Carmine. vou passar em revista o apartamento dela e não preciso desse parzinho atrás de mim. Os tipos arrepiam-me.

- Terão sido eles a fazer isto? - perguntou Nick quando iam no elevador.

- Possível, mas pouco provável.

- Isto é deslumbrante! - disse Nick, admirando o amplo e luxuoso apartamento de Amanda Warburton. - Se ela é dona disto, teremos de refazer as contas acerca da sua fortuna.

Carmine já se encontrava à secretária, que não tinha nenhuma gaveta ou compartimento fechado à chave. Exibiu alguns papéis.

- Documentos notariais. Isto é tudo dela, sem hipotecas. Nesse momento, ouviu-se um miado patético vindo da casa de

banho.

- Os animais! - disse Carmine. - Meu Deus, esqueci-me deles!

308

Estavam aninhados na banheira como se soubessem o que acontecera à dona, o gato comprimido contra a barriga do cão, entre as patas dianteiras e traseiras, o cão curvado, com o focinho sobre a cabeça aveludada do gato. Via-se uma tigela de água vazia; chamando por eles, Delia encheu a tigela e descobriu comida enlatada num armário. Eles beberam e comeram sofregamente. Nick, como se veio a perceber, tinha mais medo de cães e gatos do que de criminosos, enquanto Delia parecia afugentá-los; quando Carmine voltou à inspeção da secretária, Frankie e Winston puseram-se aos seus pés e recusaram-se a sair. Ele decidiu ignorá-los.

- O testamento dela - disse, brandindo uma folha de papel isolada. - Fica tudo para os gêmeos, exceto o ursinho de vidro que deixa como legado perpétuo à Chubb, na condição de que seja exibido de maneira conveniente. Uau! Esperem só até que o M. M. saiba disto! Deus nos ajude se não o recuperarmos.

Uma pasta continha o portfólio das mercadorias em stock e as ações.

- A sorte grande - disse Carmine. - O Robert e o Gordon vão ficar mais ricos do que eu esperava; portanto, sobem uns degraus na nossa lista de suspeitos. - Esboçou um sorriso forçado. - Isso dá-nos dois nomes. - Curvou-se e sentiu a cara cheia de pelo de cão, bem como uma língua molhada. - Para com isso, Frankie! - Para sua surpresa, o cão desistiu de imediato. Um sorriso dissimulado entre os membros da sua equipa irritou-o: endireitou-se subitamente. - Delia, não fiques aí a fazer parte da decoração! Telefona à Mareia Boyce e trá-la aqui quanto antes. Nick, volta aos Serviços Municipais e descobre alguém do canil com duas caixas de transporte para animais.

Nick e Delia dispersaram, não sem antes trocarem de fugida um novo sorriso dissimulado. O chefe estava a ser levado por dois verdadeiros especialistas.

Mareia Boyce estava chocada, mas não tanto que não conseguisse falar.

- Não sei porquê, mas já esperava alguma coisa como isto disse ela para Carmine na sala de estar de Amanda, com a sua parede

309

envidraçada a mostrar a beleza da enseada de Busquash bordejada de árvores, como se se tratasse de uma paisagem num quadro, completada com o brilho do espelho de água e algumas pequenas e encantadoras cabanas de pescadores.

- Por alguma razão específica? - perguntou Carmine, servindo-lhe mais chá.

- Vai rir-se de mim, mas eu às vezes vejo auras à volta das pessoas, e a Amanda sempre teve uma. Preta, com laivos de vermelho de fogo... ou de sangue, se calhar. Tem vindo a aumentar até que ultimamente lhe oculta completamente o rosto e o corpo... como se fosse

um manto.

“Odeio gente desta”, pensava Carmine. “Têm visões a posteriori, mas estão convencidos de que elas existem desde sempre. Aposto que a senhora Boyce consulta um tabuleiro de Ouija e vai a sessões de espiritismo. Mas também aposto que nunca revelou esta sua faceta à Amanda, que teria rido... tanto da ideia como da Mareia.

- Pode dizer-me algo mais concreto, senhora Boyce?

- Apenas que, pelo que eu e o Hank deduzimos, ela tinha dúvidas acerca de nomear os gémeos como seus herdeiros. Mas depois anunciou de repente que iria deixá-los como herdeiros porque não tinha mais ninguém. Deixe-me acrescentar que ela não estava muito satisfeita com a ideia. - Mareia deu um golinho no chá, que depois foi complementado com um trago do dispendioso conhaque de Amanda.

- O que pensa dos gémeos Warburton?

- Não gosto nada deles! Embora não me pareça que tenham a coragem e a desenvoltura necessárias para matar. - Olhou para baixo na direção do cão e do gato, colados aos pés de Carmine. - Oh, coitadinhos! O que vai ser deles, capitão?

- A não ser que os queira, senhora Boyce, irão para o canil.

- Oh, não! Isso é horrível!

- A solução depende de si.

- Eu não posso ficar com eles, de maneira nenhuma! A Amanda desenhava-se bem porque podia levá-los para o trabalho, mas eu não posso fazer isso. Iria chegar a casa e descobrir que o Winston tinha

310

destruído os meus melhores estofos e que o Frankie tinha deitado os cortinados abaixo.

- Eles faziam isso com a senhora Warburton?

- Não. Gostavam dela. Acredita que a Amanda treinou o Winston a empoleirar-

se na sanita para os chichis e mesmo para os cócós? O Frankie faz chichi no polibã e os cócós em cima de jornais velhos. A Amanda era uma pessoa muito paciente.

Carmine reteve durante mais um bocado Mareia Boyce, mas não ficou a saber nada de novo que não se relacionasse com auras. Os gémeos Warburton tinham auras camaleónicas, nunca a mesma cor de dia para dia, e a aura de Carmine era cor de âmbar com uma auréola vermelho-púrpura.

Depois de a senhora Boyce se ter retirado um tanto ou quanto abalada para o seu apartamento no mesmo piso, tudo aquilo que Carmine tinha a fazer era esperar pelo empregado do canil, que chegou quinze minutos depois, com uma pequena caixa de transporte para animais em cada mão e um tubo oco com um laço numa das extremidades preso ao cinto.

Frankie e Winston farejaram-no e recuaram para trás de Carmine, o cão a rosnar, o gato a bufar.

- Ninguém diria que este cão é um pitbull, capitão! - disse o empregado do canil, horrorizado.

- De pit bull tem apenas o aspeto. Para um cão, é um gatinho.

A vara foi empunhada. O laço, como Carmine sabia, podia ser alargado ou apertado assim que fosse enfiado pela cabeça do animal; imaginando o insulto que isto significaria para aqueles dois animais de estimação protegidos e muito amados, Carmine ficou a observar a operação, enquanto o empregado do canil se decidia por começar por Winston.

- Os gatos são piores - disse o sujeito, preparando o laço. Os gatos têm quatro conjuntos de garras e os dentes. Os cães só têm dentes, mesmo os pit bulls.

Dez minutos mais tarde, o gato escondia-se atrás de uma credência e o cão defendia-o energicamente.

- Ponha-se a andar - disse Carmine, cansado - e leve consigo as suas forças. Deixe as caixas. Eu próprio trato dos animais.

Era de mais. Decidira-se enquanto o empregado do canil perseguia o enorme gato cor de marmelada. Amanda Warburton fora uma mulher inteiramente simpática, cuja vida, cruelmente encurtada, tinha conhecido mais infelicidade do que alegrias, e ele gostara dela. Agora estava morta e ninguém queria os seus animais de estimação. O canil? Era coisa que não podia permitir. Da mesma maneira que não permitiria se se tratasse de um homem inocente atirado sem aviso para dentro de uma cela superlotada.

- Manteiga! A avó Cerutti usava sempre manteiga - disse ele, dirigindo-se para o frigorífico.

Margarina dietética. Não, a avó Cerutti não teria disso em casa. Assim, Carmine foi até à loja da esquina, gerida por dois jovens nepaleses, comprar um pouco de manteiga. A loja não tinha um sistema de refrigeração muito eficiente, pelo que ele não teve de esperar muito tempo para que a manteiga ficasse mole.

- Vá lá, Winston - disse ele ao gato, que entretanto aparecera.

- Eu não deixo que ninguém te faça mal. É manteiga, não é nenhuma força.

Winston saltou para os seus joelhos e permitiu que as patas fossem besuntadas de manteiga, depois entrou na sua caixa quando Carmine lhe abriu a porta. com o cão, correu tão facilmente como com o gato. Que teria aquele sujeito do canil?

As caixas foram colocadas no assento traseiro do Fairlane; Frankie e Winston deram um passeio num carro que cheirava a bebês, detetives e provas variadas.

Quando Carmine entrou na sala de trabalho de Desdémona carregando duas caixas de transportes de animais, ela ficou de boca aberta.

- Dois animais de estimação adultos, completamente treinados - disse ele no tom claro de quem não tencionava recuar um só milímetro na sua decisão. -

Pertenciam a uma senhora muito simpática que foi assassinada ontem à noite e ninguém os quer, restando apenas o canil. É altura de o Julian aprender que não pode puxar pelo rabo de um gato sem levar umas arranhadelas, e o cão é um animal fiel. A partir deste momento, são membros da família Delmonico.

Desdémona calou-se.

- HPermite-me que saiba os nomes deles, capitão? Ele riu-se e abraçou-a.
- O gato é o Winston. Senta-se na sanita para fazer chichi. O cão é o Frankie, que faz no polibã, mas, se pusermos uma portinhola giratória na porta das traseiras, eles provavelmente preferirão ir à rua, exceto durante uma tempestade de neve. Besuntei as patas deles com manteiga, de forma que não podem ir para dentro de casa.

Desdemona estava de gatas a abrir as caixas.

- Oh, tão querido! A Prunella estava mesmo a dizer que devíamos ir ao canil para arranjar um animal de estimação já adulto... cachorros e gatinhos comportam-se como bebés que são, os adultos são melhores. Trouxeste-lhes comida? O gato bebe leite?
- Água e coisa enlatadas. Trouxe aquilo que a senhora Warburton tinha no armário. Vai custar um bocadinho mais a alimentar-nos, mas dois animais vão ser uma ajuda para ocupar os miúdos.

E tinha sido uma coisa boa de fazer, pensava ele enquanto regressava aos Serviços Municipais com duas caixas de animais vazias; nem sequer resmungou quando teve de preencher um impresso que lhe permitisse ordenar a um agente uniformizado que levasse as caixas para o canil, fora da cidade.

- A meia jarda que serviu de objeto contundente não revelou mais do que secreções do escalpe do Hank Murray e vestígios de laca do cabelo da Amanda Warburton. No entanto, quando o assassino a utilizou na senhora Warburton, foi uma pancada ligeira para atordoar. O Murray levou com toda a força de um homem bastante forte... hemorragias internas maciças - disse Patrick O'Donnell.
- Acho que ele estava preparado para encontrar a Amanda, mas o Hank foi uma surpresa. Não se preocupou muito com a forma como o Hank morria, desde que morresse. A morte da Amanda estava planeada, creio. Usou uma faca de mato suficientemente afiada para cortar um cabelo em dois quando a cabeça e o pescoço se encontravam erguidos, mas não completamente esticados... se o pescoço estiver esticado por se puxar a cabeça para trás com força, as artérias carótidas são difíceis de apanhar. A maior parte da tração ocorreu depois de ele fazer o corte, para que o esguicho de sangue não o atingisse.

Como é que ele levou o ursinho de vidro? Algumas ideias?

Para começar, estava sozinho. O Paul examinou minuciosamente a loja e a sala interior e não há sinais de qualquer cúmplice. Um conjunto de pegadas na carpete da loja... tamanho quarenta e quatro ou próximo disso, mas sem hipótese de obter um padrão da sola ou um contorno completo. Pelas marcas profundas de pneus, ele usou um carrinho para deslocar o ursinho, o que quer dizer que é alguém fisicamente muito forte. Claro que o carrinho poderia ter uma plataforma elétrica que subisse e descesse... isso ajudá-lo-ia a tirar o ursinho da montra. Mas pensa só no arrojo, Carmine! O ursinho já devia estar fora da montra, embrulhado e em cima do carrinho antes de a Amanda e o Hank aparecerem às dez e meia. E com segurança por toda a parte!

- Sorte. Acho também que ele pôs na montra um bilhete a informar que o ursinho se encontrava em manutenção - disse Carmine.

- Mas de facto a sorte do tipo é fenomenal, como dizia a Delia com toda a razão.

- Caso contrário, não teria sequer conseguido sair daqui com o ursinho - disse Patrick. - Na sala interior, as marcas do carrinho afastam-se do sangue, mesmo quando foi preciso fazer um ligeiro desvio. O que teria acontecido se tivesse dado de caras com um guarda?

- Todo vestido de preto? Um tiro no meio dos olhos com um revólver de calibre vinte e dois com um silenciador. Ou então nessa altura já estaria de fato-macaco, com um maço de papéis na mão, conseguindo enganar o guarda e seguir caminho.

Alguma coisa na sua voz fez com que Patrick olhasse para ele subitamente, deparando-se com dois inocentes olhos cor de âmbar.

- Mais alguma pergunta?

- Não. - Carmine lançou um olhar ao relógio. - Tenho de ir fazer uma visita aos gémeos Warburton e dar-lhes a notícia.

- Fazes-me um favor, Carmine?

- O que quiseses, Patrick.

- Antes de deixares os Warburton à solta pela loja de vidros, que tal enviar lá a Helen para examinar bem a mercadoria exposta? Foi ela quem descobriu o valor do ursinho de vidro e eu já reparei que tem olho para a arte vidreira.

- Boa ideia. vou fazer isso.

314

Helen esperava numa grande agitação na sala da equipa de Carmine.

- Devia ter-me dispensado da minha sessão de aprendizagem, capitão! - exclamou ela em jeito de saudação. - Não estive lá, não vi nada!

- Há certos momentos, menina Macintosh, em que me faz lembrar a minha rainha menos favorita: Maria Antonieta. Nem sempre pode ter o que quer, e o juiz Thwaites teria concordado comigo pela primeira vez. Por muito que não goste de ouvir isto, o tempo de que ele dispõe é mais valioso do que o seu. Não resmungue e ature-lhe os caprichos com um sorriso nos lábios. Eu sei que tem um interesse especial na senhora Warburton, mas ainda está a tempo de lhe fazer um grande favor.

- Sim, sim, qualquer coisa! - gritou Helen ansiosamente, mal absorvendo o cerne da homilia de Carmine.

- Vá até ao Centro Comercial de Busquash e inspecione a loja de vidros muito atentamente - disse Carmine. - Quero saber se falta mais alguma coisa, até ao mais pequeno alfinete com cabeça de porcelana ou pingente de cristal. Não deixe nada por examinar.

- Sim, capitão. -Já estava de pé. - Onde vão a Delia e o Nick?

- Vasculhar o gabinete e o apartamento do Hank. Você fica-se pela loja... entendido?

- Sim, senhor. - E foi-se embora.

Para Helen, a Glass Teddy Bear possuía conotações emocionais que até Carmine, tão perspicaz, não tinha realmente compreendido. Era o local de trabalho de uma mulher que se tornara numa amiga genuína, e amigos genuínos era coisa rara no mundo de Helen, já que ela ainda não criara um mundo próprio... quem era real

e quem não era? Amanda, tinha ela pressentido, era uma mulher a quem as coisas não tinham corrido da melhor forma: uma pessoa doce mas dura como o aço. Tinham olhado uma para a outra e algo as aproximou.

315

Assim, quando entrou na loja, Helen achou o espaço repleto de ecos de alguém morto imerecidamente; pestanejou para afastar as lágrimas.

Era extremamente raro verem-se lojas com mobiliário preto, escolha provavelmente limitada às lojas de vidros; a iluminação, apercebia-se agora Helen, era muito engenhosa. Cada um dos focos e lâmpadas incidia sobre uma peça valiosa, com os artigos mais baratos aglomerados de forma a resplandecerem com pequenos pontos de luz. Um magnífico prisma estava disposto sobre um estreito pedestal preto; ao lado, encontrava-se um atomizador de água que, quando apertado, libertava uma nuvem de gotas que se iluminavam no seu interior como um arco-íris perfeito. Deslumbrante!

A jarda e meia jarda para beber cerveja, tão diferentes na sua conceção, estavam expostas por cima de molduras em vidro de Lalique e Murano; um exclusivo serviço de chá em cristal, espantosamente despretensioso, ganhava um lugar de destaque sobre filas de copos de vinho, e uma bola de cristal Baccarat em vidro maciço fazia o mundo girar de pernas para o ar. Como era tudo tão bonito! Se os gémeos Warburton pusessem tudo à venda para fecharem a loja, ela iria querer comprar o prisma e a bola de cristal.

Mas aquilo não era fazer o seu trabalho e Helen devia o seu melhor à mulher morta. Deambulou de um lado para o outro, concentrando-se principalmente nos arranjos; que sorte ela ter pago e levado consigo uma semana antes a urna para dar ao pai... porque o fizera? Clarividência?

O balcão tinha uma prateleira onde se viam jóias e pequenos objetos: animais do tamanho de unhas, botões, fiadas de contas de cristal, algumas facetadas, outras como pequenos globos. Não soube porquê, mas os botões em particular fizeram-na sorrir, talvez porque alguns seriam adequados para o mais ornamentado dos vestidos de noiva, enquanto outros, suficientemente austeros para agradar a monges, ficariam muito bem num blusão desportivo de homem. Porém, aqueles de que ela mais gostava eram de vidro azul-escuro onde se podiam ver camafeus de leões em vidro dourado. “Hei de comprar um conjunto destes para o Kurt no

Natal”, anotou ela mentalmente, e logo viu uma gargantilha de contas de cristal em tons que iam do rosa-pálido até

316

ao vermelho-carregado. “Oh, perfeita para a mamã, com o seu pescoço de cisne! Ideal! Cor de escorpião para uma mulher escorpião.”

Não, aquilo não era fazer o seu trabalho!

De volta às prateleiras, finalmente chegou aos pesa-papéis, uma coleção maravilhosa. Uma das belezas, verificou ela horrorizada, tinha uma etiqueta com o preço de cinco mil dólares! E ali, no meio, havia um espaço vazio. Um espaço que Amanda, disso tinha Helen a certeza, teria imediatamente preenchido após a venda do objeto.

A companhia de seguros era rigorosa e Amanda obedecera aos seus ditames. A disposição dos pesa-papéis, trinta ao todo, fora transposta para um diagrama. O que faltava, descobriu Helen, desconcertada, custava apenas trezentos dólares. Simples vidro, contendo pequenos laivos de vidro colorido. Pela fotografia, parecia um mapa de alguma rede de metropolitano, onde cada linha tinha a sua cor.

Teria o assassino partido a peça? Ou alguma coisa no objeto lhe chamou a atenção, quando outros muito mais valiosos não o fizeram?

- Não falta mais nada - disse ela a Carmine na manhã de sexta-feira, fazendo o seu relatório.

- Mas pensa que ele o levou - disse Carmine.

- Se não o levou, capitão, então é porque foi vendido tão tarde que a senhora Warburton não teve tempo para o substituir - disse Helen. - O meu palpite é que é ele o responsável. Procurei nas gavetas do armazém, até que encontrei um idêntico... e deixei um recibo.

- Alcançou a sua espaçosa mala e tirou de lá o objeto, depositando-o sobre a mesa. - Parece um mapa a três dimensões de uma rede de metropolitano.

- Parece mesmo - disse Carmine, pegando nele. - Talvez seja: uma representação

do caminho para casa do assassino...

Ela pareceu ficar chocada, mas muito sabiamente deixou-se ficar calada; o capitão por vezes punha-se com piadas sem qualquer razão palpável. O melhor era mudar de assunto.

- Como é que os gémeos receberam a notícia?

- Mais ou menos como eu esperava. Gritinhos, guinchos, lágrimas de crocodilo e um ataque de histeria por parte do Gordie que

317

o Robbie resolveu despejando uma jarra de margaridas na cabeça dele. I, lá no fundo, contentamento por se saberem herdeiros da tia Amanda. Dei-lhes o testamento, pois parece que ela não contratou nenhum advogado, mulher esperta. Mas quando lhes contei acerca do ursinho de vidro ficaram tão desolados quanto espantados. Se voltar a aparecer, pertence à Chubb. Cá para mim, foram a correr com o testamento para ver se podem contestar o direito da Chubb à piéce de résistance.

- Eu tomarei a defesa da Chubb - disse Helen com um sorriso.

Embora isso neste momento seja irrelevante, não acha, capitão?

Primeiro, recuperar o ursinho de vidro, depois preocupar-nos com quem é seu proprietário.

- Exatamente.

- O que aconteceu aos animais de estimação dela, capitão? Uma expressão peculiar tomou conta do rosto de Carmine; Delia

poderia ter-lhe dito que se tratava de embaraço.

- Hum... bem, hum... levei-os para minha casa para os meus filhos. Já adultos e bem treinados, está a ver?

- Isso é ótimo, capitão! Que alívio! Tenho andado a dar voltas à cabeça para convencer o meu pai a acolhê-los, mas agora já não preciso de me preocupar.

Invejo-o.

Esta reação fez com que Carmine se sentisse muito melhor, sobretudo depois de uma noite traumática com um cão aos uivos e um gato aos vômitos. Desdémona tinha mudado de ideias e queria-os fora de casa, mas Prunella troçou de tamanha intolerância. Dentro de dois dias ou três o pior já teria passado; os Delmonico nem saberiam como tinham vivido até ali sem Frankie e Winston, dissera Prunella resolutamente, chamando depois o carpinteiro para abrir uma portinhola giratória na porta das traseiras. Talvez, pensou Carmine com um leve rasgo de esperança, Frankie e Winston fugissem e a sua casa voltasse à normalidade. O pior de tudo é que fora ele o nomeado para limpar o vômito de gato.

Quando Robert e Gordon Warburton descobriram que os bens de Amanda, mesmo sem o ursinho de vidro, estavam avaliados em mais de dois milhões de dólares, ficaram ambos extasiados. Nem sequer se

318

ressentiram muito quando o seu advogado, um tipo esperto, os informou de que podiam esquecer a contestação à Chubb pelo direito de propriedade daquela peça de museu, que apenas aquela instituição tinha capacidade para albergar.

- Onde vamos viver, meu querido? - perguntou Gordie ao irmão. - Aqui ou naquele apartamento divino?

- Oh, aqui, sem sombra de dúvida - respondeu Robbie. - Não gostaria nada de não ter um jardim; além disso, embora tenhamos feito tantos melhoramentos neste que pode vir a valer cem mil dólares, o apartamento será vendido em leilão por uma quantia dez vezes superior. Dinheiro no banco! Precisamos de dinheiro no banco! Se vendermos o apartamento, podemos ficar com as ações milionárias da Amanda e mesmo assim ter uma pipa de dinheiro disponível para esbanjar. Os nossos planos estão no bom caminho... quem diria que a Amanda haveria de contribuir tanto para eles na sua morte? Esperávamos uma doação, mas... oh, como o mundo é maravilhoso!

- A morte sempre foi generosa connosco, meu querido - disse Gordie, sorrindo. - Olha só a mamã!

- Obrigadinho, mas não quero pensar na mamã!

- Estou farto de desenhar e pintar! - disse Gordie subitamente. Robbie apressou-se a oferecer-lhe algum consolo.

- Pronto, pronto, meu gêmeo adorado, eu sei. Mas lembra-te de que és a rocha onde assenta o nosso empreendimento. Não queres que o epitáfio no nosso túmulo seja algo tão pouco duradouro como “Os Atores Gêmeos”, pois não?

- Não - admitiu Gordie, embora de má vontade. - Mas por outro lado estou farto de desenhar e pintar!

- Oh, valham-me todos os santinhos! - exclamou Robbie. Foi sentar-se ao lado de Gordon e tomou as suas mãos, friccionando-as.

- Escuta, meu querido: não podemos passar á fase seguinte enquanto não terminarmos. Eu não estava a exagerar, é mesmo o teu trabalho que nos levará ao triunfo e tem de ser uma coisa que impressione o capitão Delmonico! E como vamos fazer isso se tu não o acabares?

- Ele recusou-se a mostrar-nos as fotografias da Amanda com a garganta cortada - disse Gordie, amuado.

319

- Eu não podia insistir demasiado, sabes bem! Precisamos dele! Se ele recusar um pedido muito maior, tornamo-nos entidades nulas, que já eram...

- Que podiam ser mas não aceleram - disse Gordie, prestável.

- Não preciso de mais sinónimos! - cortou Robert. - Pensa na imortalidade, Gordie! Pensa em elevar a realidade a outro nível!

- A realidade - disse Gordie - pode sempre ser melhorada.

O ambiente no gabinete de Carmine na segunda-feira, 25 de novembro, foi-se tornando cada vez mais agitado e tenso à medida que os membros da sua equipa iam chegando. Quando Delia, a última, ocupou a sua cadeira vestida de cor de rosa e verde-maçã, parecia ser difícil respirar. Tinham todos rondado por ali durante o fim de semana, espantados por não encontrarem Carmine; agora, tão perto de apanharem o Dodó, mais uma vez ele não estava lá!

Quando Carmine finalmente chegou quinze minutos depois das oito, estava com bom aspeto, descansado, até animado.

- Tivemos um bom fim de semana... - disse Delia num tom acusador.

- Muito bom mesmo. Os dois novos membros da famílias decidiram instalar-se de vez - disse ele - e as coisas estão a correr melhor do que eu esperava. - Suspirou e sorriu. - A Desdémona começa a ficar melhor.

Nick apagou o seu quarto cigarro.

- Se soubéssemos do que estás a falar, Carmine, ajudaria muito.

- Oh! Fui eu que levei os animais da senhora Warburton para casa na quinta-feira. Na altura, houve uma ligeira crise que receei vir a tornar-se numa grande crise. Mas não. O cão apaixonou-se pela Desdémona, e tu já a conheces. Mais agressiva do que um buldózer. Além disso, é inglesa e os ingleses adoram cães.

Os olhos de Delia piscavam.

- O que aconteceu ao gato?

- Afeiçoou-se ao verdadeiro chefe da casa... o Julian. Nick acendeu o seu quinto cigarro.

- Isso é tudo muito bonito, Carmine, mas esqueceste-te de que o Dodó deve atacar amanhã?

320

- Isso não irá acontecer - disse Carmine perentoriamente. Três pares de olhos fitaram-no.

- Não irá acontecer? - repetiu Delia.

- Não. Pode ser que ataque na próxima semana ou até na seguinte, mas não esta semana.

- Como pode ter tanta certeza?

- Porque esta semana é Dia de Ação de Graças e isso estraga-lhe os planos. Ele

está a progredir na sua forma de atuar e só pode enveredar por um caminho... através de um processo mais demorado e complexo. O que significa escolher uma vítima cuja ausência não seja notada durante três ou quatro dias - disse Carmine.

- Claro! - exclamou Nick. - Até a pessoa mais solitária é convidada para o jantar de Ação de Graças de alguém.

- Sim, mas além disso ele próprio deverá marcar presença à mesa de alguém para o Dia de Ação de Graças.

Delia deu um pulo.

- Já sabes quem ele é!

- Acho que sim.

- Diga-nos! - gritou Helen.

- Não posso fazer isso, Helen. Não tenho provas... nem o mais pequeno vestígio. Até isso acontecer, a sua identidade terá de permanecer um segredo meu.

- Isso é ridículo!

- Não - disse Delia, respondendo quando se tornou óbvio que o capitão não o faria. - É ética, Helen. E se há alguma fuga de informação? Toda a observação influencia os acontecimentos, mas, se o Dodó tiver algum indício de que conhecemos a sua identidade, as coisas mudam sob todos os aspetos. Aquilo que o capitão tem como um facto consumado continua a não passar de uma mera suspeita quando não há provas que suportem a sua teoria.

- Eu nunca diria nada a ninguém!

- Claro que não. Mas encontramos-nos num local mais ou menos público, minha querida.

- Assunto encerrado - disse Carmine, pegando numa folha de papel. - O Hollow começa a ficar mais agitado do que a Argyle Avenue, e ninguém quer uma repetição do verão passado. Não vamos ter

neve antes do Dia de Ação de Graças, ou seja, teremos de preparar-nos para um inverno ameno. Não podemos permitir que haja atos de fogo posto e pilhagem, é demasiado duro para a maioria dos residentes nos guetos. O capitão Vasquez solicitou a implementação de duas medidas de prevenção e o comissário Silvestri concorda com ele. Os olhos cor de âmbar pousaram em Nick Jefferson.

- A Divisão Uniformizada não terá muito descanso, já que tem de estar preparada para dissuadir quaisquer tumultos em minutos, literalmente. A função dos detetives é desencantar informação, o que significa falar com o Mohammed el Nesr e a Brigada Negra. Sem informação, não conseguiremos matar à nascença o núcleo dos tumultos. O Abe Goldberg é o responsável pela nossa contribuição, mas tu, Nick, vais ter uma missão especial. O Abe acha que podes disfarçar-te... desde que, como é evidente, estejas disposto a correr esse risco.

- Completamente - disse Nick, parecendo ansioso.

- Tens família e o teu dever também é para com ela.

- Carmine, se não fosse a sorte que tivemos e o único e pequeno extintor que existia, os meus pais teriam perdido a casa em julho passado e novamente em agosto, quando já dispunham de seis extintores. A loja do meu tio foi pilhada. A minha mulher e os meus filhos não serão um empecilho. Estou pronto para avançar.

- O capitão Vasquez chamou um maquilhador do cinema... nem todos os agentes vão andar na rua para responder aos tumultos, mas eles não têm treino para um bom trabalho de observação. Portanto, depende muito de ti, Nick. Este maquilhador jura que consegue pôr-te quinze centímetros mais baixo e vinte anos mais velho. Vai ter com o Abe, está bem?

Nick desapareceu ainda as últimas palavras de Carmine ecoavam. - Quem me dera fazer qualquer coisa parecida - disse Delia, lamentando claramente tanto o seu sexo como a cor da pele.

- E que tal se te juntares às prostitutas atrás da Câmara Municipal? Os chulos são negros, tal como a maioria das raparigas. Informação, Delia, tanta quanta conseguires recolher. As prostitutas e os chulos falam, e eu já tive oportunidade de ouvir as tuas várias pronúncias americanas. Transforma-te em mulata, o teu tom de pele adequa-se bem e a cor do teu cabelo é perfeita.

- Preciso de um chulo - disse Delia, contorcendo-se com a expectativa.
- Um dos novos graduados da academia é negro, anda pelos quarenta anos e tem um rosto perfeito para disfarçar. Chama-se Jimmy.

E Delia foi-se embora.

- Então e eu? - perguntou Helen friamente.
- Você tem uma aula de medicina forense das nove ao meio-dia e vai passar a tarde na sala de autópsias.
- Não vou andar no terreno!

O rosto de Carmine ergueu-se. Cruzou as mãos e olhou para ela com dureza.

- Helen, você entrou numa fase previsível no seu treino para detetive - disse ele - e terá de cumpri-la sem fazer descarrilar a sua carreira. Agora, acha as aulas frustrantes, embora sejam de longe a parte mais importante do seu currículo. Mais tarde verá que tenho razão, mas agora, enquanto não consegue ver isso, obedece muito simplesmente às ordens que lhe dão. O que é que estava à espera que eu fizesse com uma aprendiz de vinte e cinco anos com ar de Jane Fonda, hem? Pintar-lhe a pele e pô-la a calcorrear o Hollow ou a Argyle Avenue para colher informações? Como pode ser tão burra? Seria raptada e violada, e não seria pelo Dodó! Se pudesse utilizá-la com segurança nalguma operação no terreno, fá-lo-ia, mas não há nada que se adeque às suas capacidades ou à sua aparência. A sua ambição não tem limites, mas, da próxima vez que passar à frente de um espelho, olhe bem para ele. Você seria ideal para crimes de colarinho branco ou para acompanhantes que cobram milhares de dólares, não para trabalhar em guetos à beira do motim ou em antros duvidosos de gente branca pobre. A classe social a que pertencemos vem do berço, nunca se esqueça disso, e aceite as suas limitações sem lançar as culpas ao chefe.

Sem palavras, Helen deixou-se ficar sentada com a cabeça em torvelinho, detestando o facto de ter substituído o seu pai por um homem que fazia dois dele. Claro que Carmine tinha razão, não havia nenhum argumento no mundo inteiro que conseguisse tirar-lhe a razão. A fantasia era uma coisa muito bonita, mas não podia interferir com a realidade.

Após o que calculou ser um intervalo de tempo suficientemente longo para uma saída airosa, Helen levantou-se e dirigiu-se para a sala

da equipa, onde se sentou à sua secretária e escreveu no seu diário até faltarem dez minutos para as nove.

323

com a papelada organizada, Carmine foi até ao gabinete de Corey, uma caminhada que nos últimos tempos era para ele como um árduo trajeto de mil quilómetros e que lhe punha sempre o estômago às voltas. A pobre rapariga! Ele odiara ter de fazer aquilo, sobretudo porque a repreendera em outras ocasiões nos últimos dias, mas era algo que tinha de ser feito. E, tal como viera a saber, Helen Macintosh possuía uma personalidade suficientemente forte para perceber que o chefe tinha razão. A paixão precipitara-a na sua demanda perpétua por também pertencer, por ter uma oportunidade para brilhar como os outros. Porém, quando os factos puros e duros eram postos em evidência, ela conseguia pôr um pouco de lado a sua paixão e ver a verdade.

Infelizmente, pensou ele ao entrar no gabinete, Corey Marshall não tinha nada que se parecesse com a inteligência de Helen. Para ele, a vida era uma arena cruel e, neste momento, o adversário mais temível que enfrentava era o seu chefe. Uma situação em que nunca sairia a ganhar.

com efeito, Corey pôs-se de pé num instante, de punhos sobre a secretária, com a cabeça lançada para a frente como uma cobra.

- Eu tenho os meus próprios métodos, o meu próprio estilo, os meus próprios objetivos! - disse ele, arrepanhando os lábios. - Se estás aqui para me pregares outro sermão, não te incomodes. Eu faço o meu trabalho, eu até preencho os impressos todos do Vasquez! Que monte de papelada é esta que ele nos quer impingir, não me dizes? O tipo não é um polícia, é um manga de alpaca!

Saiu de trás da secretária e pôs-se a andar de um lado para o outro; Carmine, impassível, puxou de uma cadeira e observou-o.

- Olhas para mim com superioridade - disse Corey -, mas não consigo perceber porquê. Exceto que és um tipo obcecado que não pode ver a mais pequena ponta solta, mesmo que seja algo que não interessa para nada. O mundo inteiro tem de se enquadrar! Não admira que gostes tanto do Abe... são tão parecidos! Um par

de tarados obsessivo-compulsivos!

324

O vocabulário, as frases, o pensamento de Maureen.

“E aqui estou eu”, pensou Carmine, “ainda a pensar como pude ignorar esta faceta do Corey. Sim, sabia bem que ele e Abe eram muito diferentes enquanto pessoas, e também enquanto detetives, mas não vi a paranóia incipiente, a falta de planeamento tático, a fraqueza subjacente e o imenso poder que Maureen tem sobre ele. Suponho que eram coisas que antes não existiam, pelo menos com esta amplitude. Sempre que recebia ordens, lá ia mantendo o queixo à tona de água, e a rivalidade com o Abe apenas era visível como uma igualdade de oportunidades para um único posto de tenente. A sua independência era limitada e o responsável era eu. Funcionava na plenitude das suas capacidades. Agora que é ele a ter a responsabilidade, uma parte do Corey foi dominada por um orgulho presunçoso, enquanto a maior parte dele anda transviada, perdida. E pôs-me completamente de lado.”

- Quem me dera que me deixasses ajudar - disse Carmine subitamente.

- Ajudar? Em quê?

- Nas dificuldades que tens no desempenho do cargo. Corey fechou os olhos.

- Acho que me lembro de já termos tido esta conversa ou uma parecida. Não sei onde vais desencantar as tuas ideias, Carmine, mas estão erradas. O que queres?

- O Hollow está prestes a desatar aos tiros e eu preciso de saber se o caso das armas da Taft High se encontra devidamente encerrado.

-Já enviei a papelada a dizer que sim.

- O Buzz continua a não ter tanta certeza.

- O Buzz é uma velha tonta. Quando é que me atribuem mais um subordinado e quem vai ser?

- O Donny Costello. Vem agora cá para cima. O rosto descontente não desanuviou.

- O Costello? Esse é outro picuinhas como o Buzz.
- E tu precisas de todos os picuinhas que conseguires arranjar, Corey, porque tu não és um deles - disse Carmine. - Olha pelos teus homens.
- Ora, vai bardamerda, Carmine! O teu problema é que continuas a querer ensinar o pai-nosso à tua avó!

325

Vê-se bem que nunca conheceste a minha avó Cerutti. Bardamerda!

- O Corey não dá o devido valor às rotinas - disse Carmine a John Silvestri nessa tarde, às cinco horas. - Enquanto for a Maureen a conduzir o barco, ele não vai melhorar nem um bocadinho. Como não a incluí na equação, tanto pior: ela ficou com delírios de grandeza, como dizem os psiquiatras.
- É engraçado como tendemos a ignorar a situação doméstica de um homem. Consegues imaginar duas mulheres mais diferentes do que a Maureen Marshall e a Ava Jones? - perguntou Silvestri. Ambas os usaram até à exaustão... embora por razões distintas.
- Não vou poder ver-me livre do Corey, pois não?
- Não. Por muito que vejamos o comboio expresso a cavalgar os carris direito a nós, enquanto ele não bater, temos de supor que não o fará.
- Corre o boato de que o Buzz Genovese continua a insistir que o caso da Taft High não está resolvido, e isso preocupa-me.
- Ele passou por cima do Corey e falou contigo, Carmine?
- Quem, o Buzz? Nem por sombras. É demasiado honrado para isso.
- Quem irá ser o subordinado direto do Corey?
- O Donny Costello.
- Melhor ele do que um recruta saído do sistema, do género da Helen Macintosh. O Costello não se importa com a burocracia.

- E que tal aliviar um pouco a papelada do Fernando, John?

- É engraçado que ele é pouco mais novo do que tu, mas a sua atitude no cargo mostra que cada um dos departamentos de polícia onde já trabalhou deve estar debaixo de um metro de papelada. Mas como podes estar tão descontraído com o provável ataque do Dodó amanhã?

Carmine pôs-se de pé.

- Queres ir beber um copo ao Malvolio? - perguntou. - Depois te conto sobre o Dia de Ação de Graças. A propósito, que grau de parentesco há entre ti e o Luigi?

326

- É meu primo em primeiro grau.

- Estou a ficar cada vez melhor. Demorei nada mais, nada menos do que dezoito anos para descobrir isso. Que rico detetive eu me saí.

O que Carmine não podia saber era o grau de ferocidade a que chegara a diferença de opiniões entre Corey e Buzz acerca do caso da Taft High.

Duas semanas antes, Buzz confrontara mais uma vez Corey.

- Deixa-me continuar - pedira ele a Corey. - Tudo na Taft indica que existe uma facção operacional da Brigada Negra... e que a Brigada Negra está prestes a entrar em guerra com eles. Sabes tão bem quanto eu como a militância se perde em guerras intestinas, principalmente em sítios como Holloman, onde há dois guetos separados por um campus universitário e um centro urbano comercial. Claro que tiramos vantagem disso, mas a Brigada Negra encontra-se entrincheirada no Hollow, enquanto alguma coisa de novo se passa na Argyle Avenue. E a Taft está entalada entre os dois.

- Isso é tudo muito bonito, mas onde estão os factos, Buzz?

- Nada de muito palpável - admitira Buzz. - O que não quer dizer que eu esteja a imaginar coisas, Cor. Ainda há armas na Taft High.

Corey agitou no ar o relatório que segurava.

- Os teus argumentos são tão frágeis como a folha de papel onde os escreveste, Buzz. Tenho informadores bastante credíveis na Brigada Negra que me dizem que o caso da Taft High foi um verdadeiro mal-entendido, nunca parte de um plano.

- Mas isto não é a Brigada Negra propriamente dita! - persistiu Buzz. - É um grupo dissidente com propósitos bem mais violentos, cujo objetivo passa por disseminar a revolução ao estilo de Lenine... antes de mais nada, vem o terror. Uma das suas pedras angulares é a violência nas escolas secundárias. E os membros da Brigada Negra não sabem da existência do grupo dissidente, porque não é coisa que o Mohammed el Nesr queira divulgar.

- Este relatório é uma mera suposição, Buzz. Se me guiasse por ele, rir-se-iam de mim - disse Corey.

327

- E rirem-se de ti é mais importante do que a possibilidade de a violência estalar na Taft? - perguntou Buzz.

Corado, Corey largara as folhas de papel como se lhe queimassem as mãos.

- Essa observação era completamente desnecessária! Arranja as provas e terei muito gosto em acreditar em ti, mas não vou agir com base em palpites. Ainda não percebeste isso? - A sua voz adquirira um tom de histeria teatral. - Os encarregados de educação da Taf High ainda nos processam por discriminação e difamação! Vai-te embora, Buzz! Faz aquilo que te mandei fazer... apanha os tipos que assaltaram o Fourth National Bank no Valley, quem quer que tenha sido. Além de ser um caso importante, é algo palpável.

Incapaz de fazer mais, Buzz deixou cair o assunto. Havia alguma justeza no ponto de vista de Corey; apenas a hipótese de uma tragédia envolvendo crianças levava Buzz a tamanho esforço.

O seu relatório foi parar à pasta do caso do esconderijo de armas na Taft High, mas por duas ocasiões, quando Carmine, Abe e Corey tiveram a sua reunião das quintas-feiras para discutir os casos da semana, Corey não o apresentou nem sequer se lhe referiu de passagem. E o relatório ficou no fundo da pasta, por ler.

Seguir o rasto dos assaltantes do Fourth National Bank levava o seu tempo, mas

Buzz Genovese, embora inexperiente, era um bom detetive. Mais do que para obtenção de lucros pessoais, o crime tinha todos os contornos de uma operação de financiamento, mas os informadores de Corey na Brigada Negra eram muito novos e pouco importantes na hierarquia, pelo que não conheciam a fundo o pensamento de Mohammed el Nesr, jurando que a Brigada Negra não estivera envolvida... o que era absolutamente verdade. Uma receita de setenta e quatro mil dólares dava para comprar muita artilharia, incluindo mesmo armas automáticas; contudo, se Mohammed estava inocente, de que outros membros da organização se trataria? Uma pergunta que Corey não fizera. Buzz localizou o grupo dissidente e, por fim, um endereço: 17 Parkinson, no bairro da Argyle Avenue.

Ao meio-dia de terça-feira, 26 de novembro, Buzz, Nick Jefferson e quatro agentes uniformizados entraram na casa e deram com dois

328

negros a verem na televisão uma repetição de um jogo dos Lakers; nenhum deles estava armado e uma busca rigorosa por todos os recantos dos três pisos revelou não existirem ali armas. O número 17 da Parkinson consistia em três apartamentos que tinham sido esvaziados e completamente forrados com colchões, com todas as janelas entaipadas. Era evidente que Milo Washington e Durston Parrish viviam ali, e o informador de Buzz, secundado por Nick, garantiu que Milo e Durston eram os dirigentes do grupo dissidente. Portanto, onde estavam as armas?

Havia cartazes afixados nos colchões que enalteciam o derramamento de sangue, a supremacia negra, a chacina de brancos e, repetidamente, três letras maiúsculas: BPP. Para Buzz, era um acrónimo novo.

Olhou para Milo Washington, que, mais do que Durston Parrish, tinha uma figura que se impunha: mais de um metro e oitenta, um bom físico, um rosto simpático, pele clara e ancas estreitas; os olhos, grandes e num cativante tom de verde, fitaram-no com desprezo. “O tipo deve estar a sentir-se um idiota”, refletiu Buzz, “a ver uma repetição dos Lakers!...” - O que quer dizer BPP, Milo? - perguntou Buzz?

- Black People’s Power - disse Milo com orgulho.

- Então é isso! E tu quem és, meu? - perguntou Nick.

- Sou o fundador e dirigente da organização.

- E também falas bem quando precisas. Onde estão as armas? - Isso querias tu saber, chui vendido!

Buzz sentiu um calafrio pela espinha abaixo; eles não tinham propriamente entrado no número 17 da Parkinson em silêncio, dando assim tempo àqueles que se encontrassem em casas próximas para evacuarem antes que as balas comesçassem a zunir.

- Há qualquer coisa que não está bem - disse Buzz a Nick quando a busca se revelou infrutífera. - O Milo não negou a existência das armas... o tipo fala bem de mais, precisa de ir dentro algum tempo para ter umas conversas com o Wesley lê Clerc.

- Não temos nada contra eles - disse Nick. - Ver os Lakers ganharem um jogo não é crime e não havia nada escondido, fosse o que fosse.

329

- Podes ficar descansado, Milo - disse-lhe Buzz no alpendre, com parte da sua mente a tentar perceber porque é que os agentes uniformizados, aglomerados em redor de um carro-patrolha, pareciam tão perturbados.

Estavam todos ainda no interior da casa quando a confusão rebentou na Taft High. Morreram dois estudantes, dois professores e um polícia de intervenção, e outros trinta e três ficaram feridos, dois deles em estado grave. Alguém na Parkinson correrá até à escola para alertar o miúdo que liderava o Black People's Power; partidário da ação, ele reuniu as suas tropas, retirou do esconderijo do grupo as armas automáticas e carregadores extras e dispôs-se a ir libertar Milo e Durston. Se os chuis pensavam que iam prender Milo, estavam muito enganados! Mas um dos miúdos do BPP era um espião, colocado junto do grupo para que, quando o arsenal do BPP fosse desenterrado, informasse os miúdos da Brigada Negra, que por sua vez recorreram às suas próprias armas, e desataram todos aos tiros dentro da escola. Só a polícia de intervenção conseguiu travar as hostilidades.

Porque não tinha Corey Marshall levado o seu relatório a sério? Tudo dependia disso, pensava Buzz enquanto deambulava desolado pelo pátio, culpando-se a si próprio e culpando Corey. Ele soubera que as armas estavam na escola! O

problema era não ter provas suficientes para apresentar ao capitão Vasquez, o qual de outra forma teria atacado a escola ao mesmo tempo que Buzz irrompia pela casa do BPP na Parkinson. Não, não, estava tudo mal! Corey Marshall era o elo de ligação necessário e...

Andava alguém pelo pátio: Carmine Delmonico. Estava com uma expressão severa e Buzz nem teve de perguntar porque andava ele a passear pelo pátio. Por vezes, um homem precisava de espaço e ar livre.

Carmine viu-o e aproximou-se.

- Acreditas nisto? - perguntou ele. - Duas facções rivais da supremacia negra, dois mil miúdos desafortunados, de todas as cores que Deus deu aos homens... merda, merda, merda! Porque pensou uma das facções que conseguia libertar o Milo Washington e porque é que a outra decidiu travá-los no perímetro da escola? A minha mulher tem razão, são as armas! E as drogas! Porque não usam eles a sala de aulas para aprender, em vez de ser o sítio onde curam a ressaca?

330

Os dois homens viraram-se e começaram a andar juntos.

- Eu sabia que tinha razão - disse Buzz por fim, cerrando os punhos. - Fartei-me de dizer ao Corey que havia um grupo dissidente, mas ele não acreditou em mim. Não tinha quaisquer provas, só o meu instinto de polícia. Além disso, Carmine, fui enganado pelos informadores do Corey junto da Brigada Negra. Convenceram-me de que a Brigada Negra não estava preocupada com a formação do Black People's Power. Mas a verdade é que o Milo andava a fazer incursões significativas no exército do Mohammed, e já cheirava a guerra. O problema é que não são os soldados habituais do Mohammed que se encontram envolvidos... eu devia ter percebido isso e não percebi. Meu Deus!

Fez-se outro silêncio, mais uma vez quebrado por Buzz Genovese.

- Levei quatro horas a redigir aquele relatório, esfalfei-me, mas não tinha provas que confirmassem o que me dizia o instinto. Apenas pequenos sinais: comentários fortuitos, olhares de esguelha, sussurros interrompidos... nada de provas, provas, provas! O dinheiro do assalto ao banco no Valley serviu para financiar a compra de armas para o BPP, mas por que raio... diga-me porque é que eles tiveram de esconder as armas numa escola? Numa escola! - Deteve-se,

tentando recompor-se. - Bem, agora é demasiado tarde. Cinco vidas! Estou marcado, Carmine.

- Qual relatório, Buzz?

- O relatório suplementar que apresentei acerca do esconderijo de armas na Taft High. O Corey encerrou o caso por falta de provas há um mês... bem, acho que tem conhecimento disso. Mas eu sabia que não tinha acabado. Portanto, continuei a observar e a escutar durante quase duas semanas, e depois redigi esse segundo relatório. Ficou embaraçado. - Desculpe, capitão, não queria passar por chibo. Além disso, o Corey tinha razão: não havia a mais pequena prova.

- O que fazemos acerca disto? - perguntou Carmine, empunhando o segundo relatório. Fitava o comissário Silvestri e o capitão Vasquez, cujos rostos se apresentavam cuidadosamente neutros. - Se o mais pequeno sussurro acerca disto sai lá para fora, os meios de

331

comunicação terão um dia em cheio. A morte de crianças numa escola já faz parte das notícias do mundo... Holloman está cheio de jornalistas. A Brigada Negra e o grupo dissidente, o Black People's Power, são grupos locais da supremacia negra, sem qualquer impacto nacional. Neste ano de motins e tremenda violência, a Brigada Negra e o BPP são ninharias para os jornalistas. Foi a morte de Martin Luther King Júnior, depois a de Robert Kennedy... que ano terrível! Mas o que acontece se se vier a saber que o Departamento de Polícia de Holloman estava avisado de que existia um segundo esconderijo de armas na Taft High e nem sequer investigou? Sabemos agora que ambos os grupos tinham armas escondidas na escola, mas nada indica que a polícia de Holloman não cumpriu a sua função. Exceto isto. - Carmine pousou as sete folhas na mesinha de café de Silvestri.

Os três já tinham lido o relatório de Buzz, repescado do fundo da pasta da Taft High por um Corey Marshall apavorado. O que Carmine não sabia era se Corey tencionara trazer-lhe o relatório ou queimá-lo. O seu instinto de polícia dizia-lhe que Corey tencionava queimá-lo, mas assim que puxara das folhas Carmine tinha entrado no seu gabinete.

“Bem disseste que um dos meus casos ainda se voltaria contra mim”, dissera Corey, entregando-lhe o relatório.

“Lamento que seja de uma forma tão terrível, tenente.”

“O que vai acontecer comigo?” Parecia aterrorizado.

“Não sei. Mas, se fores minimamente inteligente, nem sequer menciones isto à Maureen. É a tua única esperança.”

- Disse ao Corey para não dizer nada à Maureen - continuou Carmine. - E ele até é capaz de obedecer, porque não me parece que esteja disposto a ouvir a descasca que ela lhe daria.

- És muito esperto, Carmine - disse Fernando Vasquez.

- Se fosse, isto não teria acontecido. Sabia que o Corey era fraco, mas eu também o fui por não ter feito nada.

- Isso agora é irrelevante. - A mão esbelta de Fernando apontou para o relatório. Não fizeste nenhuma cópia disto, e vocês nos Detetives ainda não captaram bem a política moderna de fazer cópias de tudo. Por exemplo, o sargento Genovese fez alguma cópia para si próprio?

332

- Não. Porque havia de fazer? O relatório está na pasta.

- Pois no futuro deveria fazê-lo. O mundo pertence cada vez mais aos advogados, Carmine, e alguns deles são mais implacáveis do que qualquer jornalista. Quando eu aumento a papelada, tenho uma boa razão: faço-o para proteger os meus homens. com o caso do Dodó a sobrecarregar-te, ainda não cheguei aos Detetives, mas lá chegarei.

- Depreendo então que a existência de uma cópia disto seria uma coisa boa? - perguntou Carmine.

- Muito boa. O que acontece se o Buzz envereda pelo caminho do Morty, hem? Culpa, depressão, um tiro na boca? Sem uma cópia deste relatório, as pessoas julgariam que ele andava a inventar coisas

- disse Fernando, com os seus olhos negros como duas pedras preciosas cintilantes.

- Não chegará a esse ponto - disse Carmine. - Desta vez, asseguro-me de que tal não aconteça, de maneira nenhuma. - Sentiu-se agoniado e pressionou o diafragma. - John, não disseste uma palavra. O Fernando não me deixou qualquer dúvida quanto à sua solução para os nossos problemas... queimar o relatório. Que dizes?

- Que os caminhos do Senhor são insondáveis - disse o comissário - e que tu agiste para o bem do Departamento de Polícia de Holloman. Nem sequer se trata de uma questão de culpa... as atitudes variam. A atitude de casmurro do Corey torna-se mais repreensível por terem morrido cinco pessoas? Ele tinha todas as probabilidades de estar com a razão.

- John, se tivesses lido o relatório do Buzz, terias tirado os teus homens da Taft High? - perguntou Carmine.

- Não - respondeu secamente Silvestri.

- E tu, Fernando?

- Eu teria feito uma razia ao local, por muitas objeções que os pais e professores fizessem. Era a única maneira de o fazer, Carmine. Evacuar toda a escola e depois procurar as baratas e as pulgas para ver se andavam a procriar.

- Lições para o futuro - disse Silvestri, suspirando. - Irei manter a versão de que a escola foi escrupulosamente inspecionada e que todas as armas lá existentes foram confiscadas. Felizmente, os miúdos

333

envolvidos foram todos parar ao tribunal de menores e por isso não temos culpa se já estão de regresso à Taft High. Quanto ao esconderijo de armas da Brigada Negra e do BPP, as armas tinham sido colocadas na escola há tão pouco tempo que não soubemos de nada. Como em tantos outros sítios, também em Holloman tem sido um ano mau no que se relaciona com motins raciais.

- Portanto, tencionas queimá-lo - disse Carmine num tom monótono.

Pareciam pai e filho, pensou Carmine quando Vasquez e Silvestri se aproximaram de um armário com portas de vidro. John tirou de lá uma grande bandeja de prata enquanto Fernando não parava de o rondar. Elegante, de

uniforme da marinha com galões prateados, cabelo e olhos muito escuros, feições impecáveis e um certo andar gracioso de gato. “Graças a Deus! Finalmente, o John encontrou o seu herdeiro. Não que ele tencione reformar-se tão cedo. Terá primeiro de preparar o Fernando.”

O relatório de Buzz Genovese foi queimado enquanto Carmine observava os dois homens uniformizados que se asseguravam de que nenhuma folha ficava por arder.

- Amanhã de manhã falo com o Buzz - disse o comissário quando Fernando levou a bandeja para a casa de banho privativa. É triste mas é simples... quando o tenente Marshall procurou o relatório, este tinha desaparecido. Achas que é demasiado sugestivo, Carmine? Bem, julgo que o Corey merece o ódio que lhe vão ter, especialmente no olhar do Buzz.

- Agradeço que me tenhas convocado para esta reunião, John. Fernando regressou e os três homens sentaram-se novamente.

- Ainda temos um problema - disse Carmine.

- Ou seja, o Corey? - perguntou Silvestri. - Exato.

- É um caso bicudo.

Fernando recostou-se satisfeito por ter feito a sua parte; Carmine continuou a falar com Silvestri, como se também ele pensasse o mesmo.

- Tenho uma solução, John. O comissário endireitou-se.

334

- Tens? Chuta!

- Em primeiro lugar, o Corey não se adapta à sua posição atual. É demasiado antirrotina num cargo que ele pensa que não deveria ter qualquer rotina, já para não falar que acha que o estão a encurralar. Um homem mais seguro de si teria simplesmente admitido que estava errado, mas isso é coisa que o Corey não é. Além de ser dominado pela mulher. Do que ele precisa é de um trabalho onde tenha um estatuto semelhante mas nenhuma da responsabilidade inerente... nenhuns seres humanos enquanto seres humanos individuais, mas apenas como

números.

Fernando endireitou-se bruscamente, desconfiado e incomodado.

- Não!

- Ora, Fernando, ele é perfeito, e sabes disso. Lá para o Natal, já terás completado as tuas reformas... três tenentes, lembras-te? Depois de teres transferido o Mike Cerutti de um departamento para o outro, tencionas colocá-lo como tenente responsável por qualquer coisa que dê frutos... pois bem, é lógico, e tu és um homem lógico. Claro que precisas de um tenente responsável pelo pessoal, mas terá de ser alguém que fique diretamente sob o teu controlo. E por isso não há de ser o Joey Tasco, será o Virgil Simms. O Mike e o Virgil são bons homens e não podem dar-se ao luxo de se esquecerem que os promoveste em detrimento de muitos outros, que os seus salários subiram em flecha e que agora podem usar galões prateados. Mas precisas também de um tenente veterano, e em quem confias na Divisão Uniformizada, podes dizer-me? Idealmente, precisas de alguém de fora, mas não estás cá há tempo suficiente para sobreviveres à revolução palaciana que isso provocaria. Ao passo que o Corey Marshall já se encontra no Departamento de Polícia de Holloman há dezassete anos, onze dos quais na Divisão Uniformizada. Todos os polícias graduados o conhecem e gostam dele. O facto de ser recompensado com um cargo superior será visto como algo sensato e indiscutível. Por outro lado, aquilo que sabes sobre ele deixa-o preso a ti. Ele terá de trabalhar a partir de uma lista de “sins” e “nãos” que tu impões como lei... ou seja, não terá qualquer espaço de manobra. E a mulher dele não terá a mínima influência no seu poder. O Corey é o tenente veterano perfeito. Vá, Fernando, admite!

335

- Concordo que de facto é a melhor solução - disse Fernando. Raios te partam!

- Também eu concordo e o meu voto é decisivo - disse Silvestri.

- Disseste-me que eu tinha demasiados tenentes e tinhas razão

. disse Carmine, sorrindo. - No futuro, os Detetives terão apenas

um tenente, o Abe Goldberg, e um capitão, eu. Menos um tenente, menos dores de cabeça.

“Mas este foi um dia terrível”, pensava Carmine mais tarde enquanto conduzia até sua casa. “Nem todos os que morreram na Taft High eram inocentes, mas até um ferimento ligeiro é um preço demasiado elevado a pagar por uma paz conturbada. E eu fui conivente com a destruição de um documento que inculpa um dos meus homens e que devia vir a lume para vingar outro deles. O que poderia ter acontecido se me tivesse recusado a ser conivente? Se tivesse insistido na

divulgação do relatório? O John Silvestri é oficial superior e foi conivente. Claro que é o Vasquez. A nova fornada, o polícia moderno.”

“De que adiantaria a divulgação? Apenas serviria para alguma coisa se tivesse ocorrido de antemão, e isso é culpa do Corey Marshall. Sabia que havia um relatório, enquanto mais ninguém sabia da sua existência, exceto o seu autor. É um dilema terrível e ambas as soluções são cruéis. Se tivesse divulgado as suas descobertas, o Buzz Genovese teria de passar por cima do seu chefe, o que, segundo ele, seria uma falta de honra. Bem, eu teria pensado o mesmo. Assim, salvou-se a honra, mas à custa de cinco vidas e um monte de feridos. Percebo porque é que o John Silvestri escolheu o Corey Marshall para mau da fita, mas será que nós os três, ele, o Fernando e eu, estamos inocentes?”

- Foi um dos meus piores dias - disse ele a Desdémona, contando-lhe tudo exceto o conluio para queimar o relatório.

- Oh, Carmine, que horror! Eu sei porque é que as armas são uma grande parte do problema - disse ela. - Os homens são genuinamente combativos, faz parte da sua condição masculina. Agora que andamos ocupados em fazer da guerra uma coisa tão repulsiva, uma

336

guerra diferente começa a ser travada nas nossas ruas e nas nossas escolas. Ou então um miúdo qualquer bate com a mota porque ia a cem à hora. Seja o que for. Os homens jovens morrem violentamente. Quando isso acontece com mulheres jovens, geralmente é às mãos de um homem.

- Vamos lamentar-nos juntos, Desdémona?

- Antes juntos do que separados, meu amor. - Foi à frente para a sala de estar e manteve-se ocupada junto do pequeno bar, pelo que a frase que se seguiu soou

espontânea, casual. - Comecei a ir à igreja com a Maria - disse.

Cuidadosamente, ele aceitou o copo.

- Mal não faz, pois não?

- Não, nunca.

337

338

1968

De segunda-feira, 2 de dezembro, até ao fim do ano

339

Quando Helen pediu ao capitão Delmonico que lhe devolvesse os seus blocos de notas já completos, ele recusou.

- Estão guardados e assim ficarão até ao fim do seu treino disse ele. - Mais uma questão antes de se ir embora, por favor. Porque mostrou partes do seu diário ao Kurt von Fahlendorf? As minhas instruções foram explícitas.

- Capitão, mostrei ao Kurt as partes relevantes acerca do seu rapto, na esperança de ele me dar alguma pista - disse ela... Bem, era quase verdade.

Carmine ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada.

- Reconheço que não zelei devidamente pela sua segurança quando comecei a escrevê-los, capitão, mas já aprendi a lição. A Delia deu-me uma ensaboada por a minha arma e distintivo se encontrarem igualmente na minha mala... e claro que tinha razão. - Soltou uma risada despreocupada. - Mas ninguém me roubou a mala, capitão.

- Passou um feriado agradável? - perguntou Carmine.

- Mais agradável do que pode imaginar. Consegui escapar ao Dia de Ação de Graças do meu pai.

- Isso não deve tê-lo deixado muito satisfeito.

- Bem, não, de facto, mas eu tinha uma desculpa excelente. Teria mesmo de ter uma boa desculpa, pensou Carmine, pois os

jantares de Ação de Graças de M. M. eram descomunais e requeriam que toda a sua escassa família estivesse presente. A prática corrente era M. M. encarregar os seus bolseiros de lhe desencantarem cinquenta

340

caloiros de fracos recursos que não tivessem dinheiro para ir a casa. A ausência de Helen teria sido notada.

- O Dodó não atacou - disse ela, encaminhando-se para o gabinete da equipa. - Já está atrasado.

- Sim, fez aquilo que tencionava... confundir-nos - disse Carmine. - Lamento, mas vai ficar sozinha, Helen. O Nick e a Delia ainda se encontram de serviço. Sei que não é muito fascinante, mas a sua principal função será tomar conta dos telefones e estudar. A Stella apenas dá conta das minhas chamadas e os telefones da equipa têm sido descurados. O Fred ligou os três gabinetes das equipas entre si, mais os dos tenentes Marshall e Goldberg, o que quer dizer que vai estar ocupada.

Ele estava a sorrir e o mínimo que ela podia fazer era sorrir-lhe também. Porém, ao mesmo tempo que se dirigia para a sua secretária, Helen combatia uma sensação de aborrecimento. “Como é que eles se atrevem? Oh, porque é que não sou mais velha e discreta, porque é que o meu cabelo teve de sair com esta famosa cor de alperce?”

O telefone tocou.

- Daqui Helen Macintosh a atender as chamadas de toda a gente! A sua frase foi recebida com silêncio; depois ouviu-se uma gargalhada.

- Helen? Este não é o teu telefone?

- Oh, Kurt! Desculpa, é que... ora, não interessa.

- Há mais de uma semana que tento falar contigo.
- O capitão dispensou-me. Andam todos ocupados com qualquer coisa para a qual eu não me encontro preparada; como tinha um assunto pessoal a tratar, pedi uma licença.
- Passei pelas Talisman Towers - disse ele -, mas nunca estava ninguém em casa. Suponho que por ser Dia de Ação de Graças. Mas quando o teu pai me disse que não sabia onde estavas, fiquei preocupado!
- Oh, pobre Kurt! Desculpa.
- Só me dizes isso. Perdoo-te tudo o que quiseses se vieres comigo ao Solo's esta noite.
- Que rica ideia! vou contar-te tudo.
- Irei buscar-te às seis e quarenta e cinco - disse ele.

341

- Hum... não, isso é complicado. vou eu ter contigo às sete, está bem?
- Lá terá de ser - respondeu Kurt, e desligou.

Era típico de Kurt: quando ela chegou, já ele lá estava para a receber. Por vezes, Helen pensava na hipótese de chegar ao local de encontro uma hora mais cedo do que o combinado, apenas para ver quanto tempo antes Kurt chegaria. Ele era não só lindo de morrer, mas também um verdadeiro cavalheiro. Além de ser um génio.

- Terminaste as tuas equações? - perguntou ela, aceitando um copo de Chambertin francês.
- Terminei, sim, e depois voltei atrás e reescrevi as da parede do depósito. - Adicionou água mineral gaseificada ao seu próprio copo de vinho.
- Sinceramente, Kurt, como podes estragar um vinho tão bom como este

diluindo-o com água? Há certas alturas em que não fazes sentido.

- É muito forte, querida Helen, e quero manter-me lúcido. - Os olhos azuis gelados brilharam. - Por exemplo, para ouvir as tuas novidades.

- Não, começemos pelas tuas - disse ela.

- Como sabes que tenho novidades para te dar?

- Sou capaz de ler os teus pensamentos como um livro aberto.

- Ah, então... Bem, já não é novidade nenhuma, mas julgo que tens o direito de saber. O Josef era realmente casado com a senhora Richter, o que tornou o seu casamento com a Dagmar bigamo.

- Lamento imenso!

- Não há nada que lamentar. Nunca ninguém há de saber. Frau Richter e o filho foram mortos poucos minutos depois do Josef... não é incrível? Que coincidência!

Helen atirou a cabeça para trás e riu-se.

- Foi tanto uma coincidência como o encontro entre Roosevelt, Churchill e Estaline em alta!

- Estas a ser irónica - disse ele serenamente, começando o seu cocktail de camarão. - Isto está delicioso! Não ficaste chocada?

342

- Não, Kurt, não fiquei. Quem os matou?

- Tanto quanto sei, turcos.

- Que agora vão a caminho da Turquia para gozarem uma vida de lordes - disse ela, ainda a rir-se.

- Isso já não posso considerar como postulado.

- Os polícias de Munique fizeram a ligação entre Frau Richter e Josef von

Fahlendorf?

- Como poderiam? O Josef foi cuidadoso, de modo a não deixar provas, e Frau Richter, que tinha toda a documentação, guardava-a na secretária... nem sequer fechada à chave, consegues imaginar?

- Por acaso, consigo - disse Helen, que não sentia pena nenhuma dos Richter.

E se ela tivesse sido suficientemente tola para se apaixonar por um vigarista, integrando-o na família Macintosh? Claro que isso não teria acontecido, nem nunca aconteceria no futuro, mas ela entendia perfeitamente a situação difícil em que se encontravam os Von Fahlendorf. Dagmar tinha os defeitos de um génio: conseguia conceber novas fórmulas e processos e dirigia uma companhia que englobava várias indústrias com toda a argúcia e conhecimentos de uma pessoa nascida para os negócios, mas era incapaz de julgar o carácter das pessoas ou pôr ordem na sua vida privada. Quão parecida com ela seria Kurt? Em muitos aspetos, eram bastante diferentes, mas...

- Achas que serias capaz de te apaixonar pela pessoa errada? perguntou ela.

Ele ergueu o olhar do que estava a comer, sorrindo.

- O que achas?

- Se soubesse, Kurt, não precisava de te perguntar. Ele pousou o garfo e tomou as suas mãos.

- Helen, Helen! Estou apaixonado por ti. Desde que nos encontrámos pela primeira vez, naquela festa do Mark há dez meses, que estou apaixonado por ti.

- Ora, cantigas! - exclamou ela, retirando as mãos. - Apenas julgas que estás. Não é uma coisa real.

E, sem mais nem menos, ele desistiu!

- Como queiras - disse ele, desviando de si a taça de cocktail de camarão vazia, um hábito que provavelmente não seguia a etiqueta,

mas algumas pessoas simplesmente não suportavam ficar a olhar para pratos já terminados e Kurt era uma delas.

- Quando te contou a Dagmar? - perguntou Helen.

- No dia seguinte a nós termos regressado.

- Fazendo dessa maneira com que o seu maninho Kurt não fosse incriminado.

- Como poderia algum Von Fahlendorf ser incriminado? - perguntou ele, de olhos muito abertos. - Não havia nada que ligasse a nossa família a uma série de turcos em fúria.

- Quantos morreram?

- Não faço ideia.

- Outra pergunta, Kurt... até que ponto és rico?

- Tenho mais do que o suficiente para as minhas necessidades.

- Tanto como eu?

- Não, Helen. Um quinto da tua fortuna... dez milhões.

- Investidos com segurança?

- Sem dúvida.

Prepararam-se para o prato principal, nenhum deles com temperamento para ficar triste por causa de Richters mortos, turcos mortos ou inocentes mortos. Dagmar fizera a limpeza que a sua própria falta de discernimento tornara necessária, era tão simples quanto isso.

- E agora - disse ele por alturas do café - gostaria de ouvir as tuas novidades.

O rosto dela iluminou-se.

- Comprei um apartamento novo - disse ela.

- Não sabia que estavas insatisfeita com as Talisman Towers.

- E não estava, mas surgiu a oportunidade de um condomínio num oitavo andar na enseada de Busquash - disse ela, falando apressadamente. - É sensacional, Kurt! A dona deste apartamento foi assassinada... alguém lhe cortou a garganta. Cheguei a conhecê-la mais ou menos bem, e demasiado bem os seus herdeiros para pensar que, se me despachasse, eles mo venderiam. Ofereci um milhão e duzentos mil dólares e eles aceitaram logo. Claro que o testamento ainda não foi homologado oficialmente, mas o contrato foi feito de maneira a eles não poderem voltar atrás. Tu conhece-los... os gémeos Warburton.

344

Ele ouvira intensamente concentrado, acenando com a cabeça quando ela terminou.

- Sim, conheço o edifício, é lindo e a vista deve ser soberba. Mas, Helen, tanto dinheiro! Não vale um quarto do que pagaste.

- Concordaria contigo se não fosse o facto de não irem construir mais prédios altos na península de Busquash. Em leilão, teria ficado pelo menos em um milhão. Os gémeos estavam bem cientes disso. Toda a gente ficou feliz!

- Já te mudaste? - perguntou Kurt.

- Ontem, finalmente. Queria comprar mobília nova... ou seja, alguma muito antiga, alguma nem antiga nem moderna e alguma muito moderna.

- Adoraria vê-lo.

- Deixa o teu café e segue-me até à minha casa nova. Faço um Jamaican Blue Mountain.

Helen fizera tantas mudanças no apartamento que Amanda não o teria reconhecido. A carpete e os estofos eram azul-cobalto, as paredes e tetos tinham sido pintados em verde-lima e viam-se por todo o lado antiguidades interessantes. Os candeeiros eram da Tiffany e o lustre era de vidro de Murano de 1910, uma coleção de quadros magníficos adornava as paredes e dois focos em forma de escravas, em bronze e com um metro e oitenta de altura, forneciam a primeira iluminação assim que a porta era aberta. Se tivesse dado ouvidos à sua mãe, cujo gosto era famoso, talvez Helen tivesse escolhido um motivo menos espalhafatoso, mas ela tinha as suas próprias ideias e Angela

mostrara-se incapaz de a demover. A mãe era uma fonte de informações para as lojas e galerias de Nova Iorque, nada mais.

Kurt detestou, excetuando o Matisse e o Renoir, os quais, admitiu ela, tinha sido pai a emprestar-lhos.

- Não encaixam - disse Kurt. - São demasiado delicados.

- Percebo o que queres dizer; de qualquer maneira, acho que terei de os devolver - disse ela num tom ofendido. - O meu pai diz que a segurança não é suficientemente boa, mas como poderia alguém saber que eles estão aqui?

345

- Agora sei eu e, à medida que o tempo for passando, muito mais pessoas virão a saber. Então, Helen, o teu papá tem razão! Há um mercado negro para obras deste calibre.

- Vem cá ver a casa de banho - foi a sua réplica enquanto o conduzia através de um grande quarto com uma cama enorme até à casa de banho, forrada a mármore rosa norueguês. - Vês? Até tem um jacúzi e não tive de mudar nada, gostei dela como estava.

- Gosto do jacúzi - disse ele, sorrindo-lhe -, mas ainda gostaria mais se estivéssemos os dois lá dentro sem roupa.

Ela dirigiu-lhe um olhar apreciativo.

- vou pensar nisso. Anda ver a cozinha. É tão perfeita que até estou a pensar em ter lições de culinária.

- Todas as mulheres deviam saber cozinhar.

Ela arquejou.

- Kurt, seu macho porco chauvinista! Os olhos dele faiscaram.

- Não me importo com a referência ao macho ou que me chamem chauvinista, mas não admito que me chames porco!

- Porco, porco, porco! - gritou ela.

Ele voltou-se e deixou-a; ela ouviu a porta da frente fechar-se ruidosamente.

- Grande bronca! - disse Helen, enquanto apenas parte dela se dispunha a rir; a outra metade estava zangada.

Seria ele assim tão alemão que não tivesse sentido de humor? Por que razão a palavra “porco” o insultava mais do que o resto daquela frase tão conhecida? Por um instante, ainda pensou correr escadas abaixo e pedir-lhe perdão, mas depois a obstinação dos Macintosh veio ao de cima; Helen levantou o queixo. “Que se lixe o Kurt von Fahlendorf!”

Um jacúzi... iria mergulhar sozinha nas suas bolhas. Não que tivesse consentido partilhá-lo com Kurt ou qualquer outro homem. Delia ria-se e chamava-a “virgem profissional”, e ela tivera de admitir a justeza dessa afirmação. Isso não significava que fosse uma virgem na aceção física da palavra; significava, sim, que era uma provocadora de homens que pretendia indignar-se quando um homem tentava ter sexo com ela, convencido de que ela o queria.

346

- Tu és um convite à violação, Helen! - dissera-lhe uma vez um homem, frustrado.

- Avança! - exclamara ela. - Não sou eu quem devo ser censurada, és tu!

Aquilo de que ela suspeitava acerca de Kurt era certamente verdadeiro em relação a si: frieza emocional. Uma vez que nunca passara por uma experiência sexual intensa, Helen podia apenas plagiar os seus aspetos exteriores e tentar imaginar quantas mais mulheres seriam como ela. Os poucos homens por quem se sentira atraída eram todos morenos, mais à maneira de Silvestri do que do capitão Delmonico, e Helen sabia já qual seria o seu próximo alvo: Fernando Vasquez. O facto de ele ser casado e pai de filhos não influenciava os seus cálculos: nem a ética nem o dinheiro tinham qualquer influência, já que ela não possuía nenhuma da primeira e demasiado do segundo. Quando chegasse o Natal, faria a sua jogada com Fernando, o qual estava certamente em condições de ter um caso extramatrimonial, uma dedução a que ela chegara pela pior das razões: os boatos diziam que ele era fiel à sua esposa havia muito tempo.

Estava na altura de ela se ver livre de Kurt, o qual andava claramente a mostrar que queria que Helen se visse livre dele. Qual dos Von Fahlendorf tinha contratado os turcos, Dagmar ou Kurt? Podia muito bem ter sido Kurt. com efeito, Kurt fazia mais sentido. Iriam muçulmanos aceitar ordens de uma mulher? Sim, Dagmar tinha conhecimento do que se preparava, mas teria ela posto o plano em prática? Provavelmente, não, concluiu Helen. Não, tinha sido Kurt a fazê-lo antes de entrar no avião e de tal maneira que aqueles assassinos estrangeiros tinham seguido as ordens à risca. Como os teria ele encontrado no meio de uma multidão imigrante que vivia basicamente à margem da lei? Kurt podia ser o super-homem de Nietzsche, mas também era o discreto Clark Kent, o alter ego da América.

Tendo resolvido tudo isto para sua própria satisfação, Helen entrou no jacúzi e deixou-se fustigar suavemente por fluxos e jatos de água durante vinte minutos, para depois sair e embrulhar-se numa toalha, indo então tratar das suas últimas tarefas: a sua mala e a sua arma.

A mala foi guardada num armário chinês em madeira de ébano junto à entrada; nos primeiros tempos, deixava-a sempre em qualquer sítio, mas Delia criticara esse hábito, explicando-lhe que, uma vez que

347

a mala continha uma arma de fogo, deveria escondê-la. Olhando para trás, Helen sabia agora que não fora só a arma que estivera vulnerável, mas também os seus diários de trabalho. Não que alguém alguma vez os tivesse lido, mas Delia tinha razão, era melhor prevenir do que remediar.

Ultimamente, aliás há muitas semanas, a sua Parabellum de nove milímetros nunca ficava dentro da mala. Era enfiada debaixo de uma almofada da sua cama e ali permanecia até à manhã seguinte. Se alguém viesse para casa com ela, como naquela noite, deixava a pessoa na sala de estar ou, no caso de Kurt, no escritório, enquanto ela ia à casa de banho - uma desculpa que lhe permitia entrar no quarto e arrumar a pistola. Deixou-a pronta a disparar: destravada e com uma munição na câmara. Se algum intruso a acordasse, ela não perderia tempo. No dia seguinte, tiraria a bala da câmara, colocando-a no carregador, e acionaria a patilha de segurança. Assim, não haveria lugar para acidentes.

“Estou cansada”, pensou ela, dirigindo-se vagarosamente para

a cama.

Qualquer coisa embateu nas suas costas de forma tão violenta que ela foi direita ao chão, com a cara contra o tapete branco do quarto, os braços atrás das costas. A toalha caíra logo no ataque inicial, mas Helen esqueceu todos os problemas de pudor enquanto se debatia para se libertar. Ele mantinha-lhe o rosto contra o chão e estava sentado sobre as suas costelas; parte da luta dela era apenas para respirar e parecia não conseguir mexer as pernas acima do joelho. Metal frio ajustou-se aos seus tornozelos, agrilhoando-a, e depois ouviu-se o clique de algemas nos seus pulsos. Braços e pernas ficaram praticamente imobilizados.

Ele puxou-a e voltou-a de forma que pudesse vê-lo, precisamente no instante em que ela abriu a boca para gritar por socorro... mas Helen parecia não ser capaz de gritar, mas podia, sem dúvida que podia gritar! Demasiado tarde. Ele colocou-lhe a fita adesiva sobre a boca. “Parva, parva! Porque é que não gritaste?”

348

Helen não precisou de lhe ver o rosto para saber que era Kurt. Estranhamente, o seu subconsciente sempre soubera que Kurt era o Dodó. No jantar daquela noite, com toda a certeza. O pesa-papéis... Porque não tinha a sua consciência visto a verdade do significado do pesa-papéis? Ela soubera, mas alguma coisa na sua mente não a deixou admitir o nome dele, não a deixou ver o que aquela noite tornara patente. Depois da sua franqueza à mesa no Solo's, Kurt não tinha outra saída.

- A tua cama é hedonista - disse ele, parecendo enojado. Quantos porcos cabem aqui de uma só vez?

Ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro furiosamente, bateu com os pés no tapete, fez ruídos de frustração, enquanto os seus olhos fitavam com raiva e sem medo os dele. “Tira-me a mordaza, deixa-me falar!”

Ele içou-a bruscamente e empurrou-a na direção da cama com uma série de pontapés vingativos nas suas nádegas... oh, como ele magoava! Junto à cama, aplicou-lhe um pontapé ainda com mais força que fez com que o tronco de Helen aterrasse no colchão. Mas os seus pés e pernas ficaram de fora, e ela não conseguia apoiar-se em nada para os mover em qualquer direção; por muito que tentasse, escorregava. Então, ele agarrou na corrente dos tornozelos e levantou-lhe as pernas, dispondo-a na cama numa posição que satisfazia o seu propósito,

fosse ele qual fosse. Lágrimas correram-lhe pelos cantos dos olhos, mas ele não podia saber a razão; Helen chorava porque ele a colocara no lado mais afastado da sua arma naquela cama enorme. Para a alcançar, teria de atravessar uma grande distância.

A sua pantomima de desafio provocou uma reação; ele arrancou a fita adesiva.

- Se gritares, irás arrepender-te de o fazeres - disse ele.

- Só estou a chorar porque não posso matar-te. Uma afirmação que o fez rir.

- És única, Helen! Estou encantado por falar contigo. És uma pessoa tão interessante.

- Obrigada, gentil senhor - disse ela em tom de troça. Quantos desses maravilhosos disfarces usaste, Kurt?

- Não contei. Gosto de representar.

349

- Porque passaste da violação ao assassinio? Porque mataste a Melantha?

- Aborrecimento, à falta de melhor. Precisava de um estímulo novo.

- A Catherine dos Santos deve ter-te estimulado!

- Sim, gostei. Estive quase a ser apanhado, mas sentime vivo.

- És louco, Kurt. Isso picou-o.

- Eu não sou louco! Sou um génio!

- Sim, és um génio, mas de uma forma limitada - disse ela, decidindo fazer-lhe a vontade ao mesmo tempo que o insultava. - Não és um homem da Renascença, isso é certo. Realmente, és apenas um matemático com uma paixão por partículas subatómicas. Nem sequer acertaste na designação taxonómica do dodó.

- A minha escolha pela designação de Lineu foi deliberada disse ele com arrogância. - A ave é uma espécie extinta, logo, bastante inepta. Que ave é que se aproxima de um homem esfomeado e pede para ser comida? O nome taxonómico moderno é grotesco! Era *Didus ineptus* e para mim continua a ser *Didus ineptus*.

- Mas porque é que te autodenominas Dodó? “Fala com ele, fala com ele!”

- A minha espécie está extinta.

- Que espécie é essa?

- *Didus ineptus*.

“Ele não vai dizer-me isso”, pensou Helen. “Seja qual for o motivo, está fechado a sete chaves na sua loucura.”

- Fala-me mais sobre o dodó.

- As mulheres tornaram os homens tão incapazes que eles estão extintos! Que homem é que manda agora na sua casa? Até um laboratório de física já não se encontra livre de mulheres! As mulheres estão a tomar o poder!

- Isso é um grande disparate, Kurt, e tu sabes disso! Estás a arranjar argumentos para me desviares do assunto, mas isso não irá acontecer. Quero saber a verdadeira razão para ser um dodó.

- Sim, tu és inteligente. Sempre soube isso, mas nunca tão firmemente como esta noite. Porque perdes tempo com uma carreira na polícia? É tão vulgar.

350

- És um snobe, Kurt; nunca poderias compreender. Eu não perco tempo... a polícia servirá apenas de alavanca para uma carreira pública que poderá levar-me até à Casa Branca, se eu quiser. O problema é que acho que não quero isso. O que sei é que o Dodó pode tornar-me famosa, fazer-me conquistar uma série de condecorações e muita exposição nos meios de comunicação.

Ele mostrou-se incrédulo.

- Achas mesmo que vais vencer?

As pestanas de Helen baixaram numa expressão de escárnio.

- Sei que vou vencer.

A corrente produziu um ruído monótono de ferro a roçar no ferro quando ele lhe tocou.

- Amarrada que nem um dodó? Como se fosses uma ave increditavelmente estúpida e feia? Não podes vencer, Helen. Dentro de algumas horas, estarás morta que nem um dodó. - Deu um risinho abafado. - Eu sou como o Papa, sou infalível!

E começou a beliscar, a apalpar, a socar e a trilhar o corpo de Helen; ela via-se obrigada a suportar tudo sem fazer o mais pequeno ruído, caso contrário ele amordaçá-la-ia. O que quer que fosse que acontecesse, tinha de manter a boca livre! Era a sua melhor arma, a sua única arma.

A ereção dele era descomunal; por duas vezes, tentou entrar nela, e Helen tornou-se rígida, mas a cada tentativa ele murmurou qualquer coisa em alemão, afastando-se da cama, resmungando e olhando para ela.

- Consegues pô-lo em pé, mas não consegues enfiá-lo? - perguntou Helen.

- Estúpida! Claro que consigo... se quiser. E a questão é: será que quero? Gosto mais de ir sondando.

- Aposto que sim! - disse ela. - É mais revoltante.

- Penetrar lentamente - disse-lhe ele ao ouvido, aplicando-lhe fita adesiva na boca. - Tens de ser silenciada sempre que eu não estiver no quarto. Ainda bem que tens um apartamento novo... ninguém virá fazer-te uma visita. - E voltou-a de barriga para baixo.

Contorcendo-se desesperadamente com o intuito de se virar, Helen reexaminou as suas opções. Podia desfazer-lhe a luva de borracha

à dentada, mas se fizesse isso... não. Ele nunca deixaria sequer uma impressão digital, era demasiado esperto, e podia matá-la num ataque de fúria. Tinha de alcançar a sua arma e para isso tinha de continuar a falar. Falar constantemente e fazê-lo falar. Falar e a arma eram as suas melhores opções.

Ele entrou no quarto a comer uma fatia de piza.

- Olha só para ti! Conseguieste voltar-te outra vez, minha pequena e espertalhona dodó! Bem, não interessa! Porque é que as jovens americanas passam fome por sua própria vontade? Têm sempre os frigoríficos vazios. Queijo de coelho... Produtos dietéticos de todo o género. Fiquei admirado por encontrar metade de uma piza no teu frigorífico, mas encontra-se no último dia de comestibilidade. Gostas das minhas palavras caras? Helen, tu és uma miúda rija. Todos os teus movimentos me dizem que não te renderás facilmente ao terror. - Terminou a piza. - Deixa-te ficar aí deitada e pensa na morte, que eu vou tentar encontrar um livro que possa ensinar-me uma nova palavra ou frase e entreter-me enquanto espero... oh, como eu adoro isso!

Os livros! O olhar dela seguiu-o enquanto Kurt se dirigia para o seu escritório, onde três mil livros revestiam as paredes. Quando voltou, trazia um que ela não conseguiu identificar. “Tira-me a fita adesiva!”

Ele arrancou-lhe a mordaça e sentou-se numa cadeira forrada a veludo branco.

- Que livro é, Kurt?

- H. Rider Haggard. As Minas de Salomão - respondeu ele. Gosto imenso de romances vitorianos e eduardianos, desde que sejam livros de aventuras - disse ele, aparentemente não se opondo a mais conversa. - A prosa é excelente e o conteúdo, ténico. Descobri que existe sempre um exemplar do género nas prateleiras de uma mulher dada à leitura, e eu não me interesso por mulheres que não sejam dadas à leitura.

- Então e se não encontrares um exemplar do género? Ele riu-se.

- Isso nunca acontece. Faço várias visitas ao apartamento de uma mulher para verificar.

- Mas nunca estiveste neste apartamento.

- Ah, mas estive muitas vezes nas Talisman Towers!

- Eu mudei uma série de coisas, Kurt.

Ele abriu o livro e começou a ler enquanto Helen continuava a tentar libertar as mãos, escondidas em segurança atrás das costas. Apercebera-se de que eram as suas próprias algemas, embora aquelas ligadas por uma corrente nos seus tornozelos fossem dele. O comissário adquirira algumas destas algemas à experiência, já que o vendedor garantia que quanto mais o prisioneiro se debatesse, mais elas se ajustavam aos pulsos. Tinham dado umas a Helen para que ela as experimentasse em Nick e em Delia, que prontamente aprenderam a imobilizar a lingueta. E Helen também.

Kurt, o Dodó, pusera-lhe as algemas com bastante eficiência, mas não as apertara com muita força, talvez porque tencionava que a parte principal do seu sofrimento se devesse ao que ele lhe fizesse.

As suas articulações eram estreitas e flexíveis; a sua força de vontade era imensa. Só esperava que o livro continuasse a tomar-lhe a atenção. A corrente curta mantinha-lhe as mãos juntas; com a mão esquerda, agarrou os dedos da direita e juntou-os, chegou aos nós dos dedos e apertou-os até a mão direita ficar do tamanho do punho. Oh, que dor! A algaema saiu. com a mão direita livre, era mais fácil tratar da mão esquerda ainda presa, um pouco mais larga; bloqueando a sua mente à dor, forçou os nós dos dedos pela algaema e ficou completamente livre. Encontrava-se no meio da cama, o que parecia ser um dia de viagem até à almofada, mas ela obrigou-se a ficar estendida, aparentemente quieta, e foi deslizando pela cama milímetro a milímetro, tão lentamente que a visão periférica dele não detetasse qualquer movimento. O livro continuava a prender-lhe a atenção, mas, se ele voltasse a cabeça e olhasse na sua direção, Helen estaria perdida, pois era óbvio que mudara de posição.

Estava petrificada, compreendendo que aquela seria a única maneira de poder vencer. Desde o momento em que Kurt levara a sua avante, no auge da glória do seu alter ego, infundira-lhe um medo agonizante. Frio e escuro como o espaço exterior, ele era uma criatura que ocupava um corpo humano sem luz, obcecada pelo espetáculo de terror e pelo êxtase do sofrimento de outrem.

Porém, o medo dela não era por causa da tortura e da própria morte. Era terror de

vir a falhar. Não podia falhar, não podia!

353

- Fazes estas pausas para conseguires pô-lo outra vez de pé? perguntou ela, interrompendo a sua concentração.

Ele ergueu o olhar, sobressaltado, e, tal como Helen esperava, não reparou que ela se movera.

- Nem mesmo tu consegues enfurecer-me - disse ele sarcasticamente.

- Alguma vez atingiste o orgasmo?

Uma expressão horrorizada de pudor exagerado tomou conta do seu rosto.

- Que repugnante! És mesmo repugnante! Essas coisas não são da tua conta!

- Ora, balelas! Tu vens-te, Kurt?

Agora, ele estava realmente zangado, longe de reparar que ela mudara de posição.

- Imoral! És imoral!

Mais alguns centímetros. Estava quase a chegar...

Ele levantou-se da cadeira de veludo branco e investiu na direção da cama, de rosto contorcido pela fúria; foi então que Helen viu a pistola com silenciador em cima da mesinha de cabeceira perto dele. Mas ela levou a melhor. No momento em que torceu o corpo sentando-se na cama, enquanto ele, aturdido, a olhava espantado, a mão de Helen surgiu empunhando a sua própria arma, destravada e com uma bala na câmara. Disparou e atingiu-o do lado direito do peito. Ele saltou para trás e estatelou-se no chão branco e macio, de olhar fixo nela enquanto bolhinhas cor de rosa se lhe acumulavam nos lábios.

- Vais ficar morto que nem um dodó - disse ela, rodando as pernas e pondo-se de pé no tapete, bem afastada da mancha vermelha e húmida que alastrava. - Ainda

consegues falar?

Ele tentou, mas em vez disso tossiu; as suas mãos agitavam-se.

- Estás com medo de morrer, Kurt? - Isto provocou um grande alvoroço. - Este apartamento é excelente, completamente à prova de som - disse ela num tom descontraído, como quem conversa. Se alguém ouvir a minha arma, será interpretado apenas como tiros distantes. Claro que depois chamo a polícia. Quando me apetecer. Primeiro, vou fazer-te sofrer. Um tiro nos intestinos. Ui, como vai doer!

A feia e atarracada boca da arma ergueu-se; o tiro ecoou.

354

Kurt gritou, um som fino e arrastado.

- Não me parece que tenha atingido alguma artéria principal disse ela -, mas bem podes ter essa esperança. Não, nada de artérias! Só o fígado e os intestinos.

Os gritos dele iam esmorecendo, com uma espuma cor de rosa a sair-lhe da boca e a ferida no ventre a deitar sangue escuro venoso.

Helen continuou a falar-lhe, embora não tenha percebido se ele a ouviu até ao fim.

Só depois dos últimos sinais de vida nos seus olhos é que ela o atingiu no coração.

- Acabou o espetáculo - disse ela, olhando para o seu próprio corpo nu. - Nenhum polícia irá ver isto, de maneira nenhuma. Dirigiu-se para o quarto de vestir e vestiu um robe de seda; depois foi até ao escritório e pegou no telefone.

- Capitão Delmonico? É a Helen Macintosh. Matei o Dodó no meu novo apartamento na enseada de Busquash. Aquele que pertencia à Amanda Warburton. Pode tratar das coisas, por favor?

Quando Carmine chegou com Delia, ela estava sentada no lado da cama mais afastado do corpo de Kurt von Fahlendorf, calma e não revelando quaisquer sintomas de estado de choque.

- O que aconteceu? Quero saber tudo - disse ele, colocando-se numa posição em que pudesse vê-la, mas não demasiado perto.

Ela contou-lhe, de forma lúcida e simples; era a narração mais rigorosa que ele alguma vez ouvira da parte de um assassino, pensou Carmine; Helen tinha aprendido bem a lição.

- O comissário fez bem em não adotar estas algemas, capitão. O Kurt viu-as no meu escritório e usou-as... sorte a minha! Enquanto ele lia o seu livro, eu armei-me em Houdini. As minhas mãos são muito mais pequenas do que as suas e sabia o que tinha de fazer para que a lingueta não se movesse.

- A ironia em ação - disse ele.

- O senhor sabia que ele era o Dodó - acusou ela.

355

- Depois de ler os seus diários, sim. Essa pode ser a sua primeira tarefa na próxima segunda-feira de manhã. Leia-os atentamente e descubra como é que ele se denunciou. Está lá tudo.

- O pesa-papéis?

- Sim. Os pequenos laivos de vidro colorido em todas as direções assemelham-se às trajetórias de partículas subatômicas. Sei isso porque leio revistas científicas.

- E eu percebi porque o Kurt me mostrou fotografias, mas depois esqueci-me disso até ontem à noite. A minha memória precisa de ser afinada. - Fez uma expressão desaprovadora. - Porque não o prendeu, capitão?

- A partir de agora, Helen, bem que pode tratar-me por Carmine. Não havia nenhuma prova tangível. O meu maior erro foi pensar que ele nunca a incluiria na sua lista de vítimas. Você não se adequava ao estereótipo que ele tinha seguido até ao momento. Por exemplo, não era agressiva. Para ele, era uma fonte de informações... leu os seus diários até que eu os guardei. E o meu último erro - disse Carmine foi subestimar a gravidade da loucura dele.

- Então e as raparigas que se adequavam ao estereótipo, Carmine?

- perguntou Delia. - Tivemos tanto trabalho para as encontrar.

- Isso foi porque nunca conseguimos refinar a nossa lista de atributos que ele mais apreciava - respondeu Carmine. - Tu e a Helen esforçaram-se ao máximo por tentar perceber quais eram, mas sempre um pouco às escuras. Mesmo agora, será que sabemos realmente quais eram esses atributos?

- Não - disse Helen. - Ele denunciou-se durante o jantar comigo esta noite. Não sei se tencionava fazê-lo ou não. O facto de eu ter deixado as Talisman Towers, saindo de Carew, também foi um choque para ele. Agora, creio que viver em Carew era sem dúvida um deles.

“Esta menina é rija como uma velha bota da tropa”, pensou Delia enquanto a ouvia. “Oh, há de ir-se abaixo mais logo, mas não será nada por que um veterano temperado pelo combate não passasse. Ela vai ser um daqueles polícias que os criminosos evitarão encontrar a todo o custo. Elegante e fatal, eis o que a Helen é. Ainda bem que gosto dela, mas compreendo porque é que nenhum dos homens da nossa divisão a vê da mesma forma.”

356

- És uma atiradora de primeira, Helen - disse Delia subitamente. - Porque não o atingiste na cabeça?

- Encontrava-me numa posição desfavorável - respondeu Helen, notando-se na sua voz uma certa hesitação. - Estávamos os dois quase ao mesmo nível, foi como estar de lado em relação ao alvo. O segundo tiro foi na barriga porque no preciso momento em que disparei ele saltou. Depois, quando finalmente ficou em posição perpendicular, atirei para o coração.

- Não irá a julgamento, mas haverá um inquérito interno - disse Carmine. - Limite-se a dizer-lhes isso e não se preocupe. Quando um agente dispara uma arma de forma letal, é inevitável.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e ela tremeu.

- Eu sei isso tudo! Não se esqueça de que fui agente da polícia durante três anos.

“Ah! Finalmente, algum sinal de tensão. Graças a Deus.” Carmine começara a ficar admirado com o seu autocontrole, esquecendo-se de que ela era filha de M.

M. “Há ali muita frieza.”

- A casa do Kurt pode esperar - disse ele.

- Não vou poder participar? - perguntou Helen.

- Não. O comissário não lhe ficou com a arma e o distintivo. Poderá trabalhar em tudo menos no caso do Dodó... como estagiária, note-se. No entanto, lá para o fim de janeiro, penso que poderá começar a procurar um emprego como deve ser.

O rosto dela iluminou-se.

- Capitão! Carminei Isso é maravilhoso.

- Contente-se com o facto de eu nunca vir a ter outro estagiário tão bom quanto você. O que faz com que lamente ainda mais este tiroteio.

- Quer dizer que não haverá nenhuma vaga aqui para mim?

- Receio bem que não, Helen. Ainda temos de considerar uma série de homens com capacidades para o cargo. Para onde gostaria de ir a seguir?

- Terei de pensar no assunto.

Quando vestiam os casacos no vestíbulo do apartamento, Delia disse para Carmine:

- Escolhes momentos muito estranhos para dares notícias avassaladoras.

- Ela não está tão calma quanto parece - disse ele. - Precisava de um incentivo, além de que o seu destino já está traçado.

- Ofereci-me para ficar com ela, mas nem quis ouvir - disse Delia. - Uma vez que ainda passa pelos tormentos de decorar a sua nova casa, espero que siga o meu único conselho.

- Que conselho, Deels? - Carmine puxou as abas de pele do seu gorro russo para baixo; lá fora, a temperatura estava bastante abaixo dos zero graus.

- Disse-lhe que não devia ter um tapete branco.

Havia ainda uma diligência a fazer que poderia ter sido levada a cabo no apartamento de Helen, mas Carmine preferiu esperar até se encontrar no seu gabinete. Vasculhou no interior da mala dela, apreendida como parte da investigação, e encontrou a sua agenda privada. Os números de telefone de Dagmar encontravam-se na letra F, de Fahlendorf; esperava que Helen não levasse isso a mal, o que aliás não aconteceu. Consultando o relógio dos caminhos de ferro, concluiu que Dagmar já devia ter aberto o seu escritório. A carga de trabalho devia ter aumentado depois da morte de Josef, a não ser que ele literalmente não fizesse nada que justificasse o seu gordo salário.

Ela respondeu dizendo o seu nome próprio: era uma linha muito privada.

- Frau Von Fahlendorf, daqui fala Carmine Delmonico. Não sei se se lembra de mim. Sou o capitão da Helen Macintosh.

- Diga, capitão.

- Receio ter más notícias, minha senhora. O seu irmão Kurt acabou de falecer.

Quando parou de falar, apenas a curiosa estranheza do silêncio que se seguiu lhe indicou que ela continuava a escutar; uma ligação interrompida soava de forma diferente, muito mais definitiva.

- Frau Von Fahlendorf?

- Sim, estou aqui. O Kurt morreu? O Kurt? - A incredulidade era notória. Depois: - O meu pequeno Kurtchen? Como?

- Foi alvejado, minha senhora, quando tentava matar um agente policial.

- Está a insinuar que o Kurt estava a tentar cometer um assassinio?

- Ele já tinha assassinado, minha senhora. O professor Von Fahlendorf era o violador assassino conhecido como Dodó - disse Carmine.

Seguiu-se outro silêncio, um que Carmine não conseguiu de todo encontrar

palavras para quebrar; durou uma eternidade. Por fim, ela falou.

- Tem a certeza de que o nome é Dodó? Tem a certeza de que o Kurt e esse Dodó são a mesma pessoa?

- Certeza absoluta, Frau Von Fahlendorf. Certeza absoluta.

- Que estranho o Kurt ter escolhido o Didus ineptus! É essa a ave a que se refere como dodó?

- Sim, é. Estranho, porquê?

- Quando o Kurt dava erros a química, o nosso pai chamava-lhe sempre dodó, demasiado estúpido para prevenir a sua própria extinção. O que o meu pai queria dizer era que o Kurt era demasiado estúpido para perpetuar a família.

“Nem pensar!”, pensava Carmine. “A psicopatologia do Kurt deve datar de uma época anterior à sua adolescência e à química. Mas vou perguntar.”

- Que idade tinha ele nessa altura?

- Três... quatro anos. Era inteligente, isso sabíamos nós, mas o papá estava convencido de que o seu destino assentava na química

- disse Dagmar.

“Demasiado retorcido, mesmo muito retorcido. Porque está ela a mentir?”

- É tudo, Frau Von Fahlendorf?

- Não me vem mais nada à cabeça. Ele aclarou a garganta.

- Hum... o funeral, minha senhora. Deseja que o corpo dele seja enviado para aí?

- Eu trato de tudo, capitão. A nossa privacidade acima de tudo.

Para Carmine, o mais intrigante era que ela não tinha ficado realmente surpreendida. Depois de demonstrar o seu pesar, afastara-o; a irmã de Kurt andara à espera de notícias semelhantes desde... quando?

Desde que ele viera para a Chubb? Ou desde que era um ignorante a química? Porém, a pergunta que mais atormentava Carmine era o motivo por que Kurt, o Dodó, atacara Helen.

Como sempre, a sua única confidente seria Desdémona.

O anexo para os hóspedes da casa de Kurt von Fahlendorf não era o local onde ele armazenava o seu equipamento operacional; quando fora revistado na altura do seu rapto, os livros que o Dodó guardava como recordações deviam estar visíveis, mas, como ninguém conhecia os seus títulos, o seu significado passou despercebido. Agora, estavam todos juntos entre o pesa-papéis de vidro e o ursinho de vidro, ambos em exibição contra um fundo negro.

- Porque será que ele roubou o ursinho? - perguntou Delia. com certeza, não tinha intenções de o vender, pois não?

- A sua intenção original foi simplesmente tirá-lo de qualquer local onde a Helen o pudesse ver - disse Carmine. - Nenhum de nós sabia exatamente qual era o grau de amizade entre a Helen e a Amanda Warburton, mas o Kurt sabia. Não te esqueças de que ele leu os diários da Helen, onde ela escreveu que tinha uma enorme admiração pelo ursinho de vidro. Estava muito orgulhosa da sua perícia ao descobrir a natureza dos olhos de safira.

- Mas nós sabíamos o grau de amizade entre ela e a Amanda objetou Delia. - Ela agiu sob as tuas instruções.

- Sim, sob as minhas instruções, mas a amizade não era simulada. O Kurt era ciumento até ao absurdo, tanto assim que a sua imaginação transformou as notas dela em diários escritos num código que ele não conseguia decifrar.

- Mas não eram diários, não no verdadeiro sentido da palavra! exclamou Delia.

- Nem havia qualquer código. São simplesmente os padrões da mente tortuosa de um louco. Quando assaltou a loja para roubar o ursinho de vidro, mal conseguia manter uma fachada de pessoa sã. Hoje de manhã, ainda mal o Sol tinha nascido, tinha ao telefone o chefe dele, o reitor Gulrajani, a pedir-me ajuda. Disse que a mudança no Kurt já

vinha desde o rapto, mas depois admitiu que começara quando a Jane Trefusis, uma física, se juntou ao laboratório. O Kurt odiava-a.

- Mas porquê matar aquelas duas pessoas decentes e inofensivas?

- perguntou Delia.

- A minha teoria é que ele pensou que a Amanda era realmente a Helen e que o Hank Murray seria o novo namorado. Tinha lido as notas recentes da Helen, onde ela falava com grande entusiasmo acerca do ursinho de vidro.

- Sei que ele saía com a Helen - disse Nick -, mas será que a amava sinceramente? Seria capaz de sentir uma coisa tão real?

- Não, mas ele pensava que sim. A sua fixação pela Helen tinha vários níveis, e uma grande parte estava devotada à família, como é que eles reagiriam a uma esposa americana. A Helen era a única que encaixava. Por definição, o ursinho era dela.

- Mas então quem era o Vândalo? - perguntou Nick.

- O Hank Murray. Não podia ter sido mais ninguém. Usou o Vândalo para cimentar uma amizade com a Amanda, por quem se sentia muito atraído. O problema era não ter nada para lhe oferecer do ponto de vista financeiro, além de que o seu passado era obscuro... parece que ninguém sabe muito bem se foi ele que ameaçou a mulher com uma faca, se foi ela. O que parecia evidente era que estava morto de medo de um julgamento e do respetivo veredicto.

Saíram os três de casa de Kurt para encontrarem Robert e Gordon Warburton à coca do que se passava. ;

- Ouvimos dizer que o Kurt está morto que nem um dodó disse Robbie com um risinho.

- Essa piada já está gasta - disse Carmine com aborrecimento.

- É verdade? É mesmo verdade? - guinchou Gordie.

“Parecem gnomos”, pensou Carmine, “embora não sejam pequenos nem feios ou deformados. De outro mundo? Não, mais do submundo.” E então descobriu: eles

eram de Marte.

Uma vez que seria tema dos noticiários, Carmine aquiesceu.

- Sim.

- Eu não te dizia? - perguntou Gordie a Robbie. - Um vilão! Um vilão de fibra!

361

- Um vilão de fibra sintética, se formos por aí. Carmine sorriu: eles eram espirituosos.

- Um professor de física chamado Kurt, Brincou com lixo radioativo, E mesmo Deus lá no alto, Levou com um bocado de resalto, E atirou o Kurt para o inferno pelo caminho mais curto . disse Robbie.

- Muito provavelmente, acertou nessa do último destino do Kurt

- disse Carmine. - Inventa os seus pequenos poemas na altura?

- Claro - disse Robbie. - Por isso é que “radioativo” não encaixa como deve ser na métrica. Esqueça, esqueça!

Gordie apressou-se a falar.

- Capitão, eu e o Robbie tivemos uma ideia genial para um argumento cinematográfico! - Os seus olhos esverdeados moveram-se de lado numa sugestão impressionante de uma paixão fria e cruel; um exame rápido ao outro gêmeo revelou um olhar idêntico. - Mesmo agora que já está acabado e com os devidos direitos de autor assegurados, em poucas semanas pode muito bem sair uma versão roubada antes que tenhamos oportunidade de apresentar a nossa. Não conhecemos nenhuns magnatas verdadeiros!

Agora havia um vislumbre de desespero vexante na sua voz e os seus olhos estavam desvairados de medo; o olhar do outro gêmeo era idêntico. “Mas como é que eles fazem isto?”

- Oh, cala-te, Gordie! - exclamou Robbie, irritado. - Isto não quer dizer que o retrato que o Gordie fez seja demasiado pessimista, capitão, porque não é. O

problema dele é que fica confuso em vez de ficar mais lúcido.

- Correto - disse Carmine, resolvido a desfrutar da situação. Elucide-me, Robert... se é que posso tratá-lo por Robert?

- Pode porque sou - disse Robert. - O Gordie não está enganado, capitão, asseguro-lhe. O nosso argumento há de ser cortado, distorcido e expurgado e ninguém irá reconhecê-lo, especialmente no aspeto jurídico, e ficamos com uma coisa que deixou de ser original. Puxou Carmine um pouco para longe de Delia e Nick. - Chegou aos nossos ouvidos, capitão, que o Myron Mendel Mandelbaum é o seu melhor amigo. De facto, até partilham uma mulher. Temos trabalhado que nem loucos para finalizar o nosso Grand Guignol, que lhe suplico

362

que leia. Está completo, mesmo até à fase dos storyboards... o Gordie é um artista absolutamente brilhante!

- Storyboards? - perguntou Carmine, inexpressivo.

- Sim. Imagine o seu filme favorito desenhado como se fosse um livro aos quadrinhos gigante... isso é que são os storyboards. Os filmes são um meio visual e os seus promotores não gostam de palavras escritas. Aliás, as palavras são nossas inimigas. Reduzido a uma banda desenhada, qualquer dodó... qualquer idiota de Hollywood consegue captar o enredo e a substância. - Robbie fez uma careta. Receio que a caracterização seja outro problema.

- Quer que peça ao senhor Mandelbaum que vos conceda uma audiência? - perguntou Carmine, deliciado.

- Sim, exatamente! O nosso argumento é perfeito para ele, mas ainda nem conseguimos ultrapassar as suas defesas exteriores. Se pudéssemos estar com ele, tenho a certeza de que ele escolheria o nosso projeto! A Pedra que Sangra talvez não ganhe nenhum prémio da Academia, mas há de fazer triliões!

- Isso agradará seguramente ao senhor Mandelbaum - disse Carmine com um sorriso. - Se eu conseguir a audiência, prometem-me que não se metem no meu caminho?

Robbie ofegou de forma teatral, apertando e retorcendo as mãos.

- Capitão, capitão, se fizer isso, nem sequer verá a poeira levantada pelos nossos sapatos!

- Então, está combinado. - Carmine olhou para o seu relógio.

- A estas horas, ele deve estar no escritório. Posso usar o vosso telefone?

- As galinhas põem ovos? Claro que pode.

com os gémeos Warburton a fazerem alegres cabriolas à volta dele, Carmine entrou na casa deles e estacou. Uma cabeça pavorosa, inchada e esverdeada, estava fixa na parede diante dele.

- Esse é o Arthur de Mortain - disse Gordie. - O primeiro no rasto das vítimas do Homem de Pedra. Descendem todas do rei Artur e da sua legítima esposa francesa, Ghislaine.

- Vocês não entram no filme?

- Se entramos? Capitão, nós somos o filme! - exclamou Robbie.

- Está perante os Gémeos Tennyson, os detetives extraordinários! Ah! A ação desenrola-se por volta de 1890. Por entre o nevoeiro de

363

Londres e pelos cemitérios escuros onde o orvalho escorre pelos teixos. O Homem de Pedra será como um cruzamento entre a mãe e o monstro do Frankenstein.

- Porque não fazê-lo mais tranquilo e bem-parecido como o Gregory Peck?

Isso não caiu bem; eles eram criaturas de hábitos.

- Posso garantir-te que vais gostar dos gémeos Warburton e do que quer que eles tenham escrito disse ele a Myron alguns minutos mais tarde. —É Hollywood no seu melhor. - Foi passando as páginas de um de vários álbuns enormes. - É um ótimo filme cómico, o que presumo que também seja ideal. Já para não dizer que os gémeos Warburton vêm recambiados de um filme cómico... Então? Digo-lhes para apanharem um avião para o Oeste ou não? - Desligou. Apanham hoje um

avião para o Oeste, meus senhores. O senhor Mandelbaum irá conceder-vos uma manhã inteira e, se gostar do vosso filme cómico, almoço a seguir no Polo Lounge.

- Cortejado pela minha ligação a um magnata dos filmes - disse ele desgostosamente quando chegaram ao edifício dos Serviços Municipais.

- Saiu-lhes a sorte grande, lá isso saiu - disse Nick, desaprovador. - Inocentes de todas as maldades, riquíssimos por causa daquilo que a pobre senhora Warburton lhes deixou e agora vão vender as suas ideias ao Myron Mendel Mandelbaum em pessoa. - Franziu os lábios. - São uns vigaristas.

- Concorde, Nick, são mesmo - disse Carmine -, mas são um ótimo exemplo daquilo que pode acontecer a pessoas marginais. Como a sorte os favorece, o crime não se torna necessário.

- Pois, como os advogados - disse Nick.

- Tens algum processo em cima?

- Não. Estou do lado de Shakespeare, só isso.

- Esse deve ter sido processado até ao pescoço - disse Delia.

- Provavelmente, por aquele malandro do Bacon.

- Não, não vamos voltar à história do costume! - gritou Carmine. - Lá porque houve dois casos que se resolveram por si, isso não é desculpa para nos pormos com celebrações. Houve mortos a mais.

364

Era a parte do seu trabalho que ele mais detestava, pensou Carmine, conter o entusiasmo e exaltação da sua equipa por terem encerrado uma investigação longa e muito complicada.

Helen apareceu à porta.

- Posso entrar? - perguntou ela.

- Claro. De qualquer forma, estamos quase na hora de almoço.

- O Kurt era o Vândalo? - perguntou Helen.

Carmine explicou tudo mais uma vez, embora com algumas modificações; ela não precisava de saber que Kurt a escolhera para sua vítima e não a Amanda.

Então, Helen mudou abruptamente de assunto.

- O meu pai já viu o ursinho de vidro?

- Vou levá-lo esta tarde para que o veja.

- E eu não posso ir, não é?

- Lamento, mas não, não pode. Ela suspirou fundo.

- Eu sei que não posso tocar no assunto, Carmine, mas não vejo como continuar com isto preso dentro de mim - disse ela. - Por mais que dê voltas aos miolos, não consigo encontrar uma resposta. Se souber, e me disser, prometo-lhe que nunca mais falo no Dodó.

- A curiosidade matou o gato, Helen.

- Pois, mas a informação trouxe-o de volta.

- Está bem, uma pergunta.

- O Kurt esteve em todas as festas de Carew, mas de certeza que não era o tipo obsequioso sentado no sofá mais afastado. Quero dizer, o Kurt causava uma impressão! Era descarado, não tinha nada de sorrateiro ou de anónimo. Portanto, quem era o estranho que ninguém conseguiu identificar?

- Nenhum de nós sabe. O Kurt podia reunir informações suficientes para alimentar os seus planos com muita facilidade, isso ninguém contesta - disse Carmine. - Quem era o outro tipo é um mistério.

- Quer isso dizer que anda por aí outro Dodó à caça?

- Se estivesse, já teria atacado por esta altura, e duvido que as mulheres de Holloman voltem a esconder uma violação, pelo menos nesta quantidade. Uma

vez que os desenhos das vítimas mostram todos o mesmo homem... bem, mais ou menos... temos de concluir que

365

ele foi de facto às festas de Carew. O meu palpite é que se trata de um psicólogo que está a escrever a tese ou um livro. Como não anuncia qualquer intenção nesse sentido, é sorrateiro e muito pouco ético. Ouvi dizer que as festas de Carew já recomeçaram, mas os Cavalheiros Vigilantes andam todos à procura do homem misterioso. Se ele aparecer, será preso.

- Mesmo que não tenha feito nada? - perguntou Helen.

- Apenas o tempo suficiente para ser entrevistado... e avisado, se for necessário. Ninguém quer que apareça um Filho do Dodó.

- Nunca pensei nisso. - Helen voltou-se para Delia. - Pensei que tinhas dito que o raio nunca cai duas vezes no mesmo lugar...

- Depende do raio, querida.

- Não, isso é demais! Filho do Dodó! Não está a falar a sério, Pois não?

Pois não?

- Então, quem é ele? - Perguntou Delia. - Acho que psicólogo sorrateiro não é.

perguntou Delia. - Acho que é psicólogo .

estava atordado.

- É a coisa mais extraordinária que já vi - disse ele, contemplando o ursinho de vidro. - A Helen tinha razão acerca dos olhos, são hipnotizantes.

- Devia tê-lo visto na montra, convenientemente iluminado disse Carmine. - Cortava a respiração.

- Ouvi dizer que se encarregou do cão e do gato.

- com filhos pequenos, achei que era uma boa ideia.
- Até um deles morrer. - M. M. gemeu. - Então é que é um circo!
- Fala a voz da experiência?
- Por várias vezes.
- Onde é que vai colocar esta beleza?
- Os Auberg têm andado atrás de mim para financiarem um maravilhoso edifício dedicado às artes, mas querem uma coisa pequena... íntima, como disse o Horace Auberg. Uma vez que ando aflito para descobrir um local para o Urso Azul... é esse o seu nome artístico agora, acho que vou pedir ao Horace um edifício para o Urso Azul. Uma sala

366

única, com algumas peças colocadas em nichos nas paredes, e o Urso Azul no meio. Terá de ficar a uns três metros de distância dos espectadores, no caso de algum louco tentar dar-lhe uma martelada. - M. M. suspirou. - O mundo está cheio de loucos! Veja só o Kurt von Fahlendorf. E eu que cheguei a ter esperanças de que a minha filha se casasse com ele... Já não se pode confiar em ninguém.

- Lá isso é verdade - disse Carmine solenemente.
- Mas o Urso Azul também não pode ficar aqui.
- Será posto esta tarde num cofre no banco, senhor presidente. Depois trago-lhe a pouquíssima papelada necessária e o senhor pode então transferi-lo para um dos seus cofres.
- O que pensa, Carmine? - perguntou M. M. ao saírem.
- Acerca de quê, senhor presidente?
- Acerca do edifício do Urso Azul.
- Peça à sua esposa para presidir à comissão de homologação. Ela saberá. - Tens

uma bela casa - disse Fernando Vasquez ao seu anfitrião naquele sábado à noite, aninhado no escritório em tons de couro de Carmine. - Muita arte oriental, cores muito vivas.

- E, tal como os homens da Roma Antiga, sou eu que trato da decoração - disse Carmine, sorrindo com satisfação.

Demorara mais tempo do que aquele que seria estritamente correto para convidar Fernando e a esposa para jantarem, mas Desdémona tinha decidido que era isso que queria fazer; só agora, nos primeiros dias de dezembro, é que ela começava a parecer-se mais com o que era antes. Agora estava na cozinha com Soledad Vasquez, deixando os dois homens em paz com os seus portos e charutos.

- A Maureen Marshall julga que o Corey foi promovido - disse Fernando, sorrindo.

- O ordenado dele aumentou alguma coisa - disse Carmine e tem um uniforme muito bonito. Dou seis meses até a Maureen começar a ruminar em nova desfeita.

- “Conhece os teus inimigos” - disse Fernando.

- Ela não consegue quebrar as tuas defesas, pois não?

367

- Nem pensar. Ela não me conhece da mesma maneira que vos conhece. Grande parte das vossas dificuldades deveram-se à familiaridade, e sabes bem o que dizem acerca da familiaridade... dá origem ao desdém. A minha principal vantagem é o número de homens que tenho a meu cargo.

- Consigo ver o sentido e a força dos teus argumentos, mas não te esqueças de que o Corey foi agente uniformizado durante onze anos. Alguns dos teus veteranos conhecem-no muito bem.

Fernando riu-se.

- Eu posso bem com o Corey... e com a Maureen.

Soledad Vasquez era uma mulher bela e elegante, com uma espinha dorsal de

aço, o que parecia acontecer às esposas de homens ambiciosos. Desdémona não demorou muito a pressentir o metal de Soledad ou a admitir que a sua própria espinha dorsal era de um género vulgar. Mas também, graças a Deus, Carmine não era um homem excessivamente ambicioso. Mesmo que por vezes o absorvesse completamente, ele gostava do seu trabalho. com o tagarelar desprezioso mas astuto de Soledad, tornou-se evidente para Desdémona que os Vasquez estavam em curva ascendente; lendo nas entrelinhas, percebiam-se também os preconceitos e insultos a que as pessoas de origem hispânica estavam continuamente sujeitas. Fernando e Soledad Vasquez iriam triunfar e proporcionariam aos seus filhos uma vida de classe média alta.

A extrema beleza e altura de Desdémona fascinavam a convidada.

- A tua pele parece leite! - exclamou Soledad.

- Isso é porque apanhei pouco sol em criança - disse Desdémona, sorrindo. - Na zona de Inglaterra de onde venho, há muita chuva e pouco sol. Quanto à altura... os meus antepassados eram viquingues.

Os filhos dos Vasquez, duas raparigas e um rapaz, eram mais velhos do que os irmãos Delmonico, o que não impedia que comesçassem a criar alguns elos de amizade por serem poucos anos de diferença. Pela primeira vez no seu percurso na América, Desdémona escolhia

368

de sua livre vontade uma amiga, alguém que não se encontrava ligado à enorme família de Carmine. Também Soledad era uma estranha, pelo que fazia sentido que se dessem bem as duas, e elas gostavam de contrastar em tantos aspetos, desde a altura e o tom de pele às suas origens e nacionalidade.

Os Vasquez tinham comprado uma casa em East Circle, quatro portas abaixo dos Delmonico, o que dava direito a um desembarcadouro próprio e um telheiro para o barco.

- Gostei deles, sobretudo da Soledad - disse Desdémona a Carmine depois de os convidados terem ido para casa.

- Otimo - disse Carmine, percebendo onde a mulher queria chegar. - Como te sentes?

- Acho que voltei ao normal. Não, deixa a louça. A Dorcas arruma tudo amanhã de manhã. - Suspirou. - Nunca irei agradecer o suficiente à minha tia Margaret - disse ela num sussurro ao passarem pelo quarto das crianças para ver se dormiam.

- Já decidiste o que fazer com a tua herança? - perguntou Carmine quando chegaram ao seu quarto.

-Já. Será investido em assistência doméstica. Pela lógica, deveria ser para as propinas da escola, mas tenho a estranha sensação de que a assistência doméstica será mais benéfica. Sou tão obcecada pela higiene...

- Tudo o que faça com que os teus dias sejam mais felizes é mais benéfico - disse ele. - Amo-te, senhora Delmonico.

Ela aconchegou-se.

- E eu amo-te, capitão.

- Como é que estás a lidar com a questão das armas?

- Bastante bem. Os acontecimentos na Taft High abriram-me um pouco os olhos. Os países novos recebem pessoas de muitos países diferentes. A escravatura também foi parte desse movimento de povos, embora tivesse sido involuntário. Um dia, as coisas hão de acalmar.

Ele apertou-a firmemente contra si.

- Não vais deixar-me?

A cabeça dela ergueu-se num sobressalto.

369

- Carmine! O que é que te fez pensar isso? Meu Deus, devo ter estado mesmo deprimida! - Enfiou-se na cama. - Agora que o Alex já foi desmamado, ando muito animada, a sério.

Não houve mais conversa. As palavras eram apenas sons. Por vezes, a paixão, a ternura e uma familiaridade deliciosa no toque e nas sensações tinham mais

significado do que qualquer palavra.

O mês de dezembro chegou ao Natal no meio de um crescente descontentamento racial e várias tentativas de distúrbios por parte do Black People's Power; só não deram em nada porque se tratava de uma cidade pequena e devido a um controlo cuidadoso. Mas o BPP continuou a criar distúrbios persistentes que ninguém queria ver publicitados com prisões ou processos-crime. O Departamento de Polícia de Holloman andava muito ocupado.

E, como acontece sempre com as pessoas, os desgostos de cada um, os seus problemas, dissabores e dilemas pesavam mais na balança do que o que se passava à sua volta; o orçamento de uma família era mais importante do que o orçamento nacional, os seus membros valiam mais do que milhões de anónimos.

Para Carmine, o ano foi chegando pouco a pouco ao fim, numa inevitável mistura da vida pessoal com a profissional. Desdémoma comandava novamente o barco familiar; já não havia ataques de desespero, tinham-se acabado as manias de contínua imperfeição, mas, depois de ter passado por uma prova de fogo, a mulher de Carmine perdeu o que lhe restava da sua tão apreciada independência. Estava inextricavelmente ligada à sua família, nunca mais seria livre. Seria bom acreditar que isso era algo até desejável, mas por vezes, nas mais remotas horas de vigília noturna, ouvia os chamamentos dos fantasmas dessa independência, como um eco de um distante campo de batalha juvenil. Para Carmine, esta vida de ver os seus filhos a crescer e a sua mulher a transformar-se era quase idílica, já que pressentia que eles precisavam muito da sua presença.

Os seus subordinados foram-se adaptando às novas configurações, embora alguns dos agentes uniformizados mais velhos notassem que o pessoal dos Detetives evitava Corey Marshall como se ele tivesse lepra. As memórias não eram curtas; Corey seria sempre alvo de

370

uma repulsa geral pelo suicídio de Morty Jones e pelo infeliz destino dos seus filhos. Porém, era um bom lugar-tenente para um oficial autoritário como Fernando Vasquez; uma vez que dispunha de uma equipa própria, a papelada burocrática era uma alegria.

O problema da posição de Helen Macintosh ficou resolvido graças à sua habilidade para desenterrar uma quantidade imensa de informação profissional;

quando no fim de janeiro Carmine disse ao comissário que a achava pronta para seguir em frente na carreira, Silvestri concordou maliciosamente, preparando-se para o confronto com a polícia de Hartford por causa de um substituto. Uma vez que teria M. M. do seu lado, já sonhava com a vitória.

O juiz Thwaites avaliou Helen com rigor.

- Ela é felina - disse ele nos seus aposentos, enquanto festejavam o Natal com uma bebida.

- Uma palavra interessante - disse Carmine.

- Tão feroz quanto matreira e capaz de escapar a todas as armadilhas que lhe são montadas. - Os seus olhos de homem já velho, pequenos como contas, brilharam; deu um gole no seu bourbon do Kentucky. - Um instinto fantástico para o ataque.

- Assim, até parece uma criminosa, Doug - disse Silvestri.

- Teria sido, se tivesse tido uma educação diferente. Sendo ela como é, prevejo que será governadora do estado antes dos quarenta e cinco anos.

- Ou governadora de outro estado qualquer - disse Carmine.

- Ela vai para Nova Iorque, para uma das esquadras de Manhattan.

- Justifica-se - disse sua excelência com um risinho. - Tudo isto só para regressar ao seu local de origem... a fazer aquilo que ela quer fazer da vida.

As pessoas olhavam-na de maneira diferente desde que ela matara Kurt von Fahlendorf; Helen nunca se sentia tão consciente disso como quando estava com detetives do sexo masculino. Manifestamente, não da parte de Abe Goldberg, que era tão profissional que se revelava capaz de reprimir qualquer emoção. E claro que não da parte de Carmine Delmonico, que entendia a situação difícil em que Helen se encontrava, pelo menos assim pensava ela, porque a mulher dele tinha sido

supersticioso, enterrado bem fundo, dizia a Carmine que o risco que Helen correria desviara quaisquer más intenções de Desdémona.

Os restantes homens eram uma causa perdida. Nick, Buzz, Liam, Tony e Donny observavam-na prudentemente, evitavam ao máximo ficar a sós com ela e, bastava ela aparecer ao longe, todas as conversas emudeciam. No seu íntimo, Helen desprezava-os como espécimes à parte; acreditavam que o lugar das mulheres era na cozinha e com os filhos. Deixá-los ser uns porcos chauvinistas! Ela estava sob a proteção do capitão Delmonico e entendia-se melhor com ele do que eles.

Delia era Delia, uma boa amiga, defensora dedicada, a mais leal das mulheres. O facto de nunca ter disparado a sua arma ou de nunca ter a sua arma de pequeno calibre convenientemente escondida fazia com que não conseguisse imaginar o que ela sentia, era esse o problema. Uma vez que estava subordinada a Abe Goldberg, Helen não via Delia tanto quanto queria, o que era uma pena.

Para Helen, a mudança mais surpreendente foi a dos seus pais. A mãe não parava de falar no seu “mau carma” e andava a ter sessões com o swani ou guru, ou lá como se chamava... tal e qual os Beatles, sem tirar nem pôr. Embora por um lado Angela estivesse muito contente com a resolução de um quincunce da carta astral de Helen... algo que a incomodava há muito, disse ela à filha, agora já sabia que se tratava da sua capacidade de matar pessoas. O pai, um dos maiores liberais da nação, viu-se alvo de sarcasmos desapiedados por ter gerado uma filha polícia e assassina, não ficando nada agradecido pela publicidade adversa.

com efeito, a morte de Kurt tinha mudado tudo, pensava Helen, olhando para a enseada de Busquash por trás da sua parede envidraçada. Os gémeos Warburton, proprietários daquele apartamento por breves tempos, estavam de volta à Costa Oeste depois de terem assinado um contrato fabuloso com o magnata do cinema, Myron Mendel Mandelbaum, para escreverem, realizarem e protagonizarem um filme cheio de sangue sobre assassínios e detetives gémeos.

Não foram precisos nervos de aço para continuar a viver ali. O tapete branco fora substituído por um vermelho-ferrugem... Delia tinha

razão, nada de recordações de um quarto branco como a neve! O problema era que, agora que o tapete estava no seu lugar, Helen percebeu que não gostava

dele. Púrpura ficaria muito melhor. Ficou admirada quando descobriu que estas discussões sobre decoração eram vistas pelos detetives do sexo masculino como insensibilidade! Ela devia estar encolhida de medo. Porquê? Não tinha alcançado uma grande vitória? Ela, uma mulher fraca, pusera termo à existência de um homem que violara, torturara e acabara por matar outras mulheres! Deviam dar-lhe uma medalha, em vez de sujeitá-la a um inquérito. Claro que foi ilibada de qualquer culpa; tinha sido um ato de autodefesa.

Algumas das consequências eram exasperantes, como aquela que a obrigava a ver a doutora Liz Meyers e a frequentar as sessões da clínica dedicadas às vítimas do Dodó. Como odiava essas sessões! Depois de passar duas delas a insistir alto e bom som que o Dodó não a violara, a doutora Meyers dispensou-a como inadequada para uma terapia de grupo desta natureza; no fim de mais uma sessão a sós com Helen, a doutora Meyers remeteu-a para o doutor Matthew Worthing, que se especializara em casos difíceis. Mas Helen nunca foi consultá-lo.

Fora de facto uma experiência muito intensa! O frémito de matar... Quando fechava os olhos, Helen conseguia ver, como se fosse em câmara lenta, a flor vermelha no peito nu de Kurt, seguida de outra na parte superior direita do ventre e uma última na zona do coração. Não eram flores grandes, mais como pequenos botões que desabrochavam lentamente. A visão dele naquele tapete branco! A expressão nos seus olhos! Isso era o melhor. Espanto e terror, incredulidade absoluta. E depois morreu. Puf! Apagaram-se as luzes!

“Quantas vezes mais me atreverei a matar? Não aqui... nunca mais em Holloman! Nem sequer no Connecticut. Posso matar pelo menos um em Manhattan, talvez dois ou três antes de seguir para outro sítio. São sete mil e quinhentos quilómetros quadrados de departamentos de

373

polícia, tantos que posso saltitar de um para o outro como me der na veneta. Hei de melhorar a minha técnica. Ter um corpo à mão ajudaria imenso...”

“A expressão nos seus olhos! Atingi o clímax quando vi a vida a apagar-se nos seus olhos. Até agora, quando penso nisso, atinjo o clímax.”

Fim